

ENTRE TRECHOS DE VIDAS: JUVENTUDES, MULHERES E GERAÇÕES COMPONDO A
FEITURA DE PESSOAS E TRAJETÓRIAS.



Chirley Ferreira Mendes



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ENTRE TRECHOS DE VIDAS: JUVENTUDES, MULHERES E GERAÇÕES COMPONDO A
FEITURA DE PESSOAS E TRAJETÓRIAS.

Chirley Ferreira Mendes

Brasília
Fevereiro de 2018

CHIRLEY FERREIRA MENDES

ENTRE TRECHOS DE VIDAS: JUVENTUDES, MULHERES E GERAÇÕES COMPONDO A
FEITURA DE PESSOAS E TRAJETÓRIAS.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Antropologia.

ORIENTADOR

Prof. José Jorge de Carvalho (UnB)

BANCA EXAMINADORA

José Jorge de Carvalho (PPGAS/UnB) - Presidente

Marcela Stochler Coelho (PPGAS/UnB)

Ana Tereza Reis da Silva (PPGE/UnB)

José Carlos Gomes dos Anjos (PPGS/UFRGS)

Soraya Resende Fleischer (PPGAS/UnB) – Suplente

Brasília
Fevereiro de 2018

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não teria sido possível sem um emaranhado de condições, oportunidades, afetos, cuidados, trabalho coletivo e partilhado, entregas e perdas, encruzilhadas e atravessamentos. Pelos trechos que aqui exponho passaram várias pessoas e cada uma delas deixou seu rastro, seu acréscimo nessa composição. O agradecimento que aqui faço é um registro apenas, uma marca pública na linha do tempo, nessa nossa micro-história, mas que não me retira do lugar de devedora no qual prefiro estar enquanto mantenedora das ricas relações que se moldaram durante a feitura desse trabalho.

Sou profundamente grata às pessoas que me cuidaram durante o percurso do doutorado e, principalmente nos últimos dois anos, me nutrindo de energias que me permitissem viver e sustentando a memória deste propósito, não me deixando perder de vista as razões que me trouxeram até este momento, todos os esforços empreendidos por mim e por tantos à minha volta pra que chegasse até o então final. Recebam o meu agradecimento nas pessoas de Daniela, Natália, Aline, Júlia, Bruner, Ranna, Alban e Tatiane. Dani, por toda escuta e por me lembrar do que realmente é importante; Nati por saber tanto como eu me sentia e comigo maldizer nossas agruras; Aline por sempre ampliar minha visão das coisas com empatia singular; Júlia por todo acolhimento e parceria desde aqueles primeiros tempos do mestrado; Bruner por me tirar da inércia com respeito aos meus limites; Ranna por nunca duvidar e partilhar um pouco da sua força; Alban por me mostrar de forma tão simples e tão forte o poder da convicção e a fé na vida; Tati por toda partilha durante as pressões que nos foram impostas. E, especialmente, à Ana Carolina, cujos cuidados e afeto cotidianos foram essenciais para que eu não tombasse no meio dessa travessia, para que saísse da cama, me alimentasse e recomeçasse diariamente, para que não perdesse a fé em mim mesma, para que pudesse recompor toda travessia que me trouxe até aqui e recriar o sentido desse caminhar. Obrigada por não me deixarem sozinha, por acreditarem nessa

escrita, por lerem meus fragmentos (de texto e de mim mesma) e por me compreenderem um pedaço meu que parecia se perder na escuridão desses tempos que foram tão sombrios e ásperos. Obrigada por serem abrigo e rumo!

Agradeço enormemente à rede virtual dos meus afetos e cuidados nas pessoas de Sílvia, Roberta, Thaís, Sue, Ana, Zora, Paula, Analu, Cleane, Amanda e Éricka, que me ofereceram escuta e palavra conselheira nos melhores e piores momentos, ainda que há distância. E, especialmente à Jacqueline com quem partilhei esse momento de escrita tão intensamente nas suas dores e na sua solidão, por todas as madrugadas em que choramos, nos acolhemos, nos incentivamos, acalmamos nossas angústias e nos comprometemos a seguir em frente uma pela outra, por nós mesmas, por tudo que já tínhamos vivido até aqui. Nas nossas impossibilidades e limitações nos acolhemos e construímos novas formas de apoio mútuo que alimentam a certeza de que juntas caminhamos melhor!

Agradeço profundamente à minha cuidadora de todos os momentos, minha mãe, Lóide, que mesmo nas nossas incompreensões, mesmo nos limites que aquele bicho novo chamado diploma de doutorado impunha, compreendeu minhas ausências, acolheu como pôde meus adoecimentos, me deu amor em forma de alimento como sempre fez desde o útero gerador de vida, respeitou a possibilidade de desistir sem que isso incorresse nos sentidos do fracasso lembrando-me sempre o que era mais importante. Ao meu pai, Nilton, por, à sua maneira, oferecer o afeto que as pequenas seguranças materiais pudessem proporcionar e que, em grande medida, me deram a tranquilidade necessária para trabalhar. Provavelmente vocês não lerão essas palavras, mas estará registrado que vocês foram os grandes fiadores de tudo isso. A vocês e aos demais familiares que se fizeram presentes no cuidado e na atenção comigo durante todo esse tempo, muito obrigada!

Sou profundamente grata pelo acolhimento e pelos cuidados oportunos de dona Norcélia e de toda sua casa, que fortaleceram meu espírito, me recolocaram em

equilíbrio e tornaram não só minha vida possível como essa tese. Pela doação das pessoas às quais os saberes ancestrais são confiados, pelo cuidado e proteção dos orixás, agradeço!

Deixo aqui os meus mais sinceros e afetuosos agradecimentos às minhas amigas e amigos de Cabo Verde e às suas famílias que me acolheram de uma maneira que eu jamais poderei retribuir à altura e que tanto me cuidaram durante os dez meses em que partilhamos as mais enriquecedoras experiências do conhecer-se e fazer-se "genti di nos". Agradeço a Lizy Nunes pelas horas dedicadas a me fazer compreender um pouquinho de crioulo cabo-verdiano, mesmo com todas as diferenças e especificidades que não a faziam tão familiarizada com a variação *badia* da língua. Em especial, agradeço profundamente àquelas e àqueles que se juntaram a mim nessa pesquisa, que colaboraram com a construção dos dados, com o meu processo de conhecimento, que me mostraram um pedaço de seu país, de seu lugar, dos seus afetos, sonhos e labutas. Se hoje estou aqui a agradecer-vos é porque naquele janeiro em que cheguei cheia de incertezas, inseguranças e medos, vocês se fizeram suporte, guia, fonte de saber, aprendizado, afeto e reciprocidade. Recebam todo meu carinho em forma de gratidão e todo o meu respeito, Sara, Kátia, Neida, Melany, Mônica, Tatiana, suas famílias, as gentes das suas zonas e dos seus círculos de afetos. Sou grata a todas as gentes que me acolheram de diferentes maneiras em algum momento, que cruzaram meus caminhos na ilha de Santiago, que me confiaram suas casas, sua intimidade, suas crianças, e que, muitas vezes, mesmo sem entender isso que chamam de pesquisa, de antropologia, tiveram profundo respeito por aquilo que era meu trabalho naquele momento. Vocês me deram um segundo lugar no mundo para colocar meu coração. Obrigada!

Sou muito grata às professoras e professores da Universidade de Cabo Verde, especialmente nas pessoas da professora Clementina e da professora Celeste e, a partir delas, estendo os meus agradecimentos a todas as outras professoras e professores que

me acolheram, que me permitiram acompanhar algumas de suas disciplinas e o cotidiano em sala de aula nessa universidade que tanto respeito, e que me ajudaram com toda sorte de questões burocráticas e com as exigências do trabalho de campo num país estrangeiro. Obrigada por me inspirarem direta e indiretamente, por defenderem a boa ciência, por tão arduamente criarem narrativas outras no recontar da história de um continente que teima e se agiganta na invisibilidade que a academia colonialmente insiste em lhe relegar. Agradeço, também, à amiga Patrícia e a sua família pela acolhida e cuidado em São Vicente que plantaram em mim o desejo de um dia retornar. Obrigada por abrirem passagens para que eu construísse esse caminho!

Deixo aqui os meus mais afetuosos agradecimentos às pessoas com quem pude aprender ao longo do curso de doutorado e que sempre se fizeram corpos de respeito e de afeto no desvio dos egos ilimitados e violentos que povoam o ambiente acadêmico. Também àquelas com quem pude estabelecer relações de parceria colaborativa e horizontal. Entre essas pessoas sou muito grata às minhas colegas e aos meus colegas de diversas turmas que tornaram esse caminho mais leve e que inspiram a minha vida.

Sou imensamente grata pela existência do espaço da Katakumba e às pessoas que o tornam um lugar acolhedor na medida em que diminuem angústias e solidões, especialmente às funcionárias terceirizadas da universidade, nas pessoas de Lílian e Neide, que com tanto zelo tornam a UnB um lugar possível para a confluência da vida que atravessa os limites das salas de aula. Sou grata às pessoas de Ivan, Beatriz, Rosana, Janaína, Lediane, Ricardo, Rodrigo Pádua, Vitor, Welitânia, Lidiane, Anderson, Júnia, Fabiano, Potyguara, Carol, Paloma, Eliane, Rodrigo Rocha, Guilherme, Rafael, Cláudia e tantas companheiras e companheiros de subsolo, de corredores, salas, pátios e gramados, com os quais pude partilhar não apenas muitos cafés, almoços e lanches, mas também histórias, reflexões, repensares... e que me acolheram, me animaram, me estimularam e me moveram, de diferentes maneiras, a seguir adiante. Que meus

colegas do período de mestrado também estejam aqui lembrados e recebam o meu agradecimento. Para além dos tempos de crise, desesperança e caos, a UnB sempre deixará as melhores memórias e os melhores aprendizados!

Agradeço às professoras e professores que nos inspiram e que conseguem, mesmo diante de toda desumanização burocrática que tem atravessado o fazer docente, acolher, compreender e respeitar nossas singularidades e diferenças, olhando-nos menos como número, sob o filtro das estatísticas, investimentos e despesas, e mais como gente. Que partilham o caminho do fazer intelectual e reconhecem os profissionais que somos a despeito da falta de reconhecimento institucional, a despeito de todas as verticalizações reducionistas que nos são impostas nesse caminho. Sou grata por ter aprendido com vocês!

Agradeço às servidoras e servidores Rosa, Branca, Jorge, Caroline e Fernando, pela generosidade, empatia e acolhimento, bom trabalho e dedicação, por serem incansáveis em dismantelar burocracias engessantes, por toda discrição, respeito e bom humor com que sempre levaram o cotidiano da secretaria. E, estendo esse agradecimento aos demais funcionários que passaram pelo Departamento de Antropologia nesses últimos cinco anos, especialmente à Adriana e Cristiane que se fizeram presentes em atenção e acolhida nos primeiros passos dessa jornada, ainda no mestrado.

Agradeço à professora Andréa de Souza Lobo pelo período de orientação no qual foi possível viabilizar e realizar essa pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, professor José Jorge de Carvalho pelo acolhimento, compreensão, confiança e por todo apoio que me ofereceu e que foi essencial para que eu pudesse de fato finalizar esta tese e defendê-la.

Agradeço à professora Marcela Stochler Coelho, à professora Ana Teresa Reis da Silva, ao professor José Carlos Gomes dos Anjos e à professora Soraya Resende Fleischer, por

tão gentilmente aceitarem compor a banca examinadora desta tese.

Sou grata e registro aqui o meu reconhecimento às políticas públicas de investimento na Ciência e Tecnologia, praticadas de forma consistente, contínua e ampliada nos governos anteriores ao Golpe de Estado que vivemos atualmente no Brasil, e que me permitiram realizar os quatro anos do curso de doutorado e os dois anos do curso de mestrado como bolsista do CNPq. Assim como me permitiram executar essa pesquisa em território estrangeiro por meio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, financiado pela Capes.

Sou profundamente grata à Universidade de Brasília, que durante todo esse tempo foi não só meu espaço de trabalho, mas também minha casa e território de resistências várias. Registro aqui o meu reconhecimento aos serviços oferecidos pelos seus servidores e servidoras, funcionárias e funcionários terceirizados, que cotidianamente possibilitam e viabilizam que uma educação gratuita de qualidade seja direito acessível e bem usufruído. Vocês não estão apenas fazendo cumprir as leis, normas e regulamentos enquanto agentes do Estado, ou somente cumprindo ordens e executando atribuições que lhes são delegadas, mas estão ajudando a concretizar sonhos e construindo cidadania!

Obrigada!

À memória da minha querida avó Alcina
que me compõe com seu exemplo de
cuidado de si e de espera resiliente.

Resumo

A presente tese busca, a partir das trajetórias de vida de jovens cabo-verdianas, elaborar uma narrativa que conjugue suas histórias e experiências de vida com as experiências vividas durante a pesquisa. Por meio desse percurso narrativo delineiam-se reflexões acerca da diversidade de vivências femininas e como elas elaboram vivências juvenis e trajetórias de vida múltiplas e distintas. Nesse sentido, as reflexões elaboradas aqui, ao pensarem juventude no plural e no feminino, confrontam conceitos e leituras correntes que tendem a generalizar as experiências da juventude e as possibilidades e formas de se construir uma vida adulta. E, ainda, buscam desnaturalizar modelos de juventude e vida adulta assentados em experiências masculinas, brancas, ocidentais e heteronormativas, e visibilizar experiências femininas enquanto mobilizadoras de noções e sentidos diversos na medida em forjam corporalidades, subjetividades e afetos distintos daqueles nos quais esses modelos têm se baseado. Tal perspectiva produziu uma linha argumentativa na qual os processos de construção da maturidade são entendidos como composições diversas e progressivas ao longo da vida, na medida em que esses processos se dão por meio da feitura das mulheres enquanto pessoas. A ideia de composição constitui o fio condutor pelo qual vidas, pessoas e gerações se fazem mutuamente, o que termina por tensionar a fixidez dos limites entre grupos etários e tomá-los como fronteiras que possibilitam trocas e relações entre mulheres diversas. Nessas relações e trocas se destacam as práticas de cuidado e as redes de apoio e obrigações mútuas que viabilizam existências e seus projetos no presente e futuro e que compõem as corporalidades, subjetividades e afetos de mulheres em diferentes momentos da vida.

Palavras-chave: mulheres, juventudes, gerações, trajetórias de vida.

Abstract

The current thesis aims at elaborating a narrative from Cape Verdean youth's sports life trajectories that conjugates its life history with the experiences lived during the research. Through this narrative path one draws reflections surrounding the diversity of female life experiences and multiple and distinctive life trajectories. This way, the reflections which have been elaborated here, that think youth in plural and as female, face current concepts and analysis that have a tendency to generalize the youth experiences and the possibilities and ways of building an adult life. Moreover, denaturalizing models of youth and adult life which are based on male experiences, white, western and heteronormative, making visible female experiences that mobilize notions in meanings as the forge distinctive corporalities, subjectivities and affections of those in which those models have been based on. Such perspective has produced an argument in which the processes of construction of maturity are understood as diverse and progressive compositions throughout life, as those processes take place through women. The idea of composition constitutes the common thread through which lives, people and generations make each other, which ends up bringing tension to the rigidity of the limits between age groups and the transform them into borders that make possible exchanges and relationships between diverse women. In those relationships and exchanges, are visible the practices of care and support networks and mutual obligations that make possible existences and their projects in the present and future that compose corporalities, subjectivities and affection of women in different moments of their lives.

Key-words: women, youths, generations, life trajectories.

SUMÁRIO

NOTAS PRELIMINARES

AVISO AOS CAMINHANTES..... 1

ABERTURA

ENTRE CARGAS E LEVEZAS: RASCUNHO-RASURA-RASGO.....7

ENTRECHO

ENTRE RESPIRAR E CONHECER: POR ANTROPOLOGIAS DAS TROCAS.....27

ATALHO

PASSANDO POR CABO VERDE..... 57

TRECHO I

GERAÇÕES CORPORIFICADAS: PESSOAS, TEMPOS E LUGARES EM COMPOSIÇÃO.....75

TRAVESSIA I

JUVENTUDE NO PLURAL E SUAS SEMÂNTICAS.....76

TRAVESSIA II

INFÂNCIAS COMO ELO NA COMPOSIÇÃO DE PESSOAS.....88

TRECHO II

IMAGINÁRIOS E EXPERIÊNCIAS NO FEMININO: O CUIDADO NA FEITURA DE PESSOAS.
..... 101

TRAVESSIA I

HISTÓRIAS DE MULHERES-GRANDES PARA MULHERES-MENINAS: BOCAS E MÃOS QUE
CUIDAM E ENSINAM..... 102

TRAVESSIA II

VENTRES QUE CRIAM: CIRCUITOS DE CUIDADOS E REDES DE RECIPROCIDADE NA
FEITURA DE MULHERES..... 114

TRECHO III

CORPOS E SUBJETIVIDADES FEMININAS NA COMPOSIÇÃO DE TRAJETÓRIAS JUVENIS.
..... 128

TRAVESSIA I

TRAJETÓRIAS DE VIDA FEMININAS CRIANDO VIVÊNCIAS PLURAIS DA JUVENTUDE.....129

FECHAMENTO-ABERTURA..... 191

REFERÊNCIAS..... 213

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1: eu-criatura-arremedo-impostora.....	8
Desenho 2: regurgitante.....	14
Desenho 3: entranhar-se/estranhar-se.....	18
Desenho 4: o meu possível.....	26
Desenho 5: respiradoura.....	35
Desenho 6: sustentação.....	56
Desenho 7: mulheres à muitas mãos.....	75
Desenho 8: cuidadora.....	101
Desenho 9: autora.....	128
Desenho 10: avante.....	212

LISTA DE SIGLAS

BM – Banco Mundial

CEDEAO – Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental

CIGEF – Centro de Investigação em Gênero e Família

INE – Instituto Nacional de Estatísticas

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

ONU – Organização das Nações Unidas

UA – União Africana

UnB – Universidade de Brasília

UniCV – Universidade de Cabo Verde

NOTAS PRELIMINARES AVISO AOS CAMINHANTES

As histórias aqui narradas materializam meus percursos e os percursos das mulheres com as quais dividi meus dias durante pesquisa realizada na ilha de Santiago, Cabo Verde, nos períodos de fevereiro a junho de 2014 e agosto a fevereiro de 2015. Na narrativa aqui criada, nossos percursos de vida se cruzam, se aproximam e se diferenciam, desde as suas sutilezas comunicáveis até os seus sentidos mais incomunicáveis e que talvez não tenham sido feitos para serem partilhados. Essa narrativa se desdobra em diversos trechos e travessias nos quais se passam os cotidianos e as histórias de diversas pessoas que me tornaram parte de suas intimidades e de suas rotinas. A composição dessas histórias que realizei aqui busca, na medida do possível, resguardar suas identidades sem deixar de ser fiel às qualidades dos percursos de suas trajetórias que considerei relevantes para tal composição que se converte em outro percurso, que cria uma outra e nova narrativa.

Nesse sentido, recorri a alguns recursos que me permitiram ficcionalizar, em alguma medida, as histórias aqui contadas. Nelas, algumas cenas se misturam, alguns fatos se desenrolam com outras protagonistas, elementos de histórias diferentes se misturam criando novas histórias que mantêm o compromisso de retratar situações que vi e vivi com diversas jovens cabo-verdianas, mas que aqui são sintetizadas e costuradas em algumas poucas situações, enquanto retratos de um cotidiano que certamente transborda o que me foi possível recriar. Aqui, elas e as pessoas de suas relações assumem outros nomes, outras origens, outras moradias, outros empregos e atividades de ocupação. O concelho de Santa Cruz figura como cenário dessas histórias apesar de eu sequer ter conhecido o município. Porque me permiti ficcionalizar o quanto fosse necessário para não permitir que as pessoas reais, que aqui são as personagens dessa

narrativa, não sejam localizadas e identificadas. E para que os elementos que compõem as trajetórias de vida apresentadas, diversas e semelhantes entre si, possam também ser lidos, sentidos e aproximados por mulheres diversas e com múltiplas trajetórias de modo que possam construir e criar as suas ressonâncias e comunicações com as histórias de mulheres cabo-verdianas, com as suas infâncias, juventudes e vidas adultas.

A composição dos capítulos vai conjugando elementos sobrepostos e reiterados nas narrativas e cenas cotidianas dessas mulheres com as ressonâncias que eles encontravam em mim, com as comunicações que criavam entre nós e com a minha própria trajetória de vida. Ela também se delineia naqueles elementos que considerei serem relevantes para pensar as questões relativas às experiências da juventude nesse contexto, por meio de uma perspectiva que parte da ideia de composição das subjetividades, dos corpos, dos afetos e dos arranjos cotidianos da vida ordinária. Na estruturação da escrita optei por conduzir a narrativa na minha voz na medida em que ela se conduz também pela forma como me senti interpelada pelos fatos, cenas e conversas comigo compartilhados e por ter sido o formato de escrita que melhor fluiu na prática e que considerei ter sido eficaz na comunicação e ampliação de sentidos.

A escrita, por vezes, assume um tom literário dadas as inspirações colhidas em algumas obras literárias de escritoras africanas com as quais tive um breve contato e que me fizeram acreditar na força e na transcendência de um caminho mais leve, não menos firme, dentro de um processo de escrita que se fazia demasiadamente desgastante e adoecedor para mim nesse momento. Também optei por trazer as falas nativas em português, assumindo os riscos da má tradução e confiando nas intensas relações que pude ter com essas mulheres e nas minhas vivências durante a vida em Cabo Verde enquanto canais de internalização dos sentidos presentes nas falas, gestos e acontecimentos. A comunicação que aqui se recria também potencializa uma espécie de aproximação com meu arcabouço de sentidos e com meu léxico também forjado

em vivências rurais como a maioria das pessoas que habitam esse texto. As poucas expressões, palavras e trechos de falas, que aparecem grafadas em crioulo cabo-verdiano contam com tradução livre minha, enquanto tentativa de materialização desse intento de internalização de sentidos e aproximação com meu léxico de origem, e com algumas poucas consultas a guias de aprendizado de idioma. Logo, assumo aqui que as transposições que fiz para o português não se pretendem traduções exatas e nem o podem ser, e, nesse sentido, se convertem mais em tradutores da minha aproximação com a língua local e com sua expressividade do que demonstram um domínio linguístico que eu, de fato, não possuo.

Nessa composição da escrita, busquei me permitir explorar palavras e combinações de palavras, fazendo uso de palavras em composição, no sentido de juntar, num só corpo enquanto estrutura, várias palavras que tomem de fato um sentido de corpo, de vocábulo único que expõe e cria sentidos múltiplos e multiplamente conjugados. Não se trata, pois, de palavra composta, na qual, muitas vezes, a segunda palavra funciona mais como um adendo ou apêndice da primeira. Até mesmo porque as palavras que aqui conjuguei em corpos únicos, inteiros, não constituem palavras compostas dentro da norma da língua portuguesa e o sentido que se pretende aqui não é mesmo este, já que visa mais atender à elaboração de significações expressivas, estéticas, poéticas e, porque não, performáticas. De modo que estes usos do qual lanço mão não têm, necessariamente, o objetivo de se converterem em palavras-conceito, no sentido analítico ao qual estamos habituados, mas buscam tão somente provocar nossos olhares e modos de expressão num texto que se permite construir e reconstruir sentidos, bem como desnaturalizá-los. Assim, talvez a ideia de composição que atravessa todo o texto possa ser nada mais que a minha tentativa de inteireza própria enquanto autora, enquanto corpo pensante e expressivo.

Nesse movimento de permissão e autorização para explorar sentidos, no qual me

coloco, também faço uso, um tanto abusivo talvez, dos plurais e de grafias com letras que pluralizam em formato maiúsculo, a fim de dar relevo para as pluralidades em questão e de desnaturalizar a forma como nossas escritas, por si só, criam padrões expressivos e estéticos homogeneizados e homogeneizantes. Esse uso também procura destacar a qualidade estética da escrita e a capacidade expressiva da variabilidade de formas pelas quais um texto pode existir e fazer corpo performático também. No que diz respeito a essa expressividade estética e imagética também me permiti compartilhar alguns dos desenhos que elaborei durante o processo de escrita. Os desenhos ganharam espaço quando não conseguia me expressar por meio das palavras e, sobretudo, nos recorrentes e longos bloqueios de escrita. Enquanto portas abertas para acolhida das minhas angústias e para expressá-las e compartilhá-las, os desenhos abriram caminho para que eu repensasse a ampliação das possibilidades de construir sentidos, recriá-los e partilhá-los, assim como também abrandaram a negatividade desse processo e as inquietações depressivas da minha mente. Os desenhos aqui apresentados são absolutamente experimentais e não têm a pretensão de se inserir nos formatos etnográficos do campo da antropologia visual no sentido de se converterem em instrumento de registro etnográfico. Eles funcionam mais como instrumentos de comunicação que buscam dar expressividade imagética e sensorial às ideias, emoções e sentidos, vivenciados durante a escrita e ao longo da pesquisa. Os desenhos se subdividem em dois grupos, os feitos a mão em bloco de papel de desenho formato A4 com lápis grafite 6B; e os feitos digitalmente no programa Krita, com os recursos diversos disponíveis no mesmo. Eles vão se distribuindo ao longo da tese, mais ou menos concentrados em alguns trechos, na medida em que dão expressão aos sentidos ali presentes.

A tese terminou por se estruturar em três partes somadas a mais dois capítulos a parte, introdução e conclusão. A introdução situa o processo de confecção dessa tese dentro da engrenagem da produção acadêmica e da construção de carreiras na antropologia,

apontando para questões metodológicas que são desenvolvidas na parte seguinte. O primeiro capítulo, que dialoga diretamente com a introdução, procura explicitar os caminhos metodológicos e as questões do campo, bem como do processo de escrita e recorte do percurso da tese. O segundo, oferece algumas informações gerais sobre Cabo Verde e sobre a ilha de Santiago, guiadas pelo recorte da pesquisa. Inicialmente, a ideia era que essas informações viessem diluídas ao longo dos capítulos e com a profundidade necessária, mas, tendo esse caminho se mostrado inviável, procurei ao menos construir um panorama, ainda que superficial, a fim de situar e aproximar leitores e leitoras do contexto estudado. A primeira parte, chamada de Trecho I e que abriga dois capítulos, tenta refletir sobre a pluralidade de sentidos presentes na noção de juventude e criar pontos de aproximação entre narrativas de mulheres de diferentes idades a partir das suas vivências da infância nas suas relações com seus lugares e pessoas e na produção de conhecimentos, sensibilidades e afetos. A segunda parte ou Trecho II, também com dois capítulos, busca refletir sobre imaginários acerca da feminilidade, da maternidade e do cuidado, presentes em histórias, discursos e práticas. Sendo os eixos que articulam essas questões são os cuidados e as redes de reciprocidade enquanto estruturadores das vivências de mulheres e das suas experiências juvenis. A terceira parte, com um capítulo, traz questões que se mostraram relevantes para explicitar vivências plurais da juventude a partir das narrativas de histórias de vida de três jovens santiaguenses e que norteiam as discussões presentes na conclusão. Esta, por fim, procura reformular e sintetizar os argumentos desenvolvidos ao longo do texto de modo a sistematizá-los em termos analíticos, mas tendo como corpo-estruturante as experiências das mulheres que habitam essa composição textual e a minha própria experiência de pesquisa. Assim, a conclusão aparece mais como uma expressão sintética das questões que considerei relevantes no trabalho de análise e confecção do recorte aqui desenhado, e se conduzem mais pelos próprios dados do que por debates teóricos que aparecem como inspiração e fios condutores em alguns momentos da tese. Algumas das discussões e percursos teóricos

que me inspiraram ou que orientaram a formulação das questões desde o início da pesquisa aparecem ao longo do texto por meio de notas de rodapé nas quais situo e compartilho algumas questões e conceitos. Com exceção desses momentos, o texto é todo ele etnográfico e uma narrativa da experiência vivida.

Dito isto, espero me fazer compreender e fazer compreender as histórias e trechos de vidas que comigo foram partilhadas, apesar de toda imprecisão com que o comunicar, o relacionar, o partilhar e o próprio viver nos confronta e nos constitui. A vida é imprecisa e tortuosa, e esta tese também, porém, nem por isso menos potente e criadora de sentidos. Então, eu desejo que quem se aventurar por trilhar os trechos que aqui se compõem encontrem sentidos, sensações, afetos e conhecimentos que lhes aproximem das pessoas que habitam esse texto.

abertura (substantivo feminino):
ato ou efeito de abrir(-se); abrimento;
espaço vazio numa superfície qualquer; buraco, fresta.
primeiro momento; começo, início, princípio;
cerimônia de inauguração;
distância entre extremidades ou entre dois pontos extremos;
acessibilidade, receptividade;
vão (da janela, da porta);
movimento da lente zum em que a área enquadrada ou em foco é aumentada sem deslocamento físico da câmera;
progressivo aparecimento de imagem na tela escurecida;
timbre de uma vogal resultante do maior ou menor distanciamento entre a língua e o céu da boca;
conjunto formado pelo título, lide e outros elementos introdutórios, em matéria jornalística; cabeça;
primeira matéria de uma publicação ou de uma série de matérias;
trecho introdutório ou de apresentação de um artigo;
composição instrumental que serve de introdução ou prelúdio a qualquer obra de grande desenvolvimento, como ópera, opereta, cantata, sinfonia etc.; protofonia;
diafragma que controla a quantidade de luz que penetra num sistema óptico;
apresentação que inicia determinado programa de rádio ou TV, padronizada para a série de programas;
parte desunida da vestimenta, podendo servir a fins estéticos ou funcionais;
parte por onde se abrem e se abotoam certas peças do vestuário; aberta.

ABERTURA

ENTRE CARGAS E LEVEZAS: RASCUNHO-RASURA-RASGO

Tudo começa aqui aos pedaços, em pedaços, com pedaços, partes, partículas, elementos, fragmentos, sobras, arremedos, lascas, fiapos, cacos, farelos, pontas... restos que a pulsão criativa teimosa e persistente insiste em juntar numa composição guiada por algum fio que conduza, una e costure. Sem arremate. Porque o arremate não só impõe o término e supõe algo criado, pronto, algo que já se instala no lugar da coisa conclusa e pretérita, como também fecha as possibilidades de refazimento, desmanche, sobrecosturas, de novas dobras e composições. Aos pedaços a mente tenta

experimentar uma recomposição qualquer, busca manter as aberturas, vãos e frestas que possibilitam acessar e recepcionar, que permitem ajustar a penetração de luzes, sons, ares, que impulsionam outras buscas, que ainda faz dessa mente território de trocas. Estilhaços de pensamento povoam uma cabeça-vão que na debilidade de uma existência comprimida e sufocada busca algum equilíbrio, ainda que desordenado. Estilhaços pontiagudos, cacos à semelhança de pequenos espinhos a confrontar o anseio de sossego, de quietude, de liberdade emocional – que creio ser o estado que antecede a liberdade criativa e intelectual. Mas, a cabeça-vão de pensamentos e emoções quebradas é também território de outras quebras, de martelares cujas ideias persistentes e incômodas precisam encontrar passagem nas frestas do pensar e do falar para fazerem-se atos políticos no mundo.



Desenho 1: eu-criatura-arremedo-impostora

Pensamentos em estilhaços chegam vestidos de tom inquisitorial e de padrões impositivos, montados em cobranças, paramentados de um instrumental temeroso e ameaçador. O seu martelar golpeia a confiança de mulheres que desejam fazer ciência e construir leituras sobre o mundo, num movimento que termina por nos tornar a mente um terreno fértil para dúvidas sobre si e sobre o potencial criativo que reside em tudo que é. Corredores falantes, olhos vigilantes em reuniões, eventos, aulas e e-mails, palavras ora ácidas ora debochadas e mensagens credoras chegam de todas as partes, o tempo todo. É preciso dar mostras visíveis e públicas de proteção da excelência, enquanto o desmonte da universidade pública toma forma sob nossos olhos desatentos, enquanto estudantes e reitores se matam, enquanto mestres e doutores enchem as fileiras do subemprego. É preciso proteger currículos e cargos excelentes enquanto “o mundo se despedaça”¹. Enquanto isso, desesperos vários povoam nossas existências com a mesma insistência que as precariedades nos batem à porta. A maioria de nós não tem cargos, não tem carreira, protegemos nossas sobrevivências a fim de continuar tecendo propósitos e projetos que um dia se concretizem em carreira. Então, sim, os recursos financeiros que a excelência produz são necessários e importantes, nos dão alguma tranquilidade material para trabalhar, mas trabalhar como pessoas, pessoas com histórias, com coletivos e pertencimentos, com atos políticos, com afetos, com passado, presente e futuro, com enraizamentos. Não somos sujeitos-pesquisadores-atomizados. Nosso trabalho tem sentido, propósito, razão histórica e política de se fazer. E sobre ele os reducionismos numéricos da excelência não podem atuar para convertê-lo em busca esvaziada, desconectada do mundo e da própria experiência de fazer ciência-ato-político. A experiência de viver para e da pesquisa no Brasil nos últimos anos passou rapidamente da prosperidade para a precariedade. Esses últimos anos foram esmagadores, semeadores de desesperanças e resistências (talvez não na mesma proporção). São os tempos de golpes. Mas, independentemente da natureza dos tempos e sem desmerecer os seus impactos nas nossas trajetórias, estudantes estão

1 Referência à obra de Chinua Achebe de mesmo título, por indicação da amiga Ana Carolina Costa.

sempre sob o risco de serem empurradas para o lugar de figuras incompetentes e indesejáveis ao mínimo descumprimento do curso previsto no processo disciplinar de sua formação. E aqui falo de estudantes no feminino, porque durante sete anos de pós-graduação foram elas quem eu mais vi nesse lugar. Mulheres que se sentiam vulneráveis, adoecidas, impostoras. Numa conversa angustiada nessa reta final de escrita, uma colega diz: “eu tenho medo por a gente ser mulher”. E eu disse: “tem que ter”. Não porque eu queira naturalizar o medo, mas porque o medo também protege na medida em que nos faz tomar consciência da vulnerabilidade de nossas existências. Nesse caso ela tinha a ver com gênero, mas vai se tornando um buraco cada vez mais fundo quando caminha em direção à racialidade, por exemplo. Um buraco aprofundado por um processo disciplinar com curso e destino pré-definidos, com modelos do formar-se, do especializar-se, com modelos profissionais, todos eles rigidamente excludentes, rigidamente asseguradores de privilégios. Isso porque a universidade sempre foi a promessa de eliminação dessas vulnerabilidades, de nivelamento das desigualdades. Mas, ao contrário, quando estudantes nas suas diversidades e adversidades, trilham percursos outros atravessados por desvios e divergências do que se supõe por carreira acadêmica e por teorias e epistemologias hegemônicas (vulgo clássicas), esses modelos de formação estremecem e se refazem numa mescla de velhas e novas fórmulas de disciplinamento². Desviantes ou

2 O contexto que se desenha aqui se faz presente como pano de fundo atuante na gestação desta e de outras tantas teses, pois remete-se a uma situação coletiva e estrutural no espaço acadêmico brasileiro, e mesmo estrangeiro, como demonstram várias reflexões acerca de adoecimentos mentais na academia. Aqui fortaleço as reflexões que rechaçam as explicações individualistas, meramente patologizantes, e denunciam aquelas que reforçam a proteção de um sistema de privilégios e competição como sendo o modo de operação natural das graduações e pós-graduações. Minha tentativa é trazer o curso desses eventos e esse contexto como um todo em termos de processos estruturais e estruturantes da vida acadêmica. Uma vez que tais estruturas têm configurado mentalidades e fazeres acadêmicos que priorizam aspectos quantitativistas e curriculares de produção, bem como um percurso formativo individualizado e competitivo, em detrimento de formas de trabalho e publicação coletivas e colaborativas, de atividades de extensão que integrem universidade e comunidade, em detrimento da interdisciplinaridade e, sobretudo, da diversidade de trajetórias pessoais e profissionais das pessoas que ali estão sendo formadas, bem como dos processos pedagógicos. Por trás das portas de laboratórios, muitas vezes se escondem ambientes de acesso e ocupação desiguais e pouco permeáveis à diversidade dentro e fora dos espaços acadêmicos e às diferenças no processo de construção do que se nomeia conhecimento científico. Minha fala não só é orientada por tais pressupostos, como se coaduna com as

convergentes no percurso acadêmico estrito senso, nos alimentamos de toda essa matéria que nos lançam nas interpelações deste “mundo”. Nos alimentamos da matéria viva que aqueles que nos cercam julgam ser o alimento ao qual temos direito por ocupar uma vaga numa universidade pública. E esse alimento muda de acordo com as cores das nossas peles, com nosso gênero, nossas orientações sexuais, nossos sotaques, nossas origens étnicas, coletivas, familiares, religiosas, a depender das nossas universidades de origem, de nossas formações pretéritas pouco excelentes, das nossas localizações diversas, a depender do nosso grau de politização ou despolitização. E, sobretudo, a depender do quanto nos dispomos a nos despir do mundo que carregamos conosco para construir um corpo-pesquisador-universal, não histórico, não racializado, não generificado. Um corpo-pesquisador-universal que, a despeito de suas pretensões universalizantes e de sua suposta neutralidade, sempre esteve muito bem

tentativas de apontar como esse cenário é construído por engrenagens que definem um modo de funcionamento desses espaços que tem nos eventos de adoecimentos mentais e suicídio a última instância de um processo ensejado pelo contexto mais amplo de precarizações no bojo das crises políticas e econômicas mundo afora. Portanto, apesar de ser um relato também autorreflexivo, esse texto não é de modo algum um texto individual sobre uma situação individual ou localizada, tão pouco uma fala solitária, mas sim um escrito que vocaliza e evoca vivências múltiplas de acadêmicos de diversas universidades brasileiras com os quais pude trocar experiências ao longo do curso de doutorado, como também tenta visibilizar informações, relatos e análises que me chegaram por meio de redes sociais, blogs, veículos de comunicação e outros espaços que trataram de alguma maneira desse assunto. Uma pesquisa rápida no google aponta 582 mil resultados para busca “suicídios em universidades”. Ao longo de 2017, enquanto escrevia essa tese, ocorreram dois suicídios de graduandos na UFMG, suicídio de um doutorando na USP, uma tentativa de suicídio por uma graduanda da UnB dentro da universidade no final do semestre letivo (em 04/06/2018 a estudante Letícia da Silva Lisboa retornou ao mesmo lugar da tentativa de suicídio de outrora e pôs fim à sua vida), e o suicídio de um reitor na UFSC. Pesquisa realizada pela Associação de Pós-Graduandos da UnB no mês de janeiro deste ano aponta que 9,83%, dos 630 pós-graduandos que participaram da pesquisa, relatam pensar em suicídio com a frequência de uma vez por semana a todos os dias. Destes 630, 580 estudantes relataram apresentar sintomas de adoecimento mental e todos estes relataram sofrer de ansiedade. Entre os fatores de desmotivação dentro da universidade, 55% deles está relacionado a relacionamentos humanos, 30% a questões de estrutura para pesquisa e a investimentos e 20% da desmotivação é atribuída a posicionamentos e relações com professores. Metade dos participantes iniciou ou aumentou o consumo de drogas na pós-graduação. Dentro do universo pesquisado, 58% dos estudantes são mulheres e 39% são pessoas negras. É preciso falar sobre adoecimentos e suicídios nos espaços universitários. Deixo aqui algumas referências de textos que abordam a questão:

<https://revistaepsi.com/wp-content/uploads/artigos/2015/Ano5-Volume2-Artigo2.pdf>

<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/22070/11718>

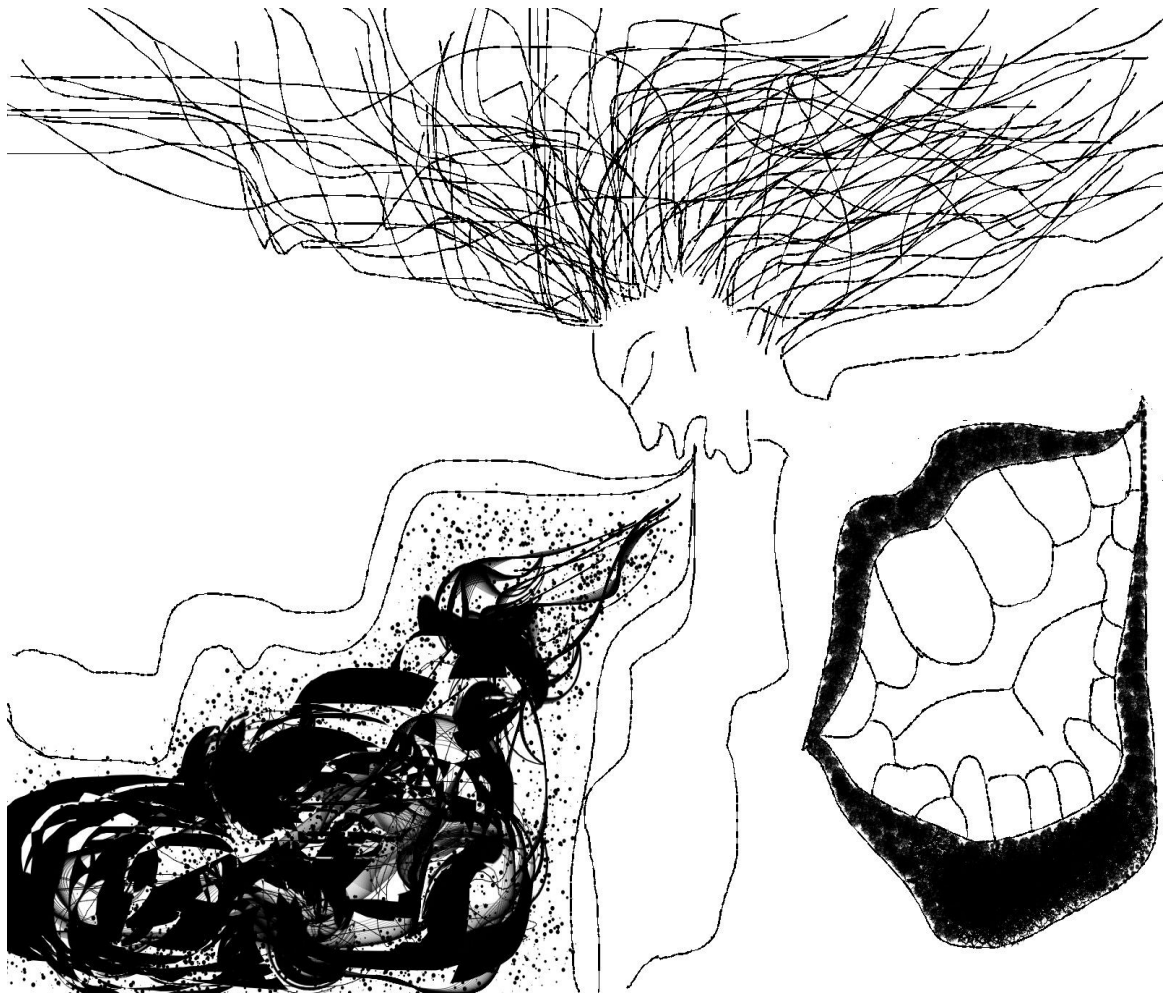
https://www.academia.edu/34584955/Do_sofrimento_psicol%C3%B3gico_entre_universit%C3%A1rios_uma_etnografia_com_jovens_estudantes_e_grupos_terap%C3%AAuticos

<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n4/1982-3703-pcp-36-4-0831.pdf>

referenciado e localizado, historicizado, racializado e generificado no corpo-homem-branco-europeu e no seu estável lugar de fala. Mas, a nossa ocupação nesses espaços acadêmicos de excelência, não é um mero “preencher de vagas”, são movimentos singulares de existências e experiências diversas, mesmo que tentemos negar e que sejamos compelidos a negar. São experimentações localizadas no tempo e no espaço, são atos políticos que constroem trajetórias individuais, familiares, coletivas, ainda que se lance mão de muitos recursos para o seu apagamento. E é a partir desse ocupar que esboço aqui a minha abertura, de um ocupar dentro da minha trajetória nesse fazer intelectual que é a antropologia. E que não é um ocupar individual, mas que se pensa pela experiência compartilhada e pelo pensar coletivo construído com meus colegas e professores. Esse começo-abertura esboçado aqui se anuncia fragmentário, fragmentado, imperfeito, cospe e vomita sobras das sobras recebidas, devolve ao mundo uma nova matéria imperfeita, um resultado mal feito para os padrões estabelecidos. Resultado-mal-feito este que é bom pra traçar fronteiras, como recita Maria Léo Araruna, jovem transsexual, estudante de Direito na Universidade de Brasília. Suas palavras na performance “Manifesto Trav(Eco) Ciborgue”, que me chegou através de um vídeo na rede social facebook, ecoaram em mim nesse começo de dezembro, sacudindo e desarrumando algumas das angústias que me bagunçavam, tirando a cadeira em que se sentava o meu desconforto com meus escritos carregados, revistos e revisados sob o olhar pesado do tempo-escapante. “Todo dia, eu tenho que fazer ritual de mim mesma. E eu me faço de tudo aquilo que vocês me dão. Eu como, engulo, mastigo tudo que está disponível. Tudo que é ofertado. E vomito. O resto, o canto, a sobra... sou eu (...) Colo fêmea em macho solto. Colo fêmea em macho caído”, performa Araruna em tom visceral. Essa fala me encontrou em forma de aceitação e acolhimento da angústia que me constituía naquele momento. Uma angústia com uma escrita também angustiada que não conseguia se desvencilhar do seu próprio processo constitutivo e da reflexão sobre ele. Uma angústia de quem temia aquele tom inquisitorial e acusatório sobre os desvios no percurso acadêmico, que temia as

advertências para jogar debaixo dos tapetes, do meu inconsciente (talvez), tudo aquilo que polui, desarruma e imiscui na análise antropológica-excelente elementos caóticos de humanidade que desromantizam pesquisas e escritos e lhes conferem referentes outros. As palavras viscerais de Araruna me fizeram aceitar a visceralidade caótica de meus escritos, me fizeram entender que a escrita e seu processo de feitura são uma coisa só, resultado e processo juntos. E que minha forma de estar neste mundo não me permitiria ocultar ou fetichizar esse processo por meio da entrega de um “produto” final dele alienado, alienado de mim mesma, ainda que isso implicasse em devolver, em vomitar, uma tese mal acabada, estruturada aos trancos, povoada de sofrimentos vários. Sofrimentos vários, coletivos e compartilhados. Outro dia, numa conversa com alguns colegas pós-graduandos falávamos sobre adoecimentos mentais e processos de escrita. Não éramos tão poucos assim em sofrimentos de agudezas variáveis. Exaustos, deprimidos, doentes, desanimados em desistências e resistências várias. Um colega diz: “como ando bem cansado também, tenho vontade de desistir. Mas é um sentimento maluco. Estou pensando muito nessa questão da desistência escrita. Numa desistência protocolada e com data de banca agendada. Acho que o medo de fracassar na escrita do texto é uma coisa comum. Mas tenho pensado em como escrever, com início, meio e fim, um enorme fracasso”. Outra colega completa: “o lance é ficar (não desistir do doutorado – adendo meu) e transgredir mesmo esse espaço com nossas escritas fracassadas, cheirando a leite, álcool e afetos extramuros”. Essas palavras me invadiram e se juntaram dentro de mim ao manifesto de Araruna, adensando minha convicção de que a escrita fracassada, angustiada, sofrida, não poderia ser polida, não poderia ser contida, não caberia no lugar regular do sucesso acadêmico e da excelência, mas seu desconforto exacerbado poderia conduzir a um processo reflexivo rico e produzir uma escrita viva. A vida não é regular, e tão pouco feita de sucesso e excelência o tempo todo (quiçá nunca, talvez melhor que não seja, pelo menos não de um sucesso e de uma excelência que excluem e oprimem). E é assim que aqui se apresenta uma tese que nasce de tudo aquilo que é regularmente lido no registro da falha, da insuficiência, do

esburacado que se fez corpo, que se faz existir por resistência, por teimosia. Teimosia de quem atravessou muito chão dos interiores desse país até aqui, de quem enfrentou muitos machismos até aqui, de quem confrontou muitos pressupostos de erudição e intelectualidade até aqui, de quem teve que existir por meio de muitos silêncios até aqui, mas de quem também viu muita coisa potente e bela até aqui.



Desenho 2: regurgitante

Essa tese-vômito, tese-resto, tese-arremedo, tese-resultado-mal-feito, tese-deformação, é a tese-monstra, que toma forma aqui dia a dia, tese-matéria-incompleta-disforme que parece querer retornar ao mundo de qualquer maneira. Um sub-produto inadequado, resultado da tentativa de criação de um "produto" que correspondesse aos

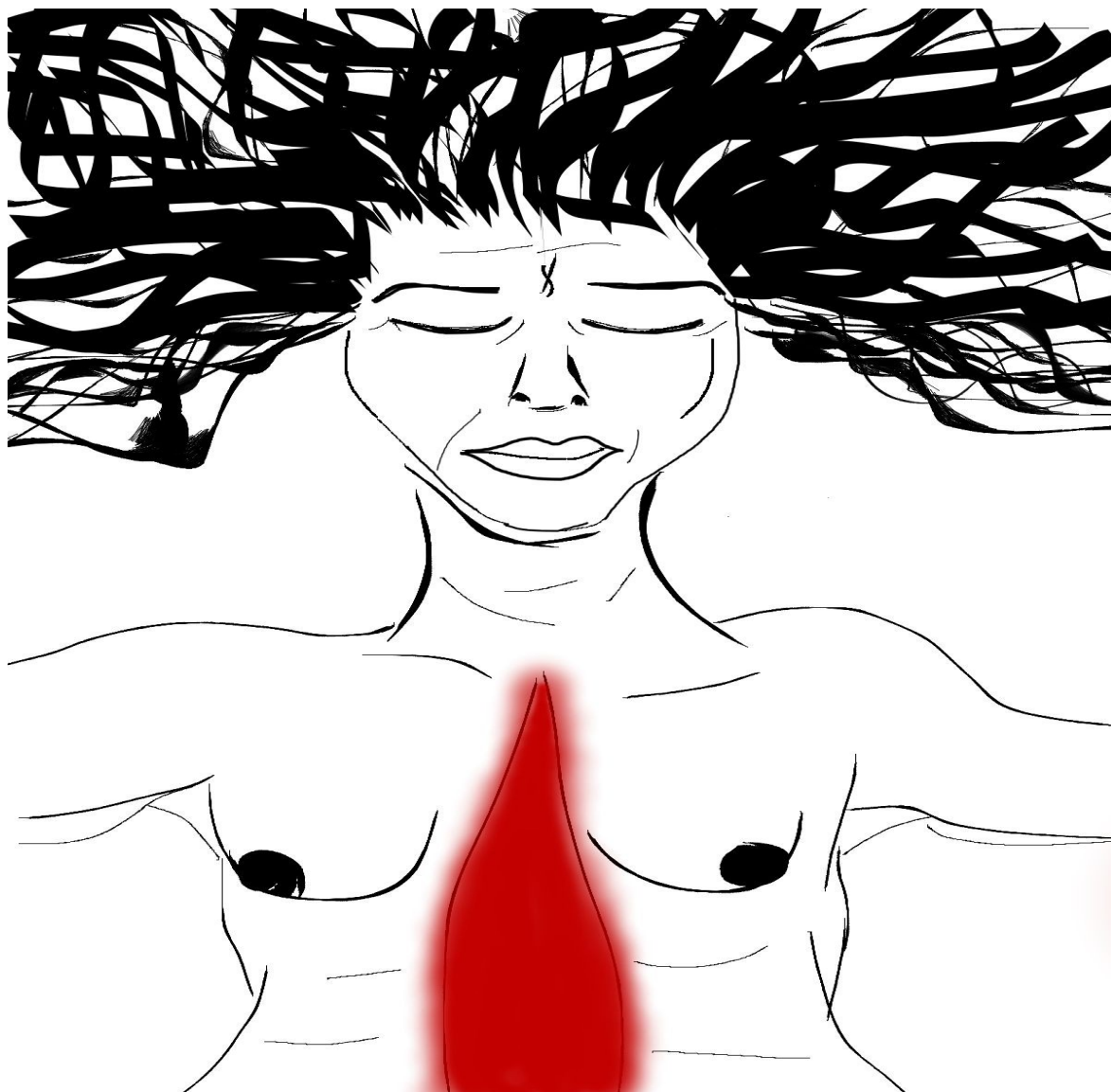
padrões regularmente entendidos como dignos de valor. O que pode ter a ver o “Manifesto Trav(Eco) Ciborgue” de Araruna com meu rascunho-rasura-rasgo que aqui toma vida? Com meu “Manifesto Tese-Monstra” que se faz existir por sua própria força? Com meu “Manifesto Antropóloga-Impostora”? A pulsão-performática de Araruna que ressoa em mim é a da inadequação, do doloroso, mas também transformador, “quase”, daquilo que é rotulado “insuficiente” e impróprio, do não recomendado. Do que se substantiva resto, sobra de padrões, de ideais, de expectativas, de intervenções, de disciplinamentos, de intenções e noções criadas fora de nós. Eu tentei não olhar para o pequeno monstro que gestava, fruto de vários abortos, de restos gestacionais... sempre vi as pessoas usando a metáfora gestacional para falar das elaborações de suas dissertações e teses... “a escrita da tese é um parto”! Minha amiga Jacqueline Moraes Teixeira (também antropóloga), outro dia, comentou que já tinha conseguido parir uma versão prematura de sua tese e que esta, agora, precisaria de mais uns dois meses em UTI para, então, poder encarar o mundo. Essa tese prematura completaria seu curso tornando-se um corpo, bem formado e completo, no mundo. Eu me mantive por muito tempo tentando acreditar que poderia seguir o modelo-adequado, produzir um corpo-tese conformado às expectativas gerais, um corpo-tese belo e forte, que tomasse forma por meio de uma escrita expurgada, fluida, consistente. Mas, há que se aceitar que do caos não brotam coisas fluidas e, ao mesmo tempo, consistentes. Do caos saltam pulsões intensas e tensas, corpos descompensados, sentimentos e emoções fragmentados, mas também vontades e disposições mais fortes que o desmoronamento do mundo a nossa volta e dentro de nós. Falei do meu esgotamento com a amiga e colega de curso, Ana Carolina Costa, e do meu ressentimento em notar que minha escrita estava sendo contaminada por todo sofrimento psíquico ao qual chegara (agora já nem sei mais como). Uma escrita-raivosa-revoltada-angustiada-dolorosa que parece ser a única maneira pela qual consigo falar nesse momento. Parte estruturante do meu precário comunicar, trecho indissociável dos trechos a percorrer aqui, das travessias a realizar até chegar ao último ponto final. Ela me pergunta por que

eu quero tirar tudo isso da minha escrita, já que todos esses elementos se fizeram parte integrante do processo de construção da tese... por que limpar? Porque me angustia o espaço que isso tem tomado, respondo. Porque teses não são feitas assim, ou quando chegam ao mundo não têm aparência disforme, inconstante, prematura, estranha... abortada... deformada por drogas, dores, contrações... constrictões... porque suponho que não há disposição para leitura de um escrito tal. Porque a escrita acadêmica tem regras! Regras! Porque a avaliação do que escrevemos pede zelo absoluto com as regras, logo, é preciso atender ao crivo da avaliação, porque o rigor científico deve prevalecer! Mas, afinal, não há rigor científico nos subprodutos-amorfos cuja impostura recusa e descumpra certas regras canônicas para levar ao limite a potência da autorreflexão, para pensar mais o processo do que o fim em si mesmo? Não há episteme possível dentro da aceitação e do acolhimento de todas as condições, idiomas, sensorialidades, atos imaginativos, gestos, pulsões, sentimentos, hesitações, embates, vivências, e toda sorte de matéria que cria nossos escritos acadêmicos? Uma episteme do possível e da experiência concreta, preocupada com a compreensão das elaborações de modos de conhecimento e de subjetividades, precisa ou rejeitar os elementos desconfortáveis e mesmo falhos dentro do processo disciplinar de formação acadêmica ou romantizá-los? Como não pensar sobre um processo disciplinar tal que pode vir a forjar corpos e subjetividades indóceis e ressentidas, inadequadas e escapáveis, e ainda, doentes? Essa episteme (do) possível precisa rejeitar o próprio viver e tudo que nele cabe? É mesmo preciso escolher uma episteme que funcione como verniz sobre as imperfeições daquele móvel velho indesejável? Karina Kuschnir em seu texto "Você vai deixar de me amar se eu não acabar a tese (Parte 2)"³ comenta algo sobre a dificuldade de se encarar o fazer antropológico como "apenas" trabalho e manter o distanciamento necessário, e sua fala parece se comunicar diretamente com esse meu desconforto: "acho que tenho dificuldade de me distanciar porque o trabalho acadêmico não é apenas um trabalho. É algo muito íntimo. Nós, nossos dados e

3 Ver texto completo e a Parte 1 em: <https://karinakuschnir.wordpress.com/>. Acesso em: 27/12/2017.

autores protagonizamos uma história intensa de amor, descoberta e decepção. Por que sofreríamos tanto se não estivéssemos tão investidos emocionalmente?”. E eu acresceria: há algo errado em investir-se emocionalmente, subjetivamente, nesse fazer? A meu ver, essa pergunta não pode ser respondida sem um confronto que rompa com as separações arbitrárias, e mesmo violentas, entre o mundo do trabalho acadêmico e o mundo da vida. Por que não pode haver um investimento emocional e existencial no que fazemos, ou por que não podemos falar dele se no fundo de tudo sabemos que ele sempre esteve aqui? Como comentou algumas vezes meu amigo e colega de pós Potyguara Alencar: por que apartamos pesquisa e vida? Essa não é meramente uma pergunta-caminho para nos trazer o conforto de poder falar de nossos processos tortuosos de formação, mas é uma pergunta epistêmica que nos oferece um caminho de reflexão mais honesta e frontal acerca de nossos fazeres e saberes nesse contexto chamado Antropologia. Cheguei, então, a desconfortável conclusão de que não poderia pretender uma abertura desta tese-feto-mal-formado sem lidar com os resíduos e dejetos desse processo todo, nem tão pouco poupando as pessoas leitoras dessa lida. São eles, os restos, respingos e cacos, que dão os contornos das imagens que começam a se projetar aqui nesse vazão-abertura tão cheio de desconfortos e mal-estares. Não posso pretender que o caos possa gestar algo tão hermeticamente organizado, arrumado, são, alinhado e estruturado, como gostaria, pois esses destroços de mim rasuram e rasgam a adequação-excelente, esboçam um rascunho incontido e obsessivamente reflexivo. Acolho, então, as fragilidades e insuficiências da condição de meu processo reflexivo e de meu texto e me esforço para lançar-lhe uma lente-abertura que enfoque suas potências e visibilize sua pluralidade e seu valor político. É nesse meu rascunho-rasura-rasgo – que se faz a partir de uma episteme movediça, como nomeia Daniela Versiani (2002) em suas reflexões sobre auto-etnografia –, que trajetórias e subjetividades em curso se atravessam e conversam, é onde o lugar de autoria também se objetifica e se subjetiviza para tornar-se matéria etnografável e elemento de

reflexão⁴. Todo movimento que aqui se desenvolve foi possível pela prática diária de fazer “ritual de mim mesma” e das pessoas que aqui me acompanham, num esforço persistente de um relato cruamente honesto e povoado de afetos.



Desenho 3: entranhar-se/estranhar-se

4 Esse trecho foi escrito em parágrafo contínuo porque a ideia é mesmo a de que pareça algo lançado de uma só vez, a um só tempo, num único movimento, como um vômito, um cuspe, em consonância com a imagem mobilizada por Maria Léó Araruna em sua performance-texto, que inspirou e produziu uma nova imagem na figura 2 que acompanha esse trecho. Sobre a última imagem, a colega de curso Izabel Ibiapina teceu as seguintes palavras ao vê-la em meu perfil no facebook: “o rosto dela está mais sereno... acho que se permitiu sangrar... acho que aceitou a dor sem se culpar tanto por ela... acho que já vê um fim para todo o sofrimento que passou”.

Depois de escrever alguns pedaços de tese, trechos de possíveis capítulos, entremeados de longos períodos de bloqueios, travamentos, tristeza, ansiedade, raiva, aborrecimento, desespero, repulsa, desesperança, desistência, pensamentos desbaratinados, perdidos... dores, insônia, depressão, descrença, dúvidas, inseguranças e incertezas, drogas pra ficar acordada, drogas pra dormir, drogas pra concentrar, drogas pra relaxar, rabiscos, desenhos, doses de literatura e ficção, desmotivação, desilusão, pessimismo, enganos, vazios... resolvo aceitar o conselho da amiga e colega de curso, Ana Carolina Costa. "Escreve sobre o seu processo, sobre suas angústias, sobre seus incômodos, sobre seu desgosto com a antropologia, porque talvez botar isso tudo pra fora te faça recuperar o que te fez escolher a antropologia e realizar essa pesquisa, e com isso você volte a se motivar a escrever... eu acho que enquanto você não fizer isso não vai conseguir retomar sua escrita" – disse ela, mais ou menos assim numa das nossas muitas conversas naquela que então era minha sala na Katakumba⁵ desde o mestrado. Naquele momento entendi a necessidade de fazer isso, considerei válido e importante, mas me custou finalmente sentar e realizar essa incursão, esse reviramento e exposição de tantas coisas.

Creio ser esse movimento tão custoso pelo fato de nos confrontar com a exposição das fragilidades dos processos de pesquisa e escrita, vistas como atestados de incompetência e de ausência de uma suposta genialidade inata. Também porque a maioria dos escritos que vez ou outra propõem discussões em torno da prática de pesquisa antropológica o fazem a partir de um recorte, seletivo de tal modo, que quase sempre terminam mais por reificar abstrações metodológicas do que por realizar reflexões e propor tensionamentos ensejados pelas especificidades das experiências de pesquisa. O que Ana Carolina me propôs inicialmente era que eu fizesse um exercício

5 Laboratório dos estudantes da pós-graduação do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília que tem sido, desde a fundação do programa, um espaço de estudos e pesquisa, de convivência, de organização discente e de trabalho na realização dos cursos de mestrado e doutorado e elaboração de dissertações e teses. Espaço de acolhimentos e afetos.

de recontar esse percurso para mim mesma, um exercício de destravamento. Meu amigo e colega de curso Potyguara Alencar havia me dito que bastava eu escrever duas páginas por dia e eu conseguiria dormir e manter um ritmo satisfatório de escrita. Tudo isso me parecia coerente e verdadeiro, mas ainda difícil de colocar em prática, havia ainda certos fantasmas a se enfrentar. Eu já tinha lido há alguns meses, no ápice da minha crise com o bloqueio na escrita, o capítulo 6 do livro *Truques da Escrita* de Howard Becker por indicação do amigo e também colega de pós, Bruner Titonelli, quando então lhe disse que não conseguia enviar meus escritos pra eles, meus amigos e amigas, lerem. “Mas, Chirley, se você não confiar nem na gente pra ler o seu trabalho, em quem você vai confiar?”, disse ele, preocupado, pois eu já estava em prorrogação do prazo de finalização do curso.

Assim como constata Pamela Richards, autora do referido capítulo, ao relatar sua própria experiência, eu sentia que decepcionaria minhas amigas e amigos, que não suportaria as suas críticas mesmo sabendo que elas viriam de forma solidária e delicada. Mas, acima de tudo, eu sabia que ficaria patente para todos nós que sou uma fraude, de que não sou uma acadêmica e tão pouco uma antropóloga. “Outros podem me pegar se eu mostrar que não passo de uma caricatura de socióloga, mesmo que eles sejam igualmente caricaturais”, dizia Pamela, dizia eu... e os riscos que ela apontava como intrínsecos ao trabalho de escrita eram tão reais pra mim que minha identificação com aquele texto foi imediata e dolorosa! Eu já não sabia mais me expor, não conseguia, não tinha boas lembranças e bons sentimentos relacionados às minhas poucas e últimas exposições, o que me levava a acreditar ser inútil e equivocada qualquer coisa que eu viesse a pensar, a elaborar e compartilhar. Mesmo a exposição oral de meus pensamentos e análises em conversas triviais com amigas e amigos não era suficiente para me dar a confiança necessária para escrever. A fala é sempre um lugar mais seguro, pois o que é dito é quase sempre esquecido, ou não é levado tão a sério quanto aquilo que se materializa na escrita. Porque, como destaca Pamela, e como

conversei inúmeras vezes com colegas antropólogas, “a (nossa) área é organizada de uma maneira que corrói incessantemente essa confiança”.

Enfim, em meio a essas tantas conversas fui convencida e me convenci de que a confiança em mim é alimentada pelas lúcidas, rigorosas, mas também generosas, considerações de minhas amigas e amigos, assim como a confiança na avaliação deles depende da confiança em mim mesma, como muito bem expôs Pamela. Assim como também me expuseram várias vezes Ana Carolina Costa, Potyguara Alencar, Bruner Titonelli, Daniela Lima, Aline Balestra e algumas outras pessoas dispostas a me encorajar nesse intento que por essas e outras razões se tornou uma carga demasiadamente pesada pros meus ombros cheios de tendinites. Mas, todo esse diálogo, todas essas trocas, além de me encorajarem, me apoiarem, me acolherem, também me mostraram como esse processo, aparentemente individual, é sempre coletivo. É sempre uma composição de muitos pensamentos, de diferentes momentos e situações nos quais é possível trocar, nos quais foi e tem sido possível tecer conversas que produziram elaborações que coloco agora no papel. E talvez por isso, desde que comecei a escrever essas páginas, tem persistido em minha mente a ideia de que esse texto não é só pra mim (nunca é), não é apenas um retirar de coisas das entranhas e um vasculhar interior até expor todos os sentidos desse processo para mim mesma. E por ser um processo compartilhado não pode se converter num texto solitário e privado.

Mas, eu não falo aqui daquela polifonia prometida pela antropologia pós-moderna e que até hoje aguardamos. Creio que aqui eu faço uma tentativa (que ainda não sei se assim resultará de fato) de explorar caminhos narrativos que se permitam ser povoados por tipos variados de textualidade, de comunicação, de fontes, de campos de conhecimento. Uma narrativa que se faz na medida em que se debruça sobre o seu próprio percurso, num movimento em que o fazer da pesquisa e da escrita possam ser

penetrados e habitados pelos elementos de subjetividade, afetos, sensorialidades e pelas elaborações de ordem existencial e psíquica, não apenas do terreno da objetividade e da cientificidade. O que, a meu ver, se converte, por fim, num exercício de trazer para o centro do texto etnográfico todos esses elementos que foram sempre empurrados para as margens no processo de uma escrita que tem se fundamentado em pretensões de eficiência na produção de respostas a demandas internas do campo da antropologia. Demandas estas que terminam por manter em pleno funcionamento as engrenagens da auto-emulação retroalimentada pela (re)produção de conceitos desconectados do universo existencial tanto de quem é feito objeto na pesquisa quanto de quem se posiciona como pesquisador, e por tal desconexão mantenedores desta ordem de coisas que estabelece quem pode falar e produzir conhecimento.

Por isso, ainda creio que trazer os elementos de subjetividade que desestabilizam o conforto em que se assentou a cientificidade produzida no campo da antropologia pode ser um caminho possível para a pouco desejada horizontalidade, de formas de conhecimento, de olhares sobre o mundo, de formas de narrar e significar a experiência humana, assim como se converte numa escrita-território para visibilizar corporalidades e trajetórias outras. Acredito na potência do subjetivar-se, de localizar-se, singularizar-se, como movimentos que a um só tempo nos colocam como parte das análises e reflexões elaboradas e desobjetificam, em alguma medida, aqueles com os quais criamos esse processo. Tal potência tem no seu horizonte a compreensão do mundo e não a produção da eficiência vazia de conceitos sem vida. E penso não haver possibilidade de mudanças e de acolhimento da multiplicidade de experiências se antes não olharmos para nós mesmos e para a nossa própria experiência dentro da antropologia. Por isso, esse texto se faz em narrativas de si e sobre si, que são paralelas, nas histórias que aqui são elaboradas e compartilhadas e na história do seu próprio elaborar e compartilhar. Narrativas e metanarrativas se atravessam e se desafiam.

Além disso, há qualquer coisa que me impele a trazer à tona os componentes que possam colaborar para desconstruir uma imagem, ainda compartilhada, de que pesquisas e teses são resultados do encontro perfeito entre genialidade ou talento individual, esforços e dedicação individuais e oportunidades para desenvolvimento linear da pesquisa e do percurso acadêmico de pesquisadores – estes, diversos entre si em inúmeros sentidos. E, na mesma medida, as pesquisas e teses têm sido consideradas resultados de um processo de conhecimento baseado numa relação com “um outro” onde naturaliza-se o escamoteamento da relação em si e uma outrificação de pessoas que são corporificadas em alteridades que muitas vezes pouco ou nada dizem sobre suas existências de fato. Essa discussão pode soar como mais do mesmo, e talvez seja. Contudo, se ela ainda retorna, mesmo depois de tantas reflexões já elaboradas dentro e fora da antropologia, precisamos nos perguntar o por quê. E, tendo observado que esse tipo de imagem e as indagações sobre ela não eram apenas minhas, percebi que o que aqui escrevo não consiste em mero desabafo, mas numa reflexão sobre a produção acadêmica e os processos formativos dentro da antropologia, um manifesto que atravessa o sufocamento de anos de disciplinamento. Nesse sentido, a minha preocupação está muito mais em pensar porque ainda hoje, e certamente hoje mais do que antes, precisamos discutir tais questões.

Por que a antropologia – que discute há tanto tempo autoria, autoridade etnográfica, especificidades do método etnográfico, necessidade de horizontalidade nas relações de pesquisa, subjetivação das alteridades – ainda não consegue horizontalizar-se, produzir de forma mais colaborativa, dialogar com outros saberes e refletir em seus textos a diversidade de percursos de pesquisa e de lugares de fala de pesquisadores e interlocutores e, ainda, entender estes últimos como sendo todos que dialogam com a pesquisa desde os momentos que a antecedem até aqueles que a sucedem, dos seus precedentes aos seus desdobramentos? Por que antropólogas e antropólogos não conseguem subjetivar-se e objetificar-se analiticamente nos seus textos na mesma

medida que subjetivam e objetificam as pessoas que nomeiam como “sujeitos”⁶ de/à pesquisa? Por que o fazer antropológico se faz, por vezes, na invisibilização do lugar de fala de antropólogas e antropólogos por meio de uma assepsia metodológica que sobrepõe a posição de pesquisador-analista às suas vivências e à multiplicidade complexa do que são enquanto pessoas? Por que essa assepsia que conduz a um esvaziamento das subjetividades e historicidades e que atua como esse verniz narrativo que engessa análises numa linha reta que conecta fragilmente pesquisadores e pesquisados, vem sendo atualizada?

Não nos esqueçamos que as críticas a textos nos quais as subjetividades, historicidades, coletividades, políticas, se refazem e se corporificam em discursos revestidos de preocupações epistêmicas e metodológicas justamente quando subjetividades e corporalidades negras e indígenas, e outras tantas marginais de alguma maneira, passam a ocupar o lugar de fala de pesquisadores, de produtores de conhecimento e a

6 sujeito

substantivo masculino

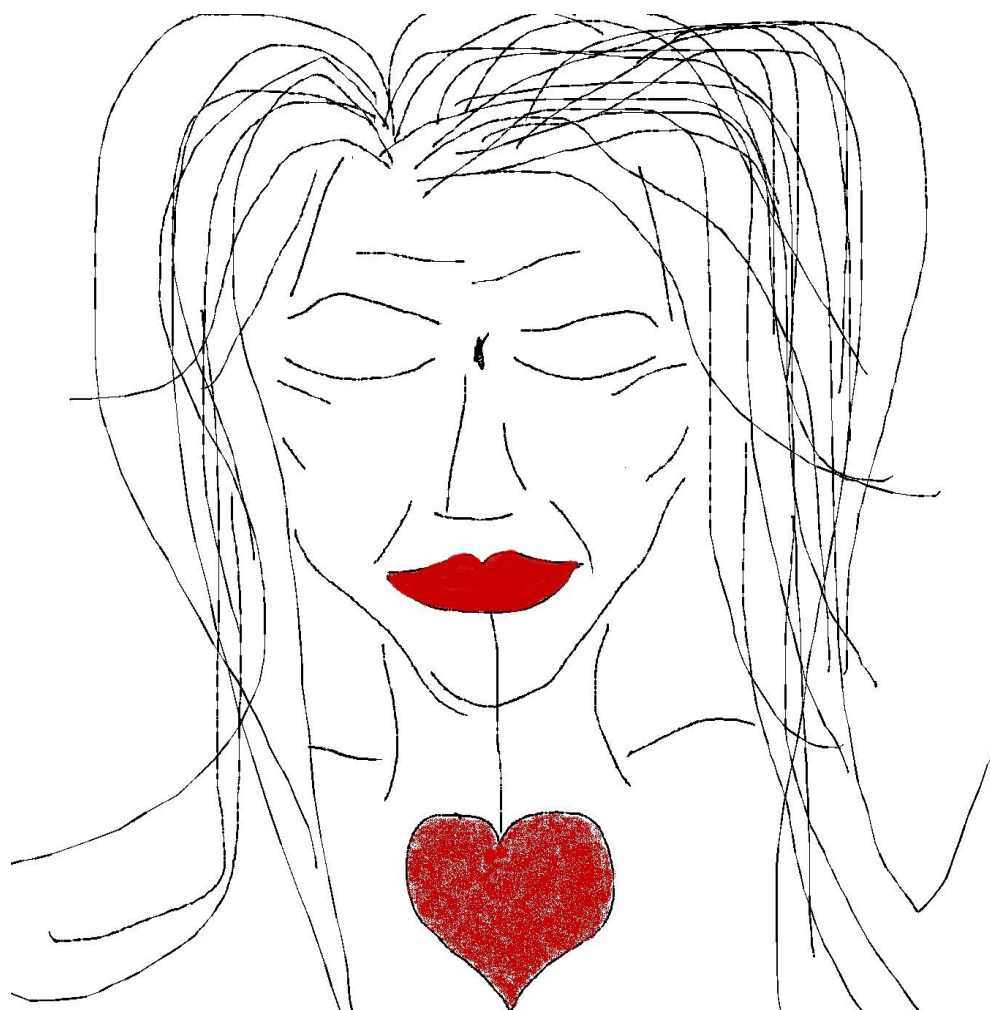
1. indivíduo subordinado a um suserano, no regime feudal; vassalo, súdito.
2. pessoa indeterminada ou cujo nome não se enuncia (por vezes pej.).
3. *fil* em epistemologia, especialmente a partir do cartesianismo e do pensamento moderno, o eu pensante, consciência, espírito ou mente enquanto faculdade cognoscente e princípio fundador do conhecimento. [por opos. a objeto]
4. *fil* na metafísica clássica, especialmente no aristotelismo, ser real, substância, realidade permanente à qual se atribuem transformações, qualidades ou acidentes.
5. *gram* termo da oração sobre o qual recai a predicação da oração e com o qual o verbo concorda.
6. *jur* pessoa vinculada a uma relação jurídica.
7. *jur* aquele que é titular de um direito.
8. *lóg* numa proposição, termo de que se fala, de que se afirma ou se nega algo, e ao qual se predicam propriedades, qualidades ou determinações [símb.:S].
9. *mús* o tema de uma fuga em sua primeira apresentação; antecedente.
10. adjetivo
que se sujeitou.
 - submetido ao poder do mais forte; súdito, escravo.
 - submetido à vontade dos outros; cativo, obediente, dócil.
 - domado, escravizado.
11. adjetivo
que está exposto ou predisposto a (algo); suscetível, passível, inclinado.
 - *jur* submetido, pela lei, a uma obrigação.

pautar demandas por narrativas que lhes restituam o estatuto de humanidade e de autoria sobre as narrativas de suas experiências, exigindo um “falar com” de fato, a materialização concreta da dialogia, da horizontalidade sem filtros higienizadores e silenciadores. A narrativa que aqui apresento é uma busca, uma tentativa ainda precária de horizontalidade, de entrecruzamento de subjetividades e corporalidades, dentre elas as minhas próprias, uma elaboração em composição inacabada que coloca em comunicação contextos multiculturais, e porque não dizer multitemporais. Me inspiro nas reflexões oferecidas pelos estudos acerca das práticas de autobiografia e autoetnografia, em alguma literatura africana, e em materiais artísticos e literários de mulheres que têm feito da autoenunciação de suas vivências lugar de (re)fazimento de si, de cuidado, cura e revolução.

Acompanhado dessas inquietações, de textos literários, músicas, desenhos, textos acadêmicos, poesias, conversas presenciais e virtuais, cafés, textos de blogs, relatos diversos, dados de campo, astrologia, muito açúcar, tarologia, feminismo, terapia, mantra, reza (muita reza), esse rascunho-rasura-rasgo que exponho aqui oferece algumas elaborações acerca de meu incômodo processo auto-reflexivo (que, apesar de autorreferenciado, é constitutivamente coletivo e compartilhado) que se debruça sobre questões metodológicas, sobre pesquisa e trabalho de campo, sobre escrita acadêmica, sobre a vida. Também introduz a minha experiência com/em Cabo Verde e vivências com as pessoas que lá achei e que lá me acharam, da forma mais honesta, livre e responsável que me foi possível expressar nesse momento.

Assim, me encontro neste ponto de abertura-fechamento de um primeiro intento de costura e síntese de alguns anos de envolvimento com a pesquisa que toma novo corpo nessas páginas. Chego com a satisfação ensejada pelo prazer de dizer “cheguei... enfim!” a mais uma possibilidade de corporificação de um projeto de conhecimento. Mais uma possibilidade porque entendo que as formulações escritas de uma pesquisa

são, na verdade, uma das suas formas possíveis de existência. A pesquisa existe e materializa sua existência em um pouco de tudo e de diversas formas, nas elaborações mentais que não chegam a se tornar palavras escritas (que talvez nem saiam de nós para encontrar o mundo), ou que se fazem antes disso em conversas durante almoços e cafés com colegas, diálogos, dúvidas e provocações com as pessoas da pesquisa, sonhos e devaneios, interações mentais com pessoas que encontramos em forma de textos ou de outras linguagens, nas nossas notas, rabiscos, desenhos, imagens diversas, fotografias, toda sorte de formas que precedem o texto-enfim, e que também o acompanham e corporificam a pesquisa junto com ele. Eis aqui o meu texto-enfim, o meu possível.



Desenho 4: o meu possível

entrecho
conjunto, série de eventos que compõem a ação de uma obra ficcional; enredo,
urdidura, intriga.

ENTRECHO

ENTRE RESPIRAR E CONHECER: POR ANTROPOLOGIAS DAS TROCAS.

Chego, então, a este texto-enfim muito mais com um olhar de quem está chegando, se inteirando desse abertura-fechamento em curso, do que com a sensação de quem de fato chegou a um momento terminal. É um olhar de quem está fazendo-se nisso, e de quem sabe que esse chegar-se é impulsionado por um percurso particular tecido nos atravessamentos de minha pessoa e de meu lugar no mundo. Daqui de onde falo, deste ponto que nomeio nesse instante como abertura-fechamento, entendo que tudo na vida se faz nesse ciclo contínuo em que as aberturas para determinados caminhos se fazem no fechamento de outras passagens e percursos. E que os fechamentos nada mais são do que atos parciais, na medida em que o que se fecha abre espaço para abertura de outras tantas coisas que fechar-se-ão, terminais em determinados respiros⁷ e seminais em outros tantos. Sim, falo aqui de respiros, posto que nenhuma existência humana se faz fora do respirar, esse ato primordial que nos conecta com o que está fora de nós.

E, dessa maneira, respiros é pra mim, nesse momento, uma palavra que me serve para

7 respiro

substantivo masculino

1. ato ou efeito de respirar; respiração.
2. *frm.* expressão ou indício (de fé ou irreligiosidade).
3. *frm.* emanção, exalação; eflúvio.
4. *p. metf. frm.* momento (de respirar repousadamente); folga, trégua.
5. abertura por onde sai qualquer fluido (ar, fumaça, vapor, líquido); respiradouro.
6. tolerância de prazo concedida por um credor.

substantivar e também qualificar os caminhos diversos do conhecimento e as possibilidades de apropriação de algo, já que o existir se faz no e pelo conhecimento das coisas, assim como o trabalho de pesquisa se faz num conjunto de atos de conhecimento acerca do mundo (de mundos). E para conhecer o mundo é preciso respirá-lo, sorvê-lo, se pôr em troca com ele. Para cada caminho do conhecer um respirar, ou muitos! Recorro aos respiros porque nossa existência se faz por respiros vários, por respiraes sempre diferentes, que não iniciam e selam o fecho do existir da mesma maneira. Se chega ao mundo respirando, se deixa o mundo sem respirar. Cada respiro nos coloca de uma forma no mundo, a cada respiro somos interpelados de uma forma pelo mundo, cada interpelação nos conduz a um respiro⁸ que pode acompanhar-se de adjetivações várias – tranquilo, abafado, contido, profundo, cortado, difícil, suave, aliviado, pesado, esperançoso, inquieto, temeroso, quente, último. A cada respiro algo se fecha, algo se abre, nos contraímos e relaxamos, o que é terminal num dado respiro pode ser seminal em outro. A abertura que absorve da vida os elementos que alimentam a existência pulsante, é também fechamento que os retém no corpo faminto. A cada respiro coisas começam e terminam, ciclos se abre e se fecham. Os respiros terminantes também trazem consigo outros tantos (re)começos.

Me conduzo aqui, e àqueles que me acompanham por leitura, através da metáfora do respirar, na medida em que ela traz uma composição de sentidos para esse processo de conhecimento (a pesquisa antropológica) em que me coloquei e no qual há uma conjunção de respiros possíveis. A metáfora do respirar, inesperadamente, me vem pela alusão ao elemento ar presente na Astrologia (isso mesmo, você não leu errado). Esta, um modo de conhecimento pelo qual tenho particular interesse e afeição, mas que na maioria dos espaços sequer é considerado conhecimento e, certamente, causará risos

8 “Respiramos aproximadamente 20.000 ciclos respiratórios por dia”. Fonte: Instituto de Medicina Integrativa. <https://instmedicinaintegrativa.wordpress.com/2013/05/07/a-imprensa-disse-a-arte-de-bem-respirar/>. Acesso em: 28/09/2017. A cada ciclo, um respiro diferente, a cada respiro uma possibilidade de existir de um modo particular e único.

(quem sabe, até revolta) em muitos dos que se puserem a compartilhar do que aqui escrevo. Ocorre que sendo eu mesma nativa de um signo de ar, no caso aquário, considerei a correlação não só interessante e divertida, mas também produtiva, e resolvi abrir mão dos filtros do cientificismo para me permitir explorar os sentidos que o conhecimento astrológico elabora sobre esse elemento. Antes de tudo, o ar é um elemento associado às trocas, é ele que impulsiona a nossa existência, e é por meio dele que nos alimentamos das substancialidades do mundo. É por meio do ar que estabelecemos os primeiros contatos com o mundo operados pelo respirar, mesmo quando este é forjado artificialmente.

Entre outras coisas o ar nos permite existir. A respiração nos coloca no mundo. Ele é o mediador que viabiliza todas as nossas demais trocas com tudo que está fora de nós. Minha amiga e colega de curso Tatiane Duarte ao se deparar com a figura 2 deste texto, comentou que a imagem a suscitava a lembrança de seu parto e das recomendações sobre a respiração: “me faz lembrar da respiração com boca aberta e prolongada que devemos fazer junto com a contração durante o parto. A ideia que é que esses dois buracos, boca e vagina, estão conectados e precisamos vocalizar pra ajudar o bebê a ir encontrando seu caminho”. E me fez pensar em como o bem respirar nos permite encontrar melhores caminhos e como bons caminhos nos permitem respirar melhor. O caminho, o percurso, a maneira pela qual é mais importante que o resultado, pois é dele definidor.

O respirar é troca primordial, é movimento. Fluidos vindos de vários cantos, componentes de todo tipo de materialidade (conhecida e desconhecida), nos povoam e nos entregam vitalidade. Fluidos feitos de partes de nós mesmos nos deixam e se incorporam, se acomodam de vários modos nas externalidades que habitam o mundo, vão se engajar em outras composições da matéria. Na Astrologia, o elemento ar além de simbolizar os movimentos e trocas, está também associado às elaborações mentais

(trocas), à comunicação (mais trocas), à inquietude da mente e aos processos de conhecimento que se fazem em movimento, tais quais o fluxo do respirar e suas mediações. Dito isso, pode-se também dizer que, para os nativos de signos marcados por esse elemento, se conhecimento é movimento e se faz nas trocas, estas por sua vez não são possíveis fora das relações (também trocas). Esses movimentos se dão em várias direções e de diversas maneiras, à medida que as relações com o mundo, com as pessoas, vão sendo tecidas e que essa mente pode se expandir e conhecer com liberdade. Em linhas gerais, a liberdade ocupa um lugar importante na existência de pessoas nativas de signos de ar e nas suas constituições enquanto pessoas. Liberdade para explorar, liberdade para conhecer, liberdade para mover-se, liberdade para pensar, liberdade para comunicar-se, liberdade para relacionar-se, liberdade para criar, liberdade para fazer-se, liberdade para desfazer-se.

Liberdade para respirar. Pois, a respiração profunda, adequada, correta, precisa de liberdade para o fluxo pleno de ar, para sua circulação em nosso corpo, para que possa entrar e sair de nós, para que se faça a troca. A troca plena só se faz na liberdade. Então, o que vislumbro com o conhecimento astrológico e esse esmiuçar semântico que tento esboçar aqui é que o respirar se faz no movimento de ir e vir, de sair e entrar, de alimentar dentro e fora, de preencher e escapar, de reter e dispensar. É ato que fala de dentro e de fora a um só tempo, porque só se faz nessa vinculação, em algum lugar onde esses dois espaços estão ligados e dependentes. Daí que nesse percurso-movimento se confundem e se misturam o meu respirar e o respirar da pesquisa (que em algum momento são uma só coisa) na qual me coloquei. E se o processo criativo e experimental de conhecimento e de formulação do conhecer se faz nos movimentos das trocas, das relações, e se a troca plena só se faz na liberdade desse movimentar-se, considero que só encontramos essa liberdade de conhecer e criar modos de conhecimento quando conseguimos nos desencapsular dos lugares de pesquisadores enquanto detentores do monopólio do conhecimento produzido de um ponto de

partida supostamente universal e de pesquisados como entes reduzidos a uma alteridade radicalmente encerrada nos limites de objeto e exotizada.

Assim, a respiração me serve como metáfora por plasmar o que acredito ter sido o desenrolar dessa pesquisa, um estado móvel de trocas, de composições de modos de conhecimento, de possibilidades existenciais e de refazimentos existenciais por meio das relações que o contexto de pesquisa ensejou. O respirar me serve de guia e de elemento imagético, por mais abstrato que nos pareça esse ato para o qual geralmente dispensamos pouca ou nenhuma atenção, por fazer-se em diversas modulações – ritmos, velocidades, graus de tensionamento e fluidez; densidades, intensidades, propriedades – e capacidades várias de absorver, inspirar, exalar, revelar (assim como o pesquisar). A variabilidade que o ato de respirar comporta e a multiplicidade de qualidades e conotações que nossos respiros podem assumir, me parecem fazer do respirar uma metáfora não só bonita, mas provocadora de (auto)reflexões.

E, em meio a tantos respiros, que me colocaram (e me colocam) de diversas maneiras nesse processo de pesquisa, essa metáfora, essa imagem-ato, me vem num momento em que me é possível tomar licença e permitir-me respirar um tanto mais fundo, num ritmo intenso, porém, menos tenso. Numa tentativa de inspirar ares frescos que exalem e revelem para fora de mim o que esse processo de conhecimento guardou aqui dentro, ou, pelo menos, parte do que dele possa ser passível de compartilhamento na medida em que proporcione novas trocas, novas relações, novos modos de conhecimento. Toco a possibilidade de experimentar uma vez mais esses ciclos do conhecer-aprender que nos são tão vitais quanto os ciclos do respirar. Quando penso nesse percurso da pesquisa – composto de atos diversos, de respiros mais ou menos inquietos, mais ou menos apertados, mais ou menos vitais – acredito que todas as definições presentes na décima quinta nota de rodapé aqui fincada lhe caibam.

Eis, então, que do respiro-concessão passa-se ao respiradouro-abertura, na busca por um texto que possa fazer-se enquanto orifício, enquanto ato de abertura simplesmente, a conectar mundos. Texto-respiradouro. Texto-válvula. Combinados e arranjos de palavras para despejar e receber toda variedade substanciada de fluidos, fluidos-metáforas, fluidos-reflexões, fluidos-compreensões, fluidos-experimentações, fluidos-significações, fluidos-sensações, fluidos-emoções, fluidos. Para que enfim, e por fim, quem sabe nos respiros compartilhados que essa experimentação textual permitir, me seja possível um respiro-trégua. Tal qual um intervalo para repousar em novas dúvidas e inquietações que ensejem outros movimentos, outros ares, outras aberturas-fechamentos de ciclos que se sucedem no enovelar da vida. Esse texto é um respiro, que eu espero poder oxigenar e arejar minha relação com a antropologia e com o mundo acadêmico.

Mas os muitos respirares também são feitos pelos lugares nos quais se fazem (físicos, sociais, emocionais, psíquicos, corporais), por suas paisagens, suas distâncias, seus climas, assim como por suas densidades. Estas, constituídas de complexas camadas de histórias vividas tanto pelos entes respirantes de um dado momento, quanto pelos que os precederam. Porque os lugares são feitos também daquelas pessoas que neles não mais respiram. Em cada lugar, vários respirares, histórias e densidades possíveis. Não se respira o mesmo ar e nem se respira de um único modo num dado lugar e tão pouco em lugares diferentes. Para cada lugar os seus ares e os seus respirares, seja nas montanhas, nas metrópoles urbanizadas, nas periferias, à beira mar, no campo, na floresta, nos territórios de mineração, nas cachoeiras, nas construções civis, nas indústrias, nas lavouras, nos sítios, sob a chuva, no calor do verão, nos rígidos invernos, entre o pólen das flores da primavera ou entre as folhas do outono. Mas, para mim, algo muito verdadeiro na dinâmica do viver é o fato de que precisamos estar sempre buscando novos ares, tentando respirar melhor e inspirar o melhor do/no mundo. E, assim, fui eu buscar outros ares e outros respirares longe dos meus lugares de afetos

conhecidos e reconhecíveis. Para em novas paisagens experimentar os ares secos, porém não menos densos de afetos vários, que encontrei na Ilha de Santiago em Cabo Verde naquele fevereiro de 2014.

Era minha primeira vez num deslocamento físico fora dos limites territoriais de meu país. E é desse lugar inexperiente, a partir da paisagem interiorana que me originou e que é desconhecedora da diversidade de povoações do mundo, bem como de um respirar não cosmopolita, que falo. Essa minha primeira viagem internacional – viabilizada pela intensificação dos investimentos no ensino superior brasileiro e na pesquisa científica dos governos Lula e Dilma – conecta a atmosfera seca e quente da Salinas escondida no interior norte mineiro com a da acinzentada capital do país arquipélago, cidade da Praia, e com seus arredores e interiores da ilha de Santiago. Mas, tal deslocamento também conecta um pouco da capital plano/a, Brasília, que já habitava em mim desde que eu havia feito meu segundo movimento para fora do chão onde estava meu umbigo enterrado (como se diz em Cabo Verde) rumo às buscas imprevisíveis por ares novos. Viagens, deslocamentos, partidas, tráfegos e caminhadas, são exercícios desafiadores do respirar cuja potência eu acredito residir nas relações que possibilitam. Relações que, nesses percursos incalculáveis, se fazem entre as pessoas e os muitos tempos, lugares e entes que as constituem, e que considero ser, em última instância, a potência sustentadora do modo de conhecimento que escolhi como possibilidade existencial nesse momento, a antropologia. Um conhecimento que se faz nas relações.

Se a antropologia é um modo de conhecimento cujo pressuposto primordial é permitir respiros de ares diversos que ampliem as possibilidades existenciais daqueles que se relacionam nesses percursos, eu não posso dizer. Eu só posso dizer do que eu, do meu lugar, acredito que ela possa ser capaz de fazer e possibilitar, e do que busco ao tomá-la como possibilidade existencial. Essa possibilidade existencial precária e inconstante

que o fazer antropológico pode configurar. Falo, portanto, dos meus princípios, das minhas orientações e do que espero poder fazer com esse conhecimento. Falo de como escolho elaborar tal conhecimento e meus modos de existência dentro dos limites que perfazem a prática de pesquisa. E do quanto consigo captar e reter as reelaborações desse conhecimento que as pessoas com as quais me relaciono em pesquisa criam a todo momento. Falo do quanto consigo me colocar como objeto incorporante e não acabado, sujeita ao escrutínio do outro, às suas observações e leituras, de uma maneira tal que os outros que me acolhem e que acolho em relação possam se sentir agentes dessa feitura, produtores de conhecimento. Me volto para o quanto consigo inspirar do/no outro, quantas e quais trocas podemos nos permitir.

Se a metáfora do respirar serve bem ao entendimento do pesquisar (entendido como criador de conhecimento) é porque ambos se fazem na troca e na partilha. Respirar e conhecer se encontram no cruzamento daquelas coisas imprescindíveis à existência. E, portanto, só posso afirmar que respirar esses ares longínquos ampliou as minhas possibilidades de existência, tanto quanto me permitiu existir, e que me coloco no fazer antropológico sempre nessa expectativa. E assim é porque não olho para este fazer como algo apartado da vida, da existência desde as suas circunstâncias mais ordinárias às extraordinárias! É do lugar de um fazer antropológico que se faz no curso da vida, e com ela e as tantas individuações que a povoam, que falo. É nesse lugar e a partir dele que respiro, que me conecto por trocas com esse universo cabo-verdiano, nesse momento-pesquisa que se configura uma parte importante da minha existência.

RES
AS
INS
TRANS
NÃO

PIRA



Desenho 5: respiradoura

ABSORVE

TOMA

ABRIGA

DISPENSA

LANÇA

LANÇA-TE

Mas, meus respiros nas (ins/as)pirações por conhecer não se dão só nesse e desse lugar de pesquisadora e estudante, uma vez que se faz no curso da vida complexa e múltipla. Este lugar/estar acadêmico, de ares por vezes pesados, densos e tensos, falseados de escalonamentos numéricos que forjam frágeis e enganadoras autoridades e propriedades, é apenas um pedaço da vida que se desdobra com meu movimento. Cabe aqui, pois, o adendo de que lugares, e lugares de fala, não são feitos só de densidades e matérias, mas também das métricas que as mensuram, que lhes conferem proporções e pesos que lhes impõem confinamentos e restrições, ou que lhes permitem expansões e acréscimos. Os lugares de fala, de respiro, também são feitos, domesticados e qualificados por quem detém a autoridade de criar as medidas e adjetivações. Por, outro lado, as metrificações, índices e estatísticas também afetam o respirar, também produzem respirares com mais ou menos qualidade, contabilizam o fluxo de fluidos, conferem identificação numérica às trocas humanas, podendo, assim, despersonalizá-las ou lhes conferir visibilidade. Numerações guardam sempre essa ambiguidade, transitam na linha tênue entre o alcance, o acesso, a visibilidade e a invisibilidade, a homogeneização, o desencarne. Mas, se falo de um lugar também acadêmico, não é o da mensuração despersonalizadora, já que me interessam os fluidos, os respirares, as pessoas e suas vidas nas suas qualidades mais sutis e mais entranhadas.

Esse meu lugar de pesquisadora e estudante, sendo mais um lugar possível, é maleável, móvel, é reconhecido por essas pessoas que me recebem e me incorporam circunstancialmente em suas rotinas, mas é também um lugar esquecido e apagado na medida em que ele é ocupado também pelos outros lugares que compõem a minha existência, pelos outros lugares nos quais existo, nos quais respiro! Nesses outros lugares do meu existir está também aquele das jovens mulheres que, por sua persistência e competência, metem os pés nas portas cerradas das ciências historicamente masculinas, brancas, sêniores e cosmopolitas. Está o das jovens que

inventaram para si outras biografias que, infelizmente por um tempo curto na história de nosso país, borraram as fronteiras entre quem pode fazer da reflexão sobre a experiência humana uma profissão e quem é posto no lugar de objeto dessas reflexões, bem como daquelas que viram gerações de suas parentelas limitadas aos ofícios que mantêm as condições existenciais cotidianas em pleno funcionamento para que o mundo possa ser cientificamente pensado e compreendido por alguns. É junto delas que falo. Eu que me atrevi a ser a primeira na minha extensa família a buscar um título de doutorado num país em que a educação sempre foi mais privilégio que direito. É me conectando com minha própria biografia e abrindo meus ouvidos também às biografias dessas tantas mulheres, aqui e em Cabo Verde, que falo.

Atravessei o mar para conhecer e acompanhar biografias de jovens mulheres⁹ que

9 Opto pela palavra e pela categoria “mulher” tendo em vista que a proposta aqui é falar de pessoas encarnadas e marcadas por seu gênero, sem com isso sugerir um olhar binário sobre as questões de gênero. Entendo que a categoria gênero produz um alargamento do horizonte categórico e compreensivo sem excluir a categoria mulher enquanto um campo de referências dentro do escopo mais amplo do gênero, assim como as categorias “feminino” e “masculino” como aponta Kofes (1993). Ainda assim, acredito ser a palavra mulher enquanto expressão cotidiana e enquanto categoria, aquela que mais se aproxima dos contextos concretos e da linguagem cotidiana das pessoas com as quais convivi em pesquisa. Contudo, atento para as críticas feitas por Oyewùmí (2004) de que tanto a categoria gênero quanto a categoria mulher não são universais e, tão pouco, o são as desigualdades e opressões sofridas pelas mulheres que se encontram nos mais diversos contextos socioculturais. A autora chama atenção para o fato de que os próprios estudos feministas estão, majoritariamente, fundamentados em experiências de mulheres brancas e pertencentes a culturas ocidentais, anglófonas ou americanas, especialmente estadunidenses, com exceção dos estudos de pesquisadoras afro-americanas que cruzam raça, gênero e classe. Em alguma medida a ideia aqui foi tentar considerar as trajetórias das jovens cabo-verdianas a partir dessas marcas da diferença, das suas variadas situações e condições de existência. A mobilização das categorias gênero e mulher não se faz aqui no sentido de convertê-las em unificadores naturais das mulheres já que não existe nem mesmo um suposto “ser” mulher, tendo em vista que tal categoria é demasiadamente complexa e construída num fluxo de diferentes discursos e práticas sociais (HARAWAY, 2009). Por outro lado, busquei me afastar do que a Oyewùmí aponta como uma vinculação ou correspondência da categoria mulher com o lugar social de esposa dentro do modelo ocidental de família nuclear. Minha intenção aqui, foi tentar mostrar como mulheres vão se fazendo ao longo da vida como crianças, meninas, moças, jovens, adultas ou grandes (como aquelas com as quais convivi costumavam se referir às pessoas adultas), mais velhas ou idosas, mães, irmãs, filhas, esposas, estudantes, trabalhadoras, intelectuais, enfim, mulheres vinculadas a várias relações que assumem relevos e importâncias variadas ao longo de suas trajetórias. Entendendo que todas essas categorias possuem sua historicidade e especificidade locais, e que fazer-se mulher está longe de reafirmar uma unidade essencialmente feminina, mas que nas relações e trocas cotidianas podemos encontrar aproximações, ressonâncias e atravessamentos entre nossas experiências, sentidos, corporalidades, sentimentos e afetos.

buscam todos os dias recriar suas trajetórias, que também buscaram no ensino superior uma possibilidade de recriação. Lá, também, o projeto de refazimento existencial pelos caminhos do conhecimento acadêmico se tornou, em algumas áreas, um peso nos ombros de quem não sabe bem o que fazer com seu diploma. No tecer de aproximações e distâncias, tentei e continuo tentando me fazer repositório de biografias lá e aqui, e criar reelaborações existenciais a partir dessas experiências. Busquei, antes de tudo, oferecer a essas mulheres a mulher que vou sendo, o lugar de mulher no qual vou me fazendo, mesmo nas nossas mais agudas diferenças. Me componho um tanto dessas mulheres, das jovens, das senhoras, das velhas, das meninas, todas elas habitam de alguma maneira em mim, e acredito terem elas escolhido, acolhido e retido pedaços da minha pessoa em suas existências. Porque escolhemos o que reter das pessoas em nós, e tal escolha passa pelas formas como nos colocamos a decifrar o outro, como significamos e delimitamos o que essa pessoa representa pra nós com base em nossas experiências e referências pretéritas e presentes, assim, essas escolhas passam também pelo que significamos pra elas.

A ideia de pessoa como composição habitada por outras tantas pessoas me vem por inspiração em algumas palavras da professora cabo-verdiana Celeste Fortes com as quais me encontrei numa postagem sua no facebook, por ocasião da Semana Working Independence “Memórias para o futuro: projetar a independência no feminino” – evento organizado por ela com outras professoras e professores e estudantes, e que pude acompanhar numa rápida passagem pelo Campus da Universidade de Cabo Verde (UniCV), em Mindelo, Ilha de São Vicente, em dezembro de 2015. Na publicação sobre o evento, dizia ela das “mulheres que habitam a nossa história, mulheres que nos habitam”. E de lá pra cá eu nunca mais me esqueci dessas palavras, porque elas de alguma maneira sempre fizeram sentido pra mim. Mais tarde, numa outra postagem

Portanto, é preciso considerar os sentidos construídos localmente para as performances de feminilidades e masculinidades que se articulam com discursos identitários reproduzidos ao longo do tempo e que conformam significados que podem ser reafirmados ou negados nas práticas cotidianas.

em 2016, Celeste me reconecta com as palavras de outrora dizendo: “somos uma composição, de generosidades, partilhas, desafios, amizades, conflitos, trocas e de amor. Que nesta composição sobreviva apenas aquilo que nos faz crescer”. Estas palavras não faziam alusão direta a antropologia, aos seus trabalhos acadêmicos, e parecia revelar referência pessoal na reflexão sobre a constituição de si mesma enquanto composição continuada de afetos vários. Eu não cheguei a conversar isso com ela, nem manifestar minha aproximação com estas palavras, mas, no fim das contas, para mim tinha tudo a ver com a antropologia, com a vida, com as pessoas, com minhas inquietações de pesquisa.

Nesse sentido, do fazer-se, fiz amigas e fui feita amiga, fiz família e fui feita família, quase como se não pudesse ser de outra maneira. E penso que, em alguma medida, busquei avidamente esse lugar por não saber ser estrangeira, por me recusar a abrir mão da intimidade mesmo não sabendo lidar com toda sua complexidade. Mas, se a complexidade é algo grande demais, que por vezes nos assusta por nos exigir uma reflexividade constante que não cessa de captar o que está fora de nós. Por outro lado, prefiro a complexidade das relações que se estreitam, se atritam, se esticam e comprimem até os seus limites, do que a outra complexidade desse lugar estrangeiro e, de certo modo, indiferente, cujas representações e imaginários se impõem e definem distanciamentos por vezes irreconciliáveis. Dentro dessas representações e imaginários, dentro de um contexto cabo-verdiano, eu fui feita também a mulher estrangeira e por isso mesmo estranha ao que se está acostumado a confiar. Mas, ao mesmo tempo, fonte de curiosidade, interesse, admiração e desejo por supostamente portar qualquer coisa de novo, de melhor, de valorizável e desejável, das quais certas pessoas estrangeiras foram, historicamente, portadoras. Historicamente são aquelas pessoas que representam ou podem ser conectadas, de alguma maneira, à referenciais ocidentais, brancos e modernos.

Eu me lembro de um dia em que visitei a prima de uma amiga, na zona rural do Concelho de Santa Cruz (interior da Ilha de Santiago), que morava com o pai de sua filha na casa da sogra. Era começo de noite e a acompanhávamos nas tarefas daquele momento, dar banho na filha e servir o jantar a ela e às outras três crianças da casa. Minha amiga, o filho e eu também havíamos ido para a visita sem jantar, tínhamos passado na casa de outra conhecida sem muita demora e lá era nossa última volta antes de pegar o caminho de casa. Sua prima colocou os pratos em cima de uma mesinha onde estava a panela de arroz e nos disse para nos servirmos. Era um estreito e curto corredor que saía da sala, dava acesso ao quarto que ela compartilhava com o companheiro e a filha, e também a mais dois quartos aos quais não tive acesso e também para os fundos da casa que se comunicava com a rua de trás e as casas dos vizinhos que estavam todos nas portas e calçadas.

Crianças brincando, comendo, uma mocinha penteando uma senhora, homens com rádios ligados e de conversa sob a luz baixa dos poucos postes. Na saída do corredor haviam alguns degraus e um tanque em cimento ainda não acabado com alguns restos de materiais de construção e entulhos dentro. A beirada do tanque oferecia espaço suficiente para sentar e ali se encostar. Peguei meu prato e sentei-me ali, e logo começou o reboliço. As vizinhas gritavam a dona da casa, a sogra da prima da minha amiga, e a repreendiam por não ter me dado uma cadeira para sentar-me. Custou alguns instantes para eu entender que era disso que se tratava. A prima da minha amiga começou a insistir que eu levantasse e me trouxeram uma cadeira. Minha amiga só ria e dizia pra me deixarem como eu estava.

O olhar da dona da casa parecia dizer-me: "sente logo, e acabe com isso!". Por uma fração de segundos eu pensei em sentar, por achar que ela poderia achar que minha recusa fosse uma desfeita, uma desconsideração de seu cuidado e gentileza. Mas, afinal, o que a cena toda me dizia era que brancos eram cheios de frescura, e eu, de

fato, não me via naquele lugar. Então eu apenas disse que não precisava cadeira, que eu estava bem, afinal, qual era o problema de eu estar sentada ali, se estavam quase todos sentados no chão e nas beiradas das calçadas. A mulher que tinha os cabelos trançados, uma batucadeira daquela zona, dizia admirada: ave maria, a brasileira sentada no chão, no cimento, na beira no tanque... ela não é que nem os brancos que a gente costuma ver por aí. Ela pergunta pra minha amiga se eu sou sempre assim mesmo. E ela responde que sim, e que não entende porque aquele reboliço todo, porque ficam admirados disso, pois se eu queria sentar e comer ali que me deixassem comer sossegada, pois isso não tinha nada a ver. Rimos um tanto, comemos, bebemos suco, conversamos um pouco e fomos embora.

E naquele momento eu tinha apenas ficado com uma sensação de que aquilo pra mim era tão normal, comer com o prato na mão, encostada em qualquer lugar. E pensava que minhas raízes rurais, afinal, me serviam naquele momento pra me aproximar das pessoas e quebrar algum estereótipo mobilizado dentro daquela micro-cena. Mais tarde, bem mais tarde, naquele dezembro de 2015 em que me encontrava em Mindelo ouvindo uma senhora, ex-combatente da luta pela libertação de Cabo Verde e Guiné-Bissau, que falava de sua experiência no evento que mencionei há pouco, foi que me reconectei novamente com a micro-cena corriqueira que acabo de descrever. A senhora falava do seu primeiro contato com o homem português, com a materialidade da figura colonial. Ela lembrava dolorosamente do dia em que assistiu o pai ser violentamente agredido por um português, na altura seu patrão. E contava como aquela cena construiu o seu olhar sobre os portugueses, sobre os colonizadores (na condição de pessoas que diretamente representavam esse regime), sobre a colonização (enquanto processo em si). Dizia do ódio que por anos nutriu por toda gente de origem portuguesa e como esse ódio foi canalizado em luta depois das palavras que Amílcar Cabral lhe dirigiu: "não devemos odiar os portugueses e sim o colonialismo".

Esse momento me reconectou com minha micro-vivência e me fez pensar: com quais brancos essas pessoas estão acostumadas? Com que tipo de comportamento branco, ocidental, europeu, estão familiarizadas? Que tipo de expectativas, resistências e desconfianças esse imaginário histórico forjou? E fiquei lembrando dessas palavras e pensando que se um micro-ato, aparentemente tão sutil e insignificante, de encostar-se em qualquer lugar para comer pode ser visto com assombro e desconfiança, é porque historicamente mesmo esses micro-atos estiveram provavelmente revestidos de hierarquias, subjugações, desumanizações e violências várias, como ainda é possível notar, de forma mais velada, nas relações atuais com alguns portugueses. É porque a pessoa-branca-estrangeira (mesmo não sendo europeia) mobiliza, desde os seus pequenos atos, todo um acervo de experiências de longa profundidade histórica que cristalizou noções e afetos em torno desse dos corpos objetivados nessa classificação de mundo. A cada pessoa-branca-estrangeira que chega as mentes reconectam-se com experiências pretéritas que reativam e reatualizam essas noções e afetos.

Então, nesse lugar imaginado que se materializava nos meus primeiros contatos, sou a mulher branca, qualificação racial que vem quase sempre colada ao atributo do estrangeirismo, e cuja representação se construiu na intersecção do colonialismo e da escravização. Sou também a mulher brasileira, e aqui nesse adjetivo sou mais localizada, uma definição que anda, quase sempre, lado a lado com o rótulo de prostituta e com os referenciais mais gerais de sexualização. E, por isso também, uma adjetivação que transita entre os sentidos de objeto de desejo e de ameaça, mas sempre objeto. Certo dia, em meados do começo de 2014, minha primeira passagem por Cabo Verde, andava nas proximidades do mercado Sucupira, na descida do Plateau, com uma outra amiga, estudante da UniCV e residente no interior do Concelho de Santa Cruz, íamos pegar o hiace (van) para a sua casa. Nesse caminho, um jovem de cerca de uns vinte, vinte e poucos anos, a gritou ainda ao longe antes de nos aproximarmos e ao passarmos por ele, o moço pegou-lhe pela mão, cumprimentou e emendou a pergunta: *keli é di*

kenha? (essa aqui é de quem)? Referia-se a mim, e naquele instante eu só pensava: que de novo, pela enésima vez, um homem perguntava de quem eu era. Minha amiga logo retrucou, antes que eu respondesse qualquer coisa: isso é jeito de falar! Por acaso agora ela é objeto pra você perguntar de quem ela é? Nós não somos objeto pra ser propriedade de ninguém! Enquanto o moço ria e dizia pra ela falar logo de quem eu era ou se eu não era de ninguém, e deixar de bobagem. Minha amiga riu, falou pro rapaz parar de achar que a gente era tola e de chegar se expressando daquela maneira, que por isso ela também não iria respondê-lo como ele queria. Sim, ele queria saber de quem eu era, se era casada ou com compromisso com alguém ou se era solteira, mas também queria saber quem eu era, qual relação minha amiga tinha comigo.

Mas, diferentemente das mulheres que sempre perguntavam “quem eu era” (ser, pessoa identificável e classificável) e “de onde eu era” (origem, passado, trajetória) antes de qualquer coisa, a maioria dos homens sempre iniciavam uma interação perguntando “de quem eu era”. E por mais que eu tentasse relativizar os termos dessa interação eu não conseguia negar essa semântica que remetia ao livre acesso dos homens aos corpos das mulheres e à forma como noções de propriedade são tomadas como fundantes das relações afetivas, sexuais e conjugais entre mulheres e homens. A cena que aqui descrevo demonstra não ser esse entendimento uma mera projeção de sentidos ocidentais. Minha amiga me surpreendeu acionando essa rede de sentidos, pois até aquele momento eu jamais havia comentado com ela meus desconfortos com essa abordagem masculina. Talvez ela astutamente já tivesse me lido em outras ocasiões e considerado que aquela seria a melhor performance para me passar confiança, mas esse tipo de cálculo geralmente nem sempre se manifesta em reações espontâneas que respondem a interpelações inesperadas.

Minha amiga também sabia o que era ser objetificada, ainda que fosse uma objetificação diferente daquela que era dirigida a mim. Uma objetificação ambivalente,

como coloco, pois, se por um lado, pode configurar-nos como objetos de desejo, por outro, também nos configura como objetos de desconfiança por parte de outras mulheres na medida em que a mulher que é objeto de desejo passa a ser vista como uma ameaça à estabilidade (ainda que precária) dos relacionamentos. Essas cenas me levaram a carregar comigo, durante todo tempo, as sensações da objetificação, que com o desenrolar dos dias, semanas e meses de convivência e de intimidade foram ficando leves e sendo jogadas para um canto de mim, mas que sempre estiveram ali. E por isso eu digo que a proximidade e a intimidade eram um teto seguro debaixo do qual essas sensações podiam ser postas um pouco de lado na medida em que eu podia ir saindo desses rótulos-invólucros estereotipados que em algumas circunstâncias me objetificavam e me distanciavam para ir sendo feita pessoa e próxima.

São muitos os rótulos-envólucros que me guardam, me localizam, me definem, e que são também rótulos desnudantes ao passo que me revelam e me expõem. E cuja atribuição está alheia à minha vontade, ao meu desconforto ou discordância com eles. Cada um deles é acionado de modos diversos, em diferentes momentos e contextos, a depender dos sentidos, interesses e relações em jogo. Cada um deles pode ser mobilizado de forma positiva ou negativa a depender da situação, pois guardam em si essa ambiguidade e ambivalência que os tornam também móveis e maleáveis. A pessoa-branca-estrangeira-suspeita-ameaçadora pode ser num dado contexto, pelo mesmo rótulo do estrangeirismo ocidental, pessoa-branca-estrangeira-admirada-protegida. São rótulos-invólucros que me revelam na mesma proporção em que revelam quem me nomeia e me adjetiva, e que colocam em evidência também as noções, sentidos e afetos que configuram cada contexto e situação. Uma vez que, essas vestimentas rotulares, corporificam as formas como sou imaginada, significada, aceita, desejada, valorizada, aproximada, suspeita, rechaçada, desqualificada, afastada.

Não quero com isso sugerir que sob o teto da proximidade e da intimidade estamos

protegidas totalmente desses rótulos e estereótipos, criados por representações e imaginários nutridos por percursos históricos específicos e por fluxos culturais de diversas fontes. Mas que a intimidade tem o potencial também de reorientar e ressignificar tais representações e imaginários, assim como pode reforçá-los em alguns momentos e em determinados contextos de pesquisa. No meu caso, os rótulos-invólucros de que falo se rompem, dão origem a novas pessoas desse lado daqui e do lado de lá, pessoas ainda atravessadas por esses imaginários, contudo, não mais reduzidas a eles. Rótulos-invólucros mais frágeis, mais permeáveis, menos rígidos, cuja matéria é móvel e maleável. Quando as relações e trocas se fazem não sou mais a estrangeira apenas. Não sou mais a branca apenas. Não sou mais a prostituta apenas.

Não sou mais o objeto de curiosidade, escrutínio e desconfiança apenas, o objeto de deslumbre, assombro e interesse apenas. Sou também pessoa de afetos, sou também pessoa de origens, pessoa localizada e localizável, mas também móvel. Sou também pessoa de confiança, de fragilidades, de convicções, de fé, de lutas, sou pessoa diferente e distanciada, mas também pessoa aproximada. Sou também mulher de experiências e de inexperiências e desconhecimentos, sou também ignorante de tantos mundos existentes. Mas, para além de como sou (re)conhecida e entendida, sou feita pessoa-mulher pelas pessoas que escolheram me acolher, apenas.

Quando as relações e trocas se fazem, as anfitriãs que me escolheram, me acolheram e me fizeram pessoa aproximada, também não são mais alteridades radicalmente distanciadas do meu substrato cultural, figuras icônicas de uma suposta África profunda presente nas "descrições densas" de monografias clássicas dos primórdios da antropologia. São pessoas de cotidianos comuns que desfazem aquela exotização residual, que busca por uma singularidade que aparta certos grupos sociais da conexão com um mundo moderno, ainda presente nas camadas profundas do subconsciente, mesmo de pesquisadores das humanidades. São mulheres também de experiências e

inexperiências, afetos, origens, conhecimentos e desconhecimentos, crenças e descrenças, de resistências e fragilidades, de histórias e sonhos, junto às quais eu busquei aproximação. Pessoas-mulheres diferentemente localizadas em seu contexto sociocultural, com trajetórias atravessadas de modos singulares por diferentes desafios, limitações, sonhos, oportunidades, experiências, lembranças, expectativas e buscas.

O que quero dizer, enfim, é que a proximidade, o acolhimento, o caminho de ser feita amiga e família pelas pessoas com as quais fui realizar um trabalho de pesquisa – trabalho este que não começa nem termina sendo apenas isso –, todo esse percurso me trouxe respiros cada vez mais confortáveis, mais acolhedores, mais profundos, mais leves, e muito menos angustiados do que aqueles que tive nos primeiros dias e semanas na cidade da Praia. Eu também escolhi as relações próximas e estreitas não só porque os termos da pesquisa assim exigiam, mas porque na intimidade me sinto segura para respirar, e respirar melhor, para existir. Se, por um lado, essa escolha permite um aprofundamento das relações e, portanto, de acesso a determinados elementos da pesquisa, por outro, ela implica num escopo mais restrito e na opção por trabalhar com as experiências de um número menor de pessoas. Também escolhi o amparo da intimidade porque os limites e dificuldades que um trabalho de pesquisa impõe para mulheres pesquisadoras foram mais presentes e visíveis para mim nessa experiência e não lhes subestimei os efeitos. Mas, escolhi relações e reconheço que fui também escolhida, que não defini sozinha as formas e caminhos dessas relações e, conseqüentemente, os termos e limites da pesquisa como um todo.

Respeito tais limites e trabalhei o que foi possível dentro deles porque não acredito que as “credenciais” de pesquisadora me confirmem licença irrestrita para escrutinar todos os cantos da vida das pessoas, já que escolhi como convicção o entendimento de que elas não são meros objetos do meu fazer profissional, mas também agentes nesse processo. E, sendo também agentes na medida que lhes é possível, elas conduziram em vários

momentos o desenho das nossas relações e o que queriam dar a conhecer sobre si a partir do que lhes era possível conhecer de mim, da nossa troca. Se me proponho uma troca honesta e minimamente horizontal, opto pelo pacto no qual nos escolhamos e nos acolhamos mutuamente em relação. Opto, aqui por uma tentativa de nos fazer agentes desse processo de conhecimento e elementos de conhecimento, ainda que, dado o meu protagonismo em vários momentos desse percurso, essas posições e as trocas que dela decorrem não se façam de forma igual.

Sendo essas relações mais que pesquisa, sendo as pessoas dessas relações mais que objetos, mais que cientistas, visto serem todas trabalhadoras dos saberes à sua maneira, argumento que não se pode entendê-las apenas como relações de pesquisa e nos termos da pesquisa. Essas relações extrapolam em muito os limites da pesquisa, porque o trabalho de pesquisa não configura uma mágica pela qual se aparta e se suspende a dinâmica da vida que se impõe sobre cronogramas, roteiros e planejamentos. Ao contrário, trata-se de um processo de conhecimento que depende do acompanhamento das rotinas cotidianas das pessoas nos tempos e roteiros imprevisíveis do existir. A antropologia já falou tanto disso e eu aqui firmando esses pontos pareço repetir o óbvio. Contudo, meu ponto não é a antropologia fazer-se ciente disso em textos que debatem assuntos metodológicos, mas o fato de que passamos anos lendo inúmeros trabalhos dos “clássicos” aos contemporâneos e essas questões parecem não se transpor para as práticas dos nossos escritos, mantendo-se numa prática discursiva vazia. E estou ciente de que aqui eu posso ser mais uma a me aventurar nessa tentativa vazia sem obter êxito. Ainda assim, opto por me expor a isso numa aposta em uma narrativa auto-reflexiva, menos focada no potencial das representações e mais afinada com os processos de subjetivação e subjetividades colocadas em relações de aproximação e confronto.

Essa perspectiva me colocou a levar mais a sério algumas questões. Então, só as

peças que nos colocamos a conhecer permanecem no curso da vida? Apenas elas seguem atuando como viventes pura e simplesmente? Quando as convidamos a se inserirem em nossos processos de conhecimento e trazerem os seus processos de conhecimento pra dentro dos nossos, partilhando-os conosco e colaborando com nossas elaborações, estão elas apenas tocando suas vidas normalmente? Estão elas, apenas vivendo enquanto nós estamos produzindo conhecimento? Nós não estamos também vivendo e elas também não estão produzindo conhecimento? Se sim, por que essas questões somem no momento em que compartilhamos essa experiência com mais pessoas em nossos textos? O que a autoria textual nos faz e nos permite invisibilizar? Faço essas perguntas porque a escrita acadêmica, etnográfica, por vezes tem o hábito de higienizar os relatos de pesquisa (e nos especializamos nessa tarefa), de modo a apartar a complexidade do viver da complexidade do pesquisar, ou trazê-los de maneira seletiva, na medida que o primeiro figura como ilustrativo do segundo, não se fazendo visível por sua potência reflexiva própria. Algo para o qual Potyguara e Ana Carolina vêm me chamando atenção e sobre o qual temos buscado pensar juntos. Mas, faço essas perguntas – e pergunto junto com Potyguara: há vida na pesquisa? – também porque penso ser uma ilusão acreditar que estamos, enquanto pesquisadores, nos retirando das nossas vidas, apesar da suspensão da rotina que alguns contextos de pesquisa permitem. Ilusão esta que antropólogos teimam em sustentar para poderem, em última instância, se proteger das escolhas, classificações, definições e objetificações feitas por aqueles com quem se relacionam em pesquisa ao invisibilizá-las e evitarem com elas dialogar. Um diálogo que exige autorreflexão, autocrítica, exige subjetivar-se e também objetivar a sua existência histórica e culturalmente enquanto pessoa-vivente, pessoal localizada, racializada, generificada. Nessa situação que, ao contrário do que desejam conformar como sendo apenas pesquisa, conjuga pesquisas, modos de conhecimento e vidas, e configura pesquisas como modos de conhecimento e vivências, parece residir em nós um temor de que as “pessoas pesquisadas” e “pesquisáveis” não “se portem” como objeto apenas. E se não se portam, ainda há no

texto a possibilidade de confinar as suas agências aos bastidores e recusar um diálogo menos verticalizado. Contudo, esse lugar confortável que conforma a situação privilegiada de quem historicamente teve prioridade para falar do “outro” e definir quem seria “outro”, parece estar progressivamente sendo desestabilizado pelo ingresso de grupos antes outrificados nos espaços acadêmicos.

Foi nessa e dessa posição universal, indeterminada, não adjetivada, não localizável, não implicada ou implicável, não questionadora e tão pouco duvidosa de si e de sua artificialidade, que antropólogos cuidaram e continuam cuidando, em manter intocada a barreira que aparta a pesquisa e a vida, que aparta quem fala de quem se fala, que tenta reproduzir neutralidades-escudo, imparcialidades-muro. Mas muros são saltados, derrubados, escudos são partidos, e o que se desnuda por trás dessa frágil ilusão, que ainda recebe o nome de método etnográfico, é o fato sempre recorrente, desde os trabalhos que se convencionou chamar de clássicos, de que a condução de uma pesquisa é dívida com nossos supostos objetos – pessoas que nos escolhem e não, nos acolhem e não, nos fazem amigos e não, nos fazem família e não, nos fazem pesquisadores e não. Porque toda pesquisa é também pesquisa, mas não é apenas pesquisa. E as pessoas das pesquisas nunca foram e nunca são apenas pesquisadoras e objetos de pesquisa. Não nas ciências sociais!

De modo que pesquisa diz respeito também a pessoas que aprendem a respirar juntas, a compartilhar ares, ideias, maneiras, gestuais, entendimentos, limites e possibilidades, dificuldades, dores, alegrias, experiências do viver. Minha experiência do “viver a pesquisa” e a relação com Cabo Verde iniciou-se ainda aqui no Brasil, quando conheci Mirela, estudante cabo-verdiana nascida na Ilha de São Vicente e que, na altura, cursava graduação na UnB e colaborou com minha pesquisa de mestrado. E essa relação estreitou-se quando no doutorado ela me apresentou sua amiga Ivdilizy, também estudante de graduação na UnB, nascida na Ilha de Santo Antão, e com quem comecei

a ter meus primeiros contatos com a língua crioula. Foram muitos os respirares entre esses momentos que antecederam o trabalho de campo propriamente dito e o momento atual de escrita, bem como entre minha primeira incursão em campo em 2014 e a segunda em 2015. Foram quatro meses na primeira, um intervalo de treze meses e uma temporada de seis meses na segunda, que findou no início de 2016. Nesse ínterim, relações se mantiveram e se estreitaram, outras mudaram, outras tantas não resistiram. As vidas das pessoas mudaram, algumas delas se deslocaram pelo arquipélago e fora dele, configurações familiares e relações de amizade se transformaram, as jovens que conheci na UniCV estavam formadas ou concluindo seus cursos. A vida foi configurando tempos e espaços múltiplos, respirares e conhecimentos vários, e uma pesquisa que começou de uma maneira terminou de outra, eu que era uma pessoa fui feita outra e nossas biografias se refizeram nesses encontros.

A universidade foi o espaço que primeiro nos apresentou, o teto acolhedor das ciências humanas nos aproximou e ofereceu linguagem à nossa comunicação, elas também estudantes, respirando os ares dos espaços acadêmicos e aspirando novos ares nos percursos profissionais. Os debates em sala de aula e as conversas descontraídas nos intervalos e após as aulas deram continuidade ao meu insipiente aprendizado da língua crioula e me forçaram a experimentar as primeiras palavras que eu, envergonhadamente, arriscava pronunciar. Foi nesse ambiente que algumas jovens estudantes aprenderam a conviver com minhas cansativas solicitações para repetirem palavras, frases, causos, histórias, com minhas interrupções angustiadas, e por vezes inconvenientes, para que pudesse partilhar dos assuntos e construir proximidade, me fazer amiga. E os respiros foram ficando cada vez mais aliviados, leves, e menos constrangidos e envergonhados, a cada palavra pronunciada, a cada expressão compreendida, a cada piada que não precisava ser explicada. Mas, se eu pude respirar melhor e interagir na língua e nos termos locais foi graças à paciência da jovem estudante Simone que, incansavelmente, repetia palavras e seus significados e usos,

corrigia minha pronúncia sem deixar de achar graça do meu crioulo precário. Minhas primeiras relações, com ela e com outras jovens, se fizeram nesse âmbito institucional que é a universidade, mas que também respira o frescor da juventude e de suas inquietações.

Nesse espaço surgiram as primeiras interpelações, os primeiros questionamentos acerca de minha, então, insipiente pesquisa e que fui tomando conhecimento de noções e imaginários acerca das mulheres jovens. Alguns professores acreditavam que eu deveria delimitar melhor meu recorte de pesquisa e investigar o marco de passagem das moças para a idade adulta, que supunham a maternidade. Outros pensavam que meu recorte de pesquisa poderia ser a relação dos jovens cabo-verdianos com a universidade. De fato o ambiente formal de ensino corresponde a um pedaço grande das trajetórias e ocupam boa parte do cotidiano dos jovens que encontram condições para tal, e de alguma maneira aqui exponho também essa relação. Mas, sempre me incomodavam as questões muito fechadas, primeiro porque eu apostava na diferença e na multiplicidade de trajetórias, de passagens, de idas e vindas, de fluxos e rupturas, segundo porque muitas pessoas da antropologia já haviam me dito pra não ficar presa às especulações iniciais, pois o campo faria a pesquisa acontecer de acordo com suas dinâmicas.

A despeito de todas as respostas prontas e resolutivas que por vezes eu sentia que esperavam de mim, foi um bom começo ir me aproximando da realidade cabo-verdiana por este caminho, conhecendo como essa sociedade é pensada pelas suas e pelos seus intelectuais. Encontrei nas pessoas das professoras Clementina Furtado, Celeste Fortes, Carmelita Silva, Lourdes Gonçalves, Eufémia Rocha, Eurídice Monteiro e do professor Crisanto Barros, e no espaço do CIGEF (Centro de Investigação em Gênero e Família), o acolhimento, apoio, muitas questões provocadoras da minha mente inquieta e reflexões que se fazem presente nas minhas elaborações em torno dessa pesquisa. Assim como encontrei estudantes de mente tão inquieta quanto a minha que compartilharam suas

reflexões dentro e fora da sala de aula e me conduziram por leituras diversas sobre a realidade que os cercam e suas construções e apropriações teóricas nesse espaço acadêmico.

Mas a universidade é o que é em todo lugar, e pode na mesma medida proporcionar respiros angustiados e leves, contidos e profundos. Se no meu primeiro período em campo ela foi meu refúgio e um espaço mediador dos meus primeiros estranhamentos, da minha superação da posição de estranha e das minhas inseguranças com a língua e a cultura para mim novas, no ano seguinte eu fiz poucas e breves aparições ali apenas para assistir a debates em seminários e defesas. Não só porque as jovens com as quais pesquisava já não tinham mais vínculo com aquele espaço, mas, sobretudo, porque ali o rótulo-invólucro de branca-brasileira-puta era, infelizmente, acionado com mais frequência e de forma mais constrangedora do que em outros espaços. Além disso, o tempo para interação com as estudantes era restrito aos breves intervalos. E se num começo, na minha chegada, fazia muito sentido estar ali no objetivo de conhecer pessoas e tecer os primeiros contatos, na minha segunda ida, que pretendia manter uma continuidade das relações construídas anteriormente, estar ali já não fazia mais sentido, pois a universidade já não era mais um espaço que compunha o cotidiano daquelas jovens. Comecei meu percurso de campo respirando os ares das salas de aula da Universidade de Cabo Verde e terminei respirando os ares das ribeiras e picos dos interiores da Ilha de Santiago, com uma breve passagem pela encantadora cidade do Mindelo na Ilha de São Vicente.

Ainda assim, a universidade era sempre um espaço presente mesmo que não estivéssemos em contato físico direto com ele, e se manteve um lugar mediador para as relações com minhas amigas e com as pessoas das suas convivências, que se tornaram também pessoas da minha convivência cotidiana. Eu fui quase sempre vista como uma estudante por minhas amigas e suas famílias, como suas colegas de faculdade, ou a

amiga brasileira que foi estudar em Cabo Verde. E me senti confortável vista e entendida como estudante, respirei bem nesse lugar, porque ele se traduzia pra mim como um lugar de aprendiz, de alguém motivada por conhecer e por partilhar aquilo que o aprendizado guardou na mente e no corpo, por aprender a viver ali e sobre como várias pessoas em momentos diferentes da vida fizeram suas vidas ali. Assim como eu, naquele momento, também fazia um trecho da minha vida ali.

Então é do lugar de aprendiz que falo. Todo esse percurso só foi possível pelo cultivo da disposição e do esforço em aprender, mesmo antes de deixar minha casa e minha família para fazer casa e família em outro lugar. Todo o tempo em Cabo Verde se fez pelo aprender. Aprender andar nas ruas, a chegar aos lugares, a gerir o cotidiano, a conhecer pessoas, a fazer amizades, a evitar perigos, a estar acompanhada das pessoas certas, a dar, receber e retribuir, a falar, a ouvir, a entender, a vestir-se, a dançar, cantar músicas de festivais, a administrar o dinheiro e a assimilar os custos de vida e o funcionamento dos serviços. Aprender a acostumar-se (e a sentir a falta): com a comida, com a rigorosa gestão da água, com o clima, com o transporte, com o vai e vem entre interior e capital, com a rotina nos interiores, com as casas cheias de crianças, com o barulho dos mercados, com as distâncias percorridas a pé, com as caronas nas beiras das estradas, com o amanhecer nas festas. Aprender a lidar: com o assédio dos homens, com a desconfiança das mulheres, com as diferenças culturais, os desencontros de comunicação, com os silêncios, com as vezes em que não fiz parte dos diálogos, com a frustração do que não consegui entender, com o cansaço da rotina atarefada das mulheres, com a falta de privacidade, com a solidão, com as expectativas e cobranças minhas e das pessoas, com os conflitos e com a posição de mediadora que por vezes eu era levada a ocupar. Aprender a apreciar e admirar: as conversas nas calçadas e quintais, a culinária, as festas, a beleza de pessoas e lugares, as artes do vestir e do pentear, a música e a dança, as brincadeiras das crianças, o pôr do sol à beira mar, a disposição das pessoas em bem receber, as histórias de pessoas e lugares,

a chuva e a fartura, a seca e a poeira, a cachaça forte, as festas e seus banquetes, os tempos de milho e de feijão, a confluência de paisagens e pessoas.

No fim, a orientação teórica, que direcionava o olhar para a tentativa de decifrar como mulheres jovens adentram ou projetam adentrar a vida adulta e de entender como suas feminilidades são construídas nesse processo, foi mudando. Foi se movendo de um lugar muito focado em passagens marcadas e estabelecidas socialmente, assim como em expectativas e representações da juventude socialmente compartilhadas, para as especificidades das trajetórias individuais e o desenrolar das experiências e de seus significados nesse momento da vida. E foi, então, dando lugar a um esforço de pesquisa mais preocupado com as formas como essas jovens pensam sobre suas vidas e todas as circunstâncias que precisam gerir ao longo de suas trajetórias, como essa gestão diária das vidas vai cortando e entrecortando seus trechos existenciais, criando conhecimentos compartilhados, alimentando imaginários, planos e sonhos, conformando expectativas e papéis que vão sendo o tempo todo remodulados nas relações que tecidas dia a dia. Todas essas questões parecem, para mim, caminhar para como relações e pessoas criam pessoas, e como ciclos etários se constituem pelas experiências concretas e se atravessam uns aos outros compartilhando e criando sentidos provenientes de temporalidades e espacialidades específicas e delas constitutivos. Aquilo que chamei de pesquisa e os pontos que estabeleci e tomei por objetivos e questões foram se distanciando de uma lógica de entendimento compreendida prioritariamente por meio de marcadores socialmente compartilhados e de noções fixas de passagens entre as chamadas fases da vida, para ir se aproximando de questões mais subjetivas, das agências, da diversidade de trajetórias, contextos e situações, dos processos do conhecer, do aprender e das composições múltiplas (mas não menos aproximadas e aproximáveis) de pessoas, corporalidades e subjetividades.

Esse movimento desemboca numa busca por uma narrativa que se valha menos da

interpretação e da representação, e mais do diálogo e da autoenunciação, e da persistência num texto feito no atravessamento de subjetividades. Mas, onde a subjetividade é vista também como potência histórica e coletiva ao carregar, em sua composição, outras subjetividades e experiências historicizadas, coletivizadas, generificadas e racializadas. E, ainda, ao inscrever-se no curso histórico e coletivo de um dado contexto por meio da sua autoenunciação, do elaborar e compartilhar de histórias e biografias. Em vários momentos percebi que memórias pessoais se misturavam a memórias compartilhadas e também se construía com essas memórias compartilhadas, se cruzavam com memórias coletivas e, em última instância, as criavam e compartilhavam. De modo que, partindo de um pressuposto que considera subjetividades em relação e na sua transpessoalidade, a tentativa aqui é aproximar as biografias e suas narrativas e as diferentes experiências de jovens cabo-verdianas no sentido também de construir um registro – limitado, temporal e localizado – de uma pequena fração de elementos mais gerais que compõem o seu tempo.

Assim, as histórias dessas jovens se misturam as de outras tantas e com elas se comunicam, vocalizando sentidos, sentimentos e conhecimentos presentes em experiências pelas quais muitas mulheres passam ou já passaram. Há aqui uma narrativa possível que corresponde ao trecho da vida onde se cruzaram trechos de vidas de jovens cabo-verdianas, da sua jovem nação com a minha própria trajetória na travessia do atlântico que possibilitou esse encontro. Então, chego ao fechamento-abertura desse trecho de texto com um respiro de aprendiz, de aspirante inspirada, menos desiludida, mais acreditada, porém, lembrando a mim mesma que o que conheço é sempre uma parte circunstanciada que tem o potencial de se ampliar na medida em que se põe em diálogo. Assim, o fechamento dessa pesquisa num ato-final-tese é também abertura porque se pretende potencialmente dialógico, num desdobrar-se e reiterar-se em movimentos novos, em novas trocas, em outros respirares, sempre compartilhados.

ERGUE
AGUENTA
APOIA
CONSERVA
NUTRE
EDIFICA
PROTEGE
FORTALECE

-TE



Desenho 6: sustentação

INSISTE
DEFENDE
CONTINUA
AFIRMA
RESISTE

atalho
caminho secundário, derivado de um principal, pelo qual se encurtam distâncias e/ou se chega mais rapidamente ao lugar de destino; corte, vereda; maneira de se conseguir alguma coisa em menos tempo ou com menos esforço do que por meios normais; situação difícil; embaraço, estorvo, obstáculo; via de entrada em um sistema; ponto de entrada, porta de trás.

ATALHO

PASSANDO POR CABO VERDE

Cabo Verde é um arquipélago composto por dez ilhas, sendo nove delas povoadas, e dois grupos de ilhéus, que se situam na margem sul do Atlântico a cerca de 500 km do continente africano. As ilhas são divididas em dois grupos em relação aos ventos alísios dominantes, ilhas de Barlavento ao norte e de Sotavento ao sul. O primeiro é constituído pelas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boa Vista e ilhéus de Branco e Raso, enquanto o segundo abrange as ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava e os ilhéus Secos ou do Rombo (PEREIRA, 2014). As ilhas foram ocupadas por europeus no contexto da expansão europeia entre 1460 e 1462, uma vez que, de acordo com Pereira (2014), o acontecimento se deu por meio de dois grupos em viagens distintas e sucessivas que fizeram do arquipélago uma colônia portuguesa. A partir daí os portugueses introduziram diversos elementos necessários ao povoamento das ilhas e ao controle territorial, sobretudo espécies vegetais e animais, já que as condições naturais do arquipélago eram desfavoráveis à ocupação humana.

O povoamento de Cabo Verde, dentro do contexto colonial, começou pela ilha de Santiago onde foi criada a primeira capital, Ribeira Grande. Contudo, diante do insucesso de algumas práticas agrícolas, a metrópole permitiu que os moradores da ilha comercializassem escravos da costa ocidental africana conforme registra Pereira (2014).

Cabo Verde torna-se, então, um entreposto do comércio de escravos, bem como de apoio logístico à navegação no atlântico. Nessa condição de ponto de encontro (e tão mais de confronto) de diversos fluxos, o arquipélago passa por um povoamento descontínuo e uma trajetória marcada pela passagem de uma sociedade escravocrata para camponesa, como afirma Correia e Silva (2002). Um processo de formação social que caracterizou-se, pois, pela constituição de uma “sociedade crioula, agro-escravocrata e mercantil” (CORREIA E SILVA, 2013, p. 85), cuja configuração é produto de intensos e duradouros contatos entre colonizadores europeus e escravos africanos.

De acordo com o autor, na base desses contatos estiveram relações de poder profundamente desiguais e que geraram formas sincréticas de cultura. Ao longo desse processo a história do arquipélago foi se construindo numa conjunção complexa com os continentes europeu e africano que se desdobra e se refaz até os dias atuais em arranjos por vezes ambíguos e descontínuos. Tal configuração tem permitido diferentes abordagens da formação social cabo-verdiana, a começar pelo entendimento de que ela é produto de um processo de *crioulização*, tido ou simplificado, muitas vezes, como um resultado de fluxos, encontros, misturas, trocas e apropriações diversas, cuja compreensão a partir dessa ferramenta analítica tende a invisibilizar as assimetrias das relações presentes nesse processo. Contudo, mais do que destacar a especificidade sociocultural e identitária cabo-verdiana, tal processo aponta para a posição liminar e intermediária dessa sociedade que ao longo de sua história atuou também como mediadora dos contatos entre europeus e africanos (ANJOS, 2003).

Um processo que nos coloca diante do desafio de reconstruir os percursos históricos que permitam delinear os tipos de continuidade que o arquipélago tem mantido tanto com Europa quanto com África e qualificá-los em termos de suas proximidades, distanciamentos, incorporações culturais, acordos políticos e trocas nos mais diversos âmbitos. E, sobretudo, que exige uma problematização dos regimes de exploração,

dominação e controle de territórios colonizados e de seus povos. O que, em última instância, implica repensar as bases em que se fundaram e se justificaram sistemas coloniais baseados nesses processos de crioulização, tanto quanto suas consequências e desdobramentos, e também as implicações de se dar maior relevo a crioulização do que à colonização e à escravização enquanto processos sociais constitutivos de uma nação.

O fato de situar-se geograficamente fora do continente africano, mas, ao mesmo tempo, estar ligado a ele geopoliticamente, acrescido de um lugar histórico de intermediário entre países europeus e partes do continente africano, configuram um contexto que tem colocado Cabo Verde numa relação complexa e ambígua com o continente¹⁰. Apesar da pouca vinculação que o país assume tanto culturalmente, quanto politicamente, com o continente africano, Cabo Verde tentou disputar a presidência da CEDEAO (Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental) no último ano, mas a candidatura não foi bem-sucedida. O que, inclusive, gerou várias críticas nas redes sociais. Nessa complexa relação, os aportes negro-africanos têm sido, muitas vezes, considerados menos significativos e isso tem produzido debates sobre a africanidade cabo-verdiana ao longo de sua história¹¹. Mas, essa relação com o continente africano também tem sido confrontada e reconfigurada em novos arranjos pela presença relevante de imigrantes oriundos de países da costa ocidental africana (FURTADO, 2013). Arranjos estes que são marcados pelo racismo dos cabo-verdianos em relação às pessoas vindas, sobretudo da costa ocidental do continente africano, em sua maioria guineenses e senegaleses, e que têm contribuído para exacerbar questões raciais internas historicamente silenciadas pelas noções culturais criadas pelo sistema

10 Essa relação com o continente, criada no contexto do colonialismo, como ela está na base das questões raciais e do racismo em Cabo Verde é discutida no documentário "O colonialismo desligou Cabo Verde de África. Link para vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ABo4D0AENkM>.

11 Sobre as reflexões em torno das questões identitárias e de formação social cabo-verdianas, além das referências já citadas, ver: ANJOS, José Carlos dos. Cabo Verde e a importação do ideologema brasileiro da mestiçagem. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 6(14): 177-204, 2000.

colonial em torno da raça e utilizadas para manutenção da dominação de nações e povos europeus sobre nações e povos africanos.

Historicamente, a migração de modo geral também esteve entre os mecanismos que forjaram as configurações das relações do país com os continentes europeu e africano, sedimentando um padrão de emigração de cabo-verdianos para países europeus e de imigração de pessoas do continente africano para Cabo Verde. A emigração também constitui um elemento marcante da identidade cabo-verdiana, tendo sido inicialmente mobilizada enquanto alternativa de vida perante o cenário de clima severo e de escassez, e ainda é entendida por muitos estudiosos como um valor nessa sociedade. De modo que não se pode esquecer dos movimentos internos ao arquipélago que sempre estiveram presentes na sua história e em sua formação sociocultural. Cabe destacar, no entanto, que os padrões migratórios vêm se alterando ao longo do tempo diante de novas possibilidades de deslocamento ou melhores condições de fixação no próprio território, e ainda em decorrência de mudanças socioculturais que inserem novos atores nesse contexto e outras formas de mobilidade. Nesse contexto, a emigração de jovens cabo-verdianos para Europa e Estados Unidos e, por outro lado, a imigração de pessoas oriundas de países do continente africano, sobretudo homens, para Cabo Verde, configuram movimentos migratórios que respondem também a novas demandas, que resultam de novas dinâmicas de sociabilidade local e que, também, as configuram.

Fortes (2011) destaca, ainda, que a emigração não pode ser considerada unicamente uma estratégia de sobrevivência e um meio de contornar os constrangimentos impostos pela pobreza e secas prolongadas, já que atualmente há vários outros fatores determinantes nesse processo. O clima, que oscila entre aridez e semiaridez, faz com que o período chuvoso seja bastante irregular e configura uma estação chuvosa curta, de agosto a outubro, gerando escassez de chuva por longos períodos e dificultando

enormemente o acesso à água e a manutenção da agricultura. Tudo isso, associado à narrativa colonial de dominação, fez com que Cabo Verde fosse, por muito tempo, considerado um país inviável e com que ainda seja visto como um país com condições de vida difíceis. A memória das secas periódicas que, durante sua história, já chegaram a provocar fomes que dizimaram parte da população pela falta de produção agrícola e obrigaram os cabo-verdianos a emigrar pela busca da sobrevivência (PEREIRA, 2014), é ainda latente nas vivências das pessoas e também incide sobre as formas de uso dos recursos, sobre a relação com períodos de fartura e escassez, sobre a gestão da água, e nas relações entre pessoas mais velhas e mais jovens. Tais episódios passam a fazer parte da memória coletiva e são cotidianamente ressignificados junto ao imaginário de uma identidade cabo-verdiana enquanto povo resistente e sobrevivente¹².

Atualmente, a população nacional é de quase 492 mil habitantes, dos quais cerca de 62% residem em zonas urbanas espalhadas pelo arquipélago, conforme os dados do Censo de 2010 fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatísticas de Cabo Verde (INE). A concentração urbana se acentuou a partir da independência de Cabo Verde em 1975, desde então o país vem passando por um acelerado processo de crescimento econômico e transformações sociais que tiveram impulso no processo de democratização. Este foi acompanhado pela abertura comercial do país, sua inserção na economia mundial e estruturação interna, bem como por planos de ajustamento econômico e acordos de cooperação internacional. As memórias do período da luta pela libertação nacional do regime colonial, parecem se manter de forma difusa entre as pessoas e com uma penetração pequena e ainda pouco abrangente de narrativas locais junto à população, sobretudo às gerações mais jovens. Apesar desse período ter mobilizado diversas forças interna e externamente, e ter aproximado Cabo Verde um

12 Em novembro de 2014 mais uma adversidade climática se abateu sobre a ilha do Fogo onde ocorreu uma erupção vulcânica que durou cerca de três meses, tendo trazido prejuízos para os moradores ao destruir plantações, sobretudo a produção de uva bastante relevante na região em decorrência, justamente, da fertilidade das terras vulcânicas.

pouco mais do continente africano em termos de alianças políticas e relações exteriores por meio dos movimentos pan-africanistas, essa aproximação não se manteve ao longo dos anos no período pós independência.

Apesar do significativo crescimento a partir da independência, é acentuada ainda a dependência do país em relação à ajuda internacional e aos acordos de cooperação, de modo que a economia ainda enfrenta dificuldades para prover infraestrutura e um mercado de trabalho que atenda às demandas da população. Mesmo com tantas dificuldades, em 2008 Cabo Verde ascendeu ao status de País de Rendimento Médio pelo Banco Mundial (BM), o que, segundo Pólvora (2013), não se deu exatamente em função do seu rendimento econômico e sim em decorrência de uma série de outros fatores e ajustes. A elevação de status tem dificultado o acesso à assistência de doadores internacionais, uma vez que esses agentes priorizam suas doações a países considerados mais pobres e subdesenvolvidos. E isto tem gerado impactos significativos visto que, ao longo dos anos, tal ajuda tem sido fundamental para o desenvolvimento do país. No final de 2017, o país subiu duas posições no índice "Doing Business" ("fazendo negócios") realizado pelo BM, sob o slogan "Reformar para gerar empregos"¹³, e que quantifica a capacidade do país de criar empregos, atrair investimento e aumentar a competitividade. Cabo Verde e Angola figuraram no relatório como os países da África Subsaariana que realizaram três reformas nessa esfera no último ano que, no caso cabo-verdiano, foram a obtenção de alvarás de construção, comércio internacional e resolução de insolvências. Contudo, apesar da visibilidade que esses ranqueamentos oferecem e de serem instrumentos para realização de acordos internacionais, que ainda ocupam um lugar central em Cabo Verde, não se pode deixar de levar em consideração as relações que têm sido estabelecidas com o governo chinês nos últimos anos. Sobretudo, para como essas relações têm determinado uma participação cada vez mais intensa dos chineses na

13 Fonte: Lusa Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/lusa/interior/angola-e-cabo-verde-melhoram-posicao-no-indice-doing-business-do-banco-mundial-8886568.html>.

economia cabo-verdiana com intervenções em diversos níveis, desde a presença no mercado formal e informal na comercialização de bens e serviços até o financiamento de obras de infraestrutura e acordos na área educacional.

Associe-se a tudo isso as dificuldades e desafios de se administrar um país, ao mesmo tempo, dividido e unido em nove ilhas. Essas dificuldades atreladas às várias forças e poderes em disputa no contexto político e econômico do arquipélago tem configurado, ao longo dos anos, uma concentração na ilha de Santiago, que abriga a capital do país, a cidade da Praia, de instituições da administração pública, de serviços e infraestrutura em geral. Nela predomina o idioma local crioulo *badiu*¹⁴ e sua população é composta não apenas por santiaguenses, mas por cabo-verdianos das outras oito ilhas habitadas e também imigrantes vindos do continente. Nesse contexto a cidade da Praia é a que concentra a maior parte da população do arquipélago, com 131.719 habitantes dos quais 127.832 vivem nas zonas urbanas e destes 65.223 são mulheres (INE, 2010). A cidade da Praia, sendo um polo de atração de pessoas das diversas ilhas, como também possuindo uma vida social e cultural mais movimentada e maiores possibilidades para o consumo e entretenimento, se converte num ambiente bastante favorável a proposta que apresentamos visto que todos esses fatores permitem às jovens cabo-verdianas viver as mais variadas experiências.

De modo geral, Cabo Verde é um país jovem, uma vez que a idade média da população nacional é de 26,8 anos, com uma distribuição equilibrada entre os sexos, apesar de a população do sexo feminino ainda constituir maior número (INE, CENSO 2010). No que concerne à juventude, a faixa etária de 15 a 34 anos abrange 38,8% da população do país, sendo maior a concentração na faixa dos 15 aos 24 anos de idade¹⁵. Os números

14 Modalidade da língua crioula predominante na comunicação oral entre as ilhas do grupo de Sotavento. Estudiosos da língua crioula consideram que o crioulo cabo-verdiano decorreu da associação entre a base lexical do português e vocábulos originais de línguas africanas.

15O Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde considera a faixa etária de 15 a 24 anos corresponde à população juvenil, seguindo o mesmo parâmetro estabelecido pela Organização das Nações Unidas

do instituto apresentam ainda um índice de dependência dos jovens de 51,1% e uma taxa de desemprego de 18,5% para homens e 25,2% para mulheres na faixa etária de 15 a 24 anos. Tal quadro nos remete ao que Martins (2011) denomina como “paradoxo de oportunidades”, que reflete a discrepância entre os discursos governamentais e a realidade apresentada pelas estatísticas. Enquanto o discurso oficial é de que nunca houve tantas oportunidades em Cabo Verde, sobretudo para os jovens, a realidade demonstra que tais “oportunidades” não são facilmente acessadas e não estão disponíveis igualmente para todo o segmento jovem.

Apesar de a média de anos de estudo ser de 8,5 para a população jovem cabo-verdiana entre 15 e 24 anos, e de 8,9 para as mulheres na mesma faixa etária (ligeiramente superior ao índice masculino que é de 8,2%), apenas 5% da população possui ensino superior (INE, CENSO 2010). Ainda de acordo com o último censo, entre a população ativa ocupada as mulheres estão em menor número, representando 43% enquanto os homens 57%, sendo as taxas de desemprego entre as mulheres superiores em relação aos homens, exceto na faixa etária acima dos 45 anos. Observamos, pois, que apesar de possuírem um índice de anos de estudo acima da média geral para a camada juvenil, as mulheres parecem encontrar dificuldades para ingressar no mercado de trabalho, ou, pelo menos, no mercado formal. Apresenta-se uma realidade onde os melhores postos e oportunidades de trabalho ainda são majoritariamente destinados aos homens e por estes ocupados, conforme destacam Évora (2011) e Costa (2011) ao tratarem do desequilíbrio na distribuição de poder entre homens e mulheres e o controle da esfera política pelos primeiros. Contudo, vale ressaltar que Cabo Verde conta com um número expressivo de mulheres ocupando cargos na no poder executivo nacional, sendo o segundo país do mundo com maior número de ministras em 2015¹⁶. Porém, com número muito reduzido no executivo local (municípios) e no legislativo tanto no âmbito

(ONU) e pelo Banco Mundial (BM), apesar de a União Africana (UA) considerar que o seguimento da juventude no continente abrange a população dos 15 aos 35 anos.

16 Disponível em: <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article108086>. Acesso em 08/04/2015.

local quanto nacional.

Tal desigualdade no acesso ao poder e atuação em espaços públicos é histórica e responsável por um apagamento da participação das mulheres na vida social, cultural e política da sociedade cabo-verdiana. Como demonstra Cabral (2011), ao analisar documentos dos séculos XVI a XVIII referentes às mulheres da elite santiaguense, a presença destas em documentos oficiais bem como a sua participação em atividades públicas e comerciais vinculavam-se quase que exclusivamente aos seus maridos e às suas famílias. Apenas algumas poucas mulheres, de acordo com a autora, tinham uma inserção e participação social independente dos seus cônjuges e este grupo era constituído predominantemente de viúvas. No entanto, a autora destaca que “a mulher casada pertencente a camada pobre participava, necessariamente na ‘economia exterior à casa’, ganhando assim os meios indispensáveis para ajudar o marido no mantimento da família” (CABRAL, 2011, p. 26).

Esses dados demonstram que, paralelamente às muitas desigualdades em relação aos homens, historicamente as mulheres ocupam também um papel essencial no âmbito doméstico e na reprodução social do agregado familiar. Até os dias atuais observa-se uma tendência matrifocal na organização familiar, como aponta Correia e Silva (2013), dada a centralidade das mulheres no campo do parentesco e no âmbito doméstico, mesmo quando há presença do marido/pai. E, nesse sentido, a sobrevivência e reprodução dos agregados familiares dependem em grande medida do trabalho feminino, sendo visível a participação das mulheres, nessa “economia exterior a casa” quando se circula pelas ruas da cidade da Praia e pelos seus principais mercados. Elas se destacam entre os vendedores ambulantes dos mais variados produtos desde alimentos a roupas, e também nas bancas e lojas dos mercados. O que também implica em desvincular o papel das mulheres do ambiente doméstico e da esfera do parentesco apenas, já que sua centralidade na reprodução cotidiana da vida e na formação das

pessoas de suas relações, sejam elas restritas à família ou não, ultrapassa a dimensão da vida privada e coloca as mulheres como figuras centrais também nos espaços públicos.

De acordo com os dados do Inquérito ao Setor Informal de 2009 realizado pelo INE no âmbito nacional, as mulheres representam 49% da população inserida no mercado informal, enquanto os jovens menores de 25 anos somam 14%. Em termos gerais, boa parte da população empregada se concentra na área descrita como “serviços e vendedores” conforme o Censo de 2010, sendo que 70% encontram-se na condição de autônomo ou “autoemprego” como aponta a pesquisa referida acima. Sendo o chamado comércio “por grosso” e “a retalho” o ramo de atividade econômica que mais emprega. Tais dados refletem a inserção das mulheres nas atividades comerciais no meio urbano não simplesmente como opção para complementar a renda familiar ou, por vezes, como alternativa única de fonte de renda. Como também em decorrência direta da sua baixa ocupação de postos de trabalho no mercado formal e do fato de que a oferta dos mesmos está abaixo da demanda populacional. Atualmente não é mais possível apoiar esses índices de baixa empregabilidade na justificativa de uma menor escolaridade das mulheres em relação aos homens já que os anos de estudo estão praticamente equiparados para ambos. Nesse contexto, a maioria das mulheres acaba por se inserir na economia informal¹⁷ e, com isso, além de propiciarem a sobrevivência do agregado familiar também diminuem sua dependência financeira em relação aos parceiros (FÊO RODRIGUES, 2007).

Melo (2011) destaca que em Cabo Verde, segundo estatísticas recentes, a pobreza tem rosto feminino e as condições de vida mais precárias se encontram nas zonas rurais, sendo a população feminina a mais atingida por tal fenômeno. Contudo, ainda que em

17 A atuação da mulher cabo-verdiana no comércio informal faz com que ela seja identificada pela categoria nativa *rabidante*. A *rabidância*, em crioulo, significa habilidade de “desenrascar-se”, de “dar a volta”, “se virar”, podendo ser atribuída tanto a vendedoras ambulantes dos mais variados produtos quanto à comerciantes com estabelecimentos próprios que adquirem suas mercadorias no exterior. Ver: Grassi (2003); Silva (2012); Pólvora (2013).

meio a um contexto mais amplo desfavorável e desigual, estudos como o de Artiles (2011) demonstram a centralidade das mulheres nos contextos rurais e as formas pelas quais elas desenvolvem práticas cooperativas entre si constituindo uma rede de mulheres. Segundo a autora, na ilha de Santiago mais de 50% dos chefes de explorações agrícolas são mulheres, de modo que “a mulher cabo-verdiana se configura como o principal sujeito social em torno do qual se assegura a reprodução, tanto física como social, das comunidades agrícolas rurais cabo-verdianas” (ARTILES, 2011, p. 199). Apesar dessa centralidade do papel feminino no meio rural, a autora ressalta que a participação das mulheres na estrutura econômica se dá por meio das tarefas menos valorizadas, pelo trabalho nas terras menos produtivas e em atividades informais.

Carvalho (2011) chama atenção, ainda, para a variedade de atividades nas quais as mulheres se engajam no contexto rural por ela analisado de Ribeira de Principal (Concelho de São Miguel – Ilha de Santiago) tais como: venda de produtos que vão desde peixes e hortaliças a roupas e inertes¹⁸, produção de grogue¹⁹, atividades agrícolas, criação de animais de pequeno porte (cabras, galinhas e porcos), enquanto os homens dedicam-se à agricultura, produção de grogue e construção civil. De acordo com a autora, o papel central das mulheres tanto nos espaços de produção quanto de consumo, muitas vezes mediante a ausência masculina decorrente da emigração, acaba por permitir uma provisória renegociação de papéis. As mulheres passam a ter mais liberdade para a tomada de decisões no âmbito doméstico e da comunidade, o que não necessariamente produz um rompimento com a autoridade masculina.

18 Recursos minerais utilizados na indústria da construção civil, tais como areia, terra, pedras, ou qualquer material granuloso utilizado no preparo de concreto ou argamassa. Sobre a extração de inertes na ilha de Santiago ver: LOPES, Ermelinda E. M. *Mulheres e ambiente: a problemática da apanha de inertes na Ilha de Santiago (Cabo Verde)*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010.

19 O “grogue” é uma bebida alcoólica destilada muito semelhante à cachaça produzida no Brasil, só que com maior teor alcoólico. Os espaços de produção do grogue são os “trapiches” que consistem em equipamentos para moagem da cana e os alambiques para destilação da bebida.

Por outro lado, a precariedade das condições de vida e a falta de melhores oportunidades também demonstram que “à medida que as pressões enredam as mulheres num ciclo de pobreza, é também ao nível do agregado familiar que estas se tornam os principais agentes da socialização de género e as transmissoras às gerações mais novas das redes de segurança tradicionais” (FÊO RODRIGUES, 2007, p. 131). Lobo (2012a), em seu trabalho sobre as configurações familiares na Ilha da Boa Vista, também destaca a rede de solidariedade estabelecida entre as mulheres. Segundo a autora, essa rede atravessa toda a organização doméstica e interdoméstica criando regras de obrigação e reciprocidade. E também delineando o parentesco para além dos laços consanguíneos e tornando próximos aqueles que se inserem nessa rede à qual está associado o princípio de “viver junto”.

Fortes e Silva (2011) destacam que o período posterior à independência nacional foi marcado pela redefinição das posições das mulheres nos espaços públicos e privados com o objetivo de ampliar a participação da mulher cabo-verdiana na esfera social. Nesse sentido, apontam o desenvolvimento de diversas ações, tanto por Ongs e movimentos sociais quanto pelo Estado, para combater as desigualdades nas relações de gênero e minimizar a exclusão social das mulheres. O crescimento da emigração feminina nas últimas décadas (LOBO, 2012a; CARVALHO, 2011; FÊO RODRIGUES, 2007), sobretudo entre as mulheres solteiras, evidencia não se tratar apenas de uma estratégia para reprodução social do agregado familiar, mas também do exercício de um protagonismo feminino que, em algumas situações, se configura em projetos migratórios autônomos da família e/ou companheiro (FORTES, 2011).

É possível observar uma mudança no padrão hegemônico de emigração no qual os homens tinham prioridade nos projetos migratórios dos agregados domésticos, uma vez que geralmente eram eles que iniciavam o processo migratório e as mulheres

posteriormente iam encontrar seus maridos, irmãos, filhos, etc. Como destaca Lobo (2012b, p. 81), “o movimento cria valor – no sentido de uma boa trajetória de vida, de uma experiência conquistada, de um percurso interessante, de um *status* adquirido e compartilhado”. E, nesse sentido, os processos migratórios possuem grande relevância na vida das jovens cabo-verdianas dado o impacto que exercem sobre as suas concepções de família, papéis de gênero e suas formas de estar no mundo, tanto num contexto de migrações internas quanto externas, dadas as novas experiências que os deslocamentos permitem.

Essa resumida contextualização dos lugares sociais das mulheres cabo-verdianas, feita até aqui, busca chamar a atenção para a pluralidade de suas posições e experiências, bem como para a complexidade dos processos socioculturais historicamente sedimentados, cujos sentidos são compartilhados em medidas e modos distintos pela totalidade da população. Processos estes nos quais as mulheres cabo-verdianas estão envolvidas de modo específico e situado, tendo em vista, sobretudo, as particularidades de cada ilha e suas regiões. O que significa dizer que a realidade em que se encontram e as formas como nela se inserem e se posicionam variam muito e são demasiadamente complexas para resultar em análises simplistas em torno de suas identidades, conquistas, emancipações, exclusões e opressões. Ainda que, no plano discursivo, a figura feminina seja, por vezes, mobilizada e sintetizada em estereótipos que reduzem seu lugar social a uma identidade (no) singular e homogênea, entende-se que mulheres, onde quer que seja, não se situam e não atuam em contextos exclusivamente excludentes ou emancipadores. Elas não lidam com um conjunto único de forças e, portanto, não enfrentam todas elas os mesmos desafios e nem tão pouco os reconhecem e os trabalham da mesma forma.

Um segmento social que pode ser considerado altamente diferenciado e diferenciador é o da juventude, que também enfrenta dilemas específicos e tem seus lugares sociais

permeados por outros tantos discursos e práticas, possibilidades de atuação, como também por constrangimentos e exclusões. Os jovens, tanto aqueles de origem urbana quanto rural, têm contado com maiores investimentos de suas famílias para os seus estudos e sua profissionalização nos últimos anos, o que se deve também ao aumento da oferta de cursos superiores e técnicos no país. O que não significa que tais investimentos e possibilidades sejam facilmente acessados e mantidos. Inúmeras estratégias podem ser mobilizadas pelos jovens para obter esses investimentos familiares e com isso estruturarem seus projetos de vida. Essas estratégias vão desde o apoio de parentes que vivem nas zonas urbanas com os quais os jovens do interior e de zonas rurais podem vir a residir, até a visita semanal aos pais com vistas a trazer alimentos para o dia a dia nas cidades.

Também podem recorrer ao apoio financeiro de familiares residentes em Cabo Verde e/ou emigrados para custeio das mensalidades cobradas pelas universidades²⁰, bem como de outras pessoas fora das redes familiares, e ainda buscar algum tipo de trabalho remunerado que possa ser conciliado com os estudos. As estratégias de ajuda mútua, que são estruturantes da sociedade cabo-verdiana como um todo, permitem que também os jovens possam se valer de redes de apoio, obrigações e reciprocidade que operem como viabilizadoras de seus projetos de vida, conforme destaca Fêo Rodrigues (2007). Tais redes oferecem ainda alguma segurança social aos jovens e, eventualmente, o suporte para que, quando adultos, eles possam estabelecer um agregado familiar independente. Martins e Fortes (2011) têm destacado que a despeito do visível crescimento das possibilidades de realização dos jovens na educação, trabalho, comunicação, consumo e lazer, há ainda grande fragilidade nos sistemas econômico, educacional e de proteção social para garantir efetivamente o provimento

20 Mesmo as universidades públicas não conseguem se manter apenas com os recursos que o Estado disponibiliza e, por isso, a cobrança de mensalidades e taxas é uma prática comum. Sendo também uma prática que não se restringe à área da educação, abrangendo outros serviços prestados pelo Estado como, por exemplo, os de saúde.

dessas condições frente a pressão demográfica atual. E essa limitação do alcance das ações governamentais, associada a escassez de recursos, é que abre espaço para todo um sistema de ajuda mútua e redes de apoio que tem se reproduzido ao longo tempo.

É preciso ressaltar também que, paralelamente à ampliação de possibilidades de realização, ocorreram mudanças nas aspirações e ambições de vida desses jovens, como também da população em geral, com novas referências socioculturais que marcam o Cabo Verde contemporâneo (Martins e Fortes, 2011). Entre tais aspirações podemos situar os desejos de possuir um emprego estável, uma casa própria e uma família autônoma, e que de certo modo não se afastam tanto dos anseios das gerações precedentes, mas cuja realização se confronta com uma realidade permeada por novos obstáculos e atravessada por novas demandas de profissionalização. As gerações anteriores encontraram num Cabo Verde pós independente um contexto de edificação da sociedade com a reorganização das estruturas administrativas e criação de um mercado de prestação de serviços, sobretudo, nas áreas educacional e comercial. Nesse contexto, o acesso a empregos, principalmente em funções da administração pública, era mais facilitado e a sua oferta ainda dava conta de suprir demanda populacional.

Martins (2011, p. 299) destaca que no intervalo de uma geração essa realidade mudou de um contexto em que “um diplomado do liceu tinha assegurada uma integração nos quadros da administração pública ou do sistema de educação, para a realidade atual em que um crescente número de jovens mesmo com qualificações universitárias, adquiridas tanto no país como no estrangeiro, não tem garantias de inserção profissional”. A conclusão de estudiosos como Martins e Fortes (2011), e também Lima (2012), é de que atualmente há um descompasso entre as aspirações dos jovens cabo-verdianos e a sua concretização na prática. Na perspectiva de Lima (2012, p. 10) os jovens, na atual conjuntura, se encontram entre “a aspiração em ter uma mobilidade ascendente através do capital cultural adquirido via sistema educativo e a frustração

devido à dificuldade de acesso a um mercado de trabalho cada vez mais segmentado, controlado, muitas vezes, por uma rede familiar, de compadrio, de amizades sexuais, e de militância política”.

Desse modo, as aspirações aqui mencionadas acabam por não serem realizadas com a autonomia e estabilidade que os jovens desejam e tão pouco numa progressão linear entre a juventude e a idade adulta (FÊO RODRIGUES, 2007; LINS DE BARROS, 2010), podendo, por exemplo, a maternidade e paternidade ocorrerem com defasagem em relação a outras transições importantes, como apontam Martins e Fortes (2011). Tais situações que poderiam configurar uma transição²¹ para a vida adulta acabam, ao contrário, por reforçar os vínculos dos jovens com suas famílias e a necessidade do apoio da mesma na educação dos/as filhos/as e na busca por uma qualificação profissional que viabilize o ingresso no mercado de trabalho. Situações estas que, quase sempre, incidem de forma desigual sobre moças e rapazes, bem como sobre suas famílias, uma vez que o cuidado com os/as filhos/as e sua educação são muitas vezes entendidos enquanto responsabilidades exclusivamente femininas. Essas observações, que podemos encontrar em estudos mais focados na análise da juventude cabo-verdiana, já nos apontam para a não linearidade dos percursos de vida e para a possibilidade de noções e ideais diversos acerca da vida adulta e da pessoa adulta socialmente reconhecida. E ainda para como há um descompasso entre expectativas acerca da vida adulta, socialmente compartilhadas e sobretudo, entre adultos, e as realizações concretas que conduzem as trajetórias de vida.

Diante disso, por vezes os jovens se deparam com a realidade de dependência em relação à família e às redes de apoio que se estendem para além desta, e ainda com o obstáculo da imobilidade tanto social quanto espacial. Tem-se, pois, uma juventude que

21 De acordo com Honwana (2012) a transição para a vida adulta consiste no processo pelo qual pessoas jovens alcançam autonomia pessoal e reconhecimento social.

se encontra diante do que Carling (2002) denomina como “imobilidade involuntária”, qual seja o desejo de partir e ter que ficar, a aspiração de emigrar e a fixidez imposta pela falta de recursos. Ou, poderíamos acrescentar: os desejos de acender socialmente, realizar-se tanto profissional como pessoalmente, consumir e divertir-se e a impossibilidade de concretizá-los. As diferenças econômicas, educacionais e socioculturais que se processam no contexto urbano da cidade da Praia, e também nos interiores da ilha, delimitam aspirações, oportunidades, realizações, participação social, mobilidade espacial e social dos jovens em geral, e das mulheres jovens em particular. A imagem da “cidade partida” é evocada por Lima (2011) para apontar a segregação espacial e a agregação seletiva que caracterizam este espaço urbano marcado pela desigualdade social e por um processo crescente de territorialização da pobreza nas periferias. Assim como outras diferenciações e hierarquizações espaciais, de origem e de raça vão configurando o cotidiano dos jovens na medida em que definem acessos diferenciados a recursos materiais, educacionais e a possibilidades de mobilidade física e social.

Essa estrutura de “cidade partida”, que poderíamos talvez ampliar para “sociedade partida”, não apenas produz localidades criminalizadas e estigmatizadas como também reproduz distâncias sociais e discursos identitários discriminatórios que se desdobram numa continuidade colonial de formas de exclusão (LIMA, 2011). Trata-se de processos de exclusão e discriminação simbólica que se traduzem, ainda, em diferenciações entre os jovens que pertencem a distintas camadas sociais e das quais emergem identidades cujos sentidos expõem as desigualdades de acessos a oportunidades. Tais diferenciações também incidem sobre a construção dos sentidos e entendimentos sobre os espaços que podem ser ocupados por homens e mulheres de diversas origens, sobre quais os tipos de recursos um jovem pode ter acesso em função do gênero, bem sobre os atributos necessários para serem socialmente considerados pessoas adultas.

As considerações apresentadas até aqui demonstram que os percursos de vida dos jovens cabo-verdianos estão atravessados por diversos constrangimentos decorrentes de inúmeras diferenciações. Estas se dão em termos de condições econômicas e redes de apoio disponíveis, segmentos sociais aos quais pertencem e locais onde vivem – a exemplo da origem rural ou urbana – e de processos de socialização e aprendizagem dos modelos de masculinidade e feminilidade. Tais posições diferenciadas, por sua vez, conformarão diferentes condições de acesso à educação, comunicação, consumo, diversão e lazer, bem como variadas formas de negociar com essas condições, o que termina por produzir trajetórias de vida singulares e sentidos múltiplos. Sendo assim, tanto as experiências femininas quanto a juvenis se mostram também uma lente para visualizar as diferenças e desigualdades que atravessam a sociedade cabo-verdiana.

trecho:
espaço compreendido entre dois pontos no tempo ou no espaço; intervalo;
passagem selecionada de um livro, de uma composição musical; fragmento, extrato;
parte de um todo; fração, segmento.

TRECHO I
GERAÇÕES CORPORIFICADAS: PESSOAS, TEMPOS E LUGARES EM COMPOSIÇÃO.



Desenho 7: mulheres à muitas mãos

travessia:
ação ou efeito de atravessar uma região, um continente, um mar etc., travessa;
caminho percorrido pela embarcação em seu deslocamento entre dois pontos da
superfície da terra;
ato de negociar ou vender na clandestinidade gêneros alimentícios ou outras
mercadorias;
caminho longo e ermo.

TRAVESSIA I JUVENTUDE NO PLURAL E SUAS SEMÂNTICAS

Pensar a juventude²² me remete a uma disposição tal que de tão vigorosa e cheia de ímpeto leva, de alguma forma, todo espírito a desejar reter dela pelo menos um tanto que seja. Ela vai sendo guardada em miudezas, no cuidado dos corpos, no retardo das perdas e desgastes de todo tipo de coisa que se possa possuir, na atualização dos costumes empoeirados pelos ventos do tempo, na busca do que é novo enquanto abertura para o refazimento, para a sustentação, para a permanência ainda que temporária. Impulso de vida no presente, sempre desejado, sempre parcial, sempre escapável, desfilando na corda ambígua da valorização, enquanto objeto de desejo, e do demérito, enquanto objeto de desconfiança por sua incompletude e insipiente maturação.

22 A categoria juventude não é tomada aqui como um grupo homogêneo e simplesmente como uma divisão etária que representa uma etapa entre a infância e a idade adulta, mas enquanto um processo social que se desenvolve por meio de um emaranhado diversificado de relações sobre as quais incidem inúmeras dimensões sociais diferenciadoras. Conforme destaca Abramo (1997), por muitos anos a maior parte da reflexão produzida sobre os jovens foi destinada, quase que exclusivamente, a discutir os sistemas e instituições presentes nas suas vidas, como escola, família, sistemas jurídicos e penais, bem como estruturas sociais que conformam os problemas que os atingem. Sendo que, ainda hoje, poucas análises têm se voltado para os modos como os próprios jovens vivem e elaboram suas experiências. As mudanças nesse quadro são ainda recentes e, não só nos estudos brasileiros como também nos contextos africano e cabo-verdiano, ainda estão presentes tanto nos discursos governamentais quanto acadêmicos ideias acerca dos jovens baseadas em noções de tutela e "desqualificação de sua atuação enquanto sujeitos" (ABRAMO, 1997). No entanto, a busca pela formulação de análises que ultrapassem os limites das dificuldades e desafios que envolvem a juventude não deve implicar numa desconsideração total dos problemas e constrangimentos sociais que incidem nas trajetórias dos jovens e que orientam as agendas de políticas públicas. Mas, precisa chamar a atenção para o desenvolvimento de análises nas quais fatores estruturais e agência individual sejam considerados de forma relacionada.

A quase crueza que materializa o novo, a qualidade daquilo que é jovem, por um lado, abre caminho para a experimentação obstinada. Sua potência preenche os espaços com toda sorte de coisas novas, frescas, reluzentes, que estão na largada do curso da vida, cuja matéria maleável está ainda em vias de se tornar sólida e firme, guardando em si capacidade imensurável de tornar-se e transformar-se. Por outro lado, tal crueza carente de solidez, de contornos lapidados nas intempéries e agruras do tempo, desprovida de experimentação nas variadas temperaturas do existir, tem também na sua maleável adaptabilidade e no seu potente devir a sua fragilidade, a vulnerabilidade do que não é firme e constante. A juventude está, pois, a compor-se na ambiguidade de um estado que, ao mesmo tempo, se materializa e se estabiliza, oscila e se desencontra. Atua num movimento de precária criação, costurado nas suas aberturas para o mundo que se desdobram nas dobras do tempo, nos canais extensos ou restritos de possibilidades que cava na vida. Canais nos quais podem caber tudo e nada, onde há diferentes chances tanto de firmar-se e passar a novas condições mais ou menos incertas e instáveis nas diversas trajetórias possíveis.

A juventude é elemento atemporal. Ela não apenas coexiste com as vivências amadurecidas e temperadas no fluxo das gerações, mas, enquanto elemento renovador, é um rasgo nas fissuras da existência parcialmente impermeável, enrijecida no acúmulo da experimentação, e, portanto, é alimento para corpos adultos e envelhecidos. Há um tanto dela em cada tempo vivido. Ela permeia, portanto, os muitos estados geracionais, atravessa os períodos da existência de pessoas e grupos de maneiras diversas. Ora desestabiliza, ora motiva e impulsiona adiante. A juventude se faz porta de comunicação com o mundo e de entrada de experiências e modos de conhecimento outros, trazidos pelos fluxos dos sopros modernizantes, pelas circulações de gentes, coisas e informações. A juventude encontra-se no duplo movimento de escapar e romper amarras, de ser retida e demorar-se um tanto mais. Ainda que suas formas, mais ou menos escapantes, mais ou menos fixantes, sejam conservadas apenas nas

mentes e lembranças.

Ela não cabe no lapso temporal enumerado e escalonado sequencial e metricamente. Ela transborda os limites que emergem de todos os lados, na biologia, na psicologia, na sociologia, na pedagogia, nas políticas e projetos, nas recomendações institucionais, na educação escolar e familiar, nas doutrinas religiosas, na indústria cultural e da moda, nas diversas dinâmicas de mercado e consumo. Ela não se disciplina, guardando em si a fagulha da insurgência, da ameaça, do desordenamento, da transmutação, simultaneamente bem-vinda e perigosa. A cada controle que se lhe impõe, um escape se forja nas suas pulsões agudas. Nos percursos de pessoas múltiplas, a juventude pode se esticar ou se abreviar, pode ocupar todos os espaços por extenso pedaço da vida, ou pode deixar pequenos pedaços de si em alguns cantos da existência, resistindo às acomodações dos sucessivos acontecimentos da vida que supostamente conduzem ao seu apagamento à medida que se caminha rumo à maturidade²³. Mas, na sua permeabilidade, a juventude se abre para as acomodações, para a constância que as aquisições de novas formas de existir podem lhe trazer, na medida em que as pessoas jovens anseiam por um lugar no mundo que lhes ofereça mais segurança, menos imprecisões. Um lugar no mundo em que possam se ver como aquelas que alcançaram modos mais estáveis de viver e de se engajar em seus grupos sociais. A busca por um atalho que lhes permita abandonar ostentar um status social legitimado e valorizado coletivamente por suas gentes.

Mas, a juventude que imaginamos, evocamos e descrevemos geralmente no singular só

23 Cabe aqui um adendo a fim de salientar que o significado de jovem, como também de criança, enquanto sujeitos imaturos e incapazes e que, por isso, necessitam de aprendizado e proteção para se colocarem no mundo de forma responsável, constitui uma categorização criada entre a classe média europeia e norte-americana que tem sido universalizada (HONWANA & BOECK, 2005). De modo não só a viabilizar o exercício da tutela sobre esses sujeitos como de enquadrar todos aqueles que não se encaixem nessa categorização como riscos para sociedade ou como desviantes. Portanto, é preciso considerar que em contextos africanos infância, juventude e idade adulta podem ter significados outros e se processar de formas distintas no cotidiano da vida social. E, ainda, é preciso atentar para o quanto essas noções que se fazem pelas ideias de incapacidade e imaturidade ainda norteiam as análises nos estudos sobre juventude oferecendo conceitos limitados a experiências localizadas e que são produto de processos históricos e culturais outros.

existe no plural. Há, pois, juventudeS. Possibilidades diversas e múltiplas para a composição desse curso da vida que faz pessoas e é, simultaneamente, feito por elas. E por ser também matéria-prima moldada por tantas mãos, por tantas subjetividades, disputada em tantas narrativas, não há maneira pela qual possa ser homogênea, una, universal. Cabe aqui, pois, evocarmos sua pluralidade cambiante, a sua carga incalculável, sua composição incerta e imprecisa, as suas sobras e ausências, a sua heterodoxia, os remendos e colagens que lhe são adicionados ao longo do caminho no transcorrer de tempos geracionais marcados por enredos históricos e situacionais vários, bem como por escolhas individuais singulares. Porque a composição das juventudeS não é feita por uma única geração, mas se constitui de forma relacional no entrelaçar de pessoas de vários tempos, de várias contagens etárias, nas trocas, nas aprendizagens, nos cuidados e nas obrigações tecidas e reiteradas entre mais velhos e mais jovens²⁴.

Aqui as contagens e limites numéricos são insuficientes, a simplificação desavisada esbarra nas construções e apropriações coletivas e individuais que se costuram ao longo do tempo, que atravessam momentos diversos de lugares e grupos. Tais construções e apropriações coletivas e individuais, que podemos chamar de culturais, são como emaranhados de linhas que atam e desatam, que se rompem e se emendam, que se atravessam umas nas outras. Sua tecitura pelas diversas gentes torna esse atravessar complexo e impede qualquer tentativa de que essas elaborações sigam as mesmas por longas durações, posto que crianças, jovens, adultos, velhos, se acham em estado de (re)fazimento no curso do tempo tanto quanto as matérias-primas culturais

24 Em outras palavras, trata-se de um conjunto de gestos, posturas, atitudes, comportamentos e fazeres pelos quais os sentidos mobilizados discursivamente ganham forma e concretude nas ações das pessoas. Refiro-me àquela dimensão de conhecimento que não foi necessariamente ensinado, mas que foi incorporado na prática pelo próprio fazer, pelo olhar, pelo imitar, pela reprodução de gestos que são cotidianamente repetidos. Contudo se, por um lado, os jovens em geral são depositários desses processos de aprendizagem, eles não figuram como atores passivos dada a criatividade com que se engajam em suas sociedades e que convertem-se em agentes de mudança e inovação. Como ressaltam Honwana e Boeck (2005), crianças e jovens atuam ativamente na reestruturação e redefinição dos modelos de parentesco existentes, dos princípios morais, das normas de reciprocidade e obrigação, das estruturas de autoridade e das relações de gênero.

que manipulam²⁵. As gentes se acham móveis e reelaboráveis tanto quanto as nomeações e significações que escolhem e acolhem (ou rechaçam) para qualificar o seu habitar no mundo.

Matéria-prima é, portanto, condição essencial e atemporal do ser, de tudo que é, posto que nada se acha acabado, posto que tudo é substância de outro ente, de outro processo, de outra feitura. O entendimento rasurado aqui é, pois, de que em tudo há um tanto de estado bruto, de crueza, de algo por fazer-se. O que há nessas construções e apropriações culturais, coletivas e individuais, de incompleto, de inacabado, de não plenamente lapidado, de não desembrutecido, não coincide com significações de falta, fracasso, ou impossibilidade, mas se acha nos sentidos da maleabilidade, da adaptabilidade a tantas mãos e vivências. Se acha na condição de converter o que não termina, o que não fica pronto, em frestas para receber as luzes de outras possibilidades.

Assim sendo, as juventudeS – como outros trechos de vidas, que teimamos em localizar em determinados espaços-tempos da existência humana, e ao mesmo tempo precisamos localizar e delimitar em algum espaço-tempo – se põem como matéria-prima do processo vivente. Processo de gastar-se, de consumir-se, de envelhecer e acabar, mas que é também processo de acumular, de ganhar, de juntar, de absorver, de compor-se, de encher-se de matérias-primas de tantas fontes com múltiplas

25 Categorias como infância, juventude e idade adulta são socialmente construídas, relacionais e ambíguas. Nesse sentido, os jovens são geralmente considerados, ao mesmo tempo, uma potência renovadora e uma ameaça a estabilidade social, transitando nesses dois extremos e podendo ser estrategicamente situados em cada um deles (HONWANA & BOECK, 2005; COMAROFF & COMAROFF, 2005). Vasconcelos (2010) destaca que, em muitos países africanos, há um consenso acerca da existência de uma “crise da juventude” foi construído a partir de uma mudança de significados e expectativas sociais positivos em torno da juventude no período de independência, e nos primeiros anos de estado pós-colonial, para uma visão negativa amplamente compartilhada atualmente. A literatura dos estudos da juventude no continente nos aponta um histórico de leituras e análises que tem focado nos problemas da marginalização, das crises, da pobreza, das doenças e carências em geral (ABBINK, 2005; VASCONCELOS, 2010; KLOUWENBERG & BUTTER, 2011). Na introdução da obra *Makers and Breakers. Children and Youth in Postcolonial Africa*, Alcinda Honwana e Filip De Boeck (2005) levantam essa questão a partir do paradoxo de como entender jovens e crianças em contextos africanos tanto como *makers* (criadores, autores) quanto como *breakers* (infratores, transgressores – tradução livre) da sociedade, enquanto eles estão simultaneamente sendo construídos (made) e dissolvidos (break) por essa mesma sociedade.

composições. E, portanto, é também um modo de rejuvenescer, de permanecer, de não acabar-se com o esgotar do viver. Juventude-matéria-prima é, pois, movimento do que não cessa, é um abrir e fechar, é reter e deixar ir, criar e destruir, é apreender e aprender, é experimental e performada, é feita de concreto e lama, endurece e afrouxa, se acha nas vivências narradas e silenciadas, no novo e no velho, é trecho da vida que se pode presentificar em qualquer tempo.

Mas juventudeS também se fazem no plural por excederem a substantivação, por se fazerem verbais e adjetivas, por emprestarem seus sentidos às histórias de lugares, pessoas e coisas. Entes que assumem uma certa estética, um certo espírito, certas formas e conteúdos. Tais elementos, características, estados, convergem para noções e denominações que comportem a constituição da qual esses entes dispõem num dado momento. O que a(s) noção(ões) de juventude(S) comporta(m)? Quais as suas adjetivações possíveis? Como as juventudeS que se acham nos trechos de vida de tantas gentes, de tantas gerações de gentes, compõem cenários, criam trajetórias de coletivos e lugares, corporificam uma sociedade ou metáforas para suas narrativas coletivas? Qual dose de juventude, de juvenescimento, a camada de gentes nomeada como jovens pode emprestar a sociedade da qual é parte? O quanto essas gentes jovens condensam e materializam as expectativas e projetos de uma sociedade? Quanto dessas juventudeS pode ser gerida pelos entes dos poderes de organização e controle dessa sociedade? Quanto dessa juventude (processo de tornar jovem, de animar, de dar disposição) se reflete nas composições materiais e não materiais das paisagens e atmosferas de espaços urbanos e rurais?

A narrativa que aqui se desdobra, se passa no chão da principal ilha de Cabo Verde, Santiago. Um chão onde a poeira sobe, se espalha, se acomoda em todos os cantos, se incorpora a matéria viva dos corpos das pessoas, deixando-os mais áridos, porém, não menos permeáveis a vida que pulsa fora deles. Uma poeira que recria o respirar, que molda o nariz das crianças tornando-o chafariz de muco transbordante, que no tempo

da seca nos deixa cinza, faz acordos com os ventos para mover-se para todos os lados, para estar em todos os lugares, para acinzentar a vida, as ruas, o céu, as pessoas. Uma poeira que está ali pra lembrar que os viventes daquele chão se fizeram na aridez, na secura, cuja seca e cinzenta exacerbação dá ainda mais destaque e valor à fertilidade úmida e suave "*dazágua*" (*das águas, estação das chuvas, período agrícola*). As águas que chegam de mansinho nas *brufas* (*garoas, chuviscos*), trazem o verde, vivo, brotador de esperanças, distribuidor de fartura. O verde que enche os olhos, umedece os corpos, hortas, plantações, que põe crianças a brincar em pequenas enxurradas como se fossem grandes rios de suas cidades imaginárias, que multiplica o trabalho para as pessoas grandes que, por sua vez, o redistribuem entre jovens e crianças maiores. O alternar de seca e águas cria temporalidades que compõem as dinâmicas materiais das vidas, cria espaços que exigem gestões distintas, que exigem corporalidades distintas, que rejuvenesce e recria pessoas e lugares. Esse alternar vem fazendo pessoas móveis, transitantes, migrantes, pessoas-buscadoras, feitas na busca por água, "*na busca vida*" (*na busca por fazer a vida, por melhores condições de vida*).

De algum modo as juventudeS são como as águas, renovam os ares, umidificam a aspereza do tempo acumulado nas peles, liquidificam a dureza dos modos e fazeres, trazem cor à sobriedade das paisagens compostas por vestimentas de corpos, de casas, de ruas. Nessa composição se acham os corpos que vestem lutos, também aqueles que não ostentam os modismos e novidades comprados nas lojas chinesas, ou que às vezes se confundem com as formas e cores dos tecidos tradicionais vindos do continente. Nessa composição também se acham as fachadas cinzas erguidas em blocos de concreto das casas inacabadas, e ruas sem mato amontoadas de restos de casas por se fazer. Toda uma composição simbiótica, de corpos e espaços, passível de refazer-se nos fluxos juvenis rejuvenescedores.

Os signos desses fluxos estão nas novidades do comércio, na cidade por fazer-se, sempre em movimento, dinâmica, se expandindo no arrastar dos elementos de tempos

antigos e no abocanhar dos novos tempos que se assentam. As construções jovens de prédios jovens, com suas jovens janelas em vidro e metal, suas cores vivas, seus telhados com caixas d'água, habitam ruas intercaladas entre calçamento, terra, mato, entulho que vira casa que se desfaz e volta à sua condição de entulho novamente. Num ciclo em que as construções jovens dos jovens tempos vão engolindo aos poucos as fachadas cinzas que resistem e re-existem nas sobras reaproveitadas e recriadas. As casas jovens de muitas camadas e acabamentos que comportam a pintura, os portões, as belas portas e janelas, convivem e contrastam com as casas de poucas camadas, sem o telhado tão pouco necessário em terra de pouca chuva. Cujas lajes são também habitações para cabras, porcos e cachorros, onde as calçadas se ocupam de pessoas ocupadas em fazer a vida vendendo grelhados (churrasquinhos), fresquinhas (geladinho e/ou minipicolés caseiros), frutas e verduras, peixes, pães e bolos, pastéis. Calçadas que vez ou outra recebem grandes panelas sobre lascas de lenha e pedaços de tijolos, e que nas noites quentes do verão são habitadas por jovens e caixas de som com músicas que enchem toda a rua.

A paisagem urbana da jovem cidade da Praia é composta desses contrastes, na montagem arquitetônica que mescla grandes prédios que vão se erguendo, outdoors que vão se espalhando nas zonas centrais, as mansões da Cidadela, com as edificações em estilo colonial do Plateau, com as casas de pedra escondidas nas ruelas da Achadinha, de Eugênio Lima, Vila Nova, da Achada Santo Antônio. Vidro e pedra, asfalto e terra, cores e cinza, portas e janelas fechadas e portas e janelas abertas, rua deserta e gente na rua, jeeps e caminhonetes nas garagens e garagens-barzinhos-mercearias-salões de beleza. A jovem cidade da Praia se faz no movimento com os seus arredores interioranos, e nesse fluxo conjuga elementos urbanidades e ruralidades em composições múltiplas do habitar.

Nos interiores também habitam e contrastam a jovialidade das casas de muitas camadas e as envelhecidas e resistentes casas de pedra com seus currais e fogões de

lenha nos fundos. Interiores e seus pequenos núcleos urbanos, com suas igrejas, mercearias de garagem, campinhos de futebol improvisados, *hiaces* (*vans que fazem o transporte para a capital e cidades vizinhas como as sedes dos concelhos*) a subir e descer as ruas, a levar e trazer gentes, comidas, hortaliças e frutas para venda nas cidades, bens manufaturados e produtos chineses vindos das cidades para *fora* (*referência usual na língua crioula para fazer referência às localidades interioranas e rurais, cotidianamente o termo é utilizado ao falar de qualquer localidade localizada fora da cidade da Praia*). Os interiores são, na boca das pessoas, o "fora", mas o fluxo cotidiano de pessoas e coisas não corrobora totalmente essa substantivação. Em alguma medida e em níveis e modos distintos, os interiores estão fora da temporalidade acelerada da cidade, do diversificado fluxo de prestação formal de serviços por entes públicos e privados, estão fora da compressão espacial das cidades. Mas esse "fora" é sempre meio dentro, não é limite, portão fechado, morada isolada, ao contrário, pessoas de "dentro" e "fora" transitam nesses espaços, mantêm uma rede de parentela e amizade dentro da cidade da Praia e fora dela. Dentro e fora são constitutivos um do outro, se fazem em dependência mútua. Mas, a cidade toma um tanto da juventude de *fora*.

Os interiores se povoam, em fluxos periódicos, de juventude e de suas marcas, suas coisas, suas cores, cabelos, celulares, letreiros nike e adidas, tênis, brincos, cordões, pulseiras, shortinhos, bermudões, a internet e a virtualidade das redes sociais, e tudo mais que se estende para além de seus corpos para compor suas performances e adensar o cenário que vai se tornando um mosaico emaranhado de elementos antigos e modernos. Nos fins de semana, nas festas religiosas, nos casamentos, nos batizados, no tempo do milho, do feijão, nos festivais e férias escolares, os interiores se enchem de juventude, quem é *de fora* e está na cidade vem e traz consigo as amigas e amigos dos espaços escolares e das vizinhanças. Nas festas, pessoas emigradas regressam, com elas mais novidades chegam, mais objetos, mais tecnologias, presentes, as casas se renovam, os ares e os humores. São fluxos temporais que suspendem o cotidiano e que

é preciso ir *fora* para experimentar, já que eles não cabem mais na dinâmica da vida na cidade da Praia.

Os mesmos mecanismos que apartam a Praia e os tantos lugares fora dela, também os ligam, colocam a juventude em movimento, Praia-fora/fora-Praia, e produzem outros movimentos no sentido Cabo Verde-mundo. Mas, os movimentos são diversos, as possibilidades de mover-se são diversas, brechas se abrem para uns e se fecham para outros, uns acham pontes, asfalto, navios, aviões, outros vão costurando suas trajetórias nas idas e vindas diárias dos *hiaces* e *auto-carros (ônibus de transporte coletivo urbano)*. Nos interstícios de cisões e fraturas nas condições materiais de vida nas cidades e nos interiores, nos sopros dos ventos das migrações e nas janelas abertas pelos fluxos de movimentos múltiplos, as pessoas jovens vão fazendo suas vidas. Essas partições contrastantes, esses seccionamentos urbanos e também urbano-rurais, partem e hierarquizam as juventudeS, as possibilidades de juventudeS, as posições possíveis para as juventudeS, as práticas e experiências, as formas de viver esse trecho da existência, delimitando horizontes de alcances distintos para cada pessoa.

A heterogênea e ambígua composição da paisagem urbana está, pois, atrelada à composição da paisagem social, elas são uma só coisa, conformando possibilidades de existência, e sendo também pressionadas e fraturadas por existências diversas que buscam nas brechas e fendas dessas composições urbanas e urbano-rurais encontrar elementos alternativos para fazer a vida. As ruas das cidades, as estradas dos interiores, cheias de mulheres a fazerem seus percursos *na busca vida*, a venderem seus peixes, suas hortaliças, suas frutas, seus pães, bolos, pastéis, fresquinhas, charutos, roupas, calçados, suco, água, doce, torresmo, balas, chocolates, nada mais são que o reflexo da paisagem social na qual as mulheres-mães e adultas protagonizam o sustento dos lares e a educação dos filhos. Também se vê mulheres-moças buscando na *rabidância (comércio informal feito por vendedoras ambulantes que comercializam desde alimentos até roupas, e mesmo mercadorias vindas de outros países)* alternativas para ir

fazendo a vida cotidianamente. Elas enchem o Sucupira, vendendo almoço, roupas e calçados, fazendo unhas e cabelos. Mas, essas mulheres-moças estão também nas correrias entre a casa e a universidade, têm se dedicado cada vez mais a investir nos estudos e garimpado suas fendas para abrir caminho num mercado de trabalho pouco acolhedor.

As mulheres-moças emprestam sua juventude à paisagem social tanto urbana quanto rural, na medida em que essa paisagem também cria condições diversas e adversas para suas experiências juvenis e suas prospecções de futuro. A multiplicidade de juventudeS em curso e dos discursos sobre elas também se faz no feminino. Não havendo, pois, uma juventude genérica, englobadora da diversidade de corpos, subjetividades e trajetórias, mas juventudeS possíveis atravessadas por outros tantos marcadores sociais. Dentre estes, me pareceu necessário trazer a superfície das reflexões aqui tecidas a marca de gênero²⁶ enquanto diferenciadora primordial que desestabiliza uma noção generalizada do que é viver a juventude e projetar-se numa vida adulta.

É nesse lugar de composição múltipla em andamento, em feitura, que pessoas se fazem e se refazem, que fragmentos novos e velhos dos projetos de existir se intercambiam, se reconhecem e se conjugam. E as juventudeS plurais se multiplicam em trajetórias sinuosas sobre as quais muitas pessoas atuam, as pessoas jovens protagonistas dessa tecitura, suas famílias, amizades de diversos graus de afinidade e convivência, filhos,

26 Fortes (2013) chama atenção para o fato de que os estudos sobre gênero em Cabo Verde têm seguido a linha de realizar um suposto "resgate" dos sujeitos femininos subalternizados, focando nas temáticas que relacionam as mulheres com violência doméstica, família, maternidade, migração, desenvolvimento, luta contra a pobreza, participação política e nas manifestações culturais tradicionais. Abordagens estas que têm sido limitadoras na medida em que tratam tais relações sob o prisma da vitimização e exclusão femininas que quase sempre obscurece a análise crítica, plural e afinada com as reais dinâmicas da vida concreta. Nesse sentido, as reflexões aqui desenvolvidas buscam focar as jovens cabo-verdianas em suas múltiplas relações, tecidas em espaços variados e nas suas diversas relações de acordo com as situações, pessoas e experiências que se mostraram mais presentes em seu cotidiano, embora as vozes e os pontos de vista privilegiados aqui sejam das mulheres e são as suas ações que se encontram em primeiro plano. Portanto, a perspectiva que me serve de orientação é a de que as questões de gênero se compõe de forma diversa e múltipla ao longo de várias dimensões da vida e se articulam de modo distinto a depender do contexto.

pais desses filhos, namorados, maridos. De modo que, a despeito dos modos de existência serem aqui tratados na sua particularidade enquanto trajetórias individuais, creio serem eles sempre construídos mutuamente, em tecitura colaborativa e reiterada por camadas de atos de pessoas de diversas gerações²⁷ que termina por definir os elementos que constituem uma pessoa socialmente reconhecida. Entre expectativas e frustrações, possibilidades e constrangimentos, horizontes distintos de tempo e espaço, encontraremos pessoas enfrentando seus dilemas cotidianos, traçando planos de validade e alcance variáveis, fazendo vidas pra serem vividas, faladas, entendidas e compartilhadas.

27 Nesse sentido, a análise das trajetórias das jovens a partir também das relações geracionais que lhes atravessam me pareceu um caminho útil por não tratar o segmento jovem de forma isolada e por poder, encarando as pessoas a partir de suas relações, apontar como se dá a reprodução de significados socialmente compartilhados de uma geração a outra. Até onde as jovens cabo-verdianas reproduzem as exigências, expectativas e controles dirigidos a elas pelas pessoas adultas, bem como as normas tradicionais, e em que medida os rompem e atualizam. Vale destacar que muitos dos estudos antropológicos sobre gerações e as relações entre elas, nos contextos africanos, têm focado numa abordagem masculina na qual as mulheres aparecem como instrumentos de mediação dos rituais de passagem dos jovens, conduzidos pelos mais velhos, ou em análises do lugar feminino nos sistemas de parentesco (VASCONCELOS, 2010). Aqui as mulheres assumem o primeiro plano com suas narrativas povoadas pelas suas trajetórias, cotidianos, experiências e relações, assumindo várias posições em diversos contextos, de acordo com a formas pelas quais são interpeladas pelos acontecimentos de suas vidas.

TRAVESSIA II INFÂNCIAS COMO ELO NA COMPOSIÇÃO DE PESSOAS

Quando penso em infânciaS, do alto das minhas três décadas de existência, as sensações e sentidos que me veem quase sempre coincidem com o imaginário comumente partilhado de um período para o qual lançamos, a certa altura da vida, um olhar nostálgico, que nos afeta com memórias de experimentação, conhecimento do mundo, cuidado, diversão e aprendizados. É quando nos encontramos como caminhantes de um percurso que vai se revelando a nossa frente, mas sobre o qual sempre tentamos elaborar hipóteses sobre como ele se fará, sobre o que gostaríamos de encontrar. É também no entrecruzamento das minhas memórias, das memórias daquelas pessoas com as quais explorei esse espaço-tempo, e das experimentações daquelas que estão a compor o que chamamos infânciaS, que me coloco. Essas (re)experimentações, (re)composições, todos os afetos envolvidos na exploração dos nossos entendimentos sobre as infânciaS se fazem e se desfazem aqui na combinação provisória de tecituras possíveis nas quais pessoas em distintos momentos da vida possam conversar entre si. Tal conversa enseja um atravessamento de experiências que se anovelam, se atam e desatam na medida em que reverberam em cada uma de nós um apanhado de sentidos comunicáveis ou que revelam nossas diferenças das mais sutis às mais improváveis, dados os escorregadios lapsos temporais e as materialidades contextuais que circunscrevem nossos modos de existência.

Considero aqui as infânciaS como coisas feitas no plural, se multiplicando e se diferenciando na singularidade de cada tempo-espço, na particularidade de cada pessoa-menina, de cada rede de afetos e das possibilidades criativas e imaginativas dessas tantas primeiras elaborações da pessoa-vivente, e que reverberam no tempo se desdobrando nos poucos ou muitos dias da nossa existência. Insisto, não se pode atá-las, cercá-las num tempo-espço prescrito e proscrito, escaloná-las por definições periódicas biologicamente ou psicologicamente fundadas, pois elas pulsam, num

desdobramento transtemporal, nas mentes e corpos daquelas que as construíram em meio ao desenvolvimento motor, ao aprendizado da fala, da escrita, à descoberta e elaboração do mundo nos contextos das brincadeiras, afazeres, sonhos e afetos. As infâncias conversam com a pessoa-adulta, dialogam com o presente e o futuro, elas re-existem a cada nova pessoa-menina que adentra este mundo, e ganham novas afecções e sentidos cada vez que isso acontece. Passamos pelas infâncias, mas elas não passam, continuam a transbordar e a espriar-se por novos universos possíveis, a acolher novas pessoas em suas experimentações já vivenciadas e a se permitirem experimentar e incorporar novos sentidos na partilha desses primeiros atos de feitura da pessoa-vivente.

A partilha das tantas materializações possíveis dessa coleção de atos e experiências de pessoas-meninas se dá no cotidiano, nas conversas, gestos, ensinamentos, aprendizagens, relações e trocas diversas entre pessoas-meninas, jovens e adultas. E, sobretudo, tais materializações se fazem no espaço da palavra, do discurso, do contar e recontar histórias, da corporificação e compartilhamento de experiências passadas, presentes e futuras no ato-palavrado, na nomeação e qualificação do vivido, nas narrativas, mas também não apenas. As narrativas, por sua vez, são espaços de compartilhamento, mas também de disputa e inquietação e, ainda, de criação. As narrativas são condensadoras de práticas e experiências, de feitura de pessoas, lugares e tempos, portanto, criadoras de sentidos múltiplos nesse constante entrelaçamento entre o proferido e o silenciado, entre o guardado e o partilhado. Narrar é, pois, debruçar-se de uma determinada maneira, a partir de um dado lugar de fala particular, sobre acontecimentos e experiências descontínuas e partilhá-las através de determinadas palavras, expressões, percepções e emoções condensadas na fala que atuam de um modo próprio.

Narrativas constroem composições múltiplas de sentidos que materializam vivências e criam modos de identificação, de reflexão e de aprendizagem do/no viver que têm o

potencial de fazer pessoas. Elas podem criar sínteses inacabadas, provisórias e experimentais de atos e acontecimentos que transcorrem no presente e que são acionados pela interação imediata, ou que estejam localizados no passado e que, nesse caso, são mobilizados pela memória, pelas reelaborações de lembranças. Nesse ato-palavrado sobre momentos passados é reelaborada a experiência vivida a partir do lugar posterior à experiência, o viver é re-feito. Num re-fazer que entrecruza temporalidades de diferentes maneiras, que conecta e desconecta passado, presente e futuro dentro das possibilidades e formas de evocação elaboradas pelas pessoas no ato de comunicar e compartilhar experiências registradas até então por meio de lembranças. Este re-fazer do vivido, do que se está a viver e do que se virá a viver, se desenrola dentro de contornos diversos que são definidos pelas condições de fala e de escuta nas suas potencialidades de ativar determinados significados.

As elaborações que aqui se apresentam partem, pois, de atos narrativos realizados por mulheres que encontram-se em diferentes momentos da vida, com diferentes idades e vivências, de modo a colocá-los em interação por meio de uma leitura das memórias e vivências das infâncias no curso de quatro gerações. Tal criação narrativa se deu em condições de fala e escuta circunscritas no âmbito da pesquisa antropológica, orientada por questões, dúvidas e inquietações minhas enquanto mulher-branca-pesquisadora, e forjou-se na provocação de solicitar a essas mulheres que me contassem como chegaram até o presente, sobre suas histórias e as histórias que fizeram suas vidas, sobre suas lembranças e vivências. Mas, essas falas também foram criadas em momentos, em situações, lugares e ações que acionaram o gatilho das lembranças por materializarem significados e olhares sobre o mundo que se fizeram no passado.

Nesse cenário, me aventuro tecer algumas reflexões sobre tais narrativas que possibilitem pensar quais experiências, sensações, significados, referências, são selecionados quando interpelo estas mulheres sobre suas infâncias, sobre quais lembranças estão inscritas em suas memórias. E, assim, trazer para um primeiro plano

os imaginários possíveis sobre a infância e os elementos que os referenciam, que elaboram uma noção do que são infânciaS, bem como quais são as referências, campos semânticos e imagéticos que oferecem elementos para a feitura dessas infânciaS. As cinco falas que abrem essa reflexão trazem, a meu ver, elementos diversos que compõem o horizonte de significados e experiências que atravessam as vidas dessas mulheres e que nos dizem algo sobre como as infânciaS são experimentadas a partir de diferentes tempos, espaços e lugares de fala.

As narrativas aqui cortadas e entrecortadas pelas questões e reflexões que me coloquei a perseguir, oferecem elementos, situações, experiências e sentidos que foram evocados para falar das infânciaS, para qualificá-las e remeter-se a elas no tempo e no espaço. Num movimento de extrair da memória o que ficou da pessoa-criança que se fez num dado momento, e também de depositar no fluxo dessa memória em curso o que se considera que merece ficar. Da minha perspectiva na relação com essas narrativas também me coloco a extrair e depositar sentidos e reflexões no diálogo com estas pessoas, agora mediado pela escrita, trazendo tais elementos para um primeiro plano como num foco de uma fotografia rica em formas, cores, luzes, sombras e contrastes.

É possível, de alguma maneira, colocar lado a lado as infânciaS aqui comunicadas e que atravessam um enovelado temporal. As cinco pessoas-meninas de que elas falam se fazem no mesmo lugar, no mesmo universo sociocultural, apesar do acúmulo do tempo tê-lo transformado durante esse lapso, de modo que, apesar de falar de um mesmo lugar de origem para as cinco experiências, de uma mesma zona localizada no meio rural do concelho de São Domingos, essa zona nunca é a mesma para cada uma dessas pessoas. São versões distintas desse espaço físico e social moldadas pela bagagem de cada geração²⁸ anterior, pelo depositar/repositar de experiências e mudanças feitas pelo

28 Para Abbink (2005) o conceito de geração, nos contextos africanos, está conectado a outras desigualdades como classe, etnicidade ou dominação religiosa que, por sua vez, configuram várias tensões geracionais.

tempo.

"a primeira vez que eu fui em Praia eu tinha dez anos, fui a pé e com carga na cabeça! Como eu ia pra conhecer, eu fui rápido... fui junto com a gente mais velha, com burro, com carga, colocava dois sacos na costa do burro e ia embora, chegando lá amarrava o burro num lugar onde pagava cinco tostões pra deixar o burro lá amarrado. Naquela época tinha meio tostão, dois meio tostão que fazia um tostão, meio tostão era pequenoo... dois dele era um tostão, dez dele era cinco tostão! Eu fui com batata pra vender, nesse dia eu ganhei quatro mil réis e os comi naquela mesma hora e vim pra casa, porque eu fui pra conhecer né... eu fui com um balainho que eu tinha levado com as batatas, e voltei com ele sem nada, comi fepu (rápido)! (risos) A segunda vez que eu fui eu comprei um tecido pra fazer um vestido, eu fiz o meu vestido daquele tecido que tinha desenhado assim uns riscos, rosa, xícara, casca de ovo (mais risos)... ouve aqui, eu te falo que eu já vi muita coisa, e olha que eu sou mais nova, tem aqueles que contam mais do que eu, mas eu também conto!" (Lúcia, 64 anos)

Aqui nos remetemos a temporalidades e espacialidades de um Cabo Verde pré-independência no qual a falta de infraestrutura isolava em certa medida os interiores em relação à capital, Praia, e dificultava o acesso a bens e serviços pela concentração dos mesmos na capital. Ela nos fala de noções sobre o exterior, sobre o que está fora do espaço onde consegue se localizar, que conhece em detalhes, cujos elementos manuseia bem, os quais a constituem e nos quais ela também se corporifica de alguma maneira. A pessoa-menina Lúcia chega pela primeira vez em Praia, naquele que é até hoje o principal local de comércio da cidade, e revive nas lembranças a fadiga daquele caminho longo e cansado que se fazia a pé, mas ao longo do qual também havia diversão, conversas e partilhas.

Aos dez anos ela tinha a primeira experiência com a economia cotidiana da maioria dos cabo-verdianos, aquele produzir do sustento dia a dia. A sua fala é suave e permeada por um prazer nostálgico, pincelado por ênfases nos detalhes que revelam as

dificuldades e desafios de se realizar atividades cotidianas naquele tempo. Há também alguma saudade e um certo orgulho de quem acredita ter vivido bem, de quem se orgulha de suas experiências e da forma como é capaz de olhá-las em retrospecto com carinho, mas também com a lucidez que enxarca as cenas passadas de sentidos povoados pela valorização das condições atuais e pelo respeito à forma como elas foram construídas. Estava Lúcia ali já aprendendo a labuta das mulheres que ainda hoje constroem suas vidas e as dos seus por meio do comércio varejista. Nas miudezas do seu narrar nos salta a desvalorização monetária, a exploração daqueles que vendem bens essenciais como alimentos e as dificuldades de um país no qual, num contexto de escassez de chuvas e dificuldades de manutenção de plantações, alimentar as pessoas era um desafio. No meio das pessoas-grandes, a pequena Lúcia vai aprendendo que, a despeito das adversidades, com pouco dinheiro é possível se fazer muito, que quando se junta as mãos o trabalho é mais leve e que é nesse juntar-se que se criam saberes, que se conhece melhor o mundo, são nesses atos cotidianos que se fazem pessoas. A avidez de conhecer a capital se mistura à gana de conhecer o dinheiro, esse ente misterioso até então, e realizar a mágica de fazê-lo sumir ao materializá-lo em desejos de consumo infantis pouco depois de ter sentido em suas mãos um pequeno mundo de possibilidades em forma de moedas. Mágica que se revela e se cristaliza no transcorrer do tempo no balainho vazio que Lúcia carrega de volta pra casa.

Na segunda visita à capital, território onde habitavam o dinheiro e as coisas novas e raras, já é outra Lúcia que faz aquele mesmo percurso, é a pessoa-menina que queria testar outra mágica possível na qual o dinheiro transformado não desaparecesse tão rápido, mas pudesse se converter num objeto de seu apreço. Algo que não se transformasse num balainho vazio, mas que se demorasse um tanto mais com ela, que dissesse algo sobre ela e com o qual pudesse criar lembranças e afetos. Ao lembrar daquele tecido, de sua estampa, de suas cores, do vestido no qual ele se transformou, ela lembra de quem ela estava sendo naquela altura da vida, de como era divertido olhar para aqueles desenhos, de como alguns tostões podiam criar satisfação e alegria.

O imaginário sobre essa infância, que se tece na década seguinte ao período conhecido como “fome de 47”, está permeado por sentidos povoados pela escassez, pela busca de soluções para a falta de água, pelas limitações de consumo e pela centralidade do trabalho na vida das pessoas que precisavam criar modos dinâmicos de existência a fim de prover necessidades básicas. O trabalho atua como eixo que tudo conecta, que irradia a produção de conhecimento sobre o mundo, que relaciona pessoas nas várias de diferentes idades.

Esse pano de fundo marcado por limitações materiais que corporificam imaginários sobre as infânciaS nesse espaço-tempo, também circunscreve as experiências de Alice, nas quais a cidade da Praia novamente aparece como o lugar que materializa parte das primeiras descobertas.

“(o que são aquelas luzes naquele monte lá na frente?) Chirley, é Praia! Aquelas luz tudo é Praia. Antigamente, quando eu era menina eu subia lá naquele monte, até em cima, e ficava olhando Praia lá em baixo. Mas eu achava que Praia era São Tomé, eu subia com uma amiga minha e dizia: olha ali São Tomé, é pra lá que as pessoas vão, pegam o barco e vão. Mas, eu tava certa disso, eu falava isso numa confiança! Eu não pensava que era Praia! Aí um dia eu adoeci e tiveram que me levar no hospital lá em Praia e nunca mais eu esqueci aquele dia. Primeira vez que eu fui em Praia, você pensa, eu menina sem conhecer nada, nem sabia o que era luz, fui conhecer em Praia. Eu passei uns dias no hospital, lá tinha outra menina que tava internada, aí a gente ficou amiga, ela tinha uma boneca e toda hora a gente brincava, foi a primeira vez que eu brinquei com uma boneca, porque eu não conhecia nem brinquedo. Eu lembro que eu fiquei contente, contente, eu nem lembrava que tava doente, nem queria vir embora mais.” (Alice, 51)

Praia sintetiza, ainda, as noções sobre o que é de fora, também viabiliza, de alguma maneira, acesso a bens que não estão disponíveis para toda a população em todas as localidades da ilha. A cidade se converte também num espaço de conhecimento do

mundo, de trocas, de produção da vida dia a dia, bem como de emergência e disseminação das novidades em termos de consumo e comportamento. É em Praia que a pessoa-menina Alice tem seu primeiro contato com um brinquedo, que ela experimenta pela primeira vez um brinquedo partilhado. Quando chega à cidade da Praia, imaginada como São Tomé e Príncipe, ela descobre que o mundo é habitado por muitas mais coisas além daquelas que preenchem seu mundo até então. Tanto a narrativa de Alice quanto a de Lúcia comportam como referência para os imaginários das infâncias as tantas mobilidades possíveis que se fazem em diferentes escalas e dimensões de movimento e distância. Numa escala mais próxima fazem-se os deslocamentos cotidianos e extraordinários para Praia, numa escala seguinte os que conectam as nove ilhas habitadas do arquipélago e que se ampliam para as emigrações rumo ao continente africano como aquelas para São Tomé, Angola, Senegal, e também para o continente europeu, sobretudo Portugal e, por fim, para os Estados Unidos e Brasil.

A experiência de Alice é multiescalar e criadora de sobreposições geográficas imaginadas e experimentadas tanto no plano mental quanto físico, nas quais sua elaboração de conhecimento busca corporificar a referência de exterior que ela possuía até aquele momento. A mobilidade que se fazia mais próxima e configurava seu imaginário até então era aquela que movimentava cabo-verdianos para as roças de São Tomé e não os deslocamentos para a capital do país. Na geografia imaginativa da sua infância insular é possível Praia ser São Tomé, é possível criar lugares outros nos quais se pode buscar a vida, assim como é simples e, ao mesmo tempo assombroso, projetar de cima de um monte espaços que nos chegam e começam a nos habitar pelos ouvidos já atentos há tanto tempo às muitas histórias e casos que compõem o desenrolar cotidiano da vida no interior.

Os movimentos de Rocha Lama para Praia ganham caminhos mais curtos com as estradas que começam a ser construídas a partir dos anos 90, ligando a zona também

às zonas e concelhos próximos, aproximando pessoas, lugares, objetos e ampliando as possibilidades de trabalho. Nesse contexto, Dalva sintetiza os sentidos que compõem o imaginário de sua infância. Três décadas separam sua experiência da de Lúcia, ainda assim essas infâncias se cruzam, seus tempos se penetram, ao inscreverem os sentidos do trabalho e das privações de maneira tão intensa nos corpos dessas mulheres e nas suas feições como pessoas-meninas-jovens-adultas.

“eu, lembrança da minha infância é essa aqui que eu tô te falando... só trabalho, eu sempre trabalhei... quando meu pai estava no trabalho fazendo aquela estrada de Variante, eu levantava as cinco da manhã com minha irmã pra pillar milho pra fazer cuscus ou papa (mistura feita de farinha de milho industrializada ou obtida a partir do milho pilado que, depois de levado ao fogo com água e mexido até se tornar uma pasta consistente, é servida com leite) pra meu pai levar pro trabalho. Eu tinha dez pra doze anos nessa época, já com quinze pra dezesseis anos eu já fazia toda a compra da casa, era minha responsabilidade, meu pai quando recebia me dava o dinheiro e eu fazia toda a compra do mês, eu que decidia o quê que ia ter de comida em casa cedo, no almoço e na janta. Lavava roupa, limpava e levava comida no lugar onde a gente plantava no tempo das águas. Menina... eu já passei muita privação na vida, muita dificuldade, tinha vez que meu pai ficava cinco meses sem receber um tostão e quando recebia era só aquele de um mês de trabalho. A gente não tinha dinheiro, mas comida não faltava.” (Dalva, 34 anos)

Ao buscar no contar/narrar de Dalva a lembrança imediata de sua infância o trabalho salta como um marcador do seu lugar dentro da casa dos pais em relação aos/as irmãos/irmãs. Trabalho este que não é apenas produtor de conhecimento, de cuidado, mas também de pessoas e corpos. O trabalho que faz o corpo funcionar em frações de tempo mensurados no relógio, que fixa o despertar para um novo dia de labuta, que produz o cuidado doméstico rapidamente consumido, desfeito e refeito, que modela o corpo-menino ao sabor das longas caminhadas e o desafia nos esforços de equilíbrio

exigidos pelo peso das cargas e galões de água na cabeça. O trabalho que produz o conhecimento alimentar que faz o milho render, que fortalece o corpo cansado e que junta mulheres ao redor das panelas. Mesmo quando as lembranças que rematerializam e reconstróem as infâncias parecem ser só de trabalho, elas nunca são só sobre trabalho.

O trabalho não é só trabalho, é também conhecimento sobre o mundo, é também ação sobre os corpos, e também espaço-brincante. É nos caminhos dos mandados que se inventa brincadeiras, que se descobre caminhos novos, é neles e nas tantas casas, hortas, montes e pedras, que os delimitam que se observa o mundo, as pessoas, os atos cotidianos que comportam modos de existência. Assim como o trabalhar, o brincar é também um ato de criação e de conhecimento sempre a penetrar os espaços de labuta, a recriá-los e ampliar as formas de aprendizado do mundo. Na experiência de Simone o brincar alcança o primeiro plano, seus olhos percorrem vários espaços de sua pequena zona e das zonas vizinhas, eles estão atentos as diversas pessoas, observam o desenrolar daquele cotidiano afetuoso e familiar, circulam como janelas móveis pelas casas. Nelas há pessoas rindo, cozinhando, contando estórias, fazendo fofoca, nascendo, parindo, gestando, plantando, morrendo, colhendo, chorando, sonhando, brigando, dançando, criando e imaginando existências, lugares, pessoas, tempos possíveis.

“eu lembro que o que eu mais fazia era brincar e comer (risos). Eu brinquei até os quatorze anos porque os meus primeiros brinquedos eu ganhei com doze anos, então por isso eu tinha que aproveitar e aí brinquei até mais grande. Uma coisa que a gente costumava fazer de conta era que nós íamos ter filho lá na pedra onde era nossa maternidade, a gente sabia como era pra parir porque como as mulheres daqui tinham filho mais era em casa, nós olhávamos elas tendo filho pra ver como era, depois íamos pra um lugar escondido pra termos os nossos filhos pras pessoas grandes não nos verem, porque senão elas iam brigar com a gente. Mas a gente paria na maternidade e

não em casa porque queríamos fazer igual na novela. A gente era cabeça duuraaa, mas não aquela cabeça dura que não ouve.” (Larissa, 23 anos)

Olhos e ouvidos são portas e janelas do aprendizado que guardam dentro daquela pessoa-menina, nas suas lembranças rebordadas de detalhes, as histórias e experiências de tantas outras pessoas em tantos tempos e espaços possíveis. Essas experiências, assim como as marcas da labuta, se inscrevem no seu corpo pela brincadeira que as encarna e as encena acrescida de tantos outros tons e relevos que a imaginação possa permitir. A maternidade pode ser um espaço-tempo-brincante, as festas e funerais também, qualquer elemento da vida pode se converter em matéria-prima do brincar. De modo que performar experiências apreendidas no observatório cotidiano da vida rural conduz corpo e mente por travessias do aprender e do criar. Imitar os adultos, criar paródias divertidas, e às vezes até mesmo zombeteiras, por meio da encenação de episódios considerados atípicos, interessantes e que impõem alguma interdição às crianças, como os partos e os velórios, é um ato imaginativo e criador de conhecimentos sobre o mundo e também território de produção e partilha de significados.

Neste território, os limites entre as experiências infantis e adultas sobre um mesmo evento são tênues como aqueles que separam as zonas interioranas, já que, como estas, se penetram e se atravessam, se comunicam à medida que os atos-adultos são recriados pelas crianças, criticados e expandidos ao incorporarem sentidos de outras narrativas, como as das ficções televisivas. Aqui o imaginário infantil se referencia nas experiências adultas, em novos fluxos de imagens, discursos e performances trazidos pelos mares, pelos ares, pelas conexões com espaços-tempos “de fora” que atuam em escalas cada vez mais ampliadas de mobilidade. As novidades dos anos 90 e 2000 trazem novos elementos para as casas no interior, os televisores escancaram janelas diante dos olhos-janelas das gentes meninas, grandes e velhas.

Larissa partilha com Camila, sua sobrinha, esse espaço e esse tempo dos brinquedos,

dos televisores e celulares, das geladeiras, dos carros que conectam as pessoas à cidade da Praia pelo menos em três horários diferentes ao longo do dia. Encontram uma Praia móvel, confluyente, acelerada, dos mercados mais fartos e mais próximos, das lojas chinesas, das universidades, e que leva mais mobilidade, fluidez e velocidade às existências possíveis nas zonas interioranas.

“olha aqui, prali é Pedra Badejo, onde está aquelas hortas é Matinho, mais pra lá, atrás daquele monte é Ribeira Seca, eu sei onde é cada lugar... (quem te ensinou?) eu sei! Eu já sei um monte de coisa, quando eu vou apanhar água eu passo por um monte de lugar, nas fodjada (locais onde se faz a aguardente), nas hortas, pego tomate, tudo que eu achar de bom no caminho eu pego... mas eu tenho gana é de conhecer Portugal e o Brasil também... meu pai fala que vai me levar pra Portugal, eu ainda não sei se ele vai mesmo me levar, mas eu quero muito ir estudar, andar de avião e também ver a neve...” (Camila, 11 anos)

A imaginação audaciosa pode se permitir mais do que imaginar São Tomé do alto do monte, permite se ver como pessoa-móvel, como pessoa que pode habitar outros espaços, que pode viajar pela televisão, pelos livros, pelas canções. Mas uma mobilidade que tem sido movida pelo ímpeto de pessoas-móveis de buscar e fazer a vida, de ampliar suas possibilidades de existência, seu conhecimento sobre o mundo, de criar outras lembranças e significantes para o curso temporal em que pessoas e corpos se fazem. Os limites insulares parecem intensificar e ampliar os atos imaginativos das pessoas-meninas que passam a ter a escola como referencial mais potente e mais marcante que o trabalho. Ainda são tempos em que é preciso se desenrascar, as pessoas-grandes estão ali para lembrar de que os tempos difíceis não estão tão longe, de que é preciso partilhar, que não se castiga criança privando-a de comer, de que é preciso dar a sua ajuda na hora de semear a horta do vizinho, de que não se pode subestimar a fartura.

As pessoas-grandes estão ali para mostrar que o trabalho e o cuidado doméstico ainda

são espaços-tempos privilegiados de aprendizado, de criação, de conhecimento, de gestão da existência. Pessoas-grandes, pessoas-jovens e pessoas-meninas que se fazem simultaneamente e se elaboram em co-feitura, numa tecitura coletiva, numa composição emaranhada de experiências que re-existem e se re-criam em múltiplas vivências espaço-temporais. Composição esta que adensa imaginários, conhecimentos e noções sobre existências infantis, seus corpos, suas formas de estar e agir no mundo, seus desejos e necessidades, e que, simultaneamente, é adensada por atos imaginativos e por elementos culturais e materiais móveis que atravessam fronteiras geográficas.

As experiências das/nas infânciaS não só se fazem pelas trocas, atravessamentos e conjunções de pessoas diversas que são parte das experiências e da feitura de outrem, mas também fazem essas pessoas de modo transtemporal, pois não se circunscreverem a ciclos de vida definidos e circunscritos, mas reverberam através do tempo nos múltiplos modos de existência. Experiências infantis que seguem atuando na modelagem das pessoas-grandes. Se, por um lado, perdem seu protagonismo nesse modelar, por outro, potencializam-se como interlocutoras entre passado, presente e futuro. Temporalidades que, ao produzir continuidades e descontinuidades nesses cursos de existência, conectam gentes de diferentes gerações, bem como espaços diversos e recriados.

TRECHO II

IMAGINÁRIOS E EXPERIÊNCIAS NO FEMININO: O CUIDADO NA FEITURA DE PESSOAS.



Desenho 8: cuidadora

TRAVESSIA I
HISTÓRIAS DE MULHERES-GRANDES PARA MULHERES-MENINAS: BOCAS E MÃOS
QUE CUIDAM E ENSINAM.

Era uma vez uma menina cujo pai era viúvo, seu sonho era que seu pai se casasse novamente com uma vizinha de quem ela gostava muito. A vizinha percebe o desejo da menina e começa a agradá-la, dando-lhe de tudo... uma fatia de bolo, um copo de suco, um chocolate, na tentativa de conseguir conquistar a estima de seu pai e casar-se com ele. Depois de casar com o pai da menina, a madrasta então começa a maltratá-la, a colocá-la pra fazer todo tipo de serviço. Um certo dia a madrasta lhe manda ir lavar tripas no rio e, para azar da pobre menina, uma das tripas se perde ao longo da correnteza. A madrasta enfurecida, lhe ordena que procure pela tripa perdida ao longo do curso do rio e assim o faz a menina. No caminho ela encontra com uma galinha com seus pintos a lhe pedir ajuda para atravessar o rio, e a menina então põe a galinha e seus filhotes do outro lado. A galinha agradecida lhe deseja proteção e sucesso no caminho ainda a seguir na busca pela tripa perdida no rio, e elas se despedem. Mais adiante, a menina encontra uma porca com seus leitõezinhos famintos. A porca lhe pede ajuda para alimentar as crias, solicitando a menina que arranje pelo menos um punhado de folhas num pé de pau para alimentar seus filhotes, e assim a menina o faz. A porca agradecida lhe deseja proteção e sucesso no caminho ainda a seguir na busca pela tripa perdida no rio, e elas se despedem. Seguindo seu caminho na esperança de cumprir a ordem que lhe foi dada, a menina então encontra uma cabra e seus filhotes também famintos a lhe implorar ajuda. A menina, solícita e devotada a ajudar àqueles que atravessam seu caminho, vai procurar um punhado de palha no meio mato que possa alimentar as crias da cabra. A cabra agradecida lhe deseja

proteção e sucesso no caminho ainda a seguir na busca pela tripa perdida no rio, e elas se despedem. Novamente solitária a menina segue seu caminho com os olhos no rio quando encontra um senhor junto de um poço sem conseguir tirar água pra levar pra casa. Ele lhe pede ajuda e ela prontamente retira do poço a água de que o velho homem precisa. O senhor agradecido lhe deseja proteção e sucesso no caminho ainda a seguir na busca pela tripa perdida no rio, e elas se despedem. A menina segue, então, seu caminho com os olhos no rio a buscar pela tripa perdida, mas já está para escurecer e ela percebe que precisa de um lugar para se abrigar até que um novo dia amanheça e ela possa continuar suas buscas. Avista então uma pequena casa abandonada e resolve ali se abrigar. Ao entrar nota que o lugar estava sujo e sem condições de ser habitado. Então ela limpa toda a casa para só então poder deitar e dormir. Durante a noite ela recebe uma visita, assustada ela hesita em abrir a porta, mas a insistência de quem bate lhe obriga a abrir, e ela então dá de cara com o anjo Gabriel que lhe orna com uma estrela dourada na testa. O dia amanhece e a menina então retorna feliz para a casa, com sua estrela dourada a reluzir na testa, mas sem a tripa perdida no rio. Sua madrasta fica furiosa e quer saber onde foi que ela arrumou aquela estrela. A menina conta todo o ocorrido no trajeto e na casa onde dormiu, a madrasta descrente manda sua filha ir até a tal casa, agora a busca da estrela que a enteada havia ganhado. A filha da madrasta da menina da tripa perdida se põe no mesmo percurso. No caminho ao longo do rio encontra a galinha, a porca, a cabra e o senhor do poço, estes lhe pedem ajuda, mas ela ignora os apelos e segue seu caminho obstinada e convencida de que não há tempo a perder. Apesar do passo veloz ela só alcança a tal casa já ao cair da noite e se vê obrigada a dormir por lá. Ao entrar a casa está suja e desarrumada, mas isso não lhe gera preocupação ou desconforto, ela está cansada da caminhada e detesta o trabalho

doméstico que em casa é sempre delegado à enteada da mãe. Ela então se acomoda num canto e pega no sono, mas não demora muito e escuta alguém a bater na porta. Desperta pela expectativa de que seja o anjo a oferecer a estrela que a enteada da mãe ganhou, ela sai afoita para abrir a porta. Ao fazê-lo, para a sua surpresa e desgosto, lá não estava o esperado anjo e a menina sai correndo desesperada e aterrorizada para casa. Lá chegando, a mãe mal consegue lhe encarar e grita horrorizada com a aparência da filha que lhe aparece com um pênis de cavalo no meio da testa. Diferente da enteada, quem havia lhe visitado tinha sido o demônio (xujo), uma vez que ela deixou a casa que a abrigou do mesmo jeito que encontrou, suja e desorganizada. Mostrou-se, portanto, não merecedora da estrela dourada e recebendo um adorno compatível com a sua dedicação a quem lhe solicita ajuda, ainda que desconhecidos, e ao seu cuidado com a limpeza e o acolhimento do espaço onde repousaria, ainda que por uma única noite.

Há cerca de quatorze anos Larissa (23 anos) ouvia essa história, em 2015 ela está no lugar de narradora e eu ouço atenta os detalhes e me acho em estado de surpresa ao final, hoje, em 2018 me vejo no lugar de co-narradora dessa e de outras histórias que foram comigo compartilhadas. E, assim, me engajo também nessa complexa teia cultural da qual as histórias infantis e infanto-juvenis são uma parte importante na composição de formas de pensamento e noções de mundo de grupos sociais diversos. Essa história me fala de tantas meninas, de tantas mulheres, reconta tantas outras histórias, que me pus a pensar, naquele momento e agora, em quantas histórias fazem uma mulher, a acompanham na sua imaginação, nas suas brincadeiras, nas trocas com amigas, na escola, na igreja, em casa, nas conversas com as vizinhas. Histórias que estão com elas desde o tempo em que apenas as ouviam até o momento em que passam a contadoras desses contos lúdicos que sintetizam visões de mundo e noções de pessoa.

Portanto, elas atuam também como gerenciadoras das sobrevivências dessas histórias ao longo do tempo e do status que tais narrativas terão na vida social de um lugar, na educação de crianças e jovens.

Quantas são as histórias que alimentam seus olhares sobre o mundo e sobre si mesmas e, assim, criam performances, modos de existência e de conhecimento, compõem trajetórias de vida. Esse pequeno conto que abre nossa travessia se atravessa com o dia em que Luciana (18 anos), a pequena Khady e eu fomos até a casa de seu pai em Porto Madeira. Ela já havia me contado várias histórias e atritos que tivera com a mulher de seu pai, a quem se refere como sua madrasta, e me prevenira acerca do caráter desta mulher o qual ela julgava nada confiável. Essas histórias da sua infância e adolescência eram povoadas por maus tratos, mentiras que perturbavam sua relação com o pai, feitiçarias e chantagens. Luciana dizia nunca ter entendido porque o pai estava com aquela mulher.

Chegamos na casa e a senhora nos recebe bem, verificava a enteada, irmã mais nova de Luciana, a limpar a frente da casa e ia lhe ordenando o que fazer e como fazer. Dentro da grande e ampla casa estavam as meias-irmãs e irmãos, duas garotas de cinco e seis anos e um menino de quatro. A sala é o primeiro dos cômodos e se apresenta toda composta e arrumada, sofás, cristaleira, mesa de centro. À medida que vamos entrando o ambiente vai se apresentando mais descomposto, com tarefas por fazer, outras deixadas pela metade, comida, brinquedos e outros objetos pelo chão, as crianças a brincar. Aquele ambiente não chegava a me chamar a atenção e tudo me parecia dentro dos padrões de uma casa com muitas crianças onde o dia começava e havia muitas tarefas por fazer.

Khady está dormindo no colo e Luciana a coloca na cama de casal no quarto do pai e da madrasta por recomendação desta última, sinto seu olhar de aflição ao ter que deixar a menina só no quarto e a cada vez que a dona da casa se aproxima da menina, mas no decorrer da visita ela esforça-se por dissimular descontração. Luciana nos

prepara algo para o café conforme ordens da madrasta, já que não havíamos comido nada desde a saída da Praia até lá e eu estava a despencar-me de fome e gripe, mal sabia como conseguira estar ali. Sílvia, a madrasta, alterna entre conversas curtas conosco na sala, a supervisão das tarefas realizadas pela enteada Aline e os preparos para o almoço. Ela me faz uma jarra de chá de limão com gengibre, me entrega a jarra com o líquido fervente para que eu tome um pouco do vapor nas narinas, para em seguida beber o chá. E assim o fiz.

Luciana havia me dito que estava lá para que o pai ou o irmão a levassem até a casa de uma tia para saber quais seriam os serviços de cabeleireira que lhe seriam demandados no casamento que se aproximava. Passamos boa parte da manhã na sala a nos revezar nos cuidados com a pequena Khady, enquanto Sílvia estava na cozinha a preparar o almoço, até o pai de Luciana retornar a casa e, então, passar a nos fazer companhia. Na presença dele Luciana fica um pouco mais leve e à vontade, mas, ainda assim, há uma atmosfera de excessiva cautela nos nossos movimentos e palavras, na condução dos assuntos. Durante a refeição do almoço Luciana é desencorajada a ir até a casa da tia, em outra localidade relativamente próxima, para definir a parte que lhe cabia nos preparativos do casamento, no caso, arrumar as damas que participariam da cerimônia na igreja. A madrasta insiste que não é necessário, que as jovens irão procurá-la no decorrer da semana no Sucupira e seu pai concorda.

Tendo o motivo da nossa ida até lá se dissolvido, nós apenas terminamos de almoçar para em seguida pegar o caminho de volta para Praia. Antes, Luciana tenta conversar um pouco com a irmã, saber como ela está, penteia seu cabelo, durante a rápida folga que a madrasta lhe dá. É uma conversa discreta, sem muito calor, de olhos baixos e poucas palavras. Mas, na saída é visível o desalento da menina ao ver a irmã ir embora com a sobrinha, a qual só pôde segurar no colo por alguns poucos instantes já que a madrasta não lhe deu trégua nos afazeres. No caminho de volta, Luciana é só queixas da madrasta. Mesmo a frustração por não ter conseguido realizar a visita à casa da tia,

que era o motivo do deslocamento, se tornara pequena diante da frustração em ver a agruras da sua infância se repetindo com a irmã e da repulsa que sentia em relação à mulher do pai. Ela faz questão de enfatizar a sua antipatia e desprezo pela madrasta: *"kel mudjer é ka bali!"* ("aquela mulher não presta!"). Mas, Sílvia não era só uma mulher ruim ou desprezível aos olhos da enteada, ela personificava apenas o papel da madrasta má, mas também um modelo negativo de feminilidade, um modelo que ia de desencontro às lógicas de cuidado, zelo, harmonia, generosidade e reciprocidade. Apesar de eu mesma ter achado ela generosa e cuidadosa ao me oferecer o chá que de fato veio a contribuir muito para cessar os sintomas daquela pesada gripe que me abatia na altura.

"Você viu aquela mulher? Me diga, o que meu pai viu nela? Ela é feia, desarrumada, nem dela mesma ela cuida! Você viu como ela estava vestida? Viu como ela está gorda, com aquela barrigona parecendo que está grávida! Viu como estavam os filhos dela? Jogados dentro de casa, com as roupas sujas, as meninas com os cabelos despenteados, a casa toda revirada, suja! Você viu a sujeira daquela casa? Aquele quintal no fundo, viu o monte de lixo que tava espalhado naquele quintal? Agora eu pergunto, o que meu pai viu naquela mulher... uma mulher que não consegue nem deixar a casa dela arrumada... tudo dela é sujo, lugar sujo... você não tem vontade de ficar ali... eu não aguento ficar ali, por isso que eu não visito meu pai nunca, eu ainda vou lá por causa dele e da Aline, porque a minha irmã, coitada, ela passa mal na mão daquela mulher, que nem eu passei! Menina... se eu te falar tanta coisa que meu pai já passou com essa mulher... meu pai já teve dinheiro que ele não sabia nem o que fazer com ele, hoje você busca onde tá o dinheiro do meu pai, você olha o que é que ele tem... só sobrou aquela casa e um carrinho velho... meu pai toda vida foi forte, bonito, com saúde, ainda hoje pela idade que ele tem ainda está bonito, forte, bem conservado, mas meu pai não consegue trabalhar mais, ele vive doente, se queixando de dores. Foi só ele se juntar com essa mulher e ficou assim. Você viu que o que tava arrumado naquela casa era a cama dela né!? Pois então, sabe o que eu já achei

embaixo do travesseiro dela uma vez? Aqueles bonecos de feitiçaria! Já te falei, aquela mulher não presta... eu tenho certeza que ela fez coisas pra segurar o meu pai. Você viu que eu nem almocei muito, porque eu não gosto de comer a comida dela, não confio de comer a comida dela, ainda mais ela sendo porca daquele jeito! Também não gosto que ela fique pegando a Khady no colo, o dia que eu pari, ela foi no hospital me visitar e eu não deixei ela pegar a menina, hoje me deu raiva aquela hora que ela pegou minha filha... só Deus... minha irmã é que sofre... se eu pudesse tirava minha irmã de lá e trazia para morar comigo!"

As observações de Luciana acerca da madrasta se cruzam de algum modo com as imagens e referenciais da pessoa-mulher trazidas na história que Larissa ouvia na infância. O imaginário das meninas acerca de seu lugar no mundo enquanto mulheres já é, desde muito cedo, povoado por performances que vão sendo elaboradas ao longo dos anos na medida em que seus sentidos, olhares, ouvidos, se concentram nas performances das mulheres com as quais convivem e nas histórias por elas contadas. São performances elaboradas coletivamente por diversas vias, pelas narrativas, pelo observar e realizar tarefas cotidianas, pelos mandados, pelas queixas, ralhos e conselhos que recebem em casa, na rua, na escola. Esses referenciais performance e imaginários, como podemos ver na fala de Luciana, se cruzem também com sentidos de impureza e perigo que historicamente cercam determinadas mulheres. A madrasta de Luciana coloca esses significados no jogo das reatualizações, na medida em que se reconecta com os sentidos presentes nas figuras das madrastas presentes nessas histórias.

As expectativas são de que no tempo da infância, as meninas absorvam as performances do cuidado de si, dos outros e dos espaços onde vivem, para que na adolescência possam ir assumindo mais responsabilidades e descarregando os ombros das mulheres que estão a sua frente no curso da vida. Me lembro de Larissa a contar-me de sua relação com a irmã mais velha, Judite, durante a infância, quando dela recebera os cuidados básicos que compunham as necessidades rotineiras de uma

criança. Era ela que alimentava, dava banho e vestia Larissa, que lhe comprava o básico em vestimenta e calçado, com seu próprio dinheiro. Quando se viu a cuidar da irmã Clara, Larissa também se viu a repetir aqueles gestos de cuidado que havia absorvido. Ao se ver diante dos cuidados com a filha e com a própria casa, Luciana também estava colocando naqueles cuidados diários os sentidos incorporados ao longo de uma vida de aprendizados e compartilhamentos de conhecimentos, ainda que refazendo e reatualizando aquela composição de incorporações do cuidado à sua maneira.

A história da menina em busca da tripa perdida no rio apresenta a limpeza e o cuidado como dimensões essenciais e bem reconhecidas da conduta de uma jovem. Cristaliza-se como uma espécie de reflexo do que precisam se tornar, se traduz em elemento primordial pelo qual serão reconhecidas e, eventualmente, premiadas. A estrela dourada se converte, no tempo-espço de materialização das fábulas, em rumores, em causos, em classificações cotidianas dos comportamentos femininos. Nesse ponto, a fábula também me leva a uma conversa com Carina (24 anos), na qual ela se queixava da estreita convivência com a parentela do marido.

As irmãs dele não lhe tratavam com respeito e solidariedade, eram mulheres com as quais não se podia contar, que queriam lhe ver pelas costas, espalhar mentiras como quem espalha sementes de erva daninha, atingir-lhe com críticas que lhe são desferidas como flechas envenenadas em sua reputação. Ela conta indignada que certo dia estava a ouvir uma barulheira na porta de casa, um falatório, o qual não lhe interessou averiguar porque já estava com a cabeça cansada de preocupações. Mas, eis que uma das crianças vem lhe dizer que a irmã mais nova do marido, uma adolescente 16 anos, estava a fazer troça (piada) dela, chamando a atenção de toda vizinhança.

“Chirley você sabe que eu toda vida eu sou muito cuidadosa com as minhas coisas, se tem uma coisa que eu preocupo é com a minha casa, se minha casa vai tá limpa, bem arrumada, com as coisas todas compostas do meu jeito, do meu gosto, às vezes eu posso até não dar conta de manter ela do jeito que eu quero sempre, mas é mais por

falta de alguém que me ajude do que por descuido meu. Sempre eu preocupo de receber bem as pessoas, das coisas estarem sempre limpas, eu faço minha comida, pode não ter de tudo todo dia, mas eu faço aquela comida bem feita e em quantidade pra que todo mundo fique farto. Aqui onde eu tô agora infelizmente nem sempre eu tenho condições de deixar as coisas do jeito que eu quero, porque você está vendo, eu não tenho espaço suficiente, eu não tenho uma cozinha como eu tinha na outra casa, aqui é tudo arranjado do jeito que dá, mas mesmo assim eu tento deixar tudo limpo e organizado. Agora você veja, aqui eu não tenho uma casa de banho (banheiro), eu tenho que dar banho na Cecília e Moisés aí fora, então às vezes eu troco ele, tiro a fralda dele suja e deixo no cantinho ali junto da cerca pra eu jogar ela fora mais tarde porque às vezes naquela hora não dá pra eu sair e jogar fora lá no mato. Elas morrem de saber disso, já me viram fazendo isso um monte de vezes, nunca elas me viram ficar juntando lixo dentro de casa ou aqui na porta. Então eu tinha feito isso, tinha uma fralda dele suja de cocô que eu tinha tirado e ainda não tinha jogado fora, só que sem eu ver veio algum cachorro e pegou e espalhou ela com outros lixos na rua. Daí me vem essa menina e pega essa fralda suja e começa a sacudir ela com a mão mostrando pra todo mundo, gritando pra todo mundo ouvir que eu sou uma porca, que onde já se viu aquilo, que eu tava jogando o lixo daqui de casa na rua, que ela não sabia como o Carlos tinha arrumado uma mulher porca como eu. Menina, a hora que eu vi isso eu fiquei cega de raiva, eu não me dei conta de em quantos minutos eu avancei nela, tomei aquela fralda das mãos dela, e fui com a outra mão direto no pescoço dela, dei-lhe umas boas bofetadas, pois você sabe que eu tenho força e tenho muito mais força que ela. Mas eu fiz isso porque ela tava fazendo aquelas coisas pra me afrontar, pra me humilhar, e isso eu não aceito, então eu precisava botar ela no seu lugar. Menina, a gente discutiu, eu falei umas poucas e boas com ela, todo mundo saiu pra acudir, mas deu tempo eu dar umas bofetadas nela, porque ela mereceu! Agora, você veja, nunca que alguém já teve esse tipo de queixa sobre mim, quando eu morava na outra casa na zona onde eu me criei todo mundo me conhece, sabe que eu não sou disso, se tem

uma coisa que as pessoas não podem falar é que sou descuidada com minha casa e esse tipo de mentira pra me difamar eu não aceito!”.

Fico impressionada com a forma como a microguerra familiar inflama os sentidos de Carina, ela sobe o tom de voz, gesticula com a ânsia de quem quer se fazer crer, revive aquela raiva, repete suas justificativas como quem continua a bater uma massa de bolo mesmo depois de observar que ela já está pronta pra ir ao forno, como se aquela repetição fosse garantir o sucesso da receita ou o efeito de certeza de que o processo será bem-sucedido. A acusação é inaceitável não somente por ser uma mentira, mas porque atenta contra a sua boa fama de esposa, mãe, mulher. A encenação, a trosa, a difamação, da cunhada tentam roubar-lhe sua estrela dourada, ofuscar seu brilho, seu esmero, sua dedicação, tirar-lhe seus méritos tão arduamente alcançados. Atentam contra toda uma trajetória, e não só contra a sua trajetória, mas contra a de sua mãe, contra o ambiente no qual ela se criou, contra a educação que recebeu.

Assim como na fábula, as parentelas às quais as mulheres vão se associando, com as quais vão tecendo relações, podem por vezes se mostrar hostis e ameaçadoras de seus lugares sociais e de suas conquistas. Madrastas, cunhadas, sogras, primas, tias, que não prestam. Carina diz que a família do marido não gosta dela, que queriam que ele fosse casado com outro tipo de mulher, mais bonita, com família com condições financeiras, e que por isso os familiares que entraram por acréscimo em sua vida não lhe tratam bem, desejam o fim de sua relação, ofuscam sua estrela.

As relações de afinidade que se espriam na medida em que o raio de circulação das meninas-moças vai se ampliando guardam uma ambiguidade, uma dualidade intrínseca e que lhe é parte fundamental e, portanto, responsável pela complexidade da gestão dessas relações. São simultaneamente buscadas e evitadas, fonte de satisfação e de problemas, o reconhecimento social que delas depende para ser conquistado também encontra nelas um espaço de ameaça e vulnerabilidade. Os ouvidos e as bocas estão desde cedo afinados para captar e redistribuir histórias mais ou menos ficcionadas, mais

ou menos coerentes, mais ou menos justas. Esses sentidos vão se apurando no recriar de versões de fatos e pessoas na medida em que os rumores circulam. Trajetórias se firmam e se desmancham, estrelas são distribuídas como troféus, trocas diversas se fortalecem ou cessam, pessoas se fazem. E novas histórias se fazem misturadas às ficções lúdicas que acompanharam as mulheres-meninas até a mocidade.

O ciclo audição-narração-audição de histórias, este contar e recontar, materializa noções e práticas sociais²⁹. Suas personagens, seus cenários e enredos, suas narrativas compostas de metáforas, modelos de comportamento, normas sociais, padrões de conduta e atributos socialmente valorizados, suas atribuições de valor e classificações sobre as pessoas, as coisas, o mundo, produzem identificações, elaborações sobre a vida e orientações para o existir. Histórias nos apresentam pessoas exemplares e condutas reprováveis lado a lado, são pedagogia cotidiana em doses lúdicas que ficam na memória e enchem os dias de riso, elas produzem laços, laços pedagógicos talvez, entre pessoas diversas idades.

O vivido se materializa em narrativas orais imagéticas, mas estas também se materializam de alguma maneira nas vivências das pessoas ao oferecerem empréstimo de sentido que atuam na composição de subjetividades e corporalidades distintas. Há,

29 As continuidades assim como as mudanças e reconfigurações socioculturais também são construídas nas práticas e performances diárias que estabelecem convenções e padrões de comportamento, ou delineiam as expectativas sobre eles. É pensando na dimensão dessas práticas e performances incorporadas de modelos de feminilidade – mas também olhando para as desincorporações e desconstruções – que cabe recorrer a noções como as de performatividade e corporalidade. Por outro lado, devemos ter em mente que o próprio gênero é performativo uma vez que ele é *“performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero” (BUTLER, 2003, p. 48). Nesse sentido, os atos de ensino e aprendizagem, de compartilhamento de histórias e discursos, de circulação de rumores, e a sobrevivência de narrativas que materializam corpos femininos, apesar de atuarem nas composições dos entendimentos sobre as feminilidades, não podem ser reduzidos a mera expressão de uma identidade de gênero supostamente unificada e coesa num “ser mulher”, mas são eles também os geradores e reconfiguradores de feminilidades que não são essenciais, mas que constituem criações cotidianas em curso. Tais criações nunca serão uma expressão exata, inequívoca e coerente dos modelos de feminilidade forjados e mantidos por meio de discursos, de dispositivos de controle – sejam públicos ou privados – e de signos corpóreos que se pretendem definidores absolutos. Esses atos, gestos, narrativas e performances estão sempre em feitura, sempre em jogo, estão sendo movimentados e atualizados a todo momento, com acréscimos ou perdas de sentidos.

pois, mulheres-adultas que oferecem a mulheres-meninas histórias contadas por outras mulheres em tempos outros. Há mulheres que fazem histórias de suas vidas, ao mesmo tempo em que há mulheres sendo feitas por essas histórias na medida em que elas são contadas e recontadas. Há, pois, histórias para mulheres e para feitura de mulheres, que as socializam ainda meninas nos termos do que é socialmente compartilhado como subjetividade e agência femininas. De modo que se as juventudeS são múltiplas, o gênero opera desde as infâncias que se desenvolvem em contextos também diversos, urbanos, rurais, em famílias extensas e pequenas, longe da família consanguínea, na fartura e na escassez material.

TRAVESSIA II

VENTRES QUE CRIAM: CIRCUITOS DE CUIDADOS E REDES DE RECIPROCIDADE NA FEITURA DE MULHERES.

ventre

é no ventre que se faz

é no ventre que se cria

é no ventre que se acha

é o ventre que liga

é o ventre que sustenta

é o ventre que anima

é do ventre que brota

é do ventre que flui

é do ventre que vive

o ventre é onde refaz

o ventre é onde recria

o ventre é onde renasce

o ventre é onde ressignifica

o ventre que cria

que liga

que flui

é que enriquece

engrandece

felicidade vem do ventre

que cria

recria

refaz

anima

sustenta

renasce

ressignifica
vive
ventre que brota
é vida cheia
é calor
é sopro
é esperança
é refúgio
é rejeitar a solidão
é fazer a vida
é atuar
é tomar para si o destino
ventre se faz
mulher se faz
felicidade se faz
vida se faz
e dura nas vidas que faz
no tempo que se refaz
(versos meus – ago./2015)

São por volta de seis da manhã, o sol começa a despontar na Rocha Lama, Larissa (23 anos) desperta já com os primeiros barulhos da casa, com sua mãe a lhe chamar e a delegar as primeiras tarefas do dia, seus sobrinhos que vão cedo pra escola também já estão de pé, eu e a pequena Diana, sua filha de 3 anos, ainda ficamos na cama adormecidos pela penumbra que ainda habita o quarto. Mas, logo o despertar lento da casa vai ficando acelerado e dinâmico, e me levanto. As vozes estridentes a solicitarem a realização de tarefas, a apressar as crianças e os vizinhos a passar pela porta, às vezes a se achegar e trocar um pouco de conversa enquanto esperam algum favor, todo o rebuliço das primeiras horas do dia são como mãos que me sacodem e me impelem a me juntar àqueles que me acolhem nos seus afazeres. A essa altura, Larissa já foi até o

tanque (reservatório de água), nos fundos da casa, apanhar água para preparar o corpo para a movimentação do dia, enquanto isso, sua sobrinha Camila esvazia as *bacias* (penicos) fora da casa, entre o chiqueiro e o curral. Larissa começa a organizar a cozinha para preparar o café, com a ajuda de Camila lava a louça do jantar da noite anterior. Pratos, talheres e copos precisam estar prontos para a refeição que se aproxima. O café é coado, o arroz que sobrou da noite anterior é esquentado numa pequena panela no fogão a gás para alimentar principalmente as crianças, já que nesse momento são cinco em casa. Enquanto o arroz está no fogo do já debilitado fogão, ela vai até a vizinha dos fundos pegar os pães que a moça da zona próxima deixava nas primeiras horas da manhã, quando Larissa ainda não estava acordada.

Sua mãe vai até as cabras no pequeno curral nos fundos da casa pegar um pouco de leite, depois de já ter retirado da cama os netos e a filha mais nova. Enquanto Larissa termina de preparar o café da família, sua mãe Alice prepara a refeição das crianças e o lanche para levarem pra escola. Feito isto, ela então leva comida e água para as criações e verifica se as crianças estão prontas pra sair pra escola. Depois de colocar a mesa e repartir a comida para as crianças, Larissa vai checar se a filha se levantou, veste-a e lhe põe a escovar os dentes, pra em seguida preparar o café da pequena. Todos alimentados, o ritmo da manhã segue acelerado, varrer a casa, lavar a louça do café, apanhar lenha, definir o almoço e começar a prepará-lo, colocar as crianças que estudam a tarde para fazerem o dever, apanhar água se o bidão (barril) estiver vazio, vigiar Diana que corre pra cima e pra baixo entre currais, pedregulhos, restos de construção, nas casas dos vizinhos e no mato afora.

Esses afazeres se movimentam e se desenrolam enquanto na sala a televisão está ligada no Show da Manhã (programa local transmitido ao vivo que combina exibição de sequências de exercícios aeróbicos e ginásticas localizadas com receitas culinárias, dicas de beleza e apresentação de músicos e variados artistas locais). Enquanto isso, Alice faz a sua rotineira caminhada (de cerca de duas horas) até a horta para reabastecer a

dispensa de alimentos. Os músculos ainda fortes e robustos, diante dos seus cinquenta anos, sustentam enormes sacos carregados de pimentões, tomates, pepinos, mandiocas, batatas, plantadas pelo marido Domingos ao lado do sobrinho Rony. Os cuidados que alimentam, protegem e mantêm os corpos, as vidas que pulsam e se movimentam, têm seu núcleo reprodutivo na casa recém-construída – com seus quatro espaçosos quartos, uma sala grande, cozinha e banheiro, ainda sem os acabamentos na sua estética cinza de cimento – e se estende para a antiga casa da mãe de Domingos, avó de Larissa, para a qual haviam se mudado enquanto reconstruíam a sua casa.

Mesmo com a casa nova pronta, a movimentação do dia se concentra toda na velha casa da avó de Larissa, as refeições continuam a ser preparadas no quartinho de paredes de pedra onde fica o fogão de lenha, toda a louça ainda é limpa e guardada ali, o entretenimento junto ao aparelho de televisão se mantém entre aquelas paredes amareladas e impregnadas de histórias. As duas casas pareadas (divididas apenas por um pequeno corredor que não chega a dois metros de largura) se comunicam e comportam o vai e vem demandado na realização das tarefas cotidianas, oferecem instrumentos para o tecer dos cuidados domésticos que se estendem para além da casa, que envolvem outras casas nas trocas de favores e empréstimos, na circulação das crianças, no *djunta món* (*juntar as mãos*). As sementeiras se fazem a várias mãos, os banquetes de casamentos, batizados e velórios se fazem a várias mãos, as colheiras se fazem a várias mãos, os cabelos são trançados a várias mãos, o cuidado se faz a várias mãos, entremeado por trocas diversas, por histórias compartilhadas, por conhecimentos partilhados, risos e atualizações do cotidiano aparentemente minúsculo que se desdobra em minúcias e fragmentos de vidas e pessoas que levam um tanto de outras e deixam um tanto de si nesses atravessamentos muitos.

Há alguns poucos quilômetros, em Ribeira Seca, zona também no concelho de Santa Cruz, Júlia (23 anos) começa o dia numa labuta não muito diferente da de sua amiga Larissa. Acorda cedo, prepara o café, organiza a casa, lava a louça do jantar, dá banho

no pequeno Artur que está pra completar seu primeiro ano de vida, demanda as primeiras tarefas à Carolina, já com seus 5 anos. É visível o esforço de Júlia para manter minimamente organizado e acolhedor o pequeno quartinho nos fundos da casa da mãe do marido. Ela que estava acostumada a uma casa espaçosa, ampla e cheia de mobília, aparelhos eletrônicos e enfeites, priva-se do conforto de outrora num sacrifício momentâneo que acalenta seu sonho de ter a própria casa.

Agora seu andar é inquieto, seu corpo não se sente parte daquele lugar, não há canto que comporte a mulher deslocada com a perda não só do seu conforto, mas da sua privacidade, da sua casa toda composta à maneira da dona, era como se a casa fosse seu espelho e agora não a refletisse mais. A todo momento Júlia repete para mim de forma enfática que a mudança de casa é um sacrifício momentâneo que, apesar de deixá-la desgostosa, faz-se necessário para uma conquista futura, da casa própria a ser construída exatamente como ela sonha. Uma reafirmação que saltava de tempos em tempos no meio da conversa tal qual um lembrete, ou uma justificativa que ela necessitava dar a si mesma para convencer-se de que estava de fato fazendo a coisa certa.

As crianças que antes ela conseguia manter um pouco mais em casa, agora têm na rua, nas casas dos vizinhos e parentes da família do pai, o seu território de brincar. A casa não se circunscreve às suas paredes, portas e janelas, aquele espaço diminuto empurra as pessoas para fora desses limites, os banhos, as louças e roupas a serem lavadas, as comidas para as multidões em dias de festa, são cuidados que não cabem naqueles poucos metros, o lado de fora acaba sendo mais habitado que o de dentro na maior parte do dia. Rotina exposta, compartilhada, móvel, a transitar pelos quintais, ruas, casas aparentadas mais ou menos abertas e acolhedoras.

Se, por um lado, incomoda e inquieta Larissa a perda da privacidade do antigo lar, por outro, toda essa dinâmica mais fluida e circular que extrapola os limites da casa também permite que sua casa se apoie em outras, que outras crianças e adolescentes

respondam aos seus mandados, que a sensação de isolamento e distância da cidade da Praia, das amigas, da universidade, se dilua nos rebuliços dos dias naquela pequena zona. O pequeno Artur chora a todo momento, são as crianças maiores que lhe tiram os brinquedos, é um tropeço na rua, é a comida que ele não quer naquele momento, ou qualquer coisa que a mãe tenta, mas não consegue reconhecer, que desata um choro que só silencia nos braços de Júlia. Enquanto ele se refugia no *ragasu (colo)* da mãe, Carolina consegue desatar um pouco dos braços cuidadosos, mas também controladores e punidores, da mãe agora que se voltam demasiadamente para o codé.

Os braços do pai são só cuidados, carinhos e mimos, eles não são de controlar e punir, suas mãos não são de esbofetear, sua boca não é de ralhar. Quando esses braços envolvem a pequena criança, a boca-paterna-suave-benevolente pergunta: "*Carolina, a bo é di kenha?*" (*Cecília, você é de quem?*) e para ela retorna um terno e contente: "*dinha pai*" (*de meu pai*). Enquanto a boca-materna-àspera-servera diz não, ameaça uma *bafatada (palmada)*, pergunta onde e com quem, as preocupações e pressões para dar conta de casa, marido, filhos, escapam por aquela boca como trovoadas. Porque o cuidado não é sempre suave, não se faz só de aconchego, mas também de restrições, de choro, de corpos que se dobram e se comprimem, que se afetam por emoções muitas, que compartilham gostos doces e amargos, de feições diversas, mais ou menos relaxadas, mais ou menos contidas, de palavras afiadas e aveludadas.

Cuidar é também privar-se de oferecer carinho quando as forças de todos os músculos precisam convergir energias num movimento, ainda que duro, de proteção e, ao mesmo tempo, de composição transbordante de pessoas alimentadas e construídas diretamente ou não pelo ventre que gera e gere vida. Apesar dos vários ventres, mamas, mãos, bocas, olhos e ouvidos, com os quais uma criança nesse contexto pode contar, as trajetórias de mães e crias variam nas medidas e formas em que as relações são tecidas nas famílias, nas comunidades, na vizinhança. Na medida em que os ânimos e disposições são mais ou menos colaborativos, na medida em que o djunta mon

funciona, e que as dívidas e obrigações não criam atritos outros. Mesmo quando vários ventres podem gerir várias vidas (de filhos, sobrinhos, afilhados, netos), esse gerenciamento é negociado cotidianamente e seu tecer não é definitivo ou de continuidade garantida, ele flui aos sabores e dinâmicas das trocas, dos rumores, dos humores e das etiquetas.

Enquanto isso, no centro da cidade da Praia, Luciana (18 anos) passa os dias entre os cuidados com a filha recém-nascida e o trabalho como vendedora de tecidos e cabeleireira no mercado Sucupira. A gravidez e o casamento com um senegalês muçulmano vieram quase juntos, aos 19 anos. O marido sai bem cedo para o Sucupira, ela ainda dorme mais um pouco com a pequena Khady que chora a cada hora, com sua pequena boca inquieta sedenta por se fartar no leite materno, o que deixa sua mãe impaciente e, por vezes, irritada com o ritmo vagaroso da neném que vai degustando aquele leite aos poucos ao longo do dia. Os primeiros dias do resguardo pareciam longos demais pra Luciana, com repouso demais, com contas demais a pagar e dinheiro de menos entrando em casa já que ela não podia ir para o Sucupira diariamente como fez até a última semana de gestação.

Mas aprender a cuidar tem seu tempo, o cuidar tem um tempo próprio, requer tempo, admite a impaciência, mas não deixa de exigir paciência, assim como exige um fazer-se para o cuidado, para feitura de quem até então só conhecia o ventre e o que lhe chegava por ele. O processo de tecitura dessa relação de cuidado parece cheio de nuances demais, a cabeça de Luciana parece enorme e pesada, povoada demais de dúvidas, de questionamentos seus e de outros, de inseguranças e impaciências, de concelhos demais, de advertências demais, de opiniões demais, para tempo de menos para si e para sua grande cabeça pesada. Ela segue despreocupada com a cirurgia da cesariana, se mexe, se move pra lá e pra cá, cuida da casa como pode e, apesar do apoio de Larissa nesses dias, dores lhe chegam, os pontos se inflamam a lhe dizer que é preciso ir mais devagar, é preciso respeitar o tempo do cuidar. E cuidar de si. Mas, não

há tempo, a rotina de trabalho precisa ser retomada, olhos nas clientes, olhos na filha adormecida num pequeno colchão no chão da minúscula barraca, os mesmos olhos ainda dando conta do movimento do mercado, e os ouvidos dividindo a atenção entre os movimentos da filha e as conversas que vão fazendo e refazendo os dias e as pessoas nesse espaço dinâmico onde, por vezes, se vive mais do que se vende. Eu paro, olho, aquela barraquinha, dois por dois (talvez menos que isso), um banquinho, um ventilador, um espelho, o pequeno colchão da neném no canto esquerdo, uma cadeira para as clientes, e sempre muitas vozes e olhares femininos em volta.

O calor de outubro é escaldante, as roupas molham, os cabelos molham, secam, molham novamente. A neném chora, alguém pega no colo, às vezes Nilza da barraca da frente, às vezes eu, às vezes Larissa, às vezes ninguém. As mulheres ralham com Luciana pra que ela pare imediatamente e dê de mamar a criança impaciente, mas a mãe também tem suas impaciências, porém, com a cabeça pesada com as vozes a lhe ralhar pega a enorme mama e põe na boca faminta da filha. Esta se alimenta numa sucção voraz por uns cinco minutos, a jovem-mãe se irrita mais por saber que em pouco tempo aquela boca daquela pequena criatura lhe encherá mais a cabeça com um choro impaciente a despertar-lhe a impaciência diante do cuidado exigente.

Porque os tempos do nosso cotidiano nem sempre se entendem bem, as mamadas disputam com as tranças e cortes de tecido, a fralda molhada interrompe o descanso que a mãe ensaiava, o choro não deixa as duas mãos livres para um almoço tranquilo. É preciso que outras mãos acudam, é preciso multiplicar a oferta de cuidado em diferentes braços. Mas os braços que acudem vêm acompanhados de bocas que falam demais, que opinam demais, que dão conselhos demais, e Luciana se impacienta, mas são os braços que ela tem para o seu agora, estes acompanhados de olhos e ouvidos que a avaliam a jovem-mãe. As tranças demoram a se completar, se instala outro tempo para elas que se arrasta pela tarde toda, e outras tantas mãos acudem, Larissa se junta na feitura das cabeças, Aninha também, até eu que nada sei de tranças. Nossas bocas

também trabalham a distrair as clientes que, por vezes, se impacientam e semanas depois estão a trançar novamente em outra barraca.

E os dias se vão num fluxo de tempos fracionados, de tarefas fracionadas em muitas mãos, de conversas atravessadas em vários ouvidos, de gritos que se misturam àquela música ensurdecadora da barraca do João. Larissa tenta dizer a amiga que ali não é um bom lugar para uma neném tão pequena, ainda tão vulnerável, é barulho demais, gente demais, mãos demais, vozes demais, calor demais, poeira demais, cabelos demais, pano demais pra uma pessoa-bebê. Mas, Luciana encerra e cimenta sua posição: *“ka teni otu manera, n sta mesti dinheru”* (não tem outra maneira, eu preciso de dinheiro). O tempo das contas a pagar não espera a filha crescer, o marido mal espera o dinheiro chegar. São pelo menos três visitas periódicas para acompanhar o dinheiro entrando e logo colocá-lo a circular em outros fluxos, de trocas e arranjos que compõem a lógica do *bisnes* (compras, vendas e trocas de objetos usados, na maioria celulares, boa parte deles furtados). E ele vai construindo o seu cuidado, a sua maneira de cuidar da família, de mostrar aos seus amigos senegaleses e muçulmanos que sabe cuidar de sua esposa e filha, o que implica em mostrar que elas estão bem-vestidas, bem alimentadas e moram numa boa residência capaz de lhes oferecer tudo o que consideram essencial. Luciana se mostra ambígua, num misto de contentamento e cansaço, às vezes se ressentida de que os cuidados do marido não descansam os seus braços, não calem o choro da filha enquanto ela toma um banho, por parecerem cuidados que não entendem muito desse gerar e gerir de vidas. O batizado da pequena a faz esquecer os ressentimentos, um vestido novo e um outro mimo também têm esse poderoso efeito mágico de transformar mágoas em satisfação, e os dias vão se emendando e se apagando.

Assim como Júlia, Luciana não busca muito a família para apoiá-la, sua boca queixosa também transborda vários ressentimentos dessa relação, que vai atravessando o cotidiano de forma frágil entre distanciamentos e aproximações pontuais. Há outras

relações, há outras mãos dispostas a se juntarem, mas a vida e tudo que se vai colocando nela também vão ficando expostos demais às mãos alheias. As vizinhas de barraca intervêm nos cuidados com a filha, os amigos feitos na nova religião aconselham o jovem casal, as poucas amigas consertam uns galhos aqui e ali enquanto as vidas são geridas com as ferramentas da performance, do rumor, de uma imagem de si construída em parte para os olhos alheios, mas nem tanto.

No curso dessas três composições tão distintas de trajetórias, para o qual Larissa se faz elo ao conectar a nós todas, muitas linhas se atravessam, se aproximam, se embaraçam e se distanciam. Seus momentos de vida se cruzam, se emparelham nos confrontos com as cristalizações de modos de existência, de fazer a vida e de dividi-la, de cuidar e de ser cuidada, na sua cultura local. Mas, também se diferenciam em vários elementos em termos de trajetórias individuais e familiares, se distanciam pelos desafios e limites que suas escolhas criaram. E são nesses cruzamentos e desvios que elas nos conduzem às mais ricas interlocuções ao nos abrir para uma complexidade de caminhos possíveis para essa geração de moças. Num momento em que seus pais e avós já haviam aberto difíceis e necessários caminhos em terra árida e seca, em que as preocupações podem se voltar para outras esferas da vida, em que os antigos e atuais problemas de subsistência e de feitura da vida vão mesclando velhas e novas roupagens num Cabo Verde repleto de jovens com diplomas de nível superior que não cabem no funcionalismo público e em que a migração ainda figura como alternativa segura num horizonte incerto de possibilidades. Um Cabo Verde em que o cuidado com os seus impele as mulheres para fora de suas casas, as faz ocupar as ruas, as hortas e plantações, as instituições e mercados. Porque o cuidado não está confinado na vida doméstica, nem atrelado invariavelmente à família, o cuidado conecta espaços e tempos, pessoas e vidas diversas e múltiplas.

Gerar e gerir vidas envolve muitas ferramentas, muitas pessoas e trajetórias diversas como as que aqui vão se mostrando. Esse tecer de trajetórias tem no cuidado de si e

dos outros um alicerce fundamental da feitura de pessoas em consonância com o acúmulo cultural depositado a tantas mãos num espaço-tempo chamado cultura nacional. Esse depositar/repositar de elementos diversos que compõem modos de existência e de conhecimento sobre o mundo se recompõe a todo momento, a cada novo gesto, a cada novo adendo de experiências no curso das histórias de vida, a cada nova pessoa que adentra o mundo e que exige cuidados que a façam gente daquele lugar.

O cuidar gera performances, composições corporais, noções sobre o espaço e sobre o fluxo cotidiano que mantém os corpos no trabalho, cristaliza ideias sobre as posturas autorizadas e expectativas a serem projetadas sobre situações e pessoas. O cuidar, nesse contexto, pode se fazer a muitas mãos que, por sua vez, podem se juntar por meio de diferentes relações que não necessariamente passam pela família ou pela casa. Esse gerir de vidas que é o cuidar, nos enseja perguntar por quem cuida e quem é cuidado, o que permite que mãos se juntem no cuidar e o que as afastam, quem pode cuidar de quem, como as dinâmicas familiares atuam ou não a favor do cuidado de si própria enquanto se cuida dos outros, quais cuidados se naturalizam e se cristalizam e quais são esquecidos e silenciados. O fluxo dos cuidados nos conduz, pois, pela complexidade dos arranjos possíveis numa trajetória de vida, pelas formas como as infâncias são vivenciadas e reproduzidas nas experiências diversas da maternidade quando essas mulheres, outrora crianças, atuam diretamente na feitura de seus filhos³⁰. De modo que, fazer pessoas é cuidar do que elas são e de suas potências criativas que produzirão a sua composição ao longo do tempo, uma composição que não é

30 Num cenário de fragilidade e transitoriedade das relações conjugais, as relações de filiação acabam por ser mais fortalecidas e isso ganha expressão nas relações as mães e suas filhas e filhos. Historicamente, os filhos parecem configurar uma estratégia de sobrevivência para as mulheres cabo-verdianas, como apontam autores como Correia e Silva (2013). E aparecem nos discursos das mães significados como a sua riqueza, como sua garantia de segurança material futura, como destaca FÊO RODRIGUES (2007). Em vários contextos africanos crianças e jovens são considerados sinônimos de riqueza porque contribuem para o trabalho produtivo da família e, por isso, as crianças tendem a ser valorizadas como fonte de segurança futura (HONWANA & BOECK, 2005). No caso cabo-verdiano, acredito que esse discurso de segurança futura também serve à reprodução das redes de apoio e reciprocidade que ligam estreitamente as mulheres em relações intergeracionais colaborativas.

individual, mas múltipla, a muitas mãos, olhares e palavras de advertência e incentivo, a muitos afagos e bofetadas, que se valerá das composições tecidas por outras pessoas em outros tempos.

O ventre que cria e recria, que alimenta e cuida, se estende para além dos corpos, se projeta no cuidado, se materializa no corpo feminino que cuida, que gera e gere vidas. O ventre se projeta na casa, se projeta na cozinha, se projeta no plantar e colher dos alimentos e, se assim é, aqui os corpos masculinos também se fazem ventre. Mas, os corpos masculinos parecem ser mais objeto de cuidado do que força cuidadora. Na tecitura dos cuidados, os corpos femininos à medida que caminham nos trechos tão espinhosos quanto libertadores da maturidade se põe mais a cuidar do que a serem cuidados. Ainda que cansados, ainda que doentes, o fluxo da vida que se desdobra, que se movimenta, não pode parar, e alguém precisa cuidar para que não pare. Por isso, é preciso juntar as mãos, é preciso oferecer e buscar mãos para plantar, para cozinhar, para limpar, para trançar, para cuidar. E as mãos femininas se acham no cuidado. Nesse labor criador, cuidador, os filhos se fazem riqueza. Quando escrevi o poema que abre esse trecho, repensava as recorrentes interpelações que me eram feitas por mulheres de diferentes idades. Por que você não vai ter filho? Vai querer ficar pobre o resto da vida? Porque os filhos é que são a nossa riqueza! Muitas não acreditavam quando eu compartilhava o desejo de não ser mãe, de não gerar, de não parir, de não cuidar. Minhas amigas mais próximas já haviam se acostumado, mas as mulheres adultas e com mais idade pareciam se dividir entre as que achavam que poderia ser uma piada, e as que acreditavam ser uma insolência, um atrevimento. E me advertiam dos riscos de não ficar sem ter alguém para me cuidar na velhice.

Numa tarde de festejos no bairro de Castelão, Larissa e eu nos divertíamos a ver uma roda de senhoras a cantar algumas finsons. A dona da casa, Lourdes, era já batucadeira antiga, e recitava seus versos. Em algum momento a conversa parou na minha pessoa, de onde eu era, onde estavam meu marido e filhos. Quando eu disse não ter filhos, as

senhoras logo puseram-se a questionar se eu poderia estar com algum problema de saúde ou se não estava usando as estratégias adequadas para conseguir engravidar. Eu digo que não pretendo ter filhos e a gritaria toma conta da pequena laje em que mulheres-crianças, mulheres-jovens, mulheres-adultas e mulheres-idosas haviam se juntado. Dona Lourdes pega em minha mão e diz: *“minha filha, mas assim você vai ser uma pobretona, porque quem não tem filhos não tem riqueza, eu mesma hoje vivendo sem marido, o marido me deixou, quem me acode são os meus filhos... nada me falta, qualquer coisa que eu preciso eles fazem por mim, então você precisa cuidar pra que na velhice você tenha pelo menos um filho pra cuidar de ti”*. Eu apenas concordei e guardei comigo aquelas palavras.

Palavras que depositam nos filhos a esperança de cuidado futuro. Palavras que projetam nas relações com os filhos a estabilidade, a segurança e o cuidado que as mulheres não encontram no cotidiano dividido com os maridos, os pais de seus filhos. São palavras que ressoam no tempo e encontram a moça de 21 anos que estava sentada num canto a amamentar o filho recém-nascido, que alcançam os ouvidos da menina de 10 anos que brinca com uma bola no corredor, são palavras que reencontram a senhora que alimentava o neto. E sentidos vão (re)existindo no tempo, mas também se refazendo, já que, assim como eu, Jerusa de 18 anos, falava em baixo tom não ter planos nem de casar nem de ter filhos, e em tom mais baixo ainda que acreditava não ter inclinação para a maternidade. Só naquele momento em que ela me fazia aquela confissão num dia quente em que estávamos conversando embaixo de uma árvore em frente sua casa em Rocha Lama é que fui entender uma outra conversa com Lúcia, muito antes, quando eu a estender algumas roupas no quintal de sua casa.

Esses três momentos, essas três conversas se conectam aqui ao conectarem sentidos para o ventre, para o cuidar, para maternidade que cria mulheres-mães ou para a não-maternidade que gera outros caminhos e outras mulheres. Naquele dia, falávamos sobre ter filhos e novamente eu estava explicando porque não tê-los. Lúcia conta a

história antiga de uma mulher que maltratou e matou três filhos e só depois de algum tempo foi descoberta. Ao final ela sentencia: *“é, você tá certa, se você não quer, melhor não ter, porque parir é abuso, mas criar é caridade!”*. Eu não entendia o sentido da palavra abuso ali e a demandava a me explicar. Ela diz: *“abuso é porque é como se qualquer pessoa pudesse dizer, se eu quiser parir eu vou parir, então parir qualquer pessoa pari, mas criar não”*. Então, qualquer mulher pode ter o atrevimento de dizer que vai parir e chegar de fato a parir, mas criar não é resultado desse tipo de ímpeto audaciosos que tensiona os limites da vida, criar é ato de caridade. Criar é cuidar e cuidado não se faz num só ato, mas em atos reiterados, repetidos e compartilhados. Se os ventres são criadores e cuidadores, eles também são caridosos.

Assim, os cuidados e suas redes de reciprocidade parecem estruturar as vivências das mulheres de todas as idades e prover apoios para quem cuida e quem é cuidado. Esses dois eixos acionam sentidos de longa duração acerca das feminilidades que vão sendo constantemente recriados e que configuram experiências distintas para mulheres-jovens. As relações de cuidado atravessam e ligam as gerações, constroem imaginários que carregam sentidos e noções que vão sendo compartilhados e ressignificados, e que são acionados de formas diferentes em cada contexto e situação, mas que parecem ainda situar os filhos de forma central nas estratégias de sobrevivência, na medida em que eles também vão sendo inseridos no circuito do cuidado e nas redes de apoio e obrigações. De modo que, o cuidado funciona como um ativador das trocas entre as pessoas e, portanto, motor das redes, ao mesmo tempo em que estas o viabilizam e lhe conferem papel central, uma vez que é através deles que as obrigações são contraídas e que as redes se refazem e se estendem mais. É nessa arquitetura que se fazem presentes e que se projetam futuros. É nela que se fazem corpos e subjetividades que, por sua vez, lhe conferem composições diversas e lhe atualizam os sentidos, num movimento que se refaz através do tempo.

TRECHO III
CORPOS E SUBJETIVIDADES FEMININAS NA COMPOSIÇÃO DE TRAJETÓRIAS JUVENIS



Desenho 9: autora

TRAVESSIA I

TRAJETÓRIAS DE VIDA FEMININAS CRIANDO VIVÊNCIAS PLURAIS DA JUVENTUDE

Keli e nha vida
Keli e nha stória
Keli e nha mundu
Ki npodi skrebel
Num padas di papel
Ki npodi abrevial
Menus ki um minutu
E si ke nha vida
E si ke nha stória
Xeiu di altus i baxus
Xeiu di pontus i frakusus
Xeiu di perdas i vitorias
Memu assim nka ta disuspera
Nau nau nau, nau nau nau nau
Pamodi n sabi ma nta supera
Nu ki nkre nta insisti
Kel ki nkre nta pirsisti
Nka ta disisti
Pamodi n sabi ma nta konsigui
Keli é nha vida
Keli é stória pikinoti
Ki nta leba num padas di papel
Ora docí, ora margós
Ora dretu, ora mariadu
E si ke nha vida
Ora pretu, ora branku
Ora ta ri, ora ta txora
E si ke nha stória
Mas mundu dja nbem dja
Nta futi futi ti ki ntxiga la
Mas mundu dja nbem dja
Nta futi futi ti ki ntxiga la
Pamodi n sabi ma nta konsigui

(Canção *Nta konsigui* por Élide Almeida)³¹

31 Link para o clipe da música: <https://www.youtube.com/watch?v=pNHHp0UgBQ4>.

Essa aqui é minha vida
Essa aqui é minha história
Esse aqui é meu mundo
Que eu posso escrevê-la
Num pedaço de papel
Que eu posso abreviá-la
Em menos que um minuto
É assim que é minha vida
É assim que é minha história
Cheia de altos e baixos
Cheia de acertos e fracassos
Cheia de perdas e vitórias
Mesmo assim eu não me desespero
não não não, não não não não
Porque eu sei que eu vou superar
No que eu quero eu insisto
Naquilo que eu quero eu persisto
Eu não desisto
Porque eu sei que eu vou conseguir
Essa aqui é minha vida
Essa aqui é minha história pequenina
Que eu levo num pedaço de papel
Às vezes doce, às vezes amarga
Às vezes boa, às vezes ruim
É assim que é minha vida
Às vezes preta, às vezes branca
Às vezes a sorrir, às vezes a chorar
É assim que é minha história
Mas pra esse mundo eu já vim
Eu vou me esforçar até chegar lá
Porque eu sei que eu consigo

(Canção *Eu vou conseguir* com tradução livre minha)

Foram incontáveis percursos de *hiace* ao som de “*Nta konsigui*” (*Eu vou conseguir*), canção do primeiro disco da jovem cantora cabo-verdiana Élida Almeida, lançado no final de 2014, que tocava por todos os lados na Ilha de Santiago, nos carros, nos mercados, nos festivais, nas bocas das pessoas e estava no seu auge de popularidade em 2015. Com apenas 22 anos, naquela altura, ela ganhou projeção nacional e internacional, e desde então tem se apresentado em inúmeros festivais dentro e fora do

país e recebido a simpatia do público jovem que se identifica com as letras de suas canções. Muitos, entre jovens e adultos, elogiam seu estilo *“tera tera” (terra terra, local, tradicional)*, com uma estética musical tradicional, que remete às raízes da cultura local e às cenas do cotidiano das pessoas. A jovem cantora de Pedra Badejo, sede do Concelho (município) de Santa Cruz, interior da Ilha de Santiago, tem uma trajetória de sucesso e superação, como ela descreve na composição partilhada acima, na qual muitas outras jovens santiaguenses se inspiram e com a qual se identificam. Élide é uma representante da geração de mulheres que ocupam em primeiro plano as histórias aqui narradas, mulheres-moças nascidas na década de 90, muitas delas universitárias, muitas delas nascidas e criadas no interior e já mães como a cantora. É providencial referenciar aqui esse seu primeiro disco *“Ora doci, ora margós” (Às vezes doce, às vezes amarga)* que é considerado sua autobiografia cantada, como a própria cantora já ressaltou em algumas entrevistas, ao contar através das músicas parte das experiências que a cantora acumulara até ali e que ela identifica como sendo aquelas que traduzem a sua história de vida. Também porque é a terra onde Élide nasceu e se criou, o Concelho de Santa Cruz, onde seu umbigo está enterrado, como ela diz em outra de suas canções, que se faz cenário para as narrativas que aqui transcorrem.

Na canção acima, uma narrativa de persistência e superação, de força de vontade e determinação para correr atrás dos sonhos, daquilo que se quer, levando consigo a confiança no triunfo de seus esforços. Uma jovem que canta suas aspirações de um presente e um futuro de conquistas, da realização apesar das adversidades. Aspirações estas que encontram ressonância nas buscas de tantas outras jovens e que enchem seus corações de esperança, afinal, se Elida conseguiu, elas também poderão. Ao mesmo tempo, a narrativa-canção se emenda a tantas outras narrativas – não só na música, mas também na literatura, nos *batukus (manifestação cultural cabo-verdiana que conjuga musicalidade e dança, nas canções, cujo estilo é denominado finason, se destacam as letras das cantigas que narram, entre outras coisas, fatos do cotidiano,*

sobretudo, aqueles presentes nas vidas das mulheres, que são maioria nos grupos, bem como narrativas sobre fatos mais abrangentes, acompanhados de uma batida de percussão que dá o ritmo da dança focada no movimento dos quadris³²), nas bocas das pessoas, mulheres e homens, nas práticas e performances –, nas quais está presente o discurso da mulher cabo-verdiana³³ forte, batalhadora, que transpõe obstáculos, que suporta às agruras da vida, cuja vivência em meio às rochas e à aridez a faz um tanto rocha-árida-resistente.

Nos primeiros dias de convivência com Cleusa, logo que a conheci no interior do Concelho de Santa Cruz, estava eu a acompanhá-la junto a outras mulheres que buscavam água no chafariz da pequena localidade com seus galões de vinte litros. Ela levava dois galões num carrinho de mão, eu me ofereci pra ajudar, ela disse que não precisava e emendou: *“mudjer cabu-verdianu é si, nu mesti ser forti pa konsigui*

32 “É originário da ilha de Santiago e é o mais africano dos gêneros musicais cultivados em Cabo Verde. O seu ritmo característico é produzido por um grupo de mulheres que batem as mãos em cadência contra panos ou sacos plásticos enrolados entre as coxas (...). Na maioria das vezes são também as mulheres que dançam o batuque. Acompanham, com um pronunciado movimento de ancas (dá ku tornu), o ritmo das batucadeiras, que progride num crescendo até que o corpo das dançarinas começa a vibrar numa espécie de transe. A canção que acompanha o batuque. Tradicionalmente, a finason resultava de um despique ou desgarrada improvisada entre mulheres. As mais célebres cantoras de finason, tais como Nácia Gomi e Nha Bibina Kabral, gozam hoje em dia de grande prestígio em todo o arquipélago” (QUINT, 2009, p. 130-131).

33 Como destaca Fortes (2013, p. 82), é preciso realizar estudos que promovam um “desencarceramento e heterogeneização da categoria *mulher cabo-verdiana*”. Apesar de reconhecer a concretude que esse discurso, por vezes, assume no cotidiano das pessoas, considero que é também preciso que a categoria *mulher* seja entendida não como algo acabado e definitivo, mas como um devir (BUTLER, 2003) – que se processa ao longo da vida. E, diante disso, cabe perguntar pelas continuidades e descontinuidades que se estabelecem entre as gerações de mulheres quanto as suas percepções acerca das representações da masculinidade e da feminilidade. Por quais significados perduram e permanecem como estruturadores das feminilidades, e quais são aqueles elementos ressignificados ou modificados ao longo das gerações no que diz respeito aos papéis de gênero, às aspirações, à entrada na vida adulta, às relações familiares e à autonomia das mulheres nesse contexto. Como também é necessário questionar em que medida se pluralizam os discursos acerca da imagem da mulher cabo-verdiana ora fraca, submissa, dependente e vítima, ora forte, batalhadora, independente e heroína que supera as adversidades, da mulher cuidadora e mantenedora do lar. Tais discursos, ouvidos, falados e cantados no cotidiano, têm o potencial não só de expressarem valores e práticas sociais, mas também de construí-los. Por outro lado, esses mesmos discursos são confrontados por outros tantos lugares de fala e por um complexo conjunto de relações, tornando as experiências femininas e masculinas, ao longo da vida, singulares como também ambivalentes e plurais, já que as dinâmicas concretas de interação ultrapassam as idealizações e representações disponíveis.

sobrevivi, inda bo ka repara ma mudjeris tá fazi tudu kusa, ka teni kenha ki tá djudas, é es mé, vida difísil, nu tem ki ser forti... li é si” (mulher cabo-verdiana é assim, nós precisamos ser fortes pra conseguir sobreviver, você ainda não reparou que as mulheres fazem todas as coisas, não tem quem as ajude, são elas mesmas, vida difícil, nós temos que ser fortes... aqui é assim). E seguia, sorridente com seus galões de água. Foram umas três idas e vindas até pegar toda água que precisava para as necessidades dela e da mãe. Eu guardei comigo essas palavras porque, apesar de a constatação não ser nenhuma novidade pra mim e tão pouco uma especificidade cultural de Cabo Verde, eu sempre me perguntava porque tantos homens ficavam sentados nas portas das casas assistindo aquelas mulheres carregar água, no máximo um ou dois adolescentes que eram mandados pelas mães se juntavam à atividade.

Entrava dia e saía dia no interior da Ilha de Santiago, eram tantas as tarefas, tantas jornadas de trabalho, que o cotidiano de labuta desde cedo ia forjando esses corpos femininos resistentes e fortes. Mas, apesar desse imaginário se personificar de forma adensada nas mulheres, adquirindo sentidos conectados a várias situações e relações, é possível observar que ele se faz um tanto mais abrangente. Conformando uma identidade cabo-verdiana que, de modo geral, nos remete às dificuldades superadas por um povo que enfrentou a hostilidade de uma terra que por anos se fez infértil, e em alguns momentos até incapaz de alimentá-lo, aos desafios de um país “considerado inviável” e que chegou onde está com muita luga – como foi destacado em várias falas realizadas no Seminário “Working Independence”. De alguma maneira, a noção de pessoa cabo-verdiana se ergue no tempo a partir também da narrativa de ser-vivente que deixou no passado a escassez e que recusou o isolamento arquipelágico, que ainda tem um lugar marcante na autoenunciação da trajetória dessa jovem nação³⁴ por seu

34 Tendo em vista ser a juventude um segmento que canaliza não só expectativas e preocupações mas também investimentos por parte da sociedade como um todo, Honwana (2012) destaca que ela se converte num indicador crítico da situação de uma nação em todos os âmbitos, econômico, político, social e cultural. No caso de Cabo Verde, há uma histórica valorização do capital humano como maior patrimônio do país e, com isso, a juventude tem sido um público preferencial para várias ações

povo. Foram muitas as vezes em que pessoas diversas mobilizaram esse discurso em conversas sobre assuntos variados, sobretudo, quando me ofereciam sínteses de suas percepções sobre suas origens, sobre seu lugar, sobre aquilo que costumamos chamar de identidade. E, de certo modo, é uma narrativa de resistência que ressignifica o inviável como oportunidade para o possível, que vê no falho uma aposta de superação. Diferentemente das narrativas de alguns portugueses, por exemplo, que mesmo dentro de um espaço de produção de conhecimento como a universidade reiteram as narrativas de inviabilidade, de insuficiência, de incompetência, de atraso.

Em diversos momentos, eu senti a presença desse imaginário em muitas nuances da vida cotidiana das localidades do interior do Concelho de Santa Cruz, em suas zonas e micro-zonas e zoninhas (cidades, províncias ou freguesias que compõem uma unidade administrativa à nível municipal, o concelho, ao lado da sede deste; localidades menores, ou vilarejos, nas quais as freguesias se subdividem; e territorializações nas quais os vilarejos são fragmentados pelos seus moradores de acordo com seus entendimentos geográficos, respectivamente, apesar de geralmente as pessoas usarem a palavra zona para se referir a todas elas). Pessoas em movimento, nos fluxos dentro das ilhas, entre ilhas, para fora do arquipélago, mulheres a movimentar seus corpos, casas e vidas nas labutas diárias, nas muita voltas entre casa, trabalho, escola, horta, mercado, rua. Resistências e forças feitas nos movimentos, nos deslocamentos, nas trocas. Essa capacidade de dar jeito em tudo quanto (ou quase tudo), de se virar, de transpor o aparentemente intransponível, de dar mostras de sua força e resistência, essa experimentação em estratégias de sobrevivência vai sobrevivendo e atravessando os tempos também por meio dos discursos, nos compartilhamentos de saberes, nos ensinamentos e aprendizados.

governamentais, como também pelo fato de ser ela a propulsora das pressões demográficas num contexto socioeconômico ainda limitado frente as demandas da população.

Larissa

Eu via em minha amiga Larissa muito dessa potência que convergia para a construção de uma pessoa não só forte, resistente, segura, mas também versátil, bem resolvida, habilidosa. Ampliando essas habilidades no tecer de redes de ajuda mútua que se faziam nas trocas de favores e, ao mesmo tempo, criando alternativas quando não podia contar com tais suportes. Naquele início de 2014, as primeiras visitas à UniCV e as primeiras aproximações com estudantes do curso de Filosofia, Política e Relações Internacionais iriam me presentear com um gratificante encontro essa moça nascida no interior da ilha de Santiago. Naquela altura ela estava com seus 23 anos, no meio da graduação, e eu com 30 anos e iniciando meu segundo ano de doutorado. Foi diante daquela moça alta de pele tom de açúcar queimado, de cabelos curtos desfrisados, com mechas em castanho-claro, com seu corpo esguio de uma magreza delicada que compunha um desenho sem curvas sinuosas e volumes exuberantes, que tudo de fato parecia começar. A saliência de sua ossatura dava os contornos dos longos braços e pernas que eram protagonistas de tantos movimentos e cuidados, guiados por seus olhos miúdos que acompanhavam aquela feição sempre sorridente, um semblante leve do qual a voz estridente parecia às vezes destoar. Junto dela e nos seus mais variados gestos e palavras encontrei afeto, cuidado, parceria e muitos aprendizados.

Depois do nosso primeiro encontro, foram tantas horas a observar Larissa nos inúmeros gestos cotidianos, nos mais diversos espaços, a tentar fazer caber um tanto de atividades nas contadas vinte e quatro horas do dia, que eu lhe falava como me dizia minha mãe: *você é do dia grande*. Dias de trabalho, de cuidados com as crianças e a casa, de refeições deliciosas, de penteados nas cabeças de irmãs, sobrinhas, primas, amigas, vizinhas, na sua pequena zona em Rocha Lama. Os cuidados oferecidos a todos que lhe demandavam eram tantos que, às vezes, parecia que nem restaria tempo para cuidar de si, mas esse tempo era sempre criado, mesmo que a prioridade fosse a filha Diana de 2 anos. Desde os nossos primeiros dias de convivência notava que o cuidado

sempre parecia ser um elemento essencial da sua pessoa. A presença desse cuidado no dia-a-dia me tocava na percepção da importância do cuidar, do cuidar-se, pois não deixa de ser um movimento de apropriação da vida e de suas sutilezas. E me fiz aprendiz do cuidado, me pus a recuperá-lo, a reaprendê-lo, a fazê-lo presente. Não havia como ficar fora desse circuito do cuidado. Na companhia de Larissa também não havia como ficar fora dos circuitos de trocas e do movimento, da circulação, nos quais pessoas e objetos vêm e vão.

Larissa lembra, ao me narrar suas memórias, que reinou como *codé (filha caçula)* de uma família de cinco irmãs e três irmãos até os onze anos de idade, quando então veio sua irmã Clara que ficou definitivamente como *codé* apesar da irmã Yara que veio cinco anos mais tarde, fruto de uma relação extraconjugal do pai – aparentemente, esse fato foi o que tirou de Yara (7 anos) a possibilidade de ser tratada como filha caçula. Larissa conta dos cuidados recebidos da irmã mais velha, Judite (34 anos), que segundo ela foi quem praticamente lhe criou. Relembra o comportamento severo de Judite, mas pondera a crítica levando em consideração o excesso de responsabilidades que ela assumira desde muito cedo. Segundo Larissa, como a mãe, Alice (53 anos) colocou Judite muito cedo no trabalho doméstico, o que fazia com que ela descontasse a insatisfação da sobrecarga de trabalho nos irmãos menores. Sua mãe, no entanto, dizia que nunca colocou nenhum dos filhos para assumir tarefas domésticas antes dos dez anos de idade. Mas não se falava muito nesses critérios, sobre com que idade uma criança poderia assumir tarefas domésticas como ajudar na cozinha, limpar o chão, organizar suas próprias roupas e calçados, inclusive lavando algumas peças. Lúcia, uma tia de Alice sempre dizia que nunca gostou de colocar as crianças no trabalho, e por isso todas as jovens das casas vizinhas lembravam saudosas de como era bom passar o dia em sua casa, já que podiam esquecer do tempo brincando e comendo guloseimas.

Larissa lembrava feliz desses tempos e, ao lado dessas memórias, também estão as dos

cuidados da irmã, e daquele chapéu que ela lhe comprara com o dinheiro do seu primeiro trabalho no plantio de árvores nos montes em volta da pequena zona onde viviam no interior de Santa Cruz. Memórias afetuosas que também alimentam os gestos quando se passa do lugar de cuidada a cuidadora. No correr dos anos, quando há crianças menores, as filhas, sobrinhas, netas, que estão na casa dos pais, avós e tios, ficam com a responsabilidade de colaborar nos cuidados dos mais novos. E os ciclos vão se renovando e a dinâmica das trajetórias individuais vai compondo a dinâmica das trajetórias familiares, e vice-versa. Pessoas chegam para fazer parte da vida na casa, outras partem para outras casas, nesse movimento, mulheres cuidam dos seus próprios filhos e/ou dos filhos de alheios, cuidam de irmãs e irmãos, ou de primas e primos, de crianças de vizinhas, amigas e pessoas com as quais partilham a vida num dado momento.

Nesse sentido, nas trajetórias de todos nós, passadas as agonias e alegrias do parto (e mesmo nele), o cuidado é a primeira dimensão humana com a qual temos contato. E nas trajetórias das mulheres o cuidado cotidiano, esse que se repete diariamente nas atividades que nos são vitais, não se restringe aquele recebido, mas é também repassado de uma geração a outra. E quando Clara chegou à família também foi a vez de Larissa, com onze anos, deixar o lugar da *codé* para cuidar da irmã. Larissa conta que a carregava para todos os lugares, lhe fazia comida, lhe dava banho, trançava seu cabelo. Era para Clara o que Judite foi pra ela. Mas, Clara foi crescendo e sua saúde foi ficando comprometida por conta de um problema no coração que, posteriormente, obrigou os pais a permitirem que ela fosse fazer tratamento em Portugal onde ficou sob os cuidados de uma tia, irmã de mãe. Passado o tratamento, a filha caçula que partiu com 13 anos, terminou ficando por lá dando continuidade aos estudos e ainda não retornou. A partida prematura deixou a família sentida, contudo estão sempre a tecer planos de trazê-la nas férias escolares.

Larissa, depois de fazer o ensino básico e secundário em Santa Cruz, foi residir na cidade da Praia, na casa de uma senhora sua amiga, para fazer o curso de Filosofia, Política e Relações Internacionais na UniCV e, por um bom período, só se pôde contar com ela na casa dos pais em alguns fins de semana esporádicos. Todas as filhas de Alice estavam então fora de casa, Judite já há uns anos morando na cidade da Praia com o filho Carlos (8 anos), Selma (29 anos) morando com a filha Lívia (5 anos) e o pai da menina numa outra zona de Santa Cruz, relativamente próxima à casa dos pais, e Cláudia (27 anos), também em outra zona do mesmo concelho, com a filha, Cecília (6 anos), e o pai. O irmão mais velho, José (32 anos) já vivia em Portugal desde os dezoito anos e que tinha dois filhos, Lucas (13) e Fernanda (14), cada um com uma mulher, uma delas portuguesa, e os filhos viviam com as mães. César (31 anos) também já vivia há alguns anos em Portugal com a esposa, deixando duas filhas, Camila (11 anos) e Daniela (4 anos) e o filho, Marcos (6 anos), em Cabo Verde, as primeiras aos cuidados da avó Alice e o último com a mãe. Contudo, durante o período escolar, Marcos também ficava sob os cuidados da avó, matriculado numa escola das proximidades de sua casa, de modo que era com a avó paterna e junto da família do pai que ele passava a maior parte do tempo. Cada filho era fruto de um relacionamento. Daniela era a codé vinda da sua relação atual, enquanto Camila tinha vindo de um primeiro relacionamento e, diferente da mãe de Marcos, ela mantinha relações próximas com a família e a filha vivia com os avós paternos por escolha própria. Já o irmão mais novo de Larissa, Luís (25 anos), era solteiro e não tinha filhos, trabalhava na cidade da Praia, ele havia se especializado como eletricitista depois de fazer um curso técnico na área. A casa ainda contava, em 2014, com a presença do primo Rony (22 anos), filho da irmã do pai de Larissa, que em 2015, quando retornei a Cabo Verde, já se encontrava em Portugal com os pais e os irmãos que lá já moravam a mais tempo.

Entender a trajetória de Larissa e participar de seu cotidiano é transitar por toda essa rede de relações, por todas essas pessoas que compõem, de maneira mais ou menos

presente, a sua vida, a sua pessoa. E ainda por uma rede de afinidades e aproximações que se estende para além dos familiares, que se compõe daqueles que vão sendo feitos família ao longo do caminho. A família grande, as relações cotidianas na pequena localidade onde reside boa parte dos familiares maternos, também tecem formas específicas de convívio e experiências compartilhadas coletivamente nessa microescala onde noções de mundo vão sendo elaboradas, compostas, sobrepostas e alargadas com as movimentações de tanta gente. Pra mim, que venho de uma família nuclear pequena, com apenas um irmão, mas de uma família estendida enorme – já que meus avós, tanto maternos quanto paternos, tiveram doze filhos cada –, era reconfortante encontrar tanta gente, passar por tantas casas, acompanhar crianças crescendo, nascendo, gente partindo e chegando, um ambiente que se fazia um tanto mais familiar pra mim.

Essa movimentação, esse fluxo de gentes, sempre me pareceu mais ter um rosto jovem e, dentro dos limites da ilha, feminino. A busca por formas de fazer a vida vai impulsionando mulheres-moças, mulheres-mães, na procura de estudo e de trabalho. E os estudos têm sido, para boa parte dessa geração de mulheres a primeira porta para a mobilidade³⁵. Assim, aos 18 anos Larissa iniciou a faculdade e começou a ter uma relação mais estreita com a cidade da Praia, numa rotina que incluía idas e vindas entre cidade e interior nos fins de semana. A gravidez aos 20 anos, fez com que ela voltasse a morar *fora* com os pais. Pouco tempo depois de dar a luz, voltou à cidade da Praia com a filha e retomou os estudos. Enquanto Larissa trabalhava e o pai de Diana também contribuía com as despesas da filha, foi possível continuar na cidade, conciliar estudos e maternidade e ir criando uma vida mais sua, que fosse menos uma extensão da dinâmica da casa dos pais. Mas, posteriormente, a situação financeira acabou por tornar inviável a vida na Praia, o pai de Diana, que oscilava num emprego e outro, já não fazia

35 Cabe aqui lembrar que os projetos de mobilidade social dos jovens embora mostrem-se um movimento individual, "são ações que se realizam nas interações nos diferentes mundos sociais em que os jovens circulam na sociedade" (LINS DE BARROS, 2010, p. 74).

sua parte nas despesas da pequena. Com isso, Larissa veio novamente morar *fora* com os pais e os trajetos Praia-*fora*, e vice-versa, passaram a ser diários.

Ela se lembra daquele dia em que amanheceu *"fobada, fobada"* (*sem dinheiro, sem recursos, sem condições de manter-se*), no qual a única coisa a se fazer era pegar a filha e a bolsa e voltar para *fora*. Era um dia angustiado, no qual Larissa se via sem alternativas, sem poder escolher e, pior do que isso, tendo que fazer escolhas que implicavam perdas que se impunham sobre sua vontade de aceitação. Naquele dia que precisava acabar e levar consigo aquelas horas amargas, ela diz aos pais que não tem mais dinheiro e que não vai mais estudar. Deita com a filha e dorme um sono descontente. Mas, no dia seguinte ela pensa, repensa, busca nas suas forças aquela destreza para lidar com os constrangimentos que atravessam nossos caminhos, e diz a si mesma: *"n tá ba skola sim! Diana tá fika li, na fora, n tá bai skola tudu dia, n tá bem tudu dia"* (*"eu vou pra escola/faculdade sim! Diana fica aqui, fora, eu vou pra escola todo dia e venho todo dia"*). A mãe, a madrinha, parentes e conhecidos, iam dando algum dinheiro aqui e ali, ela ia guardando, juntando, pegando trabalhos, e assim ia pagando as despesas com transporte, cópias, comida. Era preciso respirar, pensar, buscar apoios, demandar as redes de cooperação familiar e para além da família. Era preciso recobrar as forças, relembrar e reforçar propósitos e objetivos para não desistir.

A cada semestre esses processos objetivos e subjetivos, esses cálculos, ponderações e estratégias eram refeitos. E o impulso de desistência de Larissa me lembrou também das minhas desistências, dos constrangimentos exigentes de reordenação que atravessaram meu percurso de formação, mesmo tendo completa noção de que eles eram muito menos limitadores que os dela. O que se comunica, se conecta e encontra ressonâncias entre nós não são os elementos circunstanciais e as condições de nossas realidades que eram por si só diversas, mas a qualidade desse instante que às vezes pode ser decisivo, esse lapso temporal entre desistir, mudar de rota ou seguir em frente,

um instante-já atravessado por uma recapitulação de tudo que foi antes dele.

Na minha primeira ida a Cabo Verde, no primeiro semestre de 2014, Larissa havia retornado a cidade da Praia e estava morando com o amigo João (22 anos), padrinho da filha Diana, que já dividia a casa com sua irmã mais nova e sua mãe. No meu retorno em 2015 ela já se encontrava novamente na casa dos pais no interior e, durante minha estadia de agosto a fevereiro de 2016, ela e a mãe eram as responsáveis pelo cotidiano doméstico e pelos cuidados de todos na casa, sobretudo das crianças. A vida universitária e as primeiras experiências no mundo do trabalho tornaram o cotidiano de Larissa mais móvel, desencadearam um ir e vir entre cidade e interior, entre a casa dos pais e as casas que a acolham na Praia, ora na casa da irmã mais velha, ora na casa das primas, ora na casa do compadre. Um esticar e encolher dos seus movimentos que também é um esticar e encolher dos seus projetos de vida, das suas expectativas, das suas oportunidades, delimitando e condicionando suas estratégias de sobrevivência e sua busca na realização de seus objetivos. A cada experiência, escolhas a serem refeitas, prioridades a serem reordenadas, a gestão da vida cotidiana a ser rearranjada. Algumas dessas experiências pedem, e permitem, um colocar-se no mundo de forma mais audaciosa e arriscada, outras exigem um manejo mais prudente e, por vezes, nos obrigam a retroceder.

Quando olho pra esses movimentos, me parece que depois que Larissa se colocou nesse fluxo, ensejado pelo início de sua formação acadêmica, a sua vida antes restrita ao cotidiano no seu vilarejo de origem – entre a casa dos pais e dos familiares e vizinhos, hortas e plantações, escola e igreja – agora se abre para um emaranhado mais extenso e complexo de relações, de obrigações, de pressões e exigências, de demandas e dificuldades, que exigem um trato cuidadoso com as escolhas e ações. Lidar com a educação e sustento do filho, ainda que com a colaboração da família, com a formação acadêmica e suas exigências, com os trabalhos precários e a insegurança material, com

as relações familiares e amorosas, com o descompasso entre sonhos e projetos e a realidade. Tudo isso exige um manejo cuidadoso das circunstâncias, das relações, dos recursos materiais, que quase sempre se desenvolve em temporalidades muito curtas que terminam por desencadear a constante repetição dessas idas e vindas, das pausas e retomadas, das tentativas de uma vida mais autônoma. Nessa sucessão de arranjos e rearranjos, as casas, as configurações familiares e as redes de colaboração vão mudando suas formas, suas composições e a sua centralidade na vida das pessoas.

Durante essas idas e vindas, nas ausências de Larissa, para se dedicar aos estudos e ao trabalho, era Alice que cuidava da Diana com ajuda da neta mais velha, Camila. Agora, pois, era Larissa que havia parido e precisava de outros braços para ajudar a cuidar da filha pequena. Camila, apesar de ainda criança, assumia tais cuidados quase com a mesma idade que Larissa assumiu os cuidados da irmã Clara. E o ciclo do cuidado se refaz. Mas, esse ciclo geracional de cuidados, que cria corporalidades e subjetividades, não se refaz de modo linear. Não fossem as limitações de saúde de Clara e seu deslocamento para Portugal, provavelmente seria ela a cuidar da sobrinha. No entanto, circunstâncias diversas vão criando dinâmicas nas quais essa rede de cuidados vai sendo tecida e refeita no fluxo da mobilidade de crianças, jovens e adultos, no costurar das trajetórias individuais e de acordo com as mudanças dos arranjos familiares e as oportunidades e limitações que as condições materiais de existência vão impondo.

Larissa sempre se lembrava das tantas crianças que havia ajudado a cuidar, da irmã Clara, da própria sobrinha Camila, das primas e primos, Laura, Samira, Vanessa, Gerson, Ivo, do filho de uma amiga da Ilha do Fogo que havia passado um ano com ela e outras primas na cidade da Praia e que ela considerava como filho. Essas lembranças se cruzavam com as minhas próprias memórias de adolescência, me faziam lembrar as gerações de primas e primos que vi crescer, que ajudei a cuidar, que ensinei, com os quais brinquei as primeiras brincadeiras. E me obrigavam a desnaturalizar a dimensão

do cuidado, a olhar para a sua potente produção de conhecimentos e de corpos. Gerir os tempos, os tempos das refeições, do sono, do desenvolvimento psicomotor, do aprendizado. Gerir as disposições corporais e criar compreensões sobre limitações, impulsos, força, fragilidade, equilíbrio, bem-estar e adoecimento. Gerir afetos e nuances das personalidades em elaboração. Um longo processo de criação de relações no forjar-se com o outro, pois os corpos e subjetividades cuidadores também estão em feitura nesse labor dos cuidados cotidianos.

Na casa de Alice e Domingos restavam, naquela altura, três filhos e quatro netos. A casa era mantida com o que rendia a horta – na qual Domingos mantinha o cultivo de hortaliças, legumes e frutas no regadio, e vendia parte da produção para vendedeiras do mercado da Praia, ficando o restante para alimentação da família – e as plantações de feijão e milho em *sequeiro* (*em que só se planta na estação das chuvas*). A própria produção agrícola familiar mantinha a alimentação e custeava as despesas com a água – abastecida pelo chafariz local, mas também adquirida em fontes fora da localidade e armazenada em tanques de cimento – e energia elétrica. Ainda era preciso guardar um pouco de dinheiro para terminar a casa, cuja construção – erguida no lugar da primeira casa da família, ainda de pedra, que foi totalmente derrubada – havia parado nos primeiros acabamentos, portas e janelas, mas que já abrigava a família toda. A comida era preparada na antiga casa da já falecida mãe de Domingos, que ficava ao lado, e era lá que se passava a maior parte do tempo, onde se guardavam mantimentos que não precisavam ser refrigerados, e onde ainda se acompanhava os noticiários, desenhos animados, programas de entretenimento e novelas. Larissa dizia que a mãe relutou no começo para ocupar a casa nova, pois, queria fazê-lo apenas depois de arranjar toda mobília e trocar os móveis velhos. Mas, Larissa foi logo carregando as coisas do seu quarto e com ela todos acabaram vindo. Ainda assim, Alice aguardava condições para fazer uma pequena cozinha do lado de fora com um fogão a lenha para, então, poder ocupar total e definitivamente a nova moradia e, enquanto isso não acontecia, o

cotidiano da família ia se dividindo nas duas casas.

Ficavam, então, Larissa e Luís com as rendas de seus trabalhos que lhes permitiam custear suas despesas pessoais sem, contudo, obter o suficiente para contribuir com as despesas gerais da casa. Larissa manteve o trabalho com as faxinas, realizadas três vezes na semana, da minha primeira até a segunda temporada em Cabo Verde, com isso conseguia pagar as suas despesas com transporte nos deslocamentos para a cidade, bem como suas despesas básicas e da filha, tais como roupas, artigos de higiene pessoal e algum alimento. Nesse período, enquanto estava ainda cursando disciplinas, o tempo era apertado e ela saía do trabalho direto para universidade, dedicando-se a colocar as atividades acadêmicas em dia nas lacunas que iam sobrando ao longo da semana e nos fins de semana. Lacunas que não eram tantas, pois, na casa dos pais ela estava quase sempre cheia de afazeres. Por vezes, era mais viável estar na cidade da Praia mais vezes na semana do que *fora*, na casa dos pais, dada a demanda constante da mãe, de vizinhas, amigas e as horas despendidas nos cuidados da filha.

Quando ingressou na universidade, estimulada na altura pelo irmão mais velho, José, que havia se disponibilizado a custear as mensalidades, Larissa não imaginava ter que se desdobrar ao longo de quatro anos para conseguir juntar dinheiro e que terminaria com uma dívida com sua irmã Cláudia, servidora pública na área educacional, que contraíra um empréstimo bancário para viabilizar a finalização do curso, já que o irmão havia falhado no seu compromisso. Apesar de ser uma universidade gerida pelo Estado, o acesso à educação superior na UniCV não é gratuito da forma como ainda é possível no Brasil. Há políticas de oferta de bolsas com base em critérios de mérito que avaliam o desempenho acadêmico dos estudantes, mas a oferta é demasiadamente inferior à demanda, sendo uma bolsa anual por unidade acadêmica ou instituto. O que configura um quadro majoritário de estudantes que precisam desembolsar 9 mil escudos mensais ou 108 mil escudos anuais para cursos diurnos, e 11 mil escudos mensais ou 132 mil

escudos anuais para cursos noturnos, mais as taxas escolares e de matrícula que são semestrais e giram em torno de mil escudos. Um investimento extremamente custoso num país onde o salário mínimo é atualmente de 13 e 15 mil escudos no setor privado e público, respectivamente. Na altura da pesquisa o salário mínimo no setor privado ainda era de 11 mil escudos.

As mensalidades do curso, as cópias dos textos, as passagens de ônibus, os eventuais lanches durante as aulas, a manutenção das necessidades básicas com comida e higiene pessoal, roupas e calçados, idas e vindas entre o interior da ilha e a cidade da Praia – isso sem levar em consideração a situação de estudantes de outras ilhas que geralmente não contam com uma rede de apoio próxima –, todas essas despesas tornam os estudos um investimento alto e custoso em vários sentidos, não apenas material e financeiro. Toda essa situação requer uma gestão dessa microeconomia do cotidiano, de cada escudo, de cada deslocamento, da comida e de sua distribuição ao longo dos dias, bem como das relações dentro das redes de ajuda e colaboração. Essa economia inclui saber dividir espaços e bens materiais, saber trocar favores, criar uma rede de apoio entre os próprios colegas para enfrentar as dificuldades inerentes à própria realização dos cursos, saber fazer render mantimentos e dinheiro e, muitas vezes, passar dias sem um nem outro, saber gerir o tempo e as relações. Um conhecimento que é aprendido desde muito cedo pelas mulheres que se criam em famílias extensas, sobretudo no interior onde a fartura depende mais do que a terra oferece e do quanto se pode contar com outros braços para prover as necessidades cotidianas, do que de rendimentos financeiros fixos e regulares que configuram uma estabilidade da qual uma restrita parcela da população cabo-verdiana tem podido usufruir.

Durante o tempo de curso Larissa partilhou, em momentos diversos, espaços, experiências, alegrias e dificuldades, na cidade da Praia com a irmã mais velha e primas,

com a família do padrinho da filha, com o pai da filha, com as colegas e amigas dentro e fora da universidade, e com a família no interior e nas variadas composições pelas quais esta foi se desenhando ao longo do tempo. O que lhe exigiu várias reinvenções e rearranjos de seu cotidiano e de sua rotina de acordo com as necessidades, possibilidades, constrangimentos, sonhos, planos e desencantamentos de cada momento. A reinvenção mais sensível parece ter se dado na segunda metade do segundo ano de faculdade quando engravidou e acabou fazendo uma pausa no curso, pois, de acordo com a sua leitura naquele momento, não poderia ir para universidade grávida. Afinal, isso chamaria atenção, geraria comentários e lhe criaria constrangimentos com os quais ela não estava disposta a lidar naquele momento. Eu me lembro que em 2014 havia duas colegas suas de curso que estavam grávidas e frequentaram as aulas até o final do semestre, era comum ver algumas moças gestantes no campus. Mas, na ocasião de sua gravidez, Larissa acreditava que teria mais privacidade e tranquilidade ficando na casa dos pais e trancando o curso por dois semestres. A gravidez impôs, portanto, uma outra gestão do tempo e dos projetos em curso, com a suspensão dos estudos e o adiamento de sua conclusão, assim como o ingresso em outra turma, e, conseqüentemente, a postergação de uma possível entrada no mercado de trabalho dentro da profissão que havia escolhido.

A maternidade também implicou uma nova gestão não só do tempo como da vida material. Uma criança exige tempo! Tempo para cuidar, para educar, para alimentar, para vestir e calçar. E exige recursos financeiros para que todo esse cuidado material cotidiano aconteça. E tais exigências se convertem em elemento alterador da ordem de prioridades, dos planos pessoais e familiares, e tão mais alterador quanto menos as mães podem contar com redes de apoio e com ajuda familiar. Larissa lembra, com certa angústia, que depois da gravidez seu pai não lhe deu mais dinheiro, nem para custear as mensalidades e taxas da universidade, nem para despesas com transporte, alimentação e vestuário, fossem para ela ou para a filha. Ao mesmo tempo, é do

trabalho dele e de sua mãe que ela e a filha se alimentam. São dias e mais dias de *monda* (período em que se pratica a semeadura durante as chuvas, variando de agosto a outubro) de feijão e milho, plantio e colheita cotidianos nas hortas, cuidados diários com os animais que oferecem leite, ovos e carne. Produtos de muito trabalho, do qual todos na casa usufruem e com o qual todos contribuem direta ou indiretamente em medidas distintas.

De modo que também não se pode desconsiderar que ela contribui com essa economia doméstica ao colocar seu tempo na limpeza da casa, na preparação das refeições de todos que com ela dividem aquele espaço, e no cuidado das outras crianças além da filha. De alguma maneira, essa parecia ser a sua contrapartida por ainda estar ali vivendo enquanto as outras irmãs já tinham suas casas, um cotidiano apartado deste núcleo familiar que configurava uma relação mais autônoma em termos de provimento material, mas que eu não acredito caber na palavra independência³⁶. Uma vez que as relações de co-dependência e colaboração mútuas se mantêm mesmo depois da saída da casa dos pais, da maternidade ou da conjugalidade com coabitação e do casamento. E, quando não há atritos e conflitos graves entre os familiares, essas relações de apoio mútuo e de obrigações são tecidas e sustentadas de modo a atravessarem o tempo e as gerações.

36 De acordo com Fortes (2011) há em Cabo Verde muitas maneiras de se identificar uma mulher como adulta, seja pela gravidez, pelo início da vida profissional, pela saída da casa dos pais e estabelecimento de uma vida conjugal e mesmo pela migração. Mas em todas essas formas de se tornar mulher adulta, apontadas pela autora, podemos perceber que os elementos que lhes são comuns parecem remeter a algum grau de autonomia em relação à família, bem como de estabilidade. Tais elementos também aparecem em estudos sobre juventude em contextos diversos e parecem conformar, em termos gerais, as expectativas que incidem diferentemente sobre jovens de ambos os sexos – atrelados a eles está quase sempre o “projeto de mobilidade social” que consiste num projeto também familiar (LIMA, 2012; MARTINS, 2011; LINS DE BARROS, 2010). Contudo, cabe destacar que, assim como a juventude, a idade adulta ou vida adulta não constituem categorias estáveis e definitivas. Por outro lado, o modelo que conhecemos de estabilidade e independência entendidas como acesso a um emprego lucrativo, a uma residência independente, ao casamento e à paternidade/maternidade, é um modelo europeu e norte-americano forjado no pós Segunda Guerra Mundial (Honwana, 2012).

Logo, mesmo não coabitando com os pais, filhos são demandados a colaborar nos períodos de plantio e colheita, a suportar alguma despesa pontual, como foi o caso do empréstimo feito por Cláudia para custear os estudos da irmã, a fazerem-se presentes nas casas dos pais quando o trabalho doméstico diário e o cuidado com as crianças exigem mais braços, a ajudarem nos trabalhos realizados nos festejos locais. Assim como pais são demandados a colaborar assumindo eventualmente ou por longos períodos os cuidados com os netos, a ajudar nas plantações e colheitas dos filhos, a contribuir financeiramente e/ou com trabalho nas construções de suas casas. Essa troca não se finda com a autonomia financeira e mesmo afetiva, mesmo porque essa autonomia nem sempre é estável e duradoura, ensejadas pela obtenção de emprego, renda e casa própria. As vidas das pessoas e suas trajetórias vão se fazendo no *djunta mó* (*junta mão, juntar de mãos e braços*) cotidiano.

No caso de Larissa essas relações ficavam ainda mais estreitas já que ela ainda se encontrava num momento pouco estável de sua trajetória, de investimento construção de uma profissão com sua formação educacional em curso, sem um emprego que lhe permitisse traçar planos e estratégias de médio e longo prazo. Também porque, desde criança, foi nesse tipo de relacionalidade que ela se fez, que ela aprendeu a contornar adversidades e a conseguir realizar as coisas que desejava. É nessas relações de reciprocidade que ela vai se fazendo pessoa, construindo seu lugar no mundo e forjando seu reconhecimento social nesse circuito de trocas. Além disso, ela não tinha feito a opção por uma vida conjugal com o pai da filha e este praticamente não contribuía na criação e educação da filha seja financeira e materialmente, quanto afetivamente, o que fazia com que Larissa acumulasse mais uma responsabilidade que lhe exigia recorrer frequentemente aos apoios em suas redes.

A presença dele nesse cenário cotidiano é pontual e quase sempre mediada pela filha e as suas demandas, mas nem por isso menos significativa, tendo em vista ter sido com

ele o primeiro relacionamento de Larissa. A relação, que se iniciou quando ela tinha quinze anos, lhe rendeu uma duradoura ligação que, ao que parece, vai continuar estabelecendo uma convivência, ainda que inconstante e indireta, entre ela e o pai de Diana e os familiares de ambos. O pai da filha passou a segundo plano quando ela escolheu a estabilidade e a segurança de voltar para a casa dos pais ao engravidar, uma opção que lhe permitia poder se organizar de algum modo para prosseguir com os estudos. A faculdade continuou, então, tendo lugar central na sua vida naquele momento, apesar de dividir espaço com a maternidade.

Tal escolha, não deixou também de implicar numa maior liberdade em vários sentidos. Liberdade para organizar melhor o tempo, ter maior mobilidade, manter mais contato com amigos, e ter condições de usufruir de algum lazer, já que sempre era possível deixar a filha com alguém de sua confiança. E ainda a vantagem de poder dividir as tarefas domésticas com a mãe, mesmo que numa casa com muitas pessoas e muitos afazeres, já que, caso fosse morar com o pai da filha, ela provavelmente não teria nenhum apoio para realização do trabalho doméstico. Apesar disso, percebia, não só na sua narrativa – quando lhe pedi pra me contar sobre a sua vida – como observando o cotidiano nos dias em que passei com ela, que esta não era a escolha que ela imaginou pra si e nem de longe a mais confortável. E, por vezes, há momentos da vida em que o máximo que conseguimos é ir mudando de um “lugar desconfortável” para outro, priorizando situações menos impactantes e menos desvantajosas, gerindo danos, esperando um melhor momento.

Por vezes os atritos com a mãe lhe cansavam, o trabalho doméstico lhe cansava, as tantas pessoas a demandar cuidados e serviços a serem feitos e refeitos lhe cansavam, aquela rotina, toda ela, cansava. Faltava-lhe espaço, o seu espaço, um lugar à sua maneira, para fazer as coisas do seu jeito, em que pudesse esticar e encolher o tempo com suas mãos, dividi-lo, juntá-lo, trançá-lo e enrolá-lo, como fazia cotidianamente

com cabelos diversos nos penteados semanais. A necessidade de espaço era também necessidade de tempo, de um tempo seu, de um espaço que permitisse outro lidar com o tempo, e que implica antes numa necessidade de liberdade, de dilatar a liberdade para ter a licença de partir e juntar o tempo como quiser. Vários foram os dias em que ela planejava várias atividades para realizarmos juntas, mas todas essas demandas não nos permitiam realizar sequer metade do que esperávamos. Vários foram os dias em que ela quis cuidar de suas necessidades e interesses antes de tudo, mas havia uma seqüência de afazeres a espera do seu tempo e energia para fazer o cotidiano acontecer.

Mas nesse cotidiano, mais próximo da família, também era possível cuidar melhor da filha, era possível estar perto de pessoas queridas, compor os dias com causos, visitas e passeios nos arredores, numa volta entrar na casa da avó e já sair na casa da tia, encontrar amigas e primas todos os dias, tomar banho de mar, ir a festas. E alguma liberdade ia se construindo no movimento dentro da sua pequena localidade e das localidades vizinhas. Ali residia a maior parte da sua família materna e as relações com todos os moradores eram marcadas pela convivência há diversas gerações, o que fazia da vida naquele chão não só pacata, mas marcada por uma intimidade que se estendia para além do presente e que tecia relações amistosas e solidárias entre todos. Várias vezes Larissa e as primas expressaram o desejo de um dia construir suas próprias casas ali e viver com suas famílias, inclusive apontavam e delimitavam onde exatamente queriam o seu pedaço de chão, descreviam como seriam suas casas, tamanho, formato, tipo de portas e janelas, cores. Havia muito afeto por aquele lugar, ainda que Larissa não pudesse naquele momento viver lá como gostaria, tendo seu próprio espaço.

É que as coisas se fazem dentro das possibilidades e, por hora, aquela ainda era a menos desvantajosa e, enquanto não era possível viver melhor, ela fazia planos. Planos de terminar a faculdade, ir com a filha morar com suas primas na cidade da Praia onde

poderia trabalhar e colocá-lo no jardim para, então, conseguir juntar o dinheiro que viabilizasse a ida das duas para Portugal em busca de oportunidades que lhes melhorassem as condições de vida. O término da faculdade colocava mais um impasse com implicações para as possibilidades de futuro, fazer um estágio profissional e, com isso, testar suas habilidades no mercado de trabalho com a chance de um possível emprego após essa etapa, ou escrever um trabalho de conclusão de curso e direcionar seus esforços para um investimento numa carreira acadêmica.

Houve hesitações, dúvidas, que colocaram em confronto a vontade de ser uma pesquisadora, uma professora universitária, e a necessidade de ter alguma possibilidade real de trabalho na área, já que a maioria das estudantes tinham a esperança de serem contratadas ao fim do estágio – o que, aparentemente, era mais raro do que se imaginava, pelas experiências que pude acompanhar já que a maioria de seus colegas optaram por estágios em órgãos públicos. Larissa não chegou a verbalizar, mas eu pensava também no peso que as considerações da família tinham sobre esse tipo de escolha. Muito dinheiro já tinha sido colocado na sua formação e certamente havia alguma expectativa por parte da sua família. Hoje também vejo que talvez não tenha sido por acaso que justamente sua única irmã que conseguiu fazer um curso superior tenha assumido uma responsabilidade financeira maior nesse projeto.

Eu me lembro de sua mãe dizer que, desde os filhos crianças, ela se esforçava para que todos, igualmente, frequentassem a escola e se dedicassem minimamente aos estudos. Não deixava faltar material, tempo para os deveres extraclasse, não permitia ausências sem justificativa. Mas, os filhos homens não haviam se interessado por estudar, apenas o mais novo ela conseguiu que se profissionalizasse num curso técnico. Judite, a mais velha, estudou pouco por conta das circunstâncias, começou a trabalhar cedo, não encontrou escolas próximas no tempo em que precisava e podia frequentar, acabou não cursando todo o ensino secundário. Selma concluiu o ensino secundário e pegava

alguns serviços de limpeza e faxina esporadicamente em localidades próximas de sua casa. E Larissa seria a segunda na família a ter um diploma de nível superior, mas por hora também ia levando os dias com trabalhos esporádicos, com os serviços de faxina, penteando amigas, vizinhas, conhecidas. Pequenos “*biscates*” (*bicos*), como as moças diziam. Nos quais pude ver várias adolescentes iniciando suas experiências laborais fora do trabalho não remunerado em suas casas, mas que eram experiências, muitas vezes, ligadas ao ambiente doméstico como lavagem de roupas, faxinas, cuidado de crianças, produção de pães, bolos, pastéis, sucos e doces. Ou ligadas ao trabalho rural como o plantio nas *mondas*, e serviços de colheita. E, recorrentemente, também estavam envolvidas nas vendas tanto dos alimentos obtidos nas plantações, quanto dos quitutes preparados pro elas ou por outras mulheres, parentes, amigas, conhecidas.

Vender algo, ou algum serviço é, para muitas dessas mulheres-meninas e mulheres-moças, um trabalho aprendido desde muito cedo, uma habilidade que se precisa ter à mão para ir produzindo a vida dia a dia, cada dia com sua necessidade, para cada dia uma solução mais ou menos urgente. De escudo em escudo, com pequenas atividades diárias, elas conseguiam custear pequenas necessidades de consumo como roupas e calçados, cosméticos, acessórios, idas a festas, os lanches na escola e o transporte para ir e vir, já que quando faltava dinheiro o jeito era ir e vir a pé ou com sorte pegar as disputadas *buléias* (*caronas*) no caminho. Essa economia cotidiana me parecia ser aprendida pelas mulheres muito mais cedo que pelos homens, e parecia configurar um sentido de independência e autonomia diferente para elas. Um sentido de independência e autonomia criado e recriado cotidianamente por elas como caminho necessário diante da incerta presença e apoio masculino. Um sentido que elabora-se no acúmulo de experiências que ensina a contar mais com as mulheres e que desenvolve uma colaboração e um fortalecimento interno entre elas.

No cotidiano interiorano e rural em que passei boa parte dos meus dias, eram raros os

momentos em que se encontrava as jovens mulheres investindo seu tempo em horas ociosas, sim, uso aqui o termo investir porque partilho da visão de que o ócio é um espaço criativo e produtivo da vida, uma pausa necessária para pensar fora das pressões e demandas rotineiras, pra ter outras fontes de elaboração da vida além das ocupações e responsabilidades. Como não precisam se ocupar do trabalho doméstico e nem da dimensão mais elementar do cuidado, daquele cuidado que é invisibilizado pela efemeridade de seu ciclo de fazer-se e desfazer-se, os rapazes terminam por dispor de mais horas ociosas. Horas que, conforme observou Larissa numa conversa que tecemos à porta de sua casa já tarde da noite, não necessariamente se convertem em tempo empregado nos estudos ou nesses pequenos trabalhos e biscates. Havia dias de longas tardes, sobretudo nos fins de semana, em que os rapazes e os homens mais velhos passavam a ver jogos na televisão, a jogar, ou simplesmente ficar nas portas das casas de conversa e, às vezes, a beber. Entre as mães, por vezes se ouvia a queixa de que os rapazes hoje em dia não querem mais realizar os trabalhos necessários num contexto de vida rural, tais como o cuidado com os animais, as sementeiras e colheitas nos tempos de chuva, o trabalho cotidiano nas hortas. O que fazia com que as mulheres também estivessem majoritariamente nesses trabalhos.

E, assim, eu via Larissa se desdobrando para ler um texto aqui e ali quando conseguia colocar a filha para dormir mais cedo, quando conseguia adiantar a lavagem das roupas no fim de semana e passar a responsabilidade do almoço e do jantar para a mãe, mas, sobretudo, quando conseguia passar mais tempo na cidade da Praia e se organizar melhor com as leituras e trabalhos. Na nossa conversa noturna, partindo das experiências do seu pequeno contexto no interior da Ilha de Santiago, observávamos que muitas vezes as mulheres, já desde muito cedo, precisavam dividir seu tempo entre vários afazeres, sobretudo aquelas cujas famílias não dispunham de condições financeiras favoráveis que lhes possibilitassem dedicação exclusiva aos estudos, mas, ainda assim, elas conseguiam concluir os estudos e buscar uma formação superior. Os

estudos sempre aparecem na boca das pessoas mais velhas como algo da maior importância, como um bem que são capazes de acessar através de seus filhos e netos, esperança de dias menos difíceis para todos, independente do curso escolhido. Mas áreas das humanidades parecem ser mesmo, em quase todo lugar, um terreno cuja semeadura é longa e a colheita tardia, isto é, quando há colheita. E Larissa havia escolhido uma área complicada. Eu como havia feito um curso de bacharelado cuja grade formativa não oferecia essa opção, não tinha enfrentado esse dilema, mas eu conhecia as questões que o envolviam e elas se comunicavam em alguma medida com aquelas com as quais me deparei quando terminei minha graduação e decidi fazer pós-graduação. Momentos povoados de dúvidas e pressões várias.

Como eu percebia que ela tecia o sonho de fazer uma carreira acadêmica – pois, falava sempre de possíveis temas com empolgação, planejava a pesquisa de campo e recolhia bibliografia – tentei incentivar a escrita da monografia, ajudar a pensar numa temática, numa pesquisa. Eu lembrava de quando ela dizia que não pretendia ficar grávida porque seus planos eram concluir a graduação, em seguida fazer um mestrado, e só depois, quando já estivesse com um emprego na sua profissão, pensar em ter filhos. E ficava frustrada também com o sonho interrompido, abandonado, ainda que temporariamente, a liberdade sobre as escolhas estrangida. Então, de certo modo, eu achava que não devia contribuir para que esse sonho se perdesse em meio aos obstáculos que se colocavam em seu caminho. Contudo, eu sabia que, se escolhido aquele caminho, ele seria árduo demais e, muito provavelmente, não geraria o retorno esperado no tempo esperado e necessário. A vida estava ali gritando, se fazendo imperativa, e eu não podia esquecer que Larissa tinha uma filha que dependia dela em grande medida. Diante disso, a escolha de Larissa pelo estágio foi ganhando força e se assentando, e alimentava os planos de terminar um ciclo e seguir para novos rumos, se possível fora do país. Quando ela, então, se decidiu pelo estágio tentei contribuir pra que se sentisse segura reforçando ser aquela uma boa escolha para aquele momento e

aquelas circunstâncias. Uma aposta mais sólida, com maiores chances de aproximá-la da realização de seus anseios.

Ela dizia estar tudo pensado e calculado na sua cabeça, no final de 2015 começou a mexer com a papelada pra fazer o passaporte pra ela e a filha. Haveria facilidade em conseguir o visto e uma grande chance de obter cidadania, segundo ela. Em Portugal a rede já era extensa, o irmão mais velho e os filhos, o irmão do meio junto com a cunhada, duas tias (irmãs de sua mãe), mais um tio (irmão do pai), uma prima que havia se mudado pra lá para iniciar sua graduação ainda quando eu me encontrava em Cabo Verde, e mais outros tantos conhecidos. Mas, ainda era preciso terminar a faculdade, fazer o estágio, pegar o diploma, arrumar outro emprego para somar às faxinas, juntar dinheiro, enfim, se ocupar de uma vida no presente na qual se possa apoiar os planos futuros, que possa ser ponte para a vida adiante. Numa noite em que ela me falava desses planos na porta de casa, sua mãe se aproximava, parou pra nos ouvir e perguntou a Larissa o que ela iria fazer em Portugal, com o quê trabalharia. A que ela respondeu: *“ora, com o mesmo que eu trabalho aqui, com faxina, lá eu vou conseguir muito mais dinheiro, se aqui eu faço isso pra ganhar tão pouco porque não posso fazer lá”*. Alice, aparentemente um tanto decepcionada diz: *“Larissa, você formada ficar trabalhando com limpeza? Eu pensei que você tava falando de ir pra Portugal pra trabalhar com o que você está se formando”*. Larissa apenas encerrou o assunto dizendo que ela poderia, perfeitamente, continuar trabalhando lá na mesma atividade que já realizava no seu próprio país, ao menos até aparecer uma oportunidade melhor.

Não era possível ali jogar todo um universo de limitações e dificuldades em cima das esperanças de sua mãe, que acreditava ter oferecido aos filhos mais jovens o que faltara a ela, aos seus irmãos e irmãs, aos seus pais, aos seus tios e tias, aos seus primos e primas, e aos seus filhos e filhas mais velhos, o acesso aos estudos. Quando a prima, Laura, ia para Portugal iniciar a graduação em Biologia, Alice lhe chamava para

conversar, sempre que podia, e lhe chamava atenção para que não desperdiçasse a oportunidade que estava tendo. Que fosse dedicada aos estudos, que usasse seu tempo em festas, com namorados e outras distrações. Nas vésperas da partida da jovem a recomendação de Alice era diária, a cada vez que a sobrinha passava por sua casa. Laura, era a única jovem na família e ali no pequeno vilarejo a conseguir sair para estudar em outro país, sem que os pais já estivessem emigrados. Na verdade, ela, com pai falecido quando ainda criança, vivendo desde sempre com a avó paterna e sem o convívio com a mãe e tão pouco contando com sua assistência até ali, conseguiu uma bolsa de estudos oferecida por um convênio entre Portugal e Cabo Verde. Contudo, assim como outras jovens, dependeria de uma rede de parentes e afins fora do país para se manter durante o curso. Mesmo com essa oportunidade ainda seria um percurso que exigiria esforços não só dela como de suas tias, tios, e da avó que ela tinha como mãe.

Larissa também sabia que não seria simples para ela, jovem imigrante, africana, negra, mulher, mãe, conseguir um emprego na sua área de formação em Portugal, e que certamente também precisaria acionar várias pessoas até que isso fosse possível. Mas, a mesma decepção de Alice, eu senti na voz de Larissa quando poucos meses atrás eu lhe contava por telefone que estava fazendo cá os meus *biscates*, trabalhando como freelancer de garçomete num café, e que estava tendo dificuldades que talvez me impedissem de concluir o doutorado. Naquele momento, parecia que, ao mesmo tempo, eu lhe tirava também um pouco de esperança e lhe atestava que ela sempre estivera certa na sua "escolha" em não seguir uma carreira acadêmica. Dizia ela: "é... as Ciências Humanas, em geral, não estão dando nada, não tem emprego... hoje eu penso o que eu poderia ter feito e como eu poderia estar com o tanto de dinheiro que eu gastei pagando a minha faculdade"³⁷. E eu nem conseguia discordar dela ou oferecer

37 No contexto cabo-verdiano, em geral, tanto mulheres quanto homens, têm se deparado com que Martins (2011) denomina de *paradoxo de oportunidades*. No qual, apesar de obterem uma boa formação escolar e profissional, não conseguem realizar aquilo que desejam e alcançar as oportunidades

outro ponto de vista, pois não conseguia ver nada além dessa desesperança daquele lugar onde eu estava, então emudeci. E desfiz o silêncio dizendo que por enquanto precisávamos nos envolver com o que o presente oferecia, ainda que isso se distanciasse de nossos planos, e esperar que as coisas melhorem num futuro próximo.

Essa vida no presente ainda precisava, e precisa, ser alimentada com estratégias para agora, mas que sejam orientadas também por olhos que estão adiante, que almejam mais, que anseiam por mudanças, por um espaço seu no mundo, por uma vida que permita realizar outras tantas coisas, que não estreite o cotidiano, que não limite as possibilidades e sonhos, mas que os alargue. Esses revezes nos exigem um redimensionamento do tempo, um redirecionamento dos olhares, e um aprendizado paciente da espera. Não da espera passiva pela emergência de uma oportunidade, mas a espera estratégica pelo melhor momento de agir, pela movimentação mais adequada, pelos recursos necessários, sejam materiais ou emocionais, pelo caminho menos custoso. A espera como apropriação do tempo e dos rumos da própria vida. A espera como resistência. Aquela mesma resistência de quem espera as chuvas para semear, e aguarda pacientemente o tempo de se colher o milho, e acumula recursos e energias para os tempos de seca enquanto se prepara novamente para a fartura das colheitas.

E, enquanto os planos de médio e longo prazo de Larissa não se materializavam, as suas energias se voltavam para esse instante em curso, para a vida que precisa ser mantida, para a filha que precisa ser alimentada, vestida e educada, para tudo que lhe demandava de imediato. Enquanto isso os planos de longo prazo iam dando mais lugar aos planos curtos, ao foco no presente, à trajetória feita dia a dia. E a vida segue, sempre com possibilidades em aberto, com projetos de curto e longo prazo que vão se

compatíveis com seus investimentos. E, para além disso, ainda são colocados em uma posição negativa pelos discursos governamentais que lhes atribuem falta de interesse em aproveitar as muitas oportunidades existentes. Segundo Honwana (2012), a contradição da modernidade está justamente no fato de que as oportunidades e expectativas das pessoas jovens têm sido, simultaneamente, ampliadas e constrangidas.

fazendo e se alterando no caminho, por vezes se tornando projetos outros, novas buscas, atravessada por mudanças repentinas, feita de desejos e sonhos que não saem do plano do imaginado por um bom tempo, mas segue num movimento contínuo de esticar e encolher de horizontes. O que parece ser uma constante é a busca, a persistência em criar as condições em que se deseja viver, a criação diária de estratégias de sobrevivência, de alcance de pequenos e grandes objetivos, ainda que seja preciso ir longe, atravessar o mar, fazer família em outros ares, esforçar-se até chegar lá.

Júlia

Quando conheci Larissa, naquele dia seco de fevereiro que emoldurava o nosso primeiro de muitos trajetos de *hiace* pelos interiores da Ilha de Santiago, a pequena Diana estava com dois anos de idade e passava os dias *fora* sob os cuidados da avó. Naquela altura Larissa estava vivendo com a família do padrinho da filha na cidade da Praia, e de vez em quando trazia a trazia pra um passeio na cidade. A moradia pequena, com dois cômodos e um banheiro do lado de fora, reproduzia o formato de muitas moradias na capital cabo-verdiana. Casas enormes subdivididas em pequenas casas ou coabitadas por várias pessoas que alugam quartos e compartilham áreas comuns como cozinha e banheiro. Foi meu primeiro passeio com aquela moça que conhecia cada canto da cidade da Praia, muitos dos seus arredores e pessoas em todos os lugares.

Naquele fevereiro preenchido pela bruma seca que nos lembrava que o Saara não estava tão longe assim, naqueles dias de vento e poeira na cara, eu conheci minha companheira de muitos itinerários, de procuras por pessoas e coisas, de festas e banhos de mar, de partilhas diversas, das diferenças à intimidade, nas divagações sobre a vida e nas leituras acadêmicas. Havia espontaneidade nos seus gestos, fluidez, uma desconfiança sorrateira, muito pequena diante da ávida curiosidade acerca da minha pessoa e do mundo que trazia comigo. Eu estava povoada de perguntas e, ao longo dos nossos tantos encontros, fui tendo a certeza de que havia encontrado a melhor pessoa pra me conduzir naquela jornada. E foi nos percursos barulhentos, e por vezes desconfortáveis, dos *hiaces* que se foi fazendo nossa amizade e, como não poderia deixar de ser, começou na atividade que mais nos deixava contentes, os passeios. Saímos de Pedra Badejo e seguimos de *hiace* rumo a praia do concelho de Tarrafal³⁸ para um passeio a beira mar. Lá encontramos com Júlia, o marido e a filha Carolina de cinco anos, e foi esse meu primeiro contato com ela também. Não por acaso, foi através de Larissa, a quem Júlia definia como uma de suas poucas amigas de verdade, que a conheci. E hoje vejo que também não foi por acaso que já no nosso primeiro contato conheci também a sua família.

Quando vi Júlia nesse dia, a primeira impressão foi de que ela e Larissa não pareciam ter a mesma idade, a despeito de terem. Eu via nela uma mulher que parecia ser mais madura, mais experimentada pelo tempo, talvez pela sua seriedade no trato imediato com pessoas pouco próximas.

38 O concelho de Tarrafal fica ao norte da ilha de Santiago e sua sede é a Vila do Tarrafal, que conta com uma belíssima praia que concentra a movimentação turística da região, e abriga também o chamado Campo de Concentração do Tarrafal que foi prisão de muitos dos opositores ao regime colonial o período de luta pela libertação nacional. Em 2015 quando visitei o campo, o mesmo encontrava-se em reforma, mas, ainda assim, foi possível visitar vários espaços que ainda guardam um pouco desse período histórico. O concelho, assim como o de Santa Cruz, também abrigou os *rabelados* (*rebelados*, *revoltados*), grupo que se isolou em regiões montanhosas em resistência às ameaças aos seus costumes e religiosidade tradicionais impostas pela Igreja Católica na década de 1940 e que hoje habita a zona de Espinho Branco localizada no concelho de São Miguel. As praias da Villa do Tarrafal sempre movimentadas impulsionam o comércio informal, praticado principalmente por mulheres e voltado para venda de comidas.

volumes e curvas o desenho dos braços e pernas fortes, as bochechas redondas a movimentarem as expressões contidas daquele belo rosto ornado pelos cabelos curtos e discretos, sua pele viçosa me lembrava o brilho da pitanga preta, os olhos grandes que não fitavam os olhos com os quais interagia estavam sempre atentos a tudo que se passava. Os gestos firmes, apesar de toda composição contida de alguém que não parecia à vontade naquele corpo, uma voz que se plasmava em palavras enérgicas que ofereciam alguma segurança, me faziam lê-la como alguém experiente e, vejo então, que minha noção de mundo parece associar a maturidade a algo que em alguma medida configure sinais corporais de segurança, firmeza e seriedade. E talvez sejam mesmo estes os sentidos que nossa educação corporal pretenda nos fazer incorporar a fim de nos oferecer algum ponto de partida para classificar as pessoas e a experiência humana. Mas, classificações são sempre parciais e, por vezes, equivocadas.

Esse conjunto de gestos, de performance corporal, pareciam também dar expressão a elementos subjetivos que eu não podia captar naquele primeiro momento, e não captei. O seu olhar e a sua fala comigo e com os demais – alguns amigos de Larissa e sua colega de curso Ana que era da vila de Tarrafal, sede do concelho de Tarrafal –, o seu colocar-se naquela interação à beira mar, me pareciam sempre um tanto tensos, um tanto desconfiados, um tanto desconfortáveis, retraídos e tímidos. Era como se a espontaneidade viesse em escapes, quando os sentidos se achavam distraídos e as suas expressões se livravam das amarras que trazia consigo. Eu também estava tensa, sem saber direito como me portar, sem conhecer as pessoas e suas relações, suas maneiras de se comportar e suas expectativas sobre o meu comportamento, sem saber falar direito o crioulo, constrangida em ficar demandando que as pessoas ali interagissem em português.

Na verdade, essas minhas impressões e sensações com Júlia se seguiram por muitos encontros. Decifrar o outro não é simples e há sempre o risco de ser devorada ou

devorar a pessoa ao reduzi-la a mero reflexo de mim mesma. Nesse dia, quando Júlia ia me servir um copo de refrigerante (ah esse copo de refrigerante!) eu acabei recusando e, com isso, aparentemente provocara-lhe um pequeno ressentimento. Naquela interação minúscula eu não só entendi que não estava aplicando bem a etiqueta que recomendava “não fazer desfeita” e que me foi tão bem-ensinada por minha avó paterna, colecionadora de ressentimentos criados por pequenas desfeitas cotidianas, mas também que havia muitas coisas nos gestos de Júlia que não se mostravam de forma tão aberta e direta. Para conhecer essas coisas era preciso ser paciente, entrar aos poucos no seu mundo, antes de conhecer mostrar-me e dar um pouco de mim e do meu universo para receber um pouco das pessoas. Os gestos comunicam, mas, por vezes, em doses parceladas, revelam sem dizer e escondem na mesma proporção, podendo comunicar sentidos diversos a depender da situação. Depois daquele dia, sempre que me ofereciam refrigerante na sua presença ela se adiantava e dizia que eu não tomava, soltava um riso frouxo e dizia que ela e as amigas deviam aprender comigo e cortar o refrigerante que, além de fazer muito mal, engorda.

Todos aproveitavam o mar, apenas Júlia e eu não estávamos vestidas com roupas de banho, e ficamos na areia a observar e a vigiar a distração da pequena Carolina, então com cinco anos. O marido se aproximou poucas vezes das interações coletivas, mal ouvimos sua voz, a não ser quando ele pedia algo a Júlia ou quando se dirigia à filha. Eu não conseguia entender completamente se algo mais se passava ali naquelas entrelinhas gestuais, apesar de nada ser muito claro pra mim naqueles primeiros dias, mas parecia haver ruídos anteriores ao passeio e que delineavam comportamentos retraídos nos gestos daquele casal. Ele brincava com Carolina, levava a menina ao mar e ela era só risos com o pai, do outro lado Júlia advertia, solicitava cuidado, reprendia a filha por deixar os pertences espalhados, por brincar onde não devia. Com o pai era riso frouxo, com a mãe olhar obediente.

Enquanto, o resto do grupo se divertia, Júlia e eu íamos trocando as informações iniciais de um primeiro contato entre desconhecidas. A conversa rendia mais quando os outros se juntavam a nós, eram perguntas sobre o Brasil, sobre a cidade onde nasci, sobre a universidade, sobre o que estava fazendo ali, em quais lugares poderiam me levar, o que eu queria conhecer em Cabo Verde e o que não poderia deixar de conhecer, piadas quando eu me aventurava a falar na língua local, e o tempo passou a correr de forma agradavelmente rápida. Estávamos distraídos, Júlia brincava com a filha sentada na areia, quando subitamente o marido a puxou pelo pé e a arrastou até o mar. Carolina gritava pela mãe que relutava a entrar em contato com a água. O semblante de Júlia era furioso e nós ríamos para tentar dar leveza a situação, mas o clima entre os dois seguiu tenso depois dali. Fomos almoçar o arroz com congo verde³⁹ que ela e Larissa haviam preparado e depois do almoço, que já aconteceu por volta das três da tarde, elas voltaram para Santa Cruz e eu para cidade da Praia.

Eu continuei mantendo contato quase diário com Júlia na UniCV, uma conversa aqui outra ali, ela quase sempre entre introvertida e preocupada, mostrava-se mais à vontade na presença de Larissa. Às vezes eu tinha a impressão de que até ela se surpreendia quando a espontaneidade fluía livre e conseguia fazer piada dos outros e de si. Sempre que nos encontrávamos, diferente de Larissa que construía para si e para os outros uma narrativa leve, descontraída e animada, Júlia enfatizava que as coisas estavam difíceis, que estava indo como deus queria. Eu não imaginava o que aquele semblante, por vezes sisudo, guardava. Larissa dizia: “Júlia gosta de preocupação, ela preocupa com todas as coisas, ela enche a sua cabeça com todo tipo de preocupação, eu não, não canso minha cabeça com qualquer coisa, depois, se eu adoecer, é pior pra mim”. Mas, as perturbações da tranquilidade de Júlia vinham das responsabilidades da vida conjugal, do cansaço de um cotidiano onde o trabalho era interminável e a concretização dos planos lenta, onde ela não tinha muito com quem dividir as

³⁹ Arroz refogado com cebolas, alho, folhas de louro, tomates e pimentões, ao qual é misturado o feijão congo verde já cozido.

sobrecargas rotineiras.

Ela costumava dizer que não se sentia jovem⁴⁰, que Larissa era mais jovem que ela, e que esta lhe subestimava as queixas e preocupações porque não sabia o que era a viver com um homem. Apesar de terem a mesma idade (23 anos), as percepções das duas sobre a própria juventude e a juventude uma da outra não eram orientadas por uma lógica puramente etária, de cronologia dos tempos de suas vidas coincidentes. Mas, as suas noções pareciam se basear muito mais nas suas experiências e nas formas de se colocarem nelas, o que desafia definições como as de "cortes e faixas etárias"⁴¹ que são consideradas como termos que abarcam pessoas que vivem os mesmos eventos dentro do mesmo intervalo de tempo. Na fala de Júlia observei que, a despeito da mesma idade, naquele momento da vida ela e Larissa vivenciavam algumas experiências de mesmo tipo, como a maternidade e formação universitária, mas que nunca foram e nunca viriam a ser as mesmas. E, diferente de Larissa, Júlia havia apostado na vivência conjugal com a construção de um lar e uma família fora da casa dos pais.

Na sua percepção, ela não aparentava e nem se sentia jovem como Larissa, ou talvez não aparentasse porque assim não se sentia. Ou talvez ainda, ela estava, como todos nós estamos um tanto, imersa em imaginários sobre juventude que desconectavam sua imagem e sua performance dos significados que acreditamos constituírem esse período

40 Honwana (2012) destaca, em suas reflexões sobre as diferenciações que gênero e classe inserem nas formas de se vivenciar a juventude, que o gênero tem profunda influência no grau de juventude e que as mulheres geralmente tendem a se sentirem menos jovens em decorrência dos papéis adultos que assumem mais cedo enquanto esposas e mães.

41 Segundo, Honwana (2012), as definições de juventude baseadas em faixas etárias não dão conta de situações específicas em que pessoas em tenra idade assumem responsabilidades. Ela ressalta que alguns estudiosos têm sugerido que a abordagem de estratificação de idade deve ser substituída por uma análise que foque nos processos sociais e em como a vida de um indivíduo pode evoluir ao longo do tempo. Entendendo juventude como um processo, um modificador social, mais do que um marcador de maturidade. Para a autora, não se trata apenas de uma fase de transição, mas também constitui um momento "aqui e agora" com experiências particulares, práticas e preocupações. Assim como Honwana, Debert (2010) também aponta para um alargamento da faixa etária que compreende os jovens e o apagamento das fronteiras que separavam os ciclos de vida e os comportamentos a eles correspondentes.

da vida. Por outro lado, a sua fala, o seu sentimento, deixa transparecer como corpos e performances, e as percepções sobre eles, se constroem numa composição cotidiana de gestuais e signos que são elaborados por vários sentidos e relações, e menos pela idade ou pelo status social que ela confere. Naquele momento eu não me dava conta disso, apesar de me aproximar mais dela do que Larissa naquele ponto. Eu também sabia o que era viver em conjugalidade, ainda que minha conjugalidade fosse outra ela também era uma experiência que me constituía e me fazia construir percepções sobre mim mesma. Júlia me lembrava ali algo que eu já sabia um pouco: que algumas experiências mudam de tal modo nossos corpos e subjetividades que eles não mais podem ser ajustados a certas classificações, e a vida conjugal parece ser uma experiência singular nesse sentido⁴².

O fato é que, nas suas palavras, Larissa parecia mais jovem por conta de seu modo de se vestir, de sua postura, do estilo de usar o cabelo, da sua maior mobilidade que a permitia realizar passeios e ir a festas, em virtude das suas amizades com as moças da sua idade e com as mais jovens que ela. Ela estaria rodeada de elementos de juventude! Ao passo que, ao olhar para si mesma, Júlia via uma mulher menos moça, na medida em que estava mais atada em volta da vida doméstica, menos móvel. Apesar de moderna, menos envolvida nos modismos juvenis, menos disponível para os entretenimentos com grupos de amigos, com menos controle sobre seu tempo e sobre as formas de gastá-lo, mais investida no empenho de assentar um lar feliz. A

42 Em julho de 2015, a médica e ativista baiana Maria José Araújo disse, numa entrevista a um portal jornalístico, que “o casamento é um risco para a vida das mulheres”. A afirmação, que a princípio parece demasiadamente generalista, busca demonstrar, com base em diversas pesquisas, como a dinâmica do casamento na qual há uma sobrecarga de trabalho, tarefas, obrigações e responsabilidades para as mulheres, enquanto esposas e mães, produz também uma sobrecarga psíquica que tem ameaçado sensivelmente a sua saúde mental. Repensando inúmeras vezes a fala de Júlia, tempos depois, me lembrei dessa entrevista e comecei a me perguntar se a vida conjugal também não operaria esse efeito de envelhecimento ou de sensação de envelhecimento, na medida em que muitas das experiências conjugais produzem um desgaste corporal, da saúde e da vitalidade, e uma conseqüente alteração das disposições corporais para as mulheres. Link para entrevista: <https://www.sul21.com.br/entrevistas-2/2015/07/o-casamento-e-um-risco-para-a-vida-das-mulheres-diz-medica-especialista-em-saude-mental-feminina/>.

materialização dessa percepção sobre si era tão eficaz, que Larissa também dizia ver Júlia da mesma maneira que ela própria se via, mas, alertava a amiga de que dependia dela mesma se sentir mais ou menos jovem, se engajar mais ou menos naquele estilo de vida, se fatigar mais ou menos com os problemas familiares que tanto pareciam lhe tirar os traços de juventude. Dependia dela cultivar outras relações para além de sua casa e de sua família. Diferente de Larissa, cuja rede de relações eu nem pude conhecer em toda sua extensão, Júlia possuía uma rede de relações bem mais restrita, e a lógica na qual se assentou sua vida conjugal parecia estabelecer limites concretos para a sua mobilidade e para o cultivo de uma rede de apoio mais extensa.

Júlia vinha de uma família menor que a de Larissa, apenas ela, primogênita, e mais duas irmãs e um irmão. Nasceu e criou-se também interior do concelho de Santa Cruz na zona de Ribeira Seca, e, como ela lembra saudosa, numa infância alegre e sem privações. A mãe, Vilma (41 anos), sempre cuidou da casa, das criações, e das pequenas hortas, enquanto o pai, Gérson (46 anos), trabalhou durante muitos anos numa firma de construção civil que atuou na abertura de estradas, até se afastar por conta do comprometimento da mobilidade decorrente de um problema na coluna. Depois disso, a família passou a viver de pequenos bicos e negócios que Gérson realizava e do rendiam as hortas, plantações e a criação de algumas cabras e porcos, e Vilma que por muitos anos não trabalhou fora do espaço doméstico, passou a vender leite, queijo, cuscuz e outras comidas nas redondezas, uma vez que sem a renda anterior ficava cada dia mais difícil manter a casa e os filhos menores.

A casa dos pais ainda guardava os sinais dos tempos de maior estabilidade financeira em que o pai contava com um bom salário, eles se mostram na farta mobília, nos objetos de decoração, no banheiro bem acabado, no piso em cerâmica, na diversidade de eletrodomésticos, que muitas vezes não estão presentes nas casas dos interiores da ilha que seguem os anos aguardando pelo momento em que será possível deixá-las

compostas ao gosto dos donos. Nas casas que pude visitar nos interiores da ilha, notava que geralmente não havia muitos eletrodomésticos, é o tipo de bem de consumo muito caro para se comprar em Cabo Verde, assim como os móveis, sobretudo aqueles um pouco mais elaborados e modernos. Na casa dos pais vivem a irmã Nara, dois anos mais nova, com a filha Kátia de 7 anos, a irmã mais nova, Érika, de 12 anos, e o codé Cristiano de 8 anos. Nara trabalhava em uma loja de utilidades domésticas no Plateau, região central da cidade da Praia que concentra as atividades comerciais, cujos proprietários eram uma família de chineses. A filha ficava sob os cuidados da avó no período do dia em que não estava na escola. Elaine frequentava uma escola a poucos metros de casa e ajudava a mãe em alguns afazeres domésticos, enquanto Cristiano frequentava a mesma escola que a irmã e passava o tempo a fazer os pequenos *mandadus* (*mandados, ou aquilo que lhe é mandado realizar, que geralmente se resumem a pequenas tarefas como levar e trazer recados na vizinhança, comprar algum mantimento nas pequenas lojas das redondezas, entre outros*) e a levar os animais confinados para caminhar e passear na vizinhança com o pai.

Júlia, que iniciou o namoro com o então marido⁴³ quando ainda tinha 13 anos, decidiu por viver com o então namorado aos 17 anos numa pequena casa de dois cômodos nos fundos da casa da mãe dele. Posteriormente, com o marido trabalhando como técnico de enfermagem no hospital de Assomada, foi possível se mudarem para uma casa grande que ficava em frente a casa dos pais de Júlia, e na qual moravam de aluguel. Apesar de continuar ali onde poderia manter o contato com as pessoas junto das quais havia crescido e se criado e, com isso, continuar tecendo redes de relações e apoios mesmo depois de sair da casa dos pais, eu observava que a própria Júlia parecia

43 Uso a palavra marido e não a palavra “pai de filho” (expressão corrente entre as mulheres para se referir aos pais de seus filhos, estando ou não vivendo em regime de conjugalidade com eles: *nha pai di fidju – meu pai de filho*) porque era assim que Júlia se referia ao pai de seus filhos com quem vivia uma relação conjugal, apesar de não serem casados formalmente. É possível observar uma certa maleabilidade no uso desses termos, que parecem ser situacionalmente acionados e, ao mesmo tempo, responder às formas pelas quais se dá o status da relação na esfera pública e a sua estabilidade e intensidade na esfera privada.

cuidar para que essa rede não ampliasse demais. Afinal, uma rede de apoios é também uma rede de obrigações, e a manutenção das relações que se criam nesse circuito também produz uma privacidade menor e coloca as vidas das pessoas suscetíveis aos crivos alheios nas situações de dependência e demanda por ajudas.

A casa onde a encontrei em 2014 era aquele espaço no qual, como dizia ela, poderia receber as pessoas à sua maneira, com conforto, com tudo arrumado, diferente da primeira casa, apertada e quente, na qual não havia espaço para toda a mobília que ela gostava de ter, para os enfeites de seu gosto, para viver bem. Volta e meia dizia, com um sorriso no rosto e um brilho nos olhos, que ela e o marido tinham muita sintonia no que tocava aos anseios e gostos por um dado estilo de vida, em seus desejos e padrões de consumo e suas concepções de bem viver. Concepções que priorizavam uma vida confortável e tranquila e viam nela felicidade. Comer e vestir-se bem, ter uma boa e farta mobília, uma casa confortável e bonita, eletrodomésticos e acesso à tecnologia, eram prioridades para ambos. De certa forma, Júlia vinha de uma situação na qual estava habituada a condições de vida um pouco mais confortáveis e estáveis, e buscava isso na sua família que construía com o marido e na sua nova casa.

Estas pareciam ser prioridades para ela, assim como o desejo de transpor a estabilidade que atravessava as condições materiais de vida para a relação conjugal que ela desejava firmar e fortalecer e na qual investia suas energias. Mas, apesar das afinidades, na rotina do marido havia também outras prioridades, como sair e beber com os amigos, poder ostentar nos bailes e festividades, além de presentear as *pequenas* (*moças com as quais os rapazes se colocam em relações afetivas e sexuais, em relações mais ou menos estáveis ou duradouras, de modo que os rapazes também podem se referir às suas namoradas como suas pequenas*) que conhecia nessas saídas e com as quais muitas vezes se envolvia. O que, na visão dele, nada mais era do que o comportamento socialmente previsto para um homem da sua idade (30 anos) e com estabilidade

financeira, como ele chegou a dizer várias vezes em longas discussões que travávamos nas minhas visitas. E ele, de fato, não estava mentindo, esse era um comportamento amplamente compartilhado em muitos contextos e que pude observar em diversos homens e diversos casais.

Tínhamos a mesma idade na altura, mas, assim como Júlia, eu sempre tinha a impressão de que ele tinha bem menos idade que eu, não só pela aparência do rosto jovem, do corpo rígido e magro, como pela postura descontraída, leve e despreocupada quando despido da indumentária de trabalho, como também pela sua inabilidade em exercer autoridade sobre os filhos e pela sua forma de receber sempre em tom de brincadeira as repreensões e queixas de Júlia. Mais uma vez meus critérios de juventude me levavam a avaliar pessoas, corpos e gestos pela régua da seriedade e da sisudez, mas também pelo quanto de responsabilidade e confiança suas performances e discursos podiam inspirar. Cheguei a ver Júlia verbalizar isso várias vezes, a se ressentir do fato do marido não levá-la a sério, zombar de suas zangas diante de outras pessoas, assumir aquela postura despreocupada e jocosa que parecia sempre soar para ela como uma desconsideração de seus sentimentos, preocupações e cuidados. Era cena comum ela dizer: *“el sa tá xinti sima rapás, el tá atxa me teni dizoitu anu, ma el sa tá xinti basofo sima el é mas midjor ki mi”* (“ele se sente como um rapaz, ele acha que ele tem dezoito anos, mas ele se sente vaidoso como se ele fosse melhor que eu”). Ele dava por menos, desconversava, dizia que ela exagerava demais. Mas, essas cenas pareciam transbordar não só percepções de corpo e juventude, mas também várias camadas de sentido desconfortavelmente acomodadas nos papéis presumidos para mulheres e homens desempenharem.

Aquela sensação de pouca juventude era real (pra mim, pra Júlia), mas agora me pergunto em que canto do nosso imaginário se fez essa ideia de que jovens não estão preocupados em inspirar responsabilidade e confiança naqueles com os quais se

relacionam? Em que momento se construiu uma noção de que por trás da falta de compromisso com as escolhas e pessoas se esconde alguém com pouca idade? Ou estaríamos nós atribuindo pouca maturidade às atitudes masculinas descompromissadas conosco quando, na verdade, suas fontes de descompromisso são outras? A minha sensação, e creio que a dela também, se traduzia numa percepção etária e a esta aludia como referência por também estarmos acostumadas a pensar a maturidade em termos de tempo vivido e acumulado. Contudo, não era disso que se tratava, nunca foi. Pois, a maturidade tem mais a ver com o tipo de envolvimento que temos com nossas experiências, com um colocar-se no mundo que depende menos de idade e mais de como se é interpelado pelas diversas situações e de como se responde a essas interpelações. É mais sobre as noções culturais que se erguem em torno do quanto e com o quê cada um de nós deve se responsabilizar e se comprometer na experiência humana do viver, e como aqueles com quem nos relacionamos tecem sentidos, expectativas e classificações em torno de nossos engajamentos e agências.

Na casa do jovem casal, Júlia, sete anos mais jovem que o marido, era quem controlava todas as despesas e investimentos da sua pequena família, apesar de não ser a provedora financeira do ambiente doméstico. Apesar da pouca idade, ela já assumia muitas responsabilidades e uma carga física e emocional que, por vezes, lhe consumia os pensamentos e lhe povoava de angústias e cansaços que eram sentidos não só no corpo, mas na última camada do seu íntimo. Ela gerenciava a organização do cotidiano desde o planejamento de projetos de longo prazo, como a construção de uma casa própria, até as questões de curto prazo e de gestão imediata, como as necessidades materiais e atividades diárias. Era ela que se responsabilizava pela educação dos filhos enquanto o marido passava a maior parte do tempo fora de casa nos plantões do trabalho ou nos passeios com os amigos, conciliando a rotina com os estudos, com as preocupações e cuidados com os irmãos e os pais, e, nesse ritmo ia vivendo o presente pensando no futuro. Era ela, pois, também provedora. Provedora dos cuidados diários

essenciais a existência cotidiana, provedora de parâmetros de educação, aprendizagem, noções de mundo e limites para os filhos, provedora de afeto, de conhecimento, mulher-provedora e mulher-sonhadora. Mas também angustiada com os descompassos entre sonho e realidade, também descontente com o que não cabe nos seus sonhos.

Na cabeça de Júlia pesavam todas essas demandas, responsabilidades, possibilidades, restrições e dificuldades, que se transformavam em cargas de preocupação, como se fossem grandes nuvens carregadas prestes a precipitar, e precipitavam. Eram lágrimas silenciosas que demoravam a chover assim como as águas daquela terra, e quando não se seguravam mais caíam discretas. A preocupação quase sempre dava o tom da sua maneira de se relacionar com todas essas dimensões da sua vida. Era preciso administrar as altas despesas da casa, o aluguel, as contas de água e luz, as compras do mês, pagar as mensalidades da faculdade, suprir as necessidades básicas de vestuário, higiene e alimentação, custear os dispendiosos banquetes nos períodos festivos⁴⁴. E era preciso manter os projetos futuros num horizonte próximo para que não lhe escapassem.

Na minha primeira passagem por Cabo Verde, num dos seus dias de semblante fechado, olhar no chão, eu me arrisco a perguntar o que estava acontecendo que a colocava em disposição corporal tão tensa, pois já havia notado que há dias se encontrava daquela maneira. Ela, então, diz ter descoberto, há pouco tempo, que

44 Nas festividades locais que, geralmente, conjugam o dia do município com as festividades de santo padroeiro, cada casa oferece café da manhã, almoço e jantar, além de lanches ao longo do dia, fartos em comidas e quitutes tradicionais e em bebidas. As casas se convertem em pontos agregadores de parentes, vizinhos, amigos e visitantes de dentro e de fora da zona e mesmo de outros concelhos e regiões da ilha. Receber bem e com fartura de comidas e bebidas é sempre uma preocupação, e as mulheres acionam suas redes para contarem com ajuda de outras na preparação das comidas. Na casa de Larissa, observei que seu engajamento nos festejos se dava nesse trabalho, mas não lhe exigia gastos financeiros, já que essa responsabilidade ficava para os pais. Júlia, como já tinha a própria casa, se via obrigada a oferecer o próprio banquete e, mesmo contando com alguma ajuda dos pais, essa tarefa lhe exigia muito trabalho e uma gestão do dinheiro e dos gastos. O que, por outro lado, demonstra como a casa se converte num elo, a partir do qual, outras relações se estendem dentro da rede de apoios e obrigações.

estava grávida. A notícia me chegava naquele instante envolvida num ar de descontentamento, que eu supunha ser decorrente do contexto no qual emergia aquele acontecimento, uma vez que ela se encontrava ainda cursando várias disciplinas do curso de Gestão do Patrimônio Cultural. Durante a gravidez, mais preocupações, pois, mais despesas chegavam. Os cuidados gestacionais exigiam-lhe uma dieta específica que, por sua vez, gerava mais gastos, tudo isso certamente adiaria a conclusão do curso, como de fato acabou fazendo com que ela adiasse a realização do estágio que seria a última etapa.

No começo de 2015 veio o *codé*, Artur, depois de uma gravidez, um parto e pós-parto com várias complicações. Júlia se manteve frequentando as aulas durante a gestação até onde pôde e, com isso, conseguiu finalizar as disciplinas. Contudo, depois do parto, a pausa se estendeu até o presente momento. A realização do estágio aguardava a quitação de débitos anteriores com a universidade e o pagamento da mensalidade correspondente ao último semestre em que deveria cumprir os créditos desta atividade acadêmica, o que gerava um volume grande de gastos que ela não tinha condições de priorizar depois do filho nascido. E ela, então, começou a pensar formas de reduzir as despesas. No período da gravidez, viver naquela casa grande, pagando aluguel, havia se tornado inviável, eles estavam *fobados (com pouco dinheiro, com recursos financeiros restritos)* em decorrência dos gastos com acompanhamento médico e mais uma criança para alimentar e vestir. E a primeira despesa suspensa temporariamente foi a faculdade de Júlia, um afastamento que acabou sendo motivado também pelas demandas da gravidez, do parto e pós-parto e dos cuidados de uma criança recém-nascida, que são mais que suficientes para esgotar as energias de uma mulher e acabaram por ir confinando Júlia no espaço doméstico. A universidade ainda era um ponto de mobilidade, um espaço onde ela podia estabelecer novas relações, estender suas redes e fazer-se uma pessoa mais móvel. Com a suspensão temporária do curso, sua mobilidade também ficava comprometida e suas redes se restringiam a casa dos

pais e à família do marido.

A segunda despesa a ser cortada foi o aluguel. Com isso, a família retornou à pequena casa nos fundos da casa da sogra, onde Júlia e o marido haviam começado a vida conjugal. Mas, a mudança que atenuou uma série de problemas e preocupações, também se tornou uma nova fonte de insatisfação e preocupações para ela, apesar de reconhecer a necessidade dessa mudança e das restrições que ela impunha. Os planos eram de construir uma casa própria com o dinheiro que economizariam deixando de pagar o aluguel. Quando retornei em 2015 e os achei na pequena residência, Júlia só falava nesse projeto, que parecia lhe acalantar, lhe encher a cabeça com nuvens leves, cheias de esperança, e colocar as preocupações que a povoavam num canto qualquer em que silenciavam por um tempo. Ela me mostrava contente o pedaço de terra nos fundos da casa de um dos cunhados onde planejavam construir uma casa de frente para o grande monte que compunha a vista dali. Era esse sonho que lhe mantinha firme também no sacrifício de viver num espaço tão pequeno – onde não cabia sua mobília, onde não havia ventilação adequada – depois de ter vivido tanto tempo numa casa grande, espaçosa e confortável. Mas, enquanto o projeto da casa própria não saía da materialidade imaginativa, ela calculava, entre uma tarefa e outra, entre os cuidados do filho pequeno e os ralhos com a filha maior, como fazer algo para ganhar o próprio dinheiro, como se engajar em alguma atividade enquanto alcançava as condições financeiras necessárias para finalizar o curso superior.

As restrições da nova moradia, aquele ambiente apertado, sem ar, sem beleza, sem frescor, sem conforto, parecia constituir a imagem mental daquele momento, e das sensações que ele produzia ao deixar Júlia em desconfortos vários, em abreviações e adiamentos que lhe retiravam uma sensação anterior de estabilidade. Estabilidade que, quando não encontrada no relacionamento conjugal, ela podia buscar em outras dimensões da sua vida e do seu cotidiano. Ela podia encontrá-la na sua casa e no

conforto e segurança que aquele espaço oferecia para ela e os filhos. E, com isso, Júlia parecia ver com certa urgência a necessidade de não ficar presa aquele espaço, física, mental e emocionalmente. Era preciso se ocupar para recriar a rotina, para não ficar com todos os sentidos livres e ociosos a captar os comentários alheios, para não ter que lidar tanto com a vigilância da família do marido e com a falta de privacidade. Era preciso ocupar aqueles espaços mentais com outras coisas, mobilhá-los com outra matéria-pensante, para não consumir-se naqueles dias arrastados em que nada de novo acontecia, em que a principal distração era visitar os pais e os irmãos, em que a vida parecia momentaneamente paralisada. Mas, em meio a aparente paralisia, os filhos estavam crescendo, o marido estava progredindo no emprego e a vida seguia, à revelia dos sonhos e urgências, mas seguia.

O desejo bordado e arrematado dentro de si, no decorrer daqueles dias que demoravam a se consumir e que a consumiam cada dia um pouco mais, é de conseguir um emprego na sua área de formação. Ela compartilha comigo aquele sonho numa fala dividida entre esperança e desalento, provavelmente por saber que não dependia só dela a sua realização. Ainda assim, ela se imagina empregada na sua área, com um bom salário que a permita realizar os pequenos desejos materiais dela e dos filhos que vêm e vão dias afora, manter uma vida confortável e ajudar os irmãos a também realizarem seus projetos. O emprego seria o ponto inicial a partir do qual se rebordaria um outro cotidiano, em que ela e o marido sairiam pra trabalhar, estariam juntos em casa dividindo as tarefas, fariam programas de lazer com os filhos, com idas à cidade da Praia, algumas horas numa mesa de restaurante ou lanchonete, mais algumas horas num parquinho, horas regadas a risos e diversão em família, horas risonhas partilhadas que a alimentariam com alegria e satisfação. Diferentes das horas de tédio, de chateações com as crianças e com o marido, de especulações alheias sobre sua vida, de aborrecimentos com boatos, de cabeça em zig-zag organizando sozinha os dias, a esbarrar nos limites vários do seu contexto.

Naquele momento, a partir daquele estado de coisas, o emprego sonhado parecia figurar como agente plasmador dos seus ideais de vida que se aproximavam, em alguma medida, dos modelos conjugais e familiares ocidentais. Aparentemente, esses modelos não deixam de se fazerem presentes de algum modo, mas eles estão sempre a ser reordenados e ressignificados no entrelaçamento com as lógicas locais. A vida conjugal e familiar que Júlia imaginava esbarrava nas lógicas locais da masculinidade que o marido mobilizava na sua constituição enquanto pessoa. As horas em família com as quais ela tanto sonhava estavam sempre divididas com as frequentes saídas que o marido fazia com os amigos para festas e bares, enquanto ela, diferente de outras tantas moças que conheci, não saía com as amigas e tão pouco sem o marido. De modo que esse modelo de família nuclear que Júlia construía estava sempre em processo e negociações com outras esferas da vida. No entanto, ele ainda parecia ser o projeto principal em função do qual todos os outros eram rearranjados. Ao contrário de Larissa, cuja trajetória a levou a investir mais nas suas redes de apoio e no contexto da família e da casa dos pais, a vida conjugal de Júlia, até certo ponto prematura, parece ter se tornado o centro de sua vida para o qual todas as dimensões convergem.

Mas, apesar de seus ideais e projetos de vida conjugal e familiar se aproximarem de padrões ocidentais, eles não deixam de lado a perspectiva de que seu lar também deve ser um nó de convergência das relações que ela traz da casa dos pais e um ponto de apoio para aqueles com os quais ela considerava ter responsabilidades e obrigações. Ela lamenta não ter condições financeiras para que sua irmã Nara também possa fazer um curso superior ou técnico, para prover necessidades cotidianas pontuais de seus irmãos mais novos, para permitir que a mãe trabalhe um pouco menos nas suas vendas nas ruas da pequena localidade. O emprego parecia ser, pois, o propulsor último das suas esperanças de fortalecer a vida conjugal, de criar bem os filhos, de cuidar mais de si, de poder ser apoio para seus familiares, de viver bem. Mas, enquanto o emprego

não vinha, enquanto essa vida sonhada não se fazia para além dos atos imaginativos, ela ia se ocupando dos cuidados com os filhos e o marido, da atenção às saídas deste, das relações com os familiares do marido e com a sua própria família, do seu pequeno vasto mundo.

Começava e terminava os dias refletindo em silêncio, pensando numa forma de começar alguma atividade ali nas redondezas. Pensava em formas de adquirir um contêiner, montá-lo próximo à casa da mãe e transformá-lo numa pequena lanchonete onde poderia vender frango grelhado e lanches diversos. Mas, logo em seguida, considerava ser difícil conseguir um contêiner em preço acessível para as suas condições, então pensava se não seria melhor adquirir roupas para vender na localidade de seus pais. Porém, ponderava que roupas vendiam menos que comida e, então, os planos se refaziam. Eu me ponho também a pensar alguma alternativa de baixo custo e que lhe permita conciliar o trabalho com a gestão doméstica. Pergunto porque, então, ela não começava a vender algumas miudezas, produtos alimentícios de mercado, coisas que ela poderia comercializar na sua própria residência como muitas pessoas nos interiores faziam. Ela me diz não ser possível, pois uma tia do marido que morava logo abaixo já tinha uma loja. Eu insisto, considerando que o fato não a impede vender coisas a *retalho* (em quantidades e parcelas fracionadas para consumo imediato), uma vez que ela não abriria uma loja.

Mas, Júlia me adverte de que eu não sei como as coisas funcionam nas relações de vizinhança que se fazem ali. E, naquele momento, eu de fato não dimensionava o quanto aquela atividade era potencialmente criadora de prejuízos sociais. E, aos poucos, fui entendendo porque ela só cogitava realizar aquelas atividades na microzona onde residiam os pais, que ficava relativamente perto de sua casa, mas longe o suficiente para não atrair boatos e intrigas da família do marido. Júlia se encontrava ali, no chão da família do marido, morando de favor na casa da sogra, ainda que esta

residisse em outra ilha. Ela estava presa àquele chão, àquele território de parentesco que lhe foi agregado pela vida conjugal, por tempo indeterminado e, se os planos da futura casa se concretizassem, essa passagem se tornaria permanência. Ela não poderia contrair desafetos, já lhe custava muito viver ali, tendo cada movimento observado, comentado, advertido, questionado. Aquelas redes, nas quais ela não escolheu se inserir, que ela não buscou por meio de relações de afinidade, exigiam um trato cuidadoso e atento. Às vezes, era preciso se fazer corpo em silêncio resiliente e se colocar entender os imperativos da espera. O que, em muitos momentos, significava deixar planos e atividades em suspensão temporária, desistir de alguns deles ou refazer as rotas do percurso.

Naquela noite na sua pequena casa, em que conversávamos até a madrugada na partilha das nossas vivências, Júlia me dizia ao narrar aquela abreviação de sua história que me oferecia: *"nha vida é si, sima kel música di Élide Almeida, ora doxi, ora margós, ora dretu, ora mariadu... ma n teni fé k inda nu ta vive filis, k nu tá kunvivi dretu ku kumpanheru, k nu ta intendi, k nu ka ta vivi ku kes xatiason, pa mi ku Gilson ku minis nu ta vivi dretu... era si kin kreba, k n ta gostaba pa nu vivi, ma n teni fé na díos ma inda n tá alkansa, n ta konsigui, tudu kes kusa... sima música ta fla"* (minha vida é assim, como aquela música de Élide Almeida, às vezes doce, às vezes amarga, às vezes boa, às vezes ruim... mas eu tenho fé que ainda nós vamos viver felizes, que nós vamos conviver bem um com o outro, que nós vamos nos entender, que nós não vamos viver com essas chateações, pra eu com Gilson e os meninos, pra nós vivermos bem... era assim que eu queria, que eu gostaria que vivêssemos, mas eu tenho fé em deus que nós ainda vamos alcançar, que nós vamos conseguir todas essas coisas). Essa fala não era só uma nítida aproximação com a canção-biografia da jovem Élide, mas também um gesto de realimentar a fé nas apostas feitas aos seus 17 anos quando seguiu o caminho de dividir a vida com o primeiro namorado e de com ele ter uma casa, filhos, um lar. Já se iam muitos anos de investimento naquela relação, naquele projeto de vida. Ainda que em

diversos momentos ela pensasse em desistir, sobretudo diante da instabilidade conjugal, ainda restavam motivos que lhe refaziam a fé de que todos aqueles esforços iriam levá-la ao destino projetado, um dia.

Luciana

Foi nos corredores do mercado Sukupira⁴⁵ que meus caminhos se cruzaram com os de Luciana. Eu havia ido até lá comprar uns tecidos para fazer um vestido com panos tradicionais e trazer de lembrança para o Brasil. Meus olhos se perdiam naquelas pilhas de cores e formas que tanto me agradavam e surpreendiam. Entre uma barraca e outra, sou interpelada por uma moça sorridente, de voz e gestos espalhafatosos que enchem os espaços daquela pequena barraca onde vendia uma variedade de tecidos. Ela, obviamente, percebe de imediato que sou estrangeira e logo emenda uma animada conversa a me perguntar se eu era de São Paulo ou Rio de Janeiro, a dizer que no ano anterior havia conhecido lá na cidade da Praia um rapaz brasileiro com quem havia tido um pequeno flerte, e “o assunto foi rendendo”, como se diria na minha terra, Minas Gerais.

Não preciso dizer que acabei comprando meus tecidos com ela, que trabalhava naquela barraca como empregada de um senhor da ilha da Brava que já alguns anos comercializava tecidos naquele ponto do mercado. Digo a Luciana que ainda não tenho uma pessoa para confeccionar a roupa e ela, rapidamente, me leva um moço senegalês

45 O mercado Sukupira é o maior mercado de comércio informal de Cabo Verde e localiza-se na região conhecida como Várzea, próxima a algumas das zonas centrais da cidade da Praia, tais como Plateau, Fazenda, Achadinha. O espaço abriga lojas, barracas e vendedoras e vendedores que expõem as mercadorias diretamente no chão ou em pequenas bancas, estes dentro e do lado de fora do mercado. No Sucupira se encontra de quase tudo desde roupas e calçados, à comida, verduras, peixes, serviços de conserto de aparelhos celulares, cabeleireiras e manicures, serviços de costura, artesanatos e acessórios, tecidos, pequenas lembranças, artigos tradicionais, restaurantes, uma diversidade de mercadorias e pessoas. É nesse espaço que encontramos boa parte dos imigrantes vindos do continente africano, que se engajam em atividades informais para fazerem suas vidas e enviarem remessas de dinheiro aos familiares que deixaram nos seus países de origem. E é também ali que se concentram muitas mulheres a buscarem seu sustento e de suas famílias.

com quem combino costura. Até chegarmos ao espaço onde ele trabalhava, Luciana passa pelos corredores cumprimentando todos que estão pelo caminho, entre piadas, brincadeiras e risos, ela vai desfiando aquele seu capital social e a sua grande habilidade em fazer contatos e estabelecer relações mesmo com desconhecidos, como era o meu caso. Dias depois, quando retorno para buscar a roupa, volto a encontrá-la e passo o resto da tarde sentada com ela a na frente da pequena barraca a partilhar conversas entre uma venda e outra.

Ela conta que trabalha como empregada vendendo os tecidos e nas horas que lhe sobram oferece serviços de manicure e cabeleireira na vizinhança onde mora no bairro de Vila Nova, ali na cidade da Praia. Luciana, que naquela altura estava completando dezoito anos, dividia a casa e o cotidiano doméstico com duas irmãs, a mãe, e um tio e sua esposa. Mas, ela sempre ressalta que esse convívio era limitado e em alguns momentos distante, pois preferia passar as suas horas na rua e no trabalho do que em casa, de modo que, mesmo aos domingos, ela optava por ir para o Sucupira tentar fazer algum dinheiro. Não gostava da relação que tinha com a família, sobretudo com a mãe, e apesar do apreço e amizade pelas irmãs Sara (14 anos) e Natália (16 anos), os desentendimentos entre elas eram constantes. Dessa forma, a rua e o ambiente de trabalho se mostravam, às vezes, mais acolhedores do que o ambiente doméstico. Neles, ela era a moça falante e espontânea, de sorriso largo, de amizades com os rapazes que também faziam a vida ali no espaço do mercado, de fofocas e favores com as mulheres, ela podia construir ali a imagem pública que queria pra si.

Depois daqueles dias em que criou-se nossa proximidade, eu passei a frequentar quase que diariamente o Sukupira e passar as tardes em conversas e interações com aquela jovem da pele cor de amêndoa, de sorriso largo, corpo rígido com músculos bem torneados formavam um desenho suavemente sinuoso. Os cabelos estavam sempre ao sabor do dia, ora trançados, ora com madeixas encaracoladas, ora crespos e curtos, a

depender do gosto, da disposição e do dinheiro para mantê-lo em constante metamorfose. Luciana estava sempre a vestir-se como pedia a moda, e seu estilo, simpatia e o tom de pele menos escurecido atraía o interesse dos rapazes. Ela sempre tinha uma história de um apaixonado pra contar e sonhava em emigrar para os Estados Unidos ou para o Brasil. Os nossos dias no cotidiano do mercado eram regados a muitas risadas, a notícias sobre as vidas de pessoas que eu sequer imaginava quem eram, a histórias de mulheres adolescentes, jovens e adultas que paravam para desabafar seus problemas. Era uma mulher vendendo doces que chegava, parava e contava um caso, ou a filha de outro logista que chegava e contava outro, ou alguma amiga que ia gastar as longas horas das tardes quentes dentro daquele mercado.

Quem ia se acostumando com minha presença não entendia o que eu estava fazendo ali sentada, a observar, conversar, cochichar, escrever. Eu mesma tinha que lembrar Luciana inúmeras vezes, inutilmente, que eu estava trabalhando, quando lhe pedia para me explicar coisas ou me tirar dúvidas. Quando eu dizia que estava trabalhando e que meu trabalho era tentar entender os costumes das pessoas, sobretudo das mulheres, naquele espaço, o semblante das pessoas me comunicava reações bem-humoradas de quem não estava entendendo como aquilo poderia ser trabalho, ou de dúvida, como se tentassem descobrir o que de fato estava por trás daquela desculpa. Mas, eu estava respaldada pela amizade de Luciana e minha presença foi aos poucos se tornando mais um elemento da composição daquele ambiente. Por outro lado, esse acoplar-se nas configurações do lugar também vão apagando as fronteiras entre nós e as outras pessoas, e eu comecei a ter que lembrar até mesmo a mim mesma de que eu estava ali trabalhando.

Por volta das oito horas era preciso abrir a barraca, organizar os tecidos e dispô-los de modo a ficarem o mais visíveis possível para os clientes. Às vezes o café da manhã era em casa, às vezes no próprio mercado comíamos um pão com manteiga acompanhado

de um copo de café com leite. Na hora do almoço, Suzana que trabalhava no restaurante da Rosa, onde se comia o melhor almoço a preço mais acessível, passava para saber o que cada uma queria no seu prato feito, um pouco mais tarde ela voltava com os pratos cheios. Quando a fome se adiantava, eu geralmente ia até o restaurante e buscava as refeições e, mais tarde, passava Suzana a recolher os pratos e talheres. Todos os dias, feijão, arroz, batata frita e salada, acompanhados de frango, carne, ou peixe, e nossa satisfação se finalizava com uma *freskinha* (*uma espécie de sorvete caseiro no palito*). Entre a metade da manhã e da tarde o movimento parecia ser maior, mas, ainda assim, na maioria dos dias o tempo parecia correr mais com as interações entre trabalhadoras e trabalhadores do mercado do que com as vendas. Às vezes as vendas internas, que proviam a alimentação dos trabalhadores ali, eram mais significativas e presentes ao longo do dia, afinal, havia também um mercado dentro do próprio mercado e para ele. Ao chegar do fim da tarde já se ia percebendo os corredores se esvaziarem, algumas lojas a fecharem por volta das cinco, outras seguindo até as seis ou mais a depender do tamanho dos dias. Colocar tudo pra dentro, arrumar a mercadoria, fechar as portas, despedir-se dos amigos, conhecidos e vizinhos de trabalho, gastar mais alguns minutos em conversas nas calçadas até o ponto de ônibus, pegar o ônibus e ir pra casa. E a vida seguia nessa rotina povoada pelo barulho ensurdecador das músicas tocadas em grandes caixas de som nas lojas de consertos de eletrônicos, pelo choro das crianças que acompanhavam as mães no cotidiano laboral, pelas discussões e desavenças, ora entre mulheres, ora entre homens, ou de mulheres com homens, pelos discursos dos pregadores da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), por corpos estrangeiros, por amizades, brigas, afetos vários.

A família de Luciana também era do interior do concelho de Santa Cruz, da zona de Porto Madeira, e por um período da vida ela havia vivido ali, até pouco depois da separação dos pais que ocorreu quando ela tinha 12 anos. Sua mãe, Rute, que quando a conheci estava com 35 anos, na altura da separação continuou morando por um tempo

no interior na casa de sua mãe, avó de Luciana, que faleceu alguns anos antes de minha ida a Cabo Verde. Seu pai, João (40 anos), não permitiu que ela e as outras três irmãs fossem para a casa da avó junto com a mãe. Posteriormente, quando ele foi viver com uma outra mulher, se mudaram todos para uma casa em outra zona do concelho. Mas, a experiência de Luciana com a madrasta foi, para ela, de tal modo penosa que com 14 anos resolveu sair de casa para ir morar com uma conhecida da mãe na cidade da Praia. Passou, então a realizar o trabalho doméstico naquela casa em troca de alguns escudos e de abrigo e alimentação. Mais tarde, conseguiu trabalho como vendedora numa loja de propriedade de um chinês e, por fim, estava agora trabalhando no Sukupira e fazendo alguns bicos trançando cabelos de vizinhas, amigas e conhecidas.

Ela relembra os momentos amargos que acumulou ao longo desses anos, as dificuldades impostas pelo afastamento precoce da família, os perigos da vida na cidade, os dias sem dinheiro, e desabafa: *“djam sufri txeu dentu Praia” (eu já sofri muito aqui em Praia)*. Os desentendimentos com a família foram constantes ao longo desse tempo, a relação com o pai envenenada pela madrasta, a mãe que se separou ainda jovem e sem condições de prover materialmente os filhos, todo esse contexto colocou Luciana muito cedo na gestão da própria vida. Mas foi, sobretudo, nova relação conjugal do pai que forçou a sua saída de casa e a busca por construir uma vida para si que pudesse se manter sem os cuidados e provimentos dos pais. Durante os primeiros anos na cidade da Praia, sempre que as coisas apertavam ela buscava a casa de uma tia que ela considerava como mãe. E no correr dos anos, a casa de Lúcia sempre foi um refúgio e um ponto de apoio quando as coisas não iam bem, principalmente quando não iam bem financeiramente.

Com o passar dos anos, a relação com os pais foi melhorando, os laços foram sendo retomados e, eventualmente, ela podia contar com alguma ajuda. Ela dizia não gostar de pedir ajuda a nenhum dos dois, mas se precisasse sempre optava por procurar o pai,

que dispunha de melhores condições de vida. Quando não era o pai, era Lúcia (64 anos), ou, esporadicamente, a madrinha, ou ainda rapazes que por ela se interessavam ou com os quais estabelecia relacionamentos quase sempre de curta duração. Com muito empenho de Cleusa (30 anos), filha de Lúcia, que sempre a aconselhava, Luciana terminou o ensino secundário. Apesar do ponto de apoio que a casa de Lúcia significava para ela, a vida precoce na cidade da Praia exigiu que ela desenvolvesse estratégias que lhe permitissem tecer novas redes fora daquelas nas quais havia se criado na infância e com as quais já não tinha contato cotidiano. Quando fui conhecendo mais sua história de vida ficava evidente pra mim porque aquela jovem possuía uma assombrosa habilidade de estabelecer relações de modo quase imediato. Assim como começava a compreender a sua performance que distribuía atenções, elogios, piadas e brincadeiras entre a comunidade de comerciantes e trabalhadores do Sukupira. Aquela trajetória havia forjado um corpo móvel, experiente em tecer aproximações, a despeito da pouca idade, e as exigências daquele percurso pareciam encontrar em Luciana as qualidades necessárias para que a sua construção enquanto pessoa lhe abrisse caminhos.

Era ali naquele mercado que ela passava quase todo seu tempo, era ali que precisava colocar as suas energias em alternativas para criar e manter alguma rede de apoio, fazendo-se pessoa conhecida, simpática e solícita. Foi ali que ela encontrou rapaz que em poucos meses viria a se tornar seu esposo. Aos 19 anos, Luciana casou-se com registro civil e nas tradições islâmicas com o senegalês Aminou de 30 anos. Quando retornei a Cabo Verde, em 2015, o casamento já havia ocorrido e Lucianas já estava gestando sua filha, Khady. Tudo aconteceu numa velocidades surpreendente para mim, não só pelo lapso temporal, mas porque Luciana sempre tinha um discurso de que não se casaria cedo, de que queria aproveitar a vida, era a mais animada nas festas e, de certo modo, já havia se habituado à liberdade e à mobilidade construída naqueles anos vivendo na cidade da Praia. Quando eu perguntava-lhe porque havia se casado tão

cedo, tão rápido, ela apenas dizia que o namorado propôs e ela aceitou, pois eles já tinham bastante intimidade e se gostavam muito. Quando eu insisti em porque ela não fez como a maioria das moças e foi apenas morar junto com o namorado, ela me chamou atenção para o fato de que a religião do então marido não permitiria.

Mas, o meu assombro com uma mudança de vida tão grande não para e eu pergunto se ela havia mesmo se convertido ao islã. E, Luciana que, na altura já usava praticamente só roupas tradicionais em tecidos africanos (vestidos, saias e blusas com mangas), me responde que sim, afinal, como eles se casariam se assim não fosse. Ela ri das perguntas que brotam das minhas surpresas e vai desfiando os pontos positivos daquele contrato conjugal. Comenta que a religião do marido é muito bonita, que todo mundo a recebe bem nas cerimônias, que os irmãos de fé e conterrâneos do marido a tratam como família, que toda a rede de pessoas das relações do marido está sempre pronta pra lhe oferecer cuidados e apoio, e que ela gostava daquilo. E eis que Luciana consegue por meio do casamento estabelecer uma extensa rede de apoios e obrigações num curto espaço de tempo. Levaria anos para cultivar todas aquelas relações e, certamente, nem seria possível se tecer todas elas mesmo a longo prazo. Ela conta que sua família não lidou bem o namoro no começo e, tão pouco, o pedido de casamento, mas que aos poucos ela foi conversando com o pai e este, enfim, concordou com o casamento.

Cleusa tentou inúmeras vezes demovê-la deste intento, inutilmente. Contava histórias de amigas que haviam se casado com homens muçulmanos que as haviam abandonado para emigrar para outros países, ou que firmaram casamentos com outras mulheres. As amigas de Luciana também insistiram para que ela não casasse com um homem senegalês e, ainda por cima, muçulmano. Todas as bocas a volta dela vocalizavam uma série de visões de mundo preconceituosas acerca das pessoas do continente africano e, sobretudo, aquelas com outras religiosidades fora do

cristianismo. Mesmo tempos depois do casamento consumado, as bocas de familiares, amigos e afins, carregavam os estereótipos em torno da figura do *mandjaku* (*termo pejorativo utilizado para fazer referência a imigrantes do continente africano*). Estereótipos racistas produzidos no bojo do regime colonial que expõe a ignorância acerca lógicas de vida e filiações religiosas não hegemônicas e que recusam os signos de africanidade vindos do continente.

A cada evento na vida de Luciana, vinha uma enxurrada de advertências, dentre as quais estava o cuidado para que o marido arranjasse outras esposas ou apenas usasse o casamento para conseguir nacionalidade cabo-verdiana. Mas, Luciana seguiu confiante na relação com o marido, confiante nas suas promessas de que não se casaria com outras mulheres e de que ela seria a única esposa. A reiteração das promessas era sempre recheada de pequenos presentes e mimos, enquanto a barriga de Luciana ia crescendo dia após dia. A notícia de que gestava uma menina gerou certo desapontamento no marido, nos seus familiares além-mar, e na sua comunidade muçulmana no bairro de Calabaceira onde o casal passou a morar. Os meses de gestação foram transcorrendo com Luciana trabalhando diariamente no mercado, agora com uma barraca própria em que comercializava tecidos e roupas vindos do Senegal pelas redes do marido, e continuava a fazer um penteado aqui e ali.

Aminou preferia trabalhar na rua e nos arredores do mercado com os *bisnes* (*pequenas vendas e trocas de produtos usados, em sua maioria celulares, entre os quais, muitas vezes, circulam mercadorias furtadas e repassadas pelos agentes do furto ou por terceiros*), como era prática de inúmeros imigrantes do continente no centro da cidade da Praia, assim como a venda de utensílios domésticos e acessórios. A gravidez seguia bem, mas do meio da gestação para o final o peso do cansaço daqueles dias abafados no mercado começou a pesar sobre o corpo de Luciana. A cabeça estava cansada daquele barulho o dia todo, o calor dos meses de agosto e setembro parecia nos

cozinhar ali dentro. Mas, apesar do cansaço, eu sempre a via procurar cada vez mais um trabalho e outro, uma unha ou uma trança a serem feitas, um penteado, pequenos serviços que iam trazendo dinheiro quando os tecidos não saíam.

Meses depois quando a pequena Khady nasceu de parto cesário, Luciana ficou bastante frágil fisicamente, mas, ainda assim, o período de resguardo no pós-parto foi curto e praticamente sem repouso, apesar das advertências de todos que visitavam ela e bebê em casa. O pequeno quarto que alugavam numa grande casa de seis quartos na qual compartilhavam as áreas de uso comum como cozinha e banheiro, passou, temporariamente, a ser o espaço das nossas interações. Mesmo com toda a rede do marido, naqueles dias que se seguiram após o parto apenas Larissa e eu estávamos presentes diariamente. A mãe e as irmãs faziam visitas esporádicas, Cleusa aparecia pelo menos duas vezes na semana, ainda que rapidamente, e Lúcia veio uma vez de Santa Cruz para conhecer aquela que era sua neta por afeto. Mesmo com as restrições físicas do pós-operatório, poucos dias após o parto Luciana já estava ativa nos cuidados com a filha e com a casa, e já começava a trançar alguns cabelos ali na própria casa. Eu tentava convencê-la a repousar mais, contudo, era em vão. E no mês seguinte ela já estava de volta ao Sukupira com a filha nos braços.

Um pequeno colchão era improvisado no chão da loja e era nele que a filha dormia entre uma mamada e outra. Luciana tentava se revesar entre as mamadas e o trabalho, mas o trabalho não podia se adequar ao tempo da alimentação da filha, havia muitas despesas chegando todos os dias, todos os meses. E, enquanto a mãe dava voltas no mercado a procura de clientes ou a distrair-se nas conversas com os amigos e conhecidos, ou nas vendas de tecido e no trançar dos cabelos, a pequena Khady ia esperando a sua mamada em vários braços. Às vezes era impossível controlar seu choro que reclamava a presença da mãe. E assim, os primeiros contatos da pequena bebê com o mundo se davam nos movimentos e interações do mercado. Eram clientes que

por vezes seguravam a bebê para que a mãe atendesse outra pessoa, amigas das barracas vizinhas que acalentavam a menina enquanto Luciana resolvia algum problema, o pai que fazia rápidas aparições, e eu que estava lá durante vários dias da semana.

E as sociabilidades vão se fazendo naquele espaço. As crianças que acompanham suas mães e pais no cotidiano de trabalho terminam por serem socializadas, ensinadas, educadas, alimentadas, cuidadas, feitas a muitas mãos, a muitos colos, a ralhos de muitas bocas. Assim como outras mães, Luciana já não detinha o monopólio dos cuidados da filha, mesmo ela sendo ainda tão pequena. Quando as mamadas faltavam, aparecia alguma mulher para dar leite de vaca ou de cabra, quando o choro não era fome sempre tinham mulheres por perto pra lhe trocar fraldas, decidir qual melhor roupa lhe vestir ou para levar para um passeio até que o choro se aquietasse. Eu mesma fui uma dessas mulheres por inúmeras vezes, e mais uma vez o circuito dos cuidados estreitava minhas relações com as pessoas.

Luciana, muitas vezes, parecia zangar-se com a liberdade com a qual aquelas mulheres assumiam os cuidados da filha e decidiam o que devia ser feito e oferecido a menina na ausência da mãe. Mas, contar com uma rede de apoio sempre tem o seu ônus, e a restrição da privacidade e da autonomia certamente são os seus principais. Apesar das queixas e brigas com algumas de suas amigas, ela terminava por aceitar aquela situação, pois a necessidade de trabalhar era urgente. E com uma jornada de trabalho tão pesada, aquele semblante de sorriso largo, de descontração e brincadeiras com tudo e com todos foi ficando cabisbaixo, tenso e sisudo. Meses depois, fui entender que aquele seu desdobrar-se em trabalho era para conseguir fazer uma reserva de dinheiro que mantivesse os aluguéis do espaço da sua loja e gerasse alguma sobra para custear a festa de batizado da filha que contaria com boa parte da comunidade religiosa na qual o marido e ela estavam inseridos. E o batizado se fez, com muita fartura, com toda

pompa e circunstância que a ocasião pedia e de acordo com as tradições muçulmanas, nos termos e condições que o marido determinou.

O que trouxe muito contentamento ao cumprir a função de reafirmação do status social daquele casal e daquela família perante aquela comunidade religiosa e imigrante, que se faziam maioria no evento. Entretanto, após o contentamento das celebrações também vieram as dívidas e as despesas rotineiras não podiam esperar o dinheiro que caía a conta-gotas, um pouco a cada dia, e Luciana continuou a trabalhar arduamente no mercado. Mas coisas estavam difíceis para muitas pessoas, e as mulheres já não compravam tanto, já não se penteavam e se trançavam tanto, e as aflições que tomavam conta do semblante de Luciana se multiplicavam no transcorrer dos dias e semanas. Apesar de o casamento ter lhe trazido alguma segurança material, estabilidade, e acesso a uma rede de pessoas, nem sempre as relações nessas redes podiam oferecer o apoio necessário ou estavam disponíveis para tal. Boa parte da nova rede era composta por pessoas imigrantes como seu marido, pessoas que, na sua maioria, não possuíam condições financeiras estáveis e ainda tinham outras redes a lhes demandarem nos seus países de origem, assim como Aminou que regularmente enviava dinheiro para a mãe e os irmãos.

A vida na cidade da Praia era custosa, a manutenção de um espaço no mercado era custoso, e os rendimentos diários do trabalho, muitas vezes, não lhes cobriam, ou iam se diluindo facilmente nas pequenas despesas diárias e não se convertiam nos montantes necessários ao final de cada mês. Mas, Luciana já havia se investido muito naquela relação conjugal, agora, além de uma casa ela tinha uma filha que engrossava as despesas e lhe exigia tempo para os seus cuidados. Diante das dificuldades, o marido começou a aventar a possibilidade de emigrar para Portugal, um projeto que exigia mais dinheiro e, portanto, mais trabalho. Como os ganhos do trabalho de Aminou eram incertos e mais volúveis, essa responsabilidade acabava pesando sobre os ombros de

Luciana e ela se pôs a trabalhar cada dia mais. Ambos tiraram passaporte, mexeram com toda papelada, ele conseguiu o visto contando com o apoio de amigos e em cerca de dois meses a viagem aconteceu. E Luciana, que tantas vezes tinha se queixado do peso de viver sozinha na cidade da Praia, estava mais uma vez sozinha e com uma criança para cuidar.

Foram semanas aquelas que se seguiram à partida do marido. O pouco dinheiro havia sido investido todo no projeto migratório, de modo que não havia mais possibilidades de pagar o aluguel da casa, nem da loja no mercado, e ainda era preciso conseguir alguns escudos para alimentar a si e a filha. E começou uma peregrinação ao longo da rede de relações do marido. Às vezes, algum jovem rapaz oferecia algum dinheiro às esposas dos amigos, outras vezes as amigas muçulmanas ofereciam alguma refeição ali no mercado, em outras pessoas indicadas pelo marido eram procuradas insistentemente, mas, como mencionei mais acima, nem sempre o tempo e a disponibilidade das redes coincide com o tempo urgente das necessidades. E Luciana foi passando os dias acionando uma pessoa a cada momento, buscando algum apoio na casa da mãe e no seu ponto de apoio mais estável, a casa de Lúcia. Foram idas para o interior de Santa Cruz, na casa da senhora era para ela uma mãe, também na casa do pai. E as necessidades dos demais dias foram sendo remediadas na medida em que ela ia se desfazendo dos poucos pertences que o jovem casamento havia lhe permitido acumular.

Nessa peregrinação por apoio, Luciana tentava disfarçar o desapontamento e angústia, tentava manter a sua performance rotineira, aberta, sorridente, falante, mas era notório o seu descontentamento e a sua sensação de abandono, aquela que já lhe era conhecida desde os tempos que se aventurou a sair da casa do pai. Numa das últimas noites em que dormimos na sua casa, ela sem entender muito o meu interesse pela sua história, vai contando os revezes da sua vida com a pequena Khady nos braços,

presentifica as memórias passadas de dificuldades que já lhe eram conhecidas, aqueles momentos se repetiam, como que a testar a sua confiança na vida. As palavras suas palavras são de fé e esperança. Fé de que todo aquele sofrimento iria passar e de que suas lutas seriam recompensadas, fé de que em breve encontraria marido e de eles poderiam viver bem e felizes, e ela finalmente poderia realizar seu sonho de viver em outro país. Ela não dava atenção às bocas que lhe diziam terem avisado que isso aconteceria, que aquele casamento não funcionaria, que o marido havia lhe usado para um projeto migratório individual.

Em alguns momentos as conversas alheias lhe fizeram duvidar do projeto que ela havia construído para si com aquele casamento. Mas, Luciana insistiu naquele tecer exaustivo de buscas e esperas nas redes do marido, e pouco tempo depois conseguiu ir até a família de Aminou no Senegal, deixar a filha aos cuidados da sogra, retornar a Cabo Verde depois de alguns meses no Senegal e preparar a sua viagem a Portugal para encontrar o marido. Uma espera laboriosa, atravessada por desencontros, por adiamentos, precariedades, solidão, mas na qual Luciana precisava persistir. Não havia para onde voltar, não havia com refazer a proximidade íntima e cotidiana com seus pais que há tanto tempo já havia se desfeito e feito relação com outros contornos e aproximações. Não havia como contar com ajuda de amigas agora que ela tinha uma filha nos braços para alimentar e vestir. Não havia caminho de volta no percurso que ela havia traçado para si, mas apenas o caminho avante. Era preciso seguir, ainda que a vida teimasse em lhe colocar obstáculos. Era preciso recriar as energias, recomeçar, reinventar-se, mobilizar novos recursos. E assim ela o fez.

E assim o sonho de uma vida fora do arquipélago, que parecia algo tão distante, que parecia tão mais imaginado do que possível, fez-se realidade em mais uma das viradas que a sua vida está acostumada a dar. Não apenas por contingências do seu destino, mas porque seu corpo também se faz no movimento entre risco e aposta, entre o

possível e o provável, entre a possibilidade de um fato novo, de uma pessoa nova, de um contato imediato, de relações acionadas por meio de terceiros, entre os apoios duradouros e os breves. São nesses “entres” que Luciana vai criando as possibilidades da sua trajetória, e neles ela sempre pode reencontrar aquelas dores e aquela solidão que lhe são conhecidas, mas seu corpo-móvel já sabe lidar com elas. E a vida segue.

fechamento (substantivo masculino):
ato ou efeito de fechar(-se); fechação, fechada, fechadura;
colocação da última pedra na parte superior de um arco, abóbada etc. para fechar;
grau de estreitamento do canal fonador para a articulação dos sons da fala, que tem na
oclusão seu ponto máximo;
finalização da parte de redação, diagramação e montagem de um jornal, revista etc.,
antes da impressão.

FECHAMENTO-ABERTURA

No caminho de asfalto pedras e poeira vai me corpo chacoalhando nas curvas, subidas e descidas das estradas que me levavam fora. Fora do sobe e desce da cidade da capital do país-arquipélago, fora da minha casa, fora de mim. Bolsas acomodadas junto às pernas, crianças no colo, o balaio vazio de umas, os aventais coletores do sustento da semana, as sacolas cheias de mantimentos, os corpos cansados e contentes, juntos, colados, apertados, suados. Tudo envolvido e conduzido em risos, cumprimentos, casos a serem contados, batidas de funaná no som do hiace já cheio, batidas da porta que abre fecha entre subidas e descidas, que dão a cadência da viagem. Uma parada para comprar um suco refrescante, uns pastéis, mais alguém se encosta na porta e pede vaga, mais uma pessoa que precisa voltar pra casa, e os corpos se juntam mais porque todos precisamos seguir e chegar. Com o rosto na janela me ponho a pensar com a paisagem das ruas cheias de mulheres com seus tabuleiros e bacias na cabeça, nas calçadas, de estudantes a sair da escola, a ir para as universidades, de imigrantes africanos a oferecer acessórios de utilidade e outras miudezas, de meninas com seus cabelos de contas coloridas, de meninos a jogar bola na quadra ao lado, de pessoas fazendo a caminhada do pôr do sol. Meus olhos, meu nariz, minha pele, encontram a brisa dos tempos úmidos e férteis, todo o meu corpo já tinha se preparado para receber aquela paisagem em transição de cinza para verde, aqueles ventos orvalhados, os sorrisos e respiros que vinham a cada gota bebida pela terra.

Eu também sou corpo em transição, de cinza para verde, de dentro para fora e de fora para dentro, entre passado, presente e futuro, de seca para chuva, de poeira e espinho para mato e água. Corpo de passagens e em passagem, em composição, em semeadura e colheita, corpo-aprendiz, corpo-espera, corpo-abertura. Entre os montes, o verde que esperava resiliente se espalha como que por mágica, as sementes que esperavam resilientes germinam, pois a terra que esperava resiliente se nutre e se fertiliza. A estrada vai ficando estreita e o verde mais próximo, sinto as gotas de chuva no meu rosto, nutrindo minha pele seca que esperava resiliente por aquela água doce, por aquela água aguardada. A cada gota sorrisos se multiplicam, enchem o carro, enchem as estradas, enchem os montes, as ribeiras, as casas, as vidas, o tempo. O tempo que se desdobra em dias que se alimentam das águas, as vidas que se desdobram no tempo e que se alimentam das águas. O tempo em transição de espera para semeadura, de semeadura para colheita, de colheita para alimento da vida que se faz no tempo em transição. Crianças, jovens, adultos e velhos, corpos-em-transição em simbiose com aquele corpo-terra-em-transição, observam das portas das casas a vida se fertilizar, olham a terra agradecida num silêncio grato. E silenciemos na melodia da chuva suave que afaga e renova corpos e espíritos cansados.

Esse trecho da minha vida que se fez nos trechos viajados, nos trechos de feitura das vidas de outras pessoas, nos trechos do refazimento do tempo, da terra, da natureza, é território do aprender. Aprender sobre o tempo, aprender a mover-se no tempo, a fazer-se no tempo, aprender a ser corpo de espera, de resistência, de fé, de busca, de encontros, de relações, de cinza e de verde, de espinho e flor, de semeaduras e colheitas, de sonhos e urgências, de secas e inundações, de dúvidas e certezas, de afetos e pulsões. Nesses trechos de aprendizado o imperativo da espera se fez caminho, um caminho oblíquo e, por vezes angustiante, que eu não sabia que estava a me chamar ao refazimento. Eu, de fato não sabia esperar, não sabia que as oscilações e movimentações do tempo-transição se fazem imperativo à nossa revelia. Eu não

entendia que ao voltar para a seca do cerrado meu corpo precisava recomeçar o ciclo de espera resiliente, semeadura firme e confiante, e de colheita grata. Eu desaprendi que era preciso fortalecer o corpo ressecado nas idas e vindas, nos ventos áridos da vida. E se hoje esse trecho-pesquisa se faz texto-enfim, encontra vida em forma de tese e chega ao seu fechamento-abertura com o equilíbrio do corpo erguido, é porque no fim se compreende o tempo da espera. Que não é tempo passivo ou paralisado, mas tempo-autor, tempo-condutor, tempo que observa e compreende a qualidade dos instantes e do terreno em se depositam sementes de fé, em que se cultivam um corpo-aprendiz.

Sempre me diziam que o encontro com a tese só se dava no final, no fim de tudo o entendimento que parecia estar lá o tempo todo a espera da mente inquieta que lhe buscou em cada palavra que não fazia sentido. Mas, esse encontro que aquieta parcialmente as buscas, que responde algumas dúvidas, que projeta novos sentidos, não é definitivo, mas é encontro-transição, uma parada no meio do caminho para refrescar, para arejar, para nutrir-se e reiniciar o ciclo. E é por isso que esse fechamento é também abertura e não pode sê-lo de outra maneira, pois o que se fecha recebe sementes, não se alimenta, não se fertiliza, não se nutre e não pode nutrir. O fechamento-abertura que aqui esboço é povoado de interrogações, pergunta mais do que responde, questiona mais do que aceita, é corpo em composição, tenta encontrar sentidos para seguir. E foi reconstruindo dia a dia a certeza de que era preciso me fazer corpo-avante, corpo que segue, corpo que persiste, que não desisti de chegar até esse ponto que se pretende conclusivo dos entendimentos que me encontram nesse momento.

Nesse encontro de entendimentos e sentidos, a tese que aqui se compôs buscou tomar os dados do trabalho de campo como centrais e estruturantes para o curso textual e as discussões elaboradas. Nesse sentido, minha intenção foi a de entender a pesquisa

como experiência vivida e usá-la como elemento norteador preponderante no fazer antropológico, não apenas como mecanismo de escrita, mas também mecanismo de ordenamento narrativo da pesquisa-vivência. Tal ordenamento narrativo atendeu à própria lógica na qual se fez meu trabalho de campo, no qual o trânsito livre entre as vivências das mulheres com as quais me relacionei e as minhas vivências prévias e as que se teciam naquele momento da pesquisa fossem grafadas de modo preciso e com ressonância no que foi vivenciado. As leitoras e leitores acostumados com o modo clássico de escrita etnográfica, podem ter sentido algum incômodo com essa narrativa-tese e com os seus percursos pouco teóricos, ou mesmo a-teóricos. Mas, foi com fé no potencial provocativo de um texto-incômodo, de um texto que esbarra nos padrões de desempenho acadêmico fundados no remontar de atos citacionais e no reelaborar conceitual, que esta tese pôde chegar até aqui sem sucumbir. Se, por um lado, esta composição textual foi estratégia de sobrevivência, por outro lado, foi também estratégia de recriar entendimentos mais aproximados, mais frontais e mais vivos acerca das experiências vividas e trajetórias que nelas se cruzaram.

Acredito que essa escrita etnográfica livre funciona como estruturação de um modo de conhecimento que busca grafar a complexidade dos processos de composição das pessoas e de suas vidas. Portanto, a narrativa livre que aqui transcorreu é, ao mesmo tempo, uma tentativa de formalizar as experiências vividas e compartilhadas entre minhas interlocutoras e eu, quanto uma tentativa de etnografar sem criar categorias rígidas para a compressão das experiências da juventude em Cabo Verde. Minha tentativa deliberada é a de fugir à criação de categorias analíticas generalizadas e generalizáveis indistintamente. E de pensar em termos de aproximações, de elementos minimamente estáveis nas trajetórias de vida, de significados mais e menos duradouros e de sua manipulação cotidiana de acordo com as experiências concretas e as contingências do viver. Assim, o uso que faço de narrativa é aquele que a faz ferramenta de compreensão e compartilhamento do que foi vivido, observado e

aprendido durante a experiência de pesquisa, um processo de significação através do qual as experiências vividas pelas pessoas se fazem centrais e condutoras da elaboração de significados presentes nas narrativas acolhidas em campo e de novos sentidos que vão se juntando a essa nova narrativa. Os eventos aqui narrados, ao longo dos capítulos, privilegiam palavras e ações vividas em campo, assim como priorizam as situações discursivas de narração que se corporificam na experiência de campo e na experiência de escrita do texto da tese.

Se esse momento de finalização me presentificou memórias dos meus percursos e andanças nos tempos de pesquisa, nos tempos de minha feitura e recomposição em outras terras, ele também me coloca analiticamente a refazer esse outro percurso que é o trecho-pesquisa, presentificando as perguntas, dúvidas, questões, leituras, orientações e inspirações que me conduziram de 2014 até agora. Quando me pus a pensar sobre esta pesquisa e a delimitá-la me acompanhavam e me habitavam, por meio de textos e escritos, autoras e autores que tentavam perceber a juventude enquanto grupo, enquanto segmento etário e social. Nestes escritos que me habitavam, por vezes a juventude era vista como um problema social, como uma coletividade que responde a controles e expectativas socialmente compartilhados, como agregado de sujeitos ainda incapazes de se fazerem pessoas plenas, como momento de transição e, portanto, onde tudo está em curso, de passagem, em incompleto processo de constituição. Passei todo tempo perseguida por tais questões, mas também me agarrando a elas, para construir algum sentido que me parecesse seguro para as minhas buscas. Contudo, esses entendimentos e noções não foram suficientes para que eu compreendesse as relações que estabeleci em campo.

Até que eu, enfim, chegasse à compreensão de que meu percurso de trabalho-vivência me levou para o sentido inverso ao das teorias sobre juventude, me senti sem um momento de respiro e, por vezes, perdida. Este sentido inverso, me fez perceber que eu

mesma estava povoada das noções que orientam várias teorias e que minha experiência de pesquisa me conduziu por um exercício de desnaturalização de noções, percepções, sentidos, performances, e de atenção à multiplicidade de situações que abrigam as vivências juvenis. Por isso, a noção que conduz as reflexões aqui elaboradas é a de composição, enquanto caminho, enquanto processo móvel, enquanto espaço de devir. O fio condutor da composição foi se fazendo na medida em que me percebia como pessoa composta por outras pessoas que me habitavam, e por temporalidades diversas, e que entendia que as pessoas com as quais me pus em relação também eram compostas por coletivos de outras pessoas que as habitavam e as compunham. Este emaranhado de composições de pessoas que se constituíam de modo coletivo e não individual, fez com que compreendesse que não estava diante de segmentos sociais, significados e classificados de modo estanque. Mas, que estava diante de concepções de pessoa e de juventude que se constituíam mutuamente. Foi então que me entreguei ao revés do caminho pré-definido. Pensar as trajetórias individuais, que também são coletivas em alguma medida, tomaram corpo e sentido analítico, nas minhas buscas teóricas e epistemológicas. Trajetórias com protagonistas, mas que se fazem a muitas mãos.

Confrontada a pensar mais em termos de relações, composições e trocas entre pessoas que se dão por meio das experiências vividas e partilhadas, dos processos de conhecimento que se fazem no ensinar e no aprender, e na mobilização de afetos e de afinidades para tecitura e manutenção de redes de apoio e colaboração entre pessoas, me concentrei nesses elementos e na sua atuação na feitura de pessoas, de seus corpos e suas subjetividades. A complexidade das experiências concretas me levava a pensar menos em termos de representações sobre a juventude, mesmo tendo em conta os efeitos concretos dessas representações na produção de discursos e práticas, e mais no elaborar cotidiano das suas pessoas movidos pelas relações que compunham os trechos de suas vidas. Cada vez eu pensava menos sobre a preparação dos jovens para

uma vida adulta plena e as maneiras pelas quais alcançá-la, e mais em como as mulheres jovens estavam vivendo o presente em conexão com experiências passadas e projetadas, e em como as modulações do presente reconfiguravam suas percepções de passado e do futuro que já iam forjando diante de si. Pensava menos ainda no modo como os jovens correspondiam a essas representações socialmente criadas e compartilhadas, e mais em como pessoas-mulheres-jovens reorientam, reconfiguram, reiteram, reproduzem, ou não, essas noções que produzem corpos e subjetividades localizados no tempo e no espaço.

Porém, me parece que mesmo não me orientando por tais perspectivas elas continuaram a pairar sobre mim como quem está a espera de alguma resposta ou da emergência de algum sentido novo para velhas e persistentes questões. Se eu fui para meu trabalho de campo povoada dessas representações sobre juventude, vida adulta, maturidade, com noções abstratas bem definidas e bem delimitadas sobre o que é ser jovem, ser mulher jovem, ou acerca das expectativas sociais sobre o que é ser uma pessoa adulta, voltei desse experimento de vida preenchida por noções fluidas, permeáveis, instáveis, móveis e intercambiáveis. O que, por um momento, me tirou do lugar confortável e seguro das certezas oferecidas nos textos que materializam caminhos já percorridos por outras pessoas em suas pesquisas e análises. Esse lugar desconfortável tende, por vezes, a nos colocar num lugar até mesmo desesperador, nos levando a pensar que fizemos tudo errado, que não trabalhamos as hipóteses e os objetivos, que não temos recortes bem definidos, que não temos argumentos analíticos e tão pouco teses a serem defendidas.

Foi preciso conversar muito com as histórias, cenas, eventos, textos, discursos e experiências que trouxe aqui, olhar atentamente para tudo isso, e aceitar que não se pode também delimitar e segurar dentro dos nossos conceitos a dinâmica complexa e escapante do viver, do construir um modo de estar no mundo, do fazer-se neste

mundo. Imagino que várias pessoas, provavelmente, esperavam que minha tese apresentasse respostas precisas e resolutivas sobre dilemas da juventude cabo-verdiana, sobre o que se pode esperar dos jovens, sobre como as mulheres se tornam adultas, sobre quando e como se dá essa passagem, se as jovens estão ingressando numa vida adulta mais cedo ou mais tarde, se há um alargamento do período em que se vive a juventude e um adiamento da entrada na vida adulta. Mas, apesar de ter iniciado essa pesquisa orientada por todas essas questões, que são objeto de interesse de vários estudos da área, eu devo dizer que não tenho essas respostas, pois elas deixaram de ser o caminho percorrido por esta tese e não as poderia ter porque os extratos de vida aqui compartilhados não se comunicam com essas questões.

Eu devo dizer que toda a reflexão que me pus a fazer cotidianamente me conduziu por outros caminhos e me levou a olhar para o que se nomeia como segmentos etários, ciclos de vida e gerações, como emaranhados de experiências e processos de conhecimento diversos que se atravessam e se constituem mutuamente. As fronteiras entre esses seguimentos, ciclos, etapas, faixas, gerações, me parecem hoje limites muito mais fluidos, instáveis, móveis, dinâmicos e permeáveis, colocando esses territórios, aparentemente delimitados de modo rígido, em constante troca. Conduzo, portanto, minhas reflexões pelo pressuposto de que os mundos, as experiências vividas e os cotidianos de mulheres-crianças, mulheres-jovens e mulheres-adultas e idosas, são constitutivamente atravessados uns pelos outros e se constroem mutuamente. E de que a maturidade é um elemento diluído ao longo dos anos vividos, suas doses são determinadas pelas experiências particulares de cada mulher e sua incorporação é agenciada de diversas maneiras. A maturidade é vivenciada, aprendida, incorporada ao longo da vida nas experiências compartilhadas com mulheres de várias idades.

O compartilhamento entre mulheres adultas, jovens e crianças, das responsabilidades, do trabalho doméstico, da manutenção da casa, do cuidado das pessoas e do

provimento de suas necessidades básicas, é uma realidade que assume contornos distintos na vida das mulheres a depender das configurações familiares e das condições materiais de vida. E tal compartilhamento da produção cotidiana da vida vai ocupar mais ou menos espaço na vida das mulheres em diferentes momentos de suas vidas a depender de suas trajetórias. Pois, as trajetórias são diversas entre si e em si, não obedecendo a qualquer linearidade mesmo quando assim o aparentam. Todos esses elementos, e outros tantos que certamente não pude captar, terminam por produzir engajamentos diversos numa economia da vida cotidiana que cria corpos femininos e suas subjetividades, que entendo como sendo um espaço também de produção da maturidade. A vida cotidiana e as suas especificidades, bem como o engajamento de cada mulher nos seus contextos, são criadores e acionadores de diferentes corporificações da maturidade. E por considerar ser essa microtecitura cotidiana do existir o laboratório produtor de pessoas e de sentidos para a vida, é que a tomo como locus privilegiado de elaboração de pessoas, tempos, amadurecimentos e rejuvenescimentos. Nesse sentido, a esfera doméstica que tanto se fez visível aqui não é menos materializadora de sentidos, experiências e projetos construídos coletivamente, mas ela é imprescindível à manutenção do viver. Nela também se fazem mulheres-gestoras, mulheres-provedoras, mulheres-educadoras, mulheres-analistas, mulheres-problematizadoras, mulheres-cuidadoras, mulheres-trabalhadoras, mulheres-criadoras.

Quando olho para o cotidiano que mais me foi próximo durante a pesquisa, cujas vivências rurais e interioranas permearam as minhas observações em campo, compreendo que as condições de vida material local exigem que todos os que coabitam contribuam dentro dessa economia da vida cotidiana. Penso que a incorporação de pessoas-crianças e pessoas-jovens nas atividades gerenciadas e controladas pelas pessoas adultas, contribui para o partilhamento de experiências, de conhecimento, de aprendizado e de construção de afetos. E esse partilhamento vai distribuindo elementos de maturidade e gerando sua incorporação individual ao longo

do tempo, e o quanto esse processo será mais ou menos acelerado dependerá das especificidades de cada situação, de cada contexto, de cada trajetória de vida, de cada interpelação da vida. Portanto, essa teia de experiências vivenciadas coletivamente é capaz de produzir uma incorporação gradual e progressiva de elementos de maturidade na vida destas pessoas-crianças e pessoas-jovens. Isto porque entendo que esses engajamentos cotidianos não só colocam crianças e jovens em contato com outros corpos e subjetividades que se encontram em outros momentos da vida, mas os colocam de forma ativa em contato com outras temporalidades de vivências. De modo que o transmitir de experiências e conhecimentos de pessoas mais velhas para pessoas mais jovens me parece estar menos vinculado a uma lógica provedora e tutelar.

O provimento de recursos diversos, dos materiais aos afetivos, e o cuidado que também se faz por meio de alguns controles estão ali nessas vivências e se concentram mais nas pessoas adultas. Mas, ao menos entre as mulheres, não há limites fixos e estritos entre quem provê e quem é provido, quem cuida e quem é cuidado. Mulheres tanto na vida adulta, quanto na juventude e na infância, estão, cada qual na sua medida, investidos nas atividades que produzem pessoas e corpos. Nessa composição de agenciamentos em rede, quem é provido também provê, os mais jovens que são cuidados, também cuidam, outros mais velhos assumem responsabilidades por eles, mas eles também assumem responsabilidades por outros mais novos que vêm depois deles, sejam familiares ou afins. Pois, desde cedo, são inseridos numa rede mais ou menos extensa de favores e obrigações. Relacionar-se e engajar-se no mundo por meio de relações é algo que se aprende desde cedo e deve ser levado para a vida toda, ainda que a frequência com que se venha a recorrer às redes de apoio e reciprocidade seja variável ao longo da vida. O engajamento nessas redes é móvel, se estica e se encolhe de acordo com os movimentos da própria vida.

Portanto, se, por um lado, essas experiências compartilhadas entre mulheres de diversas

idades criam uma incorporação progressiva da/na maturidade, por outro lado, elas também produzem, sustentam e dão continuidade às redes de apoio e obrigações, minimamente recíprocas, que se estendem entre mulheres de várias gerações. O que pode notar, é que tais redes são constituintes da relacionalidade em diversos contextos e para mulheres com trajetórias distintas. E possuem uma configuração móvel na qual a dinâmica das trocas, prestações de favores, o cuidado de pessoas, e o engajamento de cada pessoa nesse circuito, dependerão dos movimentos das trajetórias individuais, das composições dos arranjos familiares, das condições materiais e financeiras, da criação de afinidades e aproximações e de sua manutenção, bem como dos conflitos e rupturas, da construção de afetos e reciprocidade. Por sua vez, essas redes também são operadoras das incorporações da maturidade, da progressiva criação de uma vida adulta, da formulação de planos e projetos futuros, das responsabilidades e da gestão de estratégias no presente.

Essas redes pelas quais vão se dando o aprendizado das relações, da gestão da vida cotidiana, das atividades domésticas, da geografia dos lugares e da circulação por eles, são responsáveis não só pela manutenção de uma sustentabilidade material e afetiva das vidas, mas também pela feitura de corpos, subjetividades e afetividades. São nelas que se fazem as amizades, que se encontra apoio para momentos difíceis, que se criam parcerias para o trabalho e para o lazer, elas permitem que as cargas do dia a dia sejam suavizadas ao serem partilhadas. Elas mantêm a sustentabilidade de famílias e de seus projetos de mobilidade social e física frente à situações de precarização material e mesmo de vulnerabilidade. Elas provêm sustentabilidade material e afetiva nas ausências e distanciamentos paternos e maternos. E, nesse provimento recíproco vão produzindo todo um aparato gestual, performativo e discursivo que constituem também feminilidades em composição.

Aqui pode surgir a advertência de que essas redes vão se perdendo nas vivências

urbanizadas. Mas, ainda que eu não discorde dessa assertiva, diria que a presença mais ou menos central das redes de apoio e reciprocidade na trajetória de mulheres-jovens, depende mais das experiências prévias e imediatas que delinearão suas trajetórias, do quanto tais experiências as colocaram e as colocam dependentes dessas redes, do quanto elas estão expostas à instabilidade material e do quanto foram capazes de gerenciar afetos e afinidades nesse circuito de favores e obrigações. Estes elementos são mais importantes do que o espaço geográfico e social em que estas mulheres se encontram. Não desconsidero, aqui as dificuldades que a vida numa cidade como a capital, Praia, impõe para a manutenção de redes de apoio cuja manutenção pode se tornar mais custosa nesses espaços, mas ainda que essas redes possam se encolher na vida urbana elas não deixam de se fazerem presentes nas pequenas trocas diárias. E, se levarmos em consideração que há um intenso intercambiamento entre espaços rurais e urbanos, notamos que a mobilização e manutenção dessas redes de ajuda mútua vai se reconfigurando nesses espaços. Sua gestão vai se acomodando na medida em que elas também são responsáveis pelas continuidades das trocas e relações em diversos espaços que se estendem, inclusive, para fora dos limites das ilhas. Mesmo os processos de individualização, típicos de contextos urbanos em que há uma relativa suficiência financeira e material, não são, por vezes, capazes de enfraquecer essas práticas de ajuda mútua.

Assim, não entendo a afirmação da centralidade dessas redes enquanto arranjos e relações iniciadores de feitura de pessoas e de sua inserção no mundo, como uma generalização simplificadora ou imponderada. Esses espaços produtores de vivências e experiências nos quais as redes de relações vão se fazendo podem ser a casa, a vila ou comunidade, a família, a escola, a universidade, o ambiente de trabalho, a igreja. E as redes que os atravessam e os compõem serão mais ou menos acionadas, assim como alargadas ou estreitadas no movimento próprio das relações e das experiências de vida. Em momentos distintos da vida, experiências como a maternidade, a conjugalidade, a

profissionalização, os deslocamentos geográficos e a emigração, atuarão não só como agentes reformuladores dessas redes e de sua presença na vida das mulheres, como também poderão se converter em fontes privilegiadas de elaboração de suas subjetividades, corporalidades e afetividades.

Assim sendo, há trajetórias de vida nas quais a família, as redes de apoio e as experiências vivenciadas a partir delas têm mais centralidade na produção desses corpos e subjetividades juvenis. Há outras trajetórias nas quais a conjugalidade, a maternidade e o espaço doméstico exercem mais esse agenciamento e reconfiguram essas redes e as relações com a família – mãe, pai, irmãs e irmãos, e demais parentelas. E há aquelas trajetórias em que o âmbito da formação educacional, da profissionalização e do trabalho, e as relações que se fazem nesses espaços – que podem ou não se converter em redes de apoio mútuo –, é que atuam como centrais na composição das experiências juvenis. E, em todas essas trajetórias, essas dimensões e espaços estão se atravessando, sendo mais ou menos determinantes nas composições das mulheres, enquanto pessoas, ao longo da vida.

Essas composições e desdobramentos complexos e não lineares de experiências do viver e do fazer-se mulher, a meu ver, produzem modos de existência e de conhecimento no/do mundo cujas singularidades, delimitadas em cada trajetória de vida ou nos seus diferentes trechos e momentos, estarão num fluxo de encontros e desencontros com formulações mais amplas e socialmente compartilhadas acerca da juventude e de suas experiências e, ainda, de expectativas sociais em torno da pessoa jovem. Tendo em vista essa configuração, minhas reflexões se direcionaram mais para pensar como concretamente mulheres jovens lidam com os dilemas de seu cotidiano, quais vivências lhes mobilizam nesse momento da vida, quais experiências passadas e conhecimentos lhes fornecem sentidos para lidarem com as experiências do presente e para projetarem suas trajetórias para o futuro. Busquei refletir sobre quais são os

recursos materiais, subjetivos, emocionais e relacionais que essas jovens lançam mão na vida cotidiana com as suas relações e na gestão de seus projetos de vida. Nesse sentido, me concentrei menos em pensar nos limites entre segmentos etários e ciclos de vida e na fixação de definições sobre como se estruturam, e mais em pensar nas trocas entre eles, nas trocas entre pessoas em diferentes momentos da vida e entre as próprias jovens, em como esses ciclos de vida se atravessam, estão relacionados e se constituem mutuamente.

Esse redirecionamento do olhar vem reiterar a certeza de que as mulheres e suas experiências são diversas não só umas das outras, mas também em si mesmas, ao passo que vão se fazendo e se refazendo ao longo de suas trajetórias de vida. Mas, olhar para tudo isso também mostrou-me que nas nossas diferenças também há ressonâncias, ecos, aproximações possíveis, sentidos, desejos, dores, alegrias e partilhas que nos compõem. Mulheres diversas em modos diversos de existir, mulheres que carregam em si e em seus percursos de vida várias outras mulheres. Mulheres que se refazem a cada rearranjo da vida. A cada caminho que se mostra sem saída, a cada recomposição de trajeto que se impõe, um refazimento. Sentidos, energias, saberes, intuições, afetos, acionados e mobilizados num movimento de auto-refazimento, de auto-sustentação, de criação de novos caminhos para os mesmos propósitos e mesmo de invenção de destinos outros.

As histórias que aqui se cruzaram – e que trazem cenas e situações que são comuns ou próximas a muitas jovens mulheres – desenham contextos de tal modo suscetíveis às reconfigurações e reposicionamentos cotidianos que atravessam o curso da vida, e também lhe são constituintes, que me parecem tornar inviável o traçar de qualquer marcador fixo ou generalizado no sentido de apontar uma passagem única para a vida adulta ou delimitar compreensões fixas sobre modos de alcançar e adentrar outras etapas da vida. E me fizeram, ainda, me deparar com a inviabilidade de se pensar em

noções ou prospecções do tornar-se pessoa adulta que se pretendam definitivas, duradouras ou estáveis. Esses percursos, essas passagens, essas etapas, essas prospecções de futuro, concepções sobre tornar-se pessoa adulta, são diversas, assim como são diversas as mulheres e suas trajetórias. Se, por um lado, essa configuração do contexto trabalhado aqui nos conduz ao afastamento de várias leituras e conceitualizações acerca da juventude enquanto pressuposto, por outro lado, ela nos aproxima dessas mesmas leituras e conceitualizações enquanto confrontação, enquanto problematização, na medida em que desafia e desestabiliza essas noções. E também na medida em que localiza os lugares sociais e culturais que lhes fundamentam e desnaturaliza sua pretensa universalidade.

Ainda nos deparamos com estudos clássicos e contemporâneos que, apesar de considerarem juventude uma categoria social situada e mutável, ainda trabalham com a perspectiva de que a juventude corresponde a uma lacuna temporal de incompletude, a priori, e na qual se desenvolverá ou não as capacidades necessárias para se alcançar uma vida adulta plena. De modo que considerá-la situada e mutável acaba se tornando uma assertiva vazia em textos que ainda reproduzem ideais de vida adulta estáticos e, por vezes, inatingíveis que, assim sendo, sempre produzirão uma leitura dos jovens enquanto falhos, enquanto incapazes de alcançar esse ideal. E, enquanto um padrão ideal de vida adulta, inalcançável e irrealizável para a maioria dos jovens e que desconsidera a especificidade da experiência das mulheres, estiver no horizonte do que se considera pessoa adulta as análises vão sempre terminar por olhar para a não concretização dessa expectativa como um atraso na entrada para a vida adulta e uma manutenção por tempo indeterminado do lugar social de jovem.

O modelo de vida adulta baseado na aquisição de emprego estável, casa própria, casamento e constituição de família nuclear, nessa sequência linear, constitui um modelo ocidental que significa a idade adulta como algo estático, um lugar no pódio a

ser conquistado depois de uma corrida disputada. O que implica, ainda, em tratar esse processo sob o prisma da capacidade individual dos jovens, tornando a aquisição do status de idade adulta como algo de inteira responsabilidade das pessoas jovens e a sua não aquisição como uma falha pessoal. Nesse sentido, não só se perdem de vista questões estruturais e contingenciais das vivências contextualmente localizadas, como também se invisibiliza os percursos diferenciados e, portanto, não lineares dentro de um horizonte múltiplo e complexo de experiências, possibilidades e restrições.

É preciso reforçar que esses atributos considerados, em diversas leituras, como expressões de uma pessoa adulta plena são baseados, principalmente, em experiências masculinas e foram, equivocadamente, ampliados para condição de experiências totalizadoras e de referência da noção de pessoa adulta e madura. Eu acrescentaria, ainda, que tais referentes não só estão baseados numa experiência masculina, mas também branca, privilegiada material e socialmente, ocidental e heteronormativa. Ou seja, trata-se de um padrão que não só exclui as mulheres, mas também a diversidade de experiências e corpos masculinos, bem como demais arranjos conjugais, familiares e as especificidades das trajetórias de vida. Apesar de algumas reflexões teóricas reconhecerem que esse ideal normativo de vida adulta está, o tempo todo, sujeito à redefinições, ele continua a ser a referência mesmo para se analisar as diferentes e complexas experiências de vida que terminam, por isso, sendo lidas num registro de falha, insuficiência e incapacidade. A diversidade e a especificidade de vivências juvenis são lidas e significadas a partir desse ponto de referência tornado, arbitrariamente, universal e modelar.

Além disso, para a leitura que proponho aqui, de pessoas e vidas em composição, a ideia de que essa noção de pessoa adulta corresponde a completude da personalidade não faz sentido, uma vez que não há completude absoluta, mas refazimento contínuo de pessoas e corpos, e tal refazimento se faz nas acomodações não lineares da

maturidade e por meio de status aos quais são atribuídos valores diferenciados de pessoa para pessoa. Nem todas as jovens têm como prioridade a maternidade, nem todas elas têm como meta o casamento, algumas podem ter tanto maternidade como casamento como estratégias de sobrevivência e do seu fazer-se pessoa, outras podem traçar essa estratégia por meio da formação educacional e profissional, diferentes estratégias, prioridades, metas e sonhos podem estar conjugados em momentos distintos da vida. O ideal de vida adulta plena varia de pessoa para pessoa, de mulher para mulher, e sua concretização acompanha as possibilidades e restrições da própria vida, sua concretização se dá por vários caminhos pouco lineares. E a estabilidade da realização dos projetos de vida ou da aquisição de certos atributos pode, muitas vezes, ser instável e relativa para muitos, e um privilégio para alguns.

Mesmo em contextos africanos, há uma leitura de que o período da juventude tem se prolongado indefinidamente e se transformando numa nova forma de vida adulta, mais precária e menos estável. Ora, eu faço aqui algumas perguntas. Se há uma nova forma de vida adulta sendo elaborada, entende-se que o que se considerava vida adulta não tem se efetivado, mas essa antiga forma de idade adulta sempre foi um ideal concretizável? Para quem? Uma vida adulta estável, autônoma e reconhecida socialmente em termos materiais e afetivos sempre foi um ideal acessível para todos? Como esse modelo de vida adulta pode ser ressignificado pelas mulheres? A entrada na vida adulta sempre ocorreu de forma linear e sem adiamentos, reordenamentos, pausas e interrupções? Para que grupos uma autonomia, talvez desagregadora de relações construídas ao longo da vida, é importante e configura um valor? Quais jovens têm sido impedidos de construir modos de vida materialmente estáveis para si e para suas redes e as pessoas das suas relações? Quais jovens têm tido seus engajamentos nas redes de apoio e obrigações restringidos? Como pensar em autonomia plena quando mulheres precisam, muitas vezes, prover a si e as suas proles sozinhas e atuar como suportes (provedoras, cuidadoras, educadoras, tutoras) nessa rede de ajuda mútua que sustenta

suas existências e seus projetos de vida?

Me parece que em diversos contextos cabo-verdianos essa entrada na vida adulta, mesmo em gerações anteriores às das jovens aqui trazidas, não se deu de forma linear para a maioria dos jovens. Pais dessas jovens iniciaram suas conjugalidades ainda na casa dos pais, levando para lá suas namoradas feitas esposas, muitas de suas mães e tias não puderam estudar, suas avós tão pouco, suas tias primas e irmãs, por vezes, retornam a casa de pais e avós depois de experiências conjugais dissolvidas e fazem suas vidas nessas redes, muitas de suas primas e sobrinhas têm optado pelo casamento e não pelo investimento numa formação profissional. E nessa composição múltipla as dinâmicas de autonomia e dependência têm outros significados e vão se reconfigurando a partir dos percursos das trajetórias individuais e familiares.

Acredito que podemos falar em algumas expectativas gerais compartilhadas entre jovens e adultos cabo-verdianos, e que estão no horizonte do imaginário sobre vida adulta. Como a do ingresso no mercado de trabalho de modo mais estável, da aquisição da própria casa e da chegada dos filhos, elementos que, a meu ver, funcionam mais na criação de suportes, elos e eixos para manutenção das redes de apoio e obrigações, do que como marcadores de independência no sentido mais individualizante que observamos em sociedades ocidentais. E elementos que, apesar de estarem no horizonte de projeção da vida, são combinados e recombinaados de diferentes maneiras nas vivências cotidianas. A meu ver, esses elementos funcionam mais como pontos de extensão das redes originais e de produção de uma autonomia e uma autossuficiência voltadas também para provimento das novas e velhas gerações nessas redes. Me parece serem as redes de apoio e obrigações o fio condutor que relaciona as gerações e as coloca em processos mútuos de feitura de pessoas e reprodução da vida, e para o qual as expectativas e objetivos de vida se voltam, podendo tais expectativas e objetivos serem reorientados de acordo com o

engajamento nessas redes e a dependência delas. A conjugalidade, sobretudo com coabitação, pode figurar como um elemento que viabiliza a aquisição desses outros ou que os acompanhe, mas, dado o caráter instável das relações em muitos casos, os filhos assumem um lugar prioritário nesse processo.

Por isso, prefiro pensar em formas de se construir progressivamente a vida adulta, em combinações diversas de atributos e conquistas, em projeções futuras que têm duração variada, em horizontes existenciais que se esticam e se encolhem, em possibilidades de estabilidade que são auferidas de acordo com a distribuição de oportunidades, privilégios, restrições e limitações dentro de um dado contexto social. Uma vez que as condições enfrentadas por cada geração e as situações às quais precisam responder, em relação às gerações anteriores, exigem que pessoas jovens criem novos significados para seus entendimentos de juventude e vida adulta. O que pude observar é que a cada experiência, a cada desafio cotidiano, a cada restringir e ampliar de liberdades, oportunidades e escolhas, a cada movimento entre estabilidade e instabilidade material e emocional, a cada responsabilidade, a cada cuidado recebido e dado, as pessoas jovens vão ressignificando os sentidos que elaboram sobre ser uma pessoa madura de acordo com suas circunstâncias concretas de vida. E, muitas vezes, a concentração de esforços nas demandas cotidianas, no presente, numa vida que se faz no curto prazo, é também uma resposta a um modelo normativo de vida adulta que é inalcançável ou demasiadamente custoso, e mesmo inadequado para as condições concretas de vida e para o tipo de sociabilidade desenvolvida num dado contexto.

Ponderei ser, talvez, mais coerente com as experiências de vida com as quais me deparei, pensar em níveis de maturidade que vão se elaborando, se reiterando e se sedimentando de modo não linear ao longo da vida e, portanto, a atravessar diferentemente cada segmento etário num processo de longa duração que não se faz fora da relacionalidade entre as gerações. Uma consideração que está longe de

configurar um raciocínio inovador, parece inclusive óbvio que as diferentes gerações e segmentos e segmentos etários estão relacionados e se constituem nessa relação, e que a maturidade se faz no acúmulo do tempo. Não se passa de um ciclo da vida a outro numa passagem súbita. O que me propus, na verdade, foi tentar retirar o foco das passagens, dos limites entre infância, juventude e vida adulta, para pensar nos espaços “entre” elas, em suas trocas, nos seus atravessamentos, interseções, nos compartilhamentos das qualidades que cada tempo oferece.

Se a construção de uma vida adulta, assim como dos demais momentos de uma vida curso, se faz a muitas mãos e progressivamente ao longo do tempo e por meio de combinações diversas entre projetos e percursos de vida, não faz sentido falar numa vida adulta que está em algum lugar adiante à espera de ser alcançada e, tão pouco, de jovens que estão à espera de condições que lhes permitam alcançá-las. As pessoas jovens estão vivendo e se fazendo dentro dos seus possíveis. As mulheres-jovens estão vivendo e se fazendo dentro dos seus possíveis e na busca daquilo a que vão atribuindo valor na medida em que essa busca fazem sentido para suas vidas. Portanto, a preocupação com um suposto prolongamento da juventude, com a sua conversão em uma fase de espera e adiamentos, e com o estabelecimento de uma vida adulta instável e “incompleta”, me parecem muito mais uma preocupação das classes privilegiadas e de grupos pertencentes a sociedades economicamente desenvolvidas. O fato de suas gerações anteriores não terem se deparado com um contexto de tantas crises, de magnitude e extensão globais, e recentemente estarem sendo confrontadas com essas crises e com o seu próprio esgotamento interno no que diz respeito ao provimento de empregabilidade estável e promissora às novas gerações, parece ter desestabilizado seus modelos e noções de vida e pessoa.

Afinal, o adiamento do acesso a direitos que viabilizem uma vida materialmente estável e suficiente parece ser condição de longa duração para uma parcela significativa das

populações de sociedades historicamente espoliadas, e não uma novidade decorrente de fenômenos recentes. Então, aparentemente o que temos não é um adiamento da vida adulta imposto para os grupos desprivilegiados e um adiamento escolhido e planejado para grupos privilegiados. Para grupos desprivilegiados econômica e socialmente usufruir plenamente de um período de exploração das oportunidades, de investimento na formação educacional e profissional, de construção da sua própria identidade e lugar no mundo, e que cujo prolongamento depende do adiamento de certas responsabilidades, não tem sido uma opção. Logo, precisamos nos perguntar se no lugar de um adiamento da entrada na vida adulta, alguns grupos não estão submetidos a um adiantamento da vida adulta. Num processo em que os ônus da experiência de estar no mundo chegam cada vez mais cedo e os bônus cada vez mais tarde.

Se a juventude e suas vivências têm sido significadas a partir de corpos e vivências masculinos, brancos, ocidentais e heterossexuais, a minha busca reflexiva por compreender a juventude no plural tenta ao menos começar a pensá-la a partir de corpos e vivências femininos. Ao longo dos meses em campo, a partilha íntima da vida cotidiana me colocou diante de jovens mulheres, estudantes, recém-graduadas, mulheres-filhas, mulheres-irmãs, mulheres-mães, mulheres-tias, mulheres-amigas, mulheres-primas, mulheres-esposas, mulheres de movimento, de buscas, mas também de esperas, com as quais pude deixar um pouco de mim na medida em que recebia um tanto delas. Nas nossas trocas nos colocamos também em composição mútua e nos permitimos criar sentidos, afetos e corporalidades para a experiência do nosso encontro. Uma experiência que aqui se faz recorte a abrigar reflexões nas quais eu busquei tentar não perder de vista a complexidade e, ao mesmo tempo, as diversidades e especificidades, na expectativa de que ensejem outras tantas aberturas, frestas, poros e canais pelos quais os entendimentos aqui encontrados se ampliem e se aprofundem a partir desse primeiro experimento textual.



Desenho 10: avante

REFERÊNCIAS

ABBINK, Jon. "Being young in Africa: The politics of despair and renewal". In Jon Abbink e Ineke van Kessel (Orgs.). *Vanguard or vandals? Youth, politics, and conflict in Africa*. Leiden: Brill, 2005, pp. 1-36.

ABRAMO, Helena W. "Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil". In *Revista Brasileira de Educação*, 5: 25-36, 1997.

ANJOS, José C. dos. Cabo Verde e a importação do ideologema brasileiro da mestiçagem. In *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 6(14): 177-204, 2000.

_____. Elites Intelectuais e a conformação da identidade nacional em Cabo Verde. In *Estudos Afro-Asiáticos*. 25 (3): 579-596, 2003.

ARTILES, Cármen R. "La mujer rural caboverdiana: producción agrícola y capital social". In Carmelita Silva e Celeste Fortes (Orgs.). *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas*. Praia: Edições Uni-CV, 2011, pp. 189- 206.

Butler, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Renato Aguiar (Trad.). Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

CARLING, Jørgen. "Migration in the age of involuntary immobility: teoretical reflections and cape verdean experiences". In *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 28(1): 5-42, 2002.

CARVALHO, Carla. "Emigração das mulheres rurais em Cabo Verde: o caso da Ribeira de Principal". In Carmelita Silva e Celeste Fortes (Orgs.). *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas*. Praia: Edições Uni-CV, 2011, pp. 207-222.

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. "Reflections on youth. From the past to the postcolony". In Alcinda Honwana e Filip De Boeck (Orgs.). *Makers and breakers. Children and Youth in Postcolonial Africa*. Trenton, NJ: Africa World Press, 2005, pp. 19-30.

CORREIA E SILVA, Antônio. "Dinâmicas de decomposição e recomposição de espaços e sociedades". In Maria E. M. Santos (Org.). *História Geral de Cabo Verde*. Vol. 3. Lisboa; Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga; Instituto Nacional de Investigação, Promoção e Património Culturais de Cabo Verde, 2002, pp. 1-66.

_____. Dilemas de Poder na História de Cabo Verde. Praia: Editora Rosa Porcelana, 2013.

COSTA, Suzano. "Mulheres e participação política no Cabo Verde Democrático". In Carmelita Silva e Celeste Fortes (Orgs.). *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas*. Praia: Edições Uni-CV, 2011, pp. 77-108.

DEBERT, Guita G. "A dissolução da vida adulta e a juventude como valor". In *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 16 (34): 49-70, 2010.

ÉVORA, Roselma. "Um país de mulheres governado por homens: democracia e processo decisório em Cabo Verde". In Carmelita Silva e Celeste Fortes (Orgs.). *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas*. Praia: Edições Uni-CV, 2011, pp. 67-76.

FÊO RODRIGUES, Isabel P. B. "As mães e os seus filhos dentro da plasticidade parental: reconsiderando o patriarcado na teoria e na prática". In Marzia Grassi e Iolanda Évora (Orgs.). *Género e migrações cabo-verdianas*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007, pp. 123-146.

FORTES, Celeste. "'As cabo-verdianas, estudantes, quando vêm para Portugal tornam-se todas europeias'. Cabo-verdianas em Lisboa: narrativas e práticas nas relações de género e interetnicidade". In Carmelita Silva e Celeste Fortes (Orgs.). *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas*. Praia: Edições Uni-CV, 2011, pp. 255-276.

_____. "M t'studa p'm k ter vida k nha mãe tem": género e educação em Cabo Verde. *Ciencias Sociais Unisinos*, São Leopoldo, RS, v. 49, n. 1, 2013, pp. 80-89

FURTADO, Cláudio. Cabo Verde: dilemas étnico-identitários num território fluido. In *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, 49(1): 2-11, 2013.

HARAWAY, Donna. J. "Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX". In Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, pp. 33-118.

HONWANA, Alcinda. *The Time of Youth: work, social change, and politics in Africa*. London: Kumarian Press, 2012.

_____; BOECK, Filip De. "Children and Youth in Africa: Agency, Identity, and Place". In Alcinda Honwana e Filip De Boeck (Orgs.). *Makers and breakers. Children and Youth in Postcolonial Africa*. Oxford, UK: James Currey, 2005, pp. 1-18.

KLOUWENBERG, Fiona K; BUTTER, Inge. "African 'youth' since independence: notes on a bibliographic overview, 1990-2005". In *Africa Development*, Codesria, 36(3): 55-66, 2011.

KOFES, Suely. "Categorias analítica e empírica. Gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações". In *Cadernos Pagu*, Campinas, 1: 19-30, 1993.

LIMA, Redy W. "Juventudes, estilos de vida, processos de identificação e de afirmação na cidade da Praia". In *Semana Académica*, "Entre a Criatividade e a Criminalidade: Repensar as Oportunidades e Marginalização dos Jovens Urbanos", Universidade de Santiago, Assomada, 2012, pp. 1-11.

_____. "Praia, cidade partida: apropriação e representação dos espaços", In Luca Bussotti e Severino Ngoenha (Orgs.), *Cabo Verde da independência a hoje – Estudos Pós-Coloniais*, Udine: Aviani & Aviani Editori, 2011, pp. 49-66.

LINS DE BARROS, Myriam M. "Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social". In *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 16 (34): 71-92, 2010.

LOBO, Andréa de S. *Tão longe, tão perto: famílias e movimentos na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde*. Coleção Sociedade, vol. 5. Praia: Edições UniCV, 2012a.

_____. *Vidas em movimento. Sobre mobilidade infantil e emigração em Cabo Verde*. In Juliana B. Dias e Andréa de S. Lobo (Orgs.), *África em movimento*. Brasília: ABA, 2012b, pp. 65-83.

MARTINS, Filipe. "Os jovens e o paradoxo das oportunidades em Cabo Verde". In *Poiésis*, UNISUL, Tubarão, 4(8): 294-312, 2011.

MARTINS, Filipe; FORTES, Celeste. "Para além da crise: jovens, mulheres e relações familiares em Cabo Verde". In *(Con)textos – Revista d'Antropologia i Investigació Social*, Barcelona, 2: 13-29, 2011.

MELO, Maria V. de S. "Educação, formação e qualificação profissional da mulher rural cabo-verdiana: pressupostos básicos para o desenvolvimento". In Carmelita Silva e Celeste Fortes (Orgs.). *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas*. Praia: Edições UniCV, 2011, pp. 125-141.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies*. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Vol. 1. Dakar: CODESRIA, 2004.

PÓLVORA, Jacqueline B. "Cidades informais: o caso da cidade de Praia". In *Ciências Sociais*, São Leopoldo, 49 (1): 97-103, 2013.

QUINT, Nicolas. *O Caboverdiano de bolso*. Adaptação de Mafalda Mendes. França: Assimil, 2009.

SILVA, Carmelita; FORTES, Celeste. "Introdução". In Carmelita Silva e Celeste Fortes (Orgs.). *As mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas*. Praia: Edições UniCV, 2011, pp. 8-18.

VASCONCELOS, Joana. The double marginalisation: reflections on young women and the youth crisis in Sub-Saharan Africa. 7º Congresso Ibérico de Estudos Africanos, Lisboa, 2010, pp. 1-21.